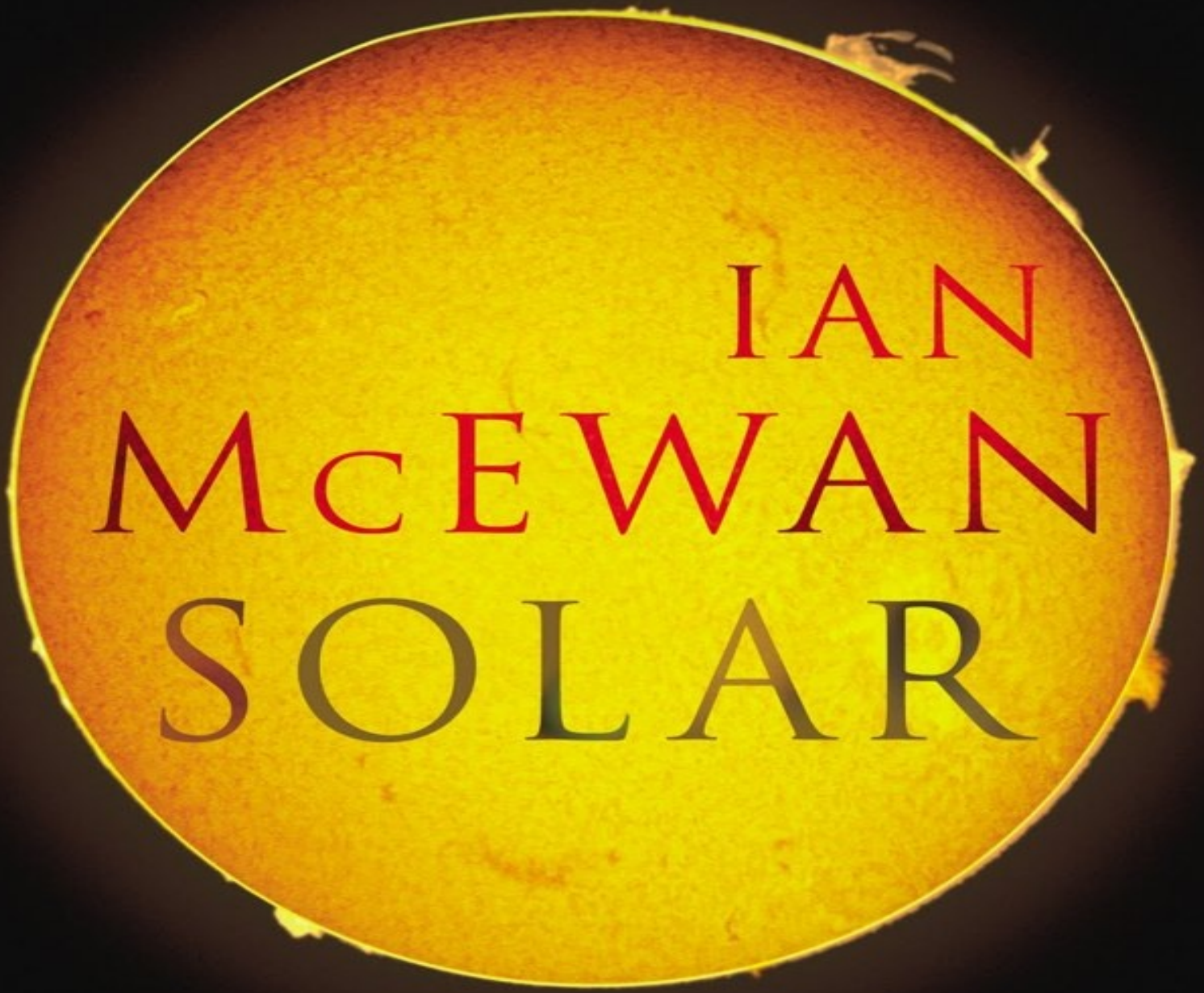

IAN
McEWAN
SOLAR

IAN McEWAN

Solar

Tradução

Jorio Dauster

COMPANHIA DAS LETRAS

2010

PARA POLLY BIDE

1949-2003

Dá-lhe um grande prazer, faz Coelho se sentir rico, contemplar o declínio do mundo, saber que a Terra também é mortal.

Coelho cresce, John Updike

PARTE UM

2000

Ele pertencia àquele gênero de homens — vagamente feiosos, quase sempre carecas, baixos, gordos e inteligentes — que exercem uma atração inexplicável sobre certas mulheres boni¬tas. Ou achava que pertencia, o que parecia ser suficiente para transformar o desejo em realidade. No que era ajudado pelo fato de algumas mulheres o tomarem por um gênio que precisava ser salvo. Entretanto, naquela altura da vida Michael Beard era um homem de funções mentais limitadas, desprovido de impulsos hedônicos, monotemático, ferido. Seu quinto casamento estava se desintegrando e ele deveria saber como se comportar, como enxergar as coisas numa perspectiva de longo prazo, como acei¬tar a culpa. E não era verdade que os casamentos, ou seus casa¬mentos, se assemelhavam às marés, uma vazando pouco antes que outra subisse? Mas este era diferente. Ele não sabia o que fazer, a visão do futuro o machucava e, por uma vez, à seu juízo não lhe cabia nenhuma culpa. Sua mulher é que estava tendo um caso, e de forma ostensiva, para puni-lo, certamente sem sentir remorso algum. Em meio a outras emoções, ele se via exposto a momen¬tos de intensa vergonha e desejo. Patrice estava se encontrando com o sujeito que fizera uma reforma na casa deles, aplicando argamassa entre os tijolos das paredes externas, instalando uma cozinha nova e substituindo os azulejos no banheiro, o mesmo indivíduo corpulento que, durante uma pausa para tomar chá, certo dia mostrara a Michael a fotografia da casa em falso estilo Tudor restaurada e tudorizada com suas próprias mãos — onde, no caminho cimentado para a garagem, se via uma lancha sobre um reboque debaixo de um lampião supostamente vitoriano e o espaço onde seria instalada uma desativada cabine telefônica vermelha. Beard havia se surpreendido ao descobrir como era complicado ser um corno. O sofrimento não era simples. Prova de que, mesmo tão tarde na vida, ele não estava imune a novas experiências.

Tinha de acontecer. As quatro mulheres anteriores — Maisie, Ruth, Eleanor e Karen —, que ainda mantinham um interesse longínquo por sua vida, teriam ficado exultantes, e ele esperava que ninguém lhes contasse nada. Nenhum dos casamentos durara mais de seis anos, e já era notável o fato de ele nunca haver tido filhos. Bem cedo, compreendendo que Beard tinha tudo para ser um pai

horrível, elas haviam se protegido e tratado de dar o fora. Ele gostava de pensar que, se houvesse causado algu¬ma infelicidade, nunca fora por muito tempo, não sendo à toa que mantinha um relacionamento amigável com todas as quatro.

Não, porém, com a atual. Em outros tempos, poderia haver imaginado que assumiria uma atitude cinicamente machista, com acessos de fúria assassina, talvez uma sessão de gritos no jardim dos fundos tarde da noite após se embriagar, ou o cance¬lamento do registro do carro dela enquanto cortejava delibera¬damente uma mulher mais moça — em suma, se fazer de Sansão para derrubar o templo matrimonial. Em vez disso, estava paralisado pela vergonha, pela enormidade de sua humilhação.

Pior ainda, surpreendia-se com o desejo inconveniente que sentia por ela. Naqueles dias, a vontade de possuir Patrice o acometia assim sem mais nem menos, como um ataque de cólicas. Era obrigado a sentar sozinho em algum canto e esperar que passas¬se. Aparentemente, havia certo tipo de marido que se excitava com a ideia de que sua mulher estava com outros homens. Eram capazes de conseguir que alguém os manietasse e amordaçasse, fechando-os à chave no armário do quarto enquanto, a poucos passos dali, sua cara-metade estava em plena função. Será que, enfim, Beard havia percebido ter uma queda pelo masoquismo sexual? Nenhuma mulher jamais parecera ou soara tão desejá¬vel quanto a esposa que ele de repente não podia mais possuir. Deixando claras suas intenções, viajou para Lisboa a fim de se encontrar com uma velha amiga, porém foram três noites sem alegria. Precisava ter sua mulher de volta, não ousando afastá-la de vez com berros, ameaças ou momentos brilhantes de insani¬dade. Nem era de sua natureza suplicar. Estava congelado, desprezível, não podia pensar em mais nada. Na primeira vez em que ela lhe deixou um bilhete — Vou passar a noite na casa do R. Patrice —, Beard deveria ter ido à reles casa geminada em fal¬so estilo Tudor, com a lancha coberta na entrada da garagem e uma banheira no quintal diminuto, para arrebentar a cabeça do sujeito com sua própria chave-inglesa. Em vez disso, ficou ven¬do televisão durante cinco horas sem tirar o casacão, bebeu duas garrafas de vinho e tentou não pensar. Mas fracassou.

No entanto, só lhe restava pensar. Ao descobrirem suas infidelidades, as outras mulheres haviam se enraivecido, de forma fria ou chorosa, insistindo em discutir até de madrugada para dizer o que pensavam acerca da confiança traída, vindo a seguir os pe¬didos de separação e tudo mais. No entanto, quando viu por acaso algumas mensagens eletrônicas enviadas por Suzanne Reuben, uma matemática

da Universidade Humboldt, em Berlim, Patri¬ce ficou surpreendentemente eufórica. Naquela mesma tarde, transferiu as roupas para o quarto de hóspedes. Ele teve um cho¬que ao abrir as portas do armário e confirmar a mudança. Per¬cebeu então que aqueles vestidos de seda e de algodão tinham sido um toque de luxo e conforto, versões dela enfileiradas para agradá-lo. Não mais. Até os cabides haviam desaparecido. Duran¬te o jantar, ela explicou, sorrindo todo o tempo, que também tencionava ser "livre" e no espaço de uma semana começou seu caso. O que ele podia fazer? Pediu desculpas certo dia no café da manhã, disse que seu lapso não significava nada, fez promessas grandiosas acreditando sinceramente que as iria honrar. Foi o mais perto que chegou de uma súplica. Ela disse que não se im¬portava com o que ele havia feito. Estava fazendo o mesmo — e foi então que revelou a identidade do amante, o operário com o nome sinistro de Rodney Tarpin, dezoito centímetros mais alto e vinte anos mais moço que o corneado, cuja única leitura, como ele próprio se gabara quando humildemente aplicava argamassa e cortava tábuas para o casal Beard, era a página de esportes de um jornaleco de escândalos.

Um dos primeiros sinais do sofrimento de Beard foi a ansiedade com respeito à sua imagem corporal, ou, quem sabe, a re¬pentina cura dessa obsessão patológica pela sua aparência. Afinal, confrontou a realidade do que era. Ao sair do chuveiro, entreven¬do uma massa rosada em formato de cone no espelho embaçado, limpou o vapor, se virou de frente e não acreditou no que viu. Que engenhos de auto-persuasão o haviam levado a crer durante tantos anos que seu aspecto tinha algo de sedutor? Aquela faixa idiota de cabelo na altura do lóbulo das orelhas, que amparava a calví¬cie; a nova aba de gordura pendurada sob os sovacos; a estupidez inocente da adiposidade na barriga e no traseiro. Houve tempo em que fora capaz de melhorar sua imagem no espelho puxando os ombros para trás, se empertigando, contraindo os abdominais.

Agora, a banha cobria seus esforços qual uma manta. Como lhe seria possível segurar uma jovem mulher tão bonita quanto ela? Teria ele honestamente imaginado que o status bastava, que seu Prêmio Nobel a manteria no leito conjugal? Nu, ele era uma desgraça, um infeliz, um fraco. Até mesmo oito flexões consecu¬tivas estavam acima de suas forças. Enquanto Tarpin podia subir as escadas para o quarto de dormir dos Beard levando sob o bra¬ço um saco de cimento de cinquenta quilos. Cinquenta quilos? Era mais ou menos o que Patrice pesava.

Ela o mantinha à distância com uma jovialidade letal. Esses eram os insultos

adicionais: os olás cantarolados, a listagem ma¬tinal das providências domésticas e de onde iria à noite — e nada disso importaria se ele fosse capaz de desprezá-la um pouquinho e planejasse se livrar dela. Nesse caso, eles poderiam cuidar da breve e terrível demolição de um casamento de cinco anos sem filhos. Obviamente, ela o estava punindo, mas, quando Beard su¬geriu isso, Patrice deu de ombros e retrucou que podia dizer o mesmo dele. Ela simplesmente estivera esperando por uma opor¬tunidade, ele insistiu, e Patrice, rindo, afirmou que, sendo assim, ela devia lhe agradecer.

Na sua condição psicótica, Beard estava convencido de ha¬ver encontrado a mulher perfeita justamente quando se via prestes a perdê-la. Naquele verão de 2000 ela passou a usar roupas diferentes, tinha outro jeito em casa: jeans bem justos e desbo¬tados, tênis, um cardigã cor-de-rosa roto por cima da camiseta, os cabelos louros cortados bem curtos, os olhos pálidos com um brilho azul mais profundo e agitado. Como era do tipo mignon, parecia agora uma adolescente. A julgar pelos luzidios sacos de compra com alças de corda e pelos papéis de seda espalhados por toda a cozinha, Patrice estava comprando novas roupas de baixo para Tarpin tirar. Tinha trinta e quatro anos e ainda mantinha a cútis de morango com creme de quando tinha vinte. Não o pro¬vocava sexualmente e não escarnecia dele, o que, ao menos, te¬ria constituído uma forma de comunicação; pelo contrário, cui¬dava de aperfeiçoar a efusiva indiferença com que tencionava obliterá-lo.

Beard precisava parar de necessitar dela, mas o desejo não funciona assim. Ele desejava desejá-la. Numa noite abafada, ficou deitado na cama sem as cobertas e tentou se libertar pela via da masturbação. Incomodava-o o fato de não poder ver sua geni¬tália a menos que apoiasse a cabeça em dois travesseiros, e sua fantasia foi continuamente interrompida por Tarpin, que, como algum ajudante de teatro desmiolado, entrava e saía do palco car¬regando uma escada e um balde. Com exceção de Beard, haveria algum outro homem no planeta que, naquele momento, tentasse se dar prazer pensando na esposa que estava a dez metros de distância, do outro lado do hall do segundo andar? A pergunta lhe roubou todo o ânimo. Além de estar fazendo calor demais.

Os amigos costumavam dizer que Patrice se parecia com Marilyn Monroe, ao menos de certos ângulos e sob certa luz. Ele aceitava de bom grado a comparação elogiosa, conquanto ja¬mais visse a semelhança. Mas via agora. Ela mudara. O lábio in¬ferior mais cheio, uma promessa de encrenca quando baixava os olhos, o cabelo recém-cortado fazendo uma onda para cima na nuca e

lhe dando um atraente toque antiquado. Sem dúvida era mais bonita do que a Marilyn, vagando nos fins de semana pela casa e pelo jardim num torvelinho de cabelos louros e tecidos cor-de-rosa e azul-celeste. E imaginar que ele, na sua idade, iria se apaixonar por uma combinação de cores tão juvenil!

Beard fez cinquenta e três anos naquele mês de julho — e ela, naturalmente, ignorou o aniversário, fingindo se lembrar, três dias depois, no seu novo estilo faceiro: deu-lhe uma gravata verde-menta, larguíssima e luzidia, explicando que aquela moda estava voltando. Sim, os fins de semana eram a pior parte. Patri¬ce entrava num aposento em que ele se encontrava, sem querer conversar, mas talvez desejando ser vista, e olhava a seu redor antes de ir embora como se ligeiramente surpresa. Estava reava¬liando tudo, e não apenas a ele. Beard a via com os jornais no fundo do jardim, deitada no gramado sob a castanha-da-índia, esperando na sombra que chegasse a hora de sair. Ia depois para o quarto de hóspedes, onde tomava banho, se vestia, se maquiava e se perfumava. Como se lesse seus pensamentos, tinha passado a usar um batom vermelho aplicado em várias camadas. Talvez Rodney Tarpin estivesse encorajando aquela história de Marilyn Monroe — um clichê que Beard agora tinha de compartilhar.

Se ainda estivesse em casa quando Patrice saía (malgrado os ingentes esforços para ter algum compromisso à noite), Beard era incapaz de resistir à tentação de aumentar sua infelicidade e seu desejo observando-a de uma janela do andar de cima quando ela sorvia o ar noturno de Belsize Park e percorria o caminho que cruzava o jardim até o portão — o qual, carente de óleo, rangia deslealmente como sempre fizera —, entrando depois no peque¬no e volúvel Peugeot preto dado a acelerações temerárias. De tão ansiosa para partir, ela arrancava como uma flecha, duplicando a dor de cotovelo de Beard porque ele sabia que ela sabia que estava sendo observada. Sua ausência ficava então suspensa no lusco-fusco do verão como a fumaça das folhas queimadas, uma nuvem de partículas eróticas invisíveis que o faziam permanecer na mesma posição por muitos minutos sem propósito. Ele dizia a si próprio que não estava maluco de vez, mas sem dúvida vinha provando o gosto amargo da loucura.

O que o surpreendeu foi sua capacidade de não pensar em mais nada. Quando lia um livro, quando dava uma palestra, na verdade estava pensando nela, ou nela junto com Tarpin. Era uma má ideia ficar em casa depois que ela saía para se encontrar com ele, mas, desde a viagem a Lisboa, Beard não sentia a menor vontade de procurar as velhas amigas. Em vez disso, acompanhou uma série de seminários noturnos sobre a Teoria Quântica de Campos na Royal Geographical

Society, participou de debates no rádio e na televisão, substituiu em certos eventos colegas que estavam doentes. Embora os filósofos da ciência nutram a ilusão de que não é assim, a física era isenta de qualquer mácula huma¬na, descrevendo um mundo que ainda existiria caso desapare-cessem todos os homens, mulheres e suas agonias. Essa era uma convicção que Beard partilhava com Albert Einstein.

No entanto, mesmo se jantasse tarde com amigos, em geral chegava em casa antes dela, vendo-se forçado a esperar, quisesse ou não, até sua volta, conquanto nada fosse acontecer. Ela se¬guia direto para o quarto enquanto ele continuava no seu, não desejando encontrá-la na escada em estado de sonolência após o coito. Era quase melhor quando ela dormia na casa de Tarpin. Quase, embora isso lhe custasse uma noite de sono.

Certa noite de fim de julho, às duas da manhã, ele estava deitado na cama, de robe, escutando o rádio, quando a ouviu chegar. Imediatamente, sem premeditaçãò, fez um teatrinho pa¬ra lhe causar ciúme e insegurança, buscando assim que voltasse para ele. No serviço internacional da BBC, uma mulher explica¬va como os costumes das aldeias afetavam a vida doméstica en¬tre os curdos da Turquia, um relato monotônico de crueldades, injustiças e absurdos. Baixando o volume enquanto mantinha os dedos no botão, Beard declamou em voz mais alta alguns versos infantis. Imaginou que, do quarto, ela ouviria sua voz sem distinguir as palavras. Ao terminar, aumentou por alguns segun¬dos o som da voz da mulher, interrompendo-a com uma frase da palestra que proferira naquela noite e permitindo depois que ela desse uma longa resposta. Manteve o esquema por cinco minu¬tos: sua voz seguida da voz da mulher, às vezes engenhosamente superpostas. A casa estava silenciosa, obviamente de orelha em pé. Ele foi ao banheiro, correu água na pia, puxou a válvula da privada e riu alto. Patrice precisava saber que sua amante era engraçada. Mais tarde soltou um gritinho abafado. Patrice preci¬sava saber que ele estava se divertindo.

Beard não dormiu muito naquela noite. Às quatro, após lon¬go silêncio que sugeria uma intimidade tranquila, abriu a porta do quarto enquanto balbuciava sem parar, descendo as escadas de costas e se curvando para a frente a fim de produzir nos degraus, com as palmas das mãos, o ruído que fariam os passos de sua companheira ao segui-lo. Era o gênero de plano lógico que só um louco adotaria. Após se despedir dela no hall, dando-lhe adeus entre beijos silenciosos, fechou a porta da frente com uma firmeza que ecoou por toda a casa e subiu as escadas. Mal e mal conseguiu dormir lá pelas seis, repetindo baixinho: “Quero

ser julgado pelos resultados". Acordou uma hora depois a fim de ter certeza de que encontraria Patrice antes que ela saísse para o trabalho, podendo assim ver como ele de repente havia ficado alegre.

Ela parou diante da porta da frente, com as chaves do carro na mão e a alça da mochila cheia de livros vincando o ombro da blusa estampada de flores. Ninguém poderia duvidar: ela pare¬cia prostrada, exausta, embora a voz soasse tão risonha quanto de costume. Disse que convidaria Rodney para jantar naquela noite e que ele provavelmente dormiria lá, razão pela qual ficaria grata se Michael pudesse se manter longe da cozinha.

Por acaso, naquele dia Beard tinha de ir ao Centro, em Reading. Tonto de cansaço, viu desfilar pela janela suja do trem a milagrosa combinação de caos e banalidade dos subúrbios de Londres enquanto maldizia seu ato de loucura. Seria agora sua vez de ouvir vozes por trás das paredes? Impossível, iria dormir em algum lugar. Expulso de casa pelo amante da mulher? Im-possível, iria ficar e confrontá-lo. Uma luta com Tarpin? Impossível, seria destroçado. O certo é que não estava em condições de tomar decisões ou inventar esquemas, devendo a partir de então levar em conta seu estado mental pouco confiável e agir de for¬ma conservadora, passiva e honesta, não quebrando nenhuma regra, não fazendo nada radical.

Meses depois ele violaria todos os componentes dessa resolução, mas ela já havia sido esquecida no final do dia porque Patrice chegou do trabalho sem trazer mantimentos apesar de estar vazia a geladeira. Tarpin não foi jantar. Beard a viu uma única vez naquela noite, atravessando o hall com uma xícara de chá na mão, aparentando grande cansaço e desânimo — em vez do ídolo cinematográfico, uma professora primária super atarefada cuja vida particular estava fora de prumo. Será que ele estava errado ao se maldizer no trem, será que seu plano havia tido êxito, fazendo com que ela, entristecida, fosse obrigada a cancelar o jantar?

Refletindo sobre a noite anterior, Beard achou extraordiná¬rio que, após toda uma vida de infidelidades, um encontro com uma amante imaginária pudesse ser tão excitante. Pela primei¬ra vez em muitas semanas se sentiu um pouquinho alegre, até mesmo assoviando a canção de um musical ao pôr o jantar no micro-ondas. Quando se viu no espelho dourado em formato de sol no vestuário do andar térreo, achou que seu rosto estava mais magro e irradiava um ar de decisão, com uma sombra feita pelo osso malar bem visível. A luz da lâmpada de

trinta watts, suas feições tinham um quê aristocrático, possível efeito do iogurte líquido e açucarado, supostamente destinado a baixar o coleste¬rol, que ele se obrigava a engolir a cada manhã. Quando foi para a cama, deixou o rádio desligado e ficou deitado com a luz bem baixa à espera da batidinha contrita das unhas dela na porta.

O que não aconteceu, mas também não o perturbou. Que ela passasse uma noite em claro reexaminando sua vida para verificar o que era relevante, que comparasse na balança do valor humano o Tarpin de mãos calejadas e lancha encoberta com o etéreo Beard de fama planetária. Pelo que pôde perceber, nas cinco noites seguintes Patrice ficou em casa enquanto ele se ocupava com o seminário, reuniões e jantares. Chegando em geral depois da meia-noite, esperava que seus passos confiantes dessem à casa às escuras a impressão de um homem que retornava de algum encontro amoroso.

Na sexta noite, ele não tinha compromissos fora e ela deci¬diu sair, após passar mais tempo que de costume sob o chuveiro e o secador de cabelo. Da pequena janela oculta por uma reentrância da parede no primeiro patamar da escada, viu-a seguir pelo caminho do jardim e parar diante de um alto arbusto de malvas de um tom alaranjado de vermelho, como se relutante em partir, estendendo a mão para examinar uma flor. Ela a pe¬gou, apertando-a entre as unhas recém-pintadas do polegar e do indicador, observou-a de perto por um momento e deixou cair ao chão. O vestido de verão — de seda bege, sem mangas, com uma única prega nas costas — era novo, sinal que ele não soube interpretar. Prosseguiu em direção ao portão e Beard achou que seus passos estavam algo lentos, ou ao menos não refletiam o ânimo costumeiro. O Peugeot se afastou do meio-fio com uma aceleração normal.

Mas, ao esperá-la naquela noite, se sentiu menos feliz, de novo sem saber se tomara a decisão correta, começando a pensar que tinha razão no início e que a brincadeira do rádio o liquidara. A fim de melhorar o raciocínio, se serviu de uísque e foi ver uma partida de futebol na televisão. Em vez de jantar, traçou um litro de sorvete de morango e abriu meio quilo de pistaches. Nervoso, premido por uma necessidade sexual difusa, estava chegando à conclusão de que seria melhor ter ou retomar um caso amoroso de verdade. Passou algum tempo virando as páginas do caderno de endereços, olhou longamente para o telefone, mas não fez nenhuma ligação.

Bebeu metade da garrafa e, antes das onze, caiu na cama sem tirar a roupa e com

a luz do teto acesa. Levou vários segun¬dos para saber onde estava quando, horas depois, foi acordado pelo som de vozes no andar de baixo. O despertador na mesa de cabeceira marcava duas e meia. Patrice falava com Tarpin, e Beard, ainda fortalecido pela bebida, estava inclinado a ter uma palavra com ele. Ficou parado tropegamente no meio do quarto, cambaleando um pouco ao enfiar a camisa para dentro da cal¬ça. Abriu a porta de mansinho. Todas as luzes da casa estavam acesas, o que lhe agradou porque já ia descendo a escada sem pensar nas consequências. Patrice continuava a falar e, quando ele cruzou o hall em direção à porta da sala de visitas, que estava aberta, achou que a ouvira rir ou cantar, o fazendo crer que iria perturbar uma simpática celebração.

Mas ela estava sozinha e chorando, curvada no sofá, os sapatos tombados de lado sobre a longa mesa de centro feita de vidro. Era um som lamuriento, abafado, que Beard jamais ouvi¬ra. Se alguma vez houvesse chorado assim por ele, teria sido na sua ausência. Parou na soleira da porta e Patrice de início não o viu. Ela fazia uma triste figura, com um lenço de pano ou papel amassado na mão, os delicados ombros caídos, tremendo. Beard ficou penalizado e sentiu que a reconciliação podia ser alcança¬da imediatamente, pois tudo de que ela precisava era um afago, palavras carinhosas e nenhuma pergunta. Patrice se entregaria a ele, que a levaria para cima — embora, apesar de invadido por aquela súbita onda de sentimento, Beard soubesse que seria incapaz de carregá-la, mesmo usando os dois braços.

Quando começou a atravessar a sala, uma tábua rangeu e ela ergueu a cabeça. Seus olhares se encontraram, mas apenas por um segundo, porque as mãos de Patrice voaram para o rosto e o cobriram enquanto ela se virava de lado. Ele pronunciou seu nome, ela balançou a cabeça. Numa posição estranha, manten¬do-se de costas, Patrice se levantou do sofá e caminhou de lado até esbarrar na pele de urso que tendia a escorregar facilmente no sinteco. Certa vez Beard quase quebrara o tornozelo, e desde então odiava o tapete. Odiava também a bocarra maldosa que exibia os dentes amarelados pela exposição à luz. Eles nunca ha¬viam tomado nenhuma providência para fixar o tapete no chão, nem se podia pensar em jogá-lo fora porque era um presente de casamento do pai dela. Patrice endireitou o corpo, se lembrou de pegar os sapatos e, com a mão livre cobrindo os olhos, passou correndo por ele, encolhendo-se quando Beard tentou alcançar seu braço. Começando a chorar outra vez, agora mais copiosamente, subiu aos saltos a escada.

Beard apagou as luzes da sala e se deitou no sofá. Inútil ir atrás dela se não o

queria por perto, mas isso agora nem importa¬va mais porque ele havia visto. A mão dela chegou tarde demais para esconder o machucado sob o olho esquerdo que se estendia para a maçã do rosto, a mancha roxa adquirindo um tom aver¬melhado nas bordas, a inchação sob a pálpebra inferior forçando o olho a ficar fechado. Resignado, soltou um suspiro audível. Não havia como evitar, ele tinha o claro dever de ir de carro até Cricklewood e se pendurar na campainha da porta até fazer Tarpin pular da cama. Ao se encontrarem sob a lâmpada de car¬ruagem, ele surpreenderia seu odioso inimigo com um ataque veloz e certeiro. Estreitando os olhos, repassou tudo na mente, demorando-se na passagem em que seu punho direito estourava a cartilagem do nariz de Tarpin. Depois, com pequenas revisões, reexaminou a cena de olhos fechados e só voltou a se mexer na manhã seguinte, ao ser acordado pelo som da porta da frente se fechando quando ela saiu para trabalhar.

Ele ocupava uma posição honorária numa universidade de Genebra sem lecionar lá; emprestava seu nome e título, profes¬sor Beard, Prêmio Nobel, a papéis timbrados e institutos; era cossignatário de “iniciativas” internacionais; participava de um Comitê Real sobre financiamento da ciência; vez por outra fala¬va no rádio em linguagem simples acerca de Einstein, fótons ou física quântica; ajudava a formular pedidos de verbas; pertencia ao conselho editorial de três revistas científicas e ocasionalmen¬te comentava artigos de colegas; interessava-se pelas fofocas aca¬dêmicas, pelas políticas vinculadas à ciência, pelas rivalidades, pelas tomadas de posição interesseiras, pelos terríveis apelos ao sentimento nacionalista e pela extorsão de somas colossais de ministros e burocratas ignorantes para construir mais um acelerador de partículas ou alugar mais espaço para instrumentos em novos satélites; frequentava convenções gigantescas nos Estados Unidos (onze mil cientistas num só lugar!); ouvia pós-doutorandos explicar suas pesquisas; com alterações mínimas, proferia a mesma série de palestras sobre os cálculos que sustentavam a Conflação Beard-Einstein que lhe dera o Nobel; concedia prê¬mios e medalhas; aceitava títulos honoríficos; fazia discursos e panegíricos após os jantares em homenagem a colegas que se aposentavam ou estavam prestes a ser cremados. Num círculo fechado de especialistas, ele era, graças a Estocolmo, uma cele¬bridade, deixando a vida correr de ano para ano, vagamente can¬sado de si próprio, privado de alternativas. Toda a excitação e a imprevisibilidade pertenciam à sua vida particular. Talvez isso fosse suficiente, talvez houvesse conquistado tudo que podia durante um verão excepcional quando ainda moço. Uma coisa era certa: duas décadas haviam transcorrido desde que pela última vez sentara sozinho e em silêncio por horas a fio, com um lápis e um bloco nas mãos, para

pensar, para examinar uma hipótese original, para brincar com ela, estimulá-la a ganhar vida própria. Nunca surgia uma oportunidade — não, essa era uma desculpa esfarrapada. Faltavam-lhe a vontade, o material, a centelha. Não lhe ocorriam novas idéias.

No entanto, havia uma nova instituição governamental de pesquisa nas cercanias de Reading, próxima ao rugido da pista da auto-estrada que seguia para leste e ao alcance dos eflúvios de uma cervejaria. O Centro se espelhava no Laboratório Nacional de Energia Renovável em Golden, Colorado, perto de Denver, compartilhando seus propósitos, mas não sua área ou sustentação financeira. Michael Beard era o primeiro presidente do novo Centro, embora um alto funcionário público chamado Jock Braby fizesse o trabalho de verdade. Os prédios administra¬tivos, nos quais algumas divisórias continham asbesto, não eram novos, assim como os laboratórios, anteriormente usados para testar materiais nocivos empregados na indústria de construção. O que havia de novo era uma cerca de três metros de altura, com mourões de concreto e arame farpado, exibindo de tantos em tantos metros cartazes que diziam “Mantenha-se à distância”, erigida no perímetro do Centro Nacional de Energia Renovável sem o consentimento de Beard ou de Braby. Logo eles descobriram que a cerca representava dezessete por cento do orçamento do primeiro ano. Um campo encharcado de oito hectares havia sido comprado de um fazendeiro, já tendo sido iniciado o plane¬jamento da drenagem.

Beard não era totalmente cético no que tange às mudanças climáticas. Tratava-se de uma entre outras ameaças que compu¬nham o pano de fundo do noticiário. Ele lia sobre a matéria, deplorava vagamente o que vinha ocorrendo e esperava que os governos se reunissem para tomar providências práticas. Obvia¬mente, sabia que uma molécula de dióxido de carbono absorve energia no espectro infravermelho, e que os seres humanos esta¬vam lançando tais moléculas na atmosfera em volumes substan¬ciais. Ele próprio, porém, tinha outras coisas com que se preocu¬par. E não o impressionavam certos comentários que sugeriam estar o mundo “em perigo” e os seres humanos descambando para a calamidade, quando as cidades costeiras desapareceriam sob as ondas, as colheitas fracassariam, centenas de milhões de refugiados seriam lançados de um país e de um continente para outro, tangidos por secas, inundações, fome, tempestades e guer¬ras permanentes pela posse de recursos cada vez mais escassos. Havia um eco de Velho Testamento nesses vaticínios, um quê de peste negra e chuva de rãs, sugerindo uma tendência profunda e constante, presente ao longo dos séculos, para se crer que o fim do mundo estava próximo e que nossa

morte com isso faria mais sentido, ou seria apenas um pouco menos irrelevante. O fim do mundo nunca era apresentado como um fato corrente, quando então se revelaria uma fantasia, mas como algo que estava bem ali, do outro lado da esquina — e, ao não acontecer, logo surgia uma nova ameaça, uma nova data. O mundo velho purificado pela violência incendiária, lavado com o sangue dos que não encontraram a salvação — assim tinha sido para as seitas cristãs milenaristas: morte aos infiéis! E, para os comunistas soviéticos: morte aos kulaks! E para os nazistas, com sua fantasia de mil anos: morte aos judeus! E então o equivalente contemporâneo e verdadeiramente democrático numa guerra nuclear: morte a todos! Quando nada disso ocorreu e o império soviético foi devorado por suas contradições internas, quando não despontou nenhuma preocupação planetária além da enfadonha e intransigente po¬breza global, mais uma besta do Apocalipse foi gerada.

Entretanto, Beard estava sempre de olho numa posição ofi¬cial que lhe proporcionasse algum estipêndio. Velhas sinecuras haviam chegado ao fim em meses recentes, e a renda obtida com o salário na universidade, somada à remuneração pelas palestras e participações na mídia, nunca havia sido suficiente. Por sorte, no final do século o governo Blair quis ter, ou fingir ter, um en¬volvimento prático, e não meramente retórico, com a questão das mudanças climáticas. Anunciou então uma série de inicia¬tivas, entre as quais o Centro, uma instituição voltada para a pes¬quisa básica e necessitada de um mortal aspergido com o pó mágico de Estocolmo. Na esfera política, um novo ministro foi designado, um ambicioso natural de Manchester com um toque populista e orgulhoso do passado industrial de sua cidade. Numa entrevista à imprensa, ele declarou que iria “explorar a geniali¬dade” dos cidadãos britânicos os convidando a apresentar suas próprias ideias e desenhos com respeito a novas formas de ener¬gia limpa. Diante das câmeras, prometeu que cada apresentação seria respondida. A equipe de Braby — meia dúzia de físicos com pós-doutorado, mal pagos e abrigados em quatro cubículos temporários no meio de um mar de lama — recebeu centenas de propostas em seis semanas. Algumas eram de pessoas solitá¬rias que trabalhavam em suas garagens, umas poucas de empre¬sas iniciantes com logos chamativos e “patentes sob exame”.

No inverno de 1999, nas visitas semanais ao Centro, Beard passava os olhos nas apresentações empilhadas numa mesa im-provisada. Naquela avalanche de sonhos, certos temas se repe¬tiam. Algumas propunham usar a água como combustível para automóveis, reciclando a emissão — vapor de água — no próprio motor; outras eram versões dos motores ou geradores elétricos com

rendimento superior ao insumo, parecendo utilizar a energia do vácuo — a energia supostamente existente no espaço vazio —, ou constituíam o que, a juízo de Beard, eram violações da Lei de Lenz. Todas representavam variantes do moto-continuo. Es¬ses inventores autodidatas pareciam desconhecer a longa historia de seus aparatos, ou como eles, caso funcionassem, destruiriam toda a base da física moderna e boa parte de sua tradição. Aque¬les gênios da nação estavam guerreando contra a primeira e a se¬gunda lei da termodinâmica, um paredão de chumbo puro. Um dos pós-doutorandos sugeriu classificar as propostas de acordo com a lei violada — a primeira, a segunda, ou ambas.

Havia outro tema persistente. Alguns envelopes não continham desenhos, e sim apenas cartas, às vezes de meia pági¬na, outras vezes de dez páginas. O autor — sempre alguém do sexo masculino — se declarava penalizado por não anexar os planos detalhados porque era bem sabido que os órgãos de go¬verno temiam muito o tipo de energia gratuita que sua máqui¬na iria produzir, pois ela eliminaria uma importante fonte de impostos. Ou as forças armadas se apoderariam da invenção, a declarariam super-secreta e depois a desenvolveriam para seu pró¬prio uso. Ou os fornecedores tradicionais de energia enviariam facínoras para reduzir a pó o inventor de modo a preservar sua supremacia comercial. Ou alguém roubaria a ideia e ficaria mi¬lionário. Segundo os autores de algumas cartas, essas coisas já teriam ocorrido muitas vezes. Nessas condições, os desenhos só poderiam ser vistos em determinado endereço por um enviado do Centro desacompanhado, e mesmo assim na presença de tes¬temunhas fornecidas pelo inventor.

A mesa na “Cabana Dois” consistia em cinco tábuas sobre cavaletes, nas quais se empilhavam mil e seiscentas cartas e cópias de mensagens eletrônicas classificadas por ordem de chegada. Para salvar a face do Ministro, todas teriam de ser respondidas. Braby, um sujeito de queixo grande e ombros encurvados, vivia furioso com a perda de tempo que isso representava. Furioso mas disciplinado. Beard era favorável a mandar todas as cartas para o escritório do Ministro em Londres, juntamente com alguns mo¬delos de resposta. Entretanto, Braby achava que tinha chance de ser feito cavaleiro pela rainha e a sra. Braby não pensava em outra coisa, motivo pelo qual contrariar um ministro que se sabia ter acesso ao Número Dez poderia pôr tudo a perder. Por isso, os pós-doutorandos foram postos a trabalhar, atrasando em meses o primeiro projeto do Centro, o desenho de uma hélice ideal para geradores eólicos sujeitos às condições turbulentas de vento no telhado de um edifício.

Mais tempo para que Beard, ainda envolto nas últimas etapas quase silenciosas de seu quinto casamento, estudasse os “gênios”, tal como eram chamados pelos pós-doutorandos. Sentia-se atraí¬do pelo sopro de obsessão, paranóia, insônia e acima de tudo páthos que vinha das pilhas. Perguntava-se se não estava encon¬trando uma versão dele próprio em algumas daquelas cartas, de um Michael Beard paralelo que, por conta da bebida, do sexo, das drogas ou da simples falta de sorte, havia desbaratado uma educação formal em física e matemática. Sim, desbaratado, em¬bora ele ainda desejasse pensar, fazer experiências, contribuir. Alguns dos correspondentes eram de fato inteligentes, mas, de¬vido a suas ambições extravagantes, se sentiam obrigados a rein¬ventar a roda e o motor de indução com cento e vinte anos de atraso após a descoberta de Nikola Tesla; além disso, interpre¬tavam erradamente (e com imenso otimismo) a Teoria Quânti¬ca de Campos a fim de encontrar os combustíveis esotéricos ali mesmo nos vazios de suas garagens ou quartos de hóspede — a energia de ponto zero.

Física quântica! Ela se tornara um depósito, uma lixeira de aspirações humanas por estar na zona limítrofe em que o rigor matemático derrotava o senso comum, permitindo que a razão e a fantasia se mesclassem irracionalmente. Lá, as pessoas com inclinação mística invocavam o endosso da ciência a fim de en¬contrar tudo de que necessitavam. E, para aqueles homens en-genhosos em seus momentos de lazer, deveriam soar como mú¬sica expressões tais como “assimetria espectral”, “ressonâncias”, “emaranhamento”, “osciladores harmônicos quânticos”, velhas e hipnóticas cantigas, a harmonia das esferas capaz de transmu¬tar uma parede de chumbo em ouro, dando vida à máquina que funciona com base em quase nada, em partículas virtuais que não produzem emissões nocivas e são poderosas o bastante para su¬prir a humanidade de energia bem como salvá-la. Beard se sentia tocado pelos anseios desses seres solitários. E por que devia achar que eram solitários? Assim os imaginava não, ou não apenas, por condescendência. Eles não sabiam o suficiente, porém sabiam demais para ter alguém com quem conversar. Que companhei¬ro, esperando no pub ou na Legião Britânica, que sobrecarrega¬da esposa, trabalhando fora e ainda tendo de cuidar da casa e das crianças, o seguiria através daqueles funis retorcidos do contínuo espaço-tempo até chegar ao buraco de minhoca, atalho para a solução única e definitiva do problema global de energia?

Beard redigiu uma fórmula, derivada de regra semelhante adotada pelo Escritório de Patentes dos Estados Unidos, informando os gênios de que

máquinas de moto-contínuo, ou que apresentassem um rendimento superior aos insumos, deveriam ser acompanhadas de modelos operacionais. Mas isso nunca aconteceu. Preocupado com sua ambição, Braby acompanhava de perto o trabalho dos pós-doutorandos. Cada proposta tinha de ser respondida individualmente, de modo sério e cortês. No en¬tanto, nas pilhas não havia nada de novo ou nada novo que fosse útil. O inventor revolucionário que trabalhava a sós era uma fan¬tasia da cultura popular — e do Ministro.

Com uma lentidão entorpecedora o Centro começou a to¬mar forma. Pranchas foram postas por cima da lama — gran¬de avanço! — e, uma vez aplainado o terreno, se plantaram as sementes, de modo que, chegado o verão, havia gramados com caminhos que os cruzavam e o lugar passou a se assemelhar a qualquer outro desinteressante instituto no mundo. Os labora¬tórios foram reformados e, por fim, desapareceram os cubícu¬los temporários. O campo adjacente foi drenado, cavaram-se as fundações, teve início a construção. Mais funcionários foram contratados — zeladores, serventes, administradores, bombeiros hidráulicos e até cientistas, além de uma equipe de recursos hu¬manos para selecionar toda essa gente. Atingida determinada mas¬sa crítica, abriu-se uma cantina. Instalados numa elegante casinha de tijolos, junto ao portão munido de uma barreira pintada de vermelho e branco, uma dúzia de guardas de segurança em uniformes azul-escuros pareciam muito cordiais entre si porém extremamente severos com quase todos os demais empregados, dando a impressão de que se julgavam donos do lugar e que os outros eram meros intrusos.

Durante toda essa fase, nenhum dos seis pós-doutorandos se transferiu para um emprego mais bem remunerado na Caltech ou no MIT. Numa área repleta de prodígios de todos os tipos, seus currículos eram excepcionais. Beard, que sempre tivera difi¬culdade para reconhecer rostos, especialmente de homens, não conseguiu, ou não quis, fazer nenhuma distinção entre eles por um bom tempo. Variavam de idade entre vinte e seis e vinte e oito anos, tendo todos mais de um metro e oitenta. Dois amarra¬vam os cabelos formando rabos de cavalo, quatro tinham óculos sem aro idênticos, dois se chamavam Mike, dois possuíam sota¬que escocês, três exibiam cordões coloridos em volta do pulso, todos usavam jeans desbotados, sapatos-tênis e blusões de treina¬mento. Era melhor mesmo tratá-los de forma igual, mantendo certa distância, ou como se fossem uma só pessoa. Melhor não insultar um dos Mikes retomando uma conversa talvez iniciada com o outro, ou presumir que o sujeito com rabo de cavalo, óculos e sotaque escocês mas sem pulseira era de fato um único ser e não se

chamava Mike. Até Braby se referia aos seis como “os rabos de cavalo”.

E nenhum desses jovens parecia estar tão impressionado com o ganhador do Prêmio Nobel quanto Michael Beard julga¬va que deveriam estar. É evidente que conheciam seu trabalho, mas nas reuniões o mencionavam de passagem, entre parênteses, em resmungos pouco respeitosos como se havia muito tivesse sido superado, quando o oposto é que era verdade: a Conflação Beard-Einstein constava de todos os manuais, inexpugnável, ex¬perimentalmente robusta. Como alunos de graduação os rabos de cavalo seguramente deviam ter presenciado uma demonstra¬ção da “Trama de Feynman”, ilustrando a essência topográfica do trabalho de Beard. Mas essas crianças gigantes evitavam falar nela, tratando-a como se fosse uma formulação poeirenta de sir Humphry Davy e fazendo referências elípticas a BLG ou algum detalhezinho misterioso na Teoria-M ou na álgebra de Nambu do su de Lie, como se isso não significasse uma mudança de assunto. E aí estava o problema: na maior parte do tempo, ele não sabia sobre o que eles estavam falando. Os rabos de cavalo falavam muito depressa, sempre com uma entonação crescente e interrogativa, o que fazia com que um músculo obscuro se contraísse atrás da garganta de Beard ao ouvi-los. Não enuncia¬vam as palavras de forma nítida, limitando-se a sugerir um pen¬samento até que um dos outros dissesse “Certo!”, quando então saltavam para a unidade seguinte de expressão — algo que não merecia ser chamado de frase.

Mas era ainda pior do que isso. Certas noções de física que eles tratavam com toda a naturalidade não lhe eram familiares. Ao examinar a questão em casa, o irritava a extensão e comple¬xidade dos cálculos. Beard gostava de pensar que sabia tudo so¬bre a Teoria das Cordas e suas principais variantes, porém, ago¬ra havia um número demasiado de acréscimos e modificações. Quando tinha doze anos, seu professor de matemática havia dito aos alunos que, se achassem que a resposta a uma pergunta na prova era onze dezenove avos ou treze vinte e sete avos, podiam ter a certeza de que o resultado estava errado. Complicado de¬mais para ser correto. Franzindo o cenho durante duas horas contadas no relógio, a ponto de linhas rosadas e paralelas ainda serem visíveis em sua testa na manhã seguinte, ele leu o que havia de mais recente sobre Bagger, Lambert e Gustavsson (BLG, é óbvio!) e a descrição lagrangiana feita por eles das M2-branas coincidentes. Deus pode ter ou não jogado dados, porém, sem dúvida, Ele não era nem de longe tão inteligente ou tão exibido. O mundo material simplesmente não podia ser tão complexo.

Mas o mundo doméstico podia. Na série de matrimônios abreviados de Beard, nenhum foi prolongado tão tolamente por ele próprio como o quinto e último, e nenhum o rebaixou tan¬to, provocando devaneios ridículos, aumento de peso e acessos secretos de loucura. Durante aqueles longos meses, não houve um instante em que se sentisse inteiro e, contrariando seu tem¬peramento, tinha caído num leve, mas demorado estado de psi¬cose. Afinal de contas, ouvia vozes e via coisas — por exemplo, a beleza repentina e luminosa de Patrice — que mais tarde se comprovavam inexistentes. As consequências somáticas pareciam tiradas de um livro-texto. Uma série de achaques zombava do sis¬tema imunológico que supostamente deveria protegê-lo. Hordas de patógenos atravessavam a nado o fosso de suas defesas e es¬calavam as muralhas do castelo armados de herpes labial, aftas, fadiga, dor nas juntas, diarreia, espinhas no nariz, terçóis — essa era novidade, uma inflamação deformadora das pálpebras que se transformava em pequenos montes Fuji com neve no topo, pressionando os globos oculares e afetando sua visão. A insónia e a monomanía também distorciam seus sentidos e, quando enfim chegava à beira do sono, um locutor profissional o relembrava de seu triste estado, mas não em palavras que de fato pudesse ou¬vir. Além disso, sofria o desespero racional de um corno cuja mu¬lher, a despeito do olho cada dia menos roxo, ainda se deslocava pela casa com um ar triunfante, falsamente alegre, saindo de cena tão logo Beard tentava iniciar uma conversa séria. A boca sabidamente tem uma presença muito importante no cérebro, e uma pequena rachadura no centro do lábio inferior se trans¬formou para ele numa horrível cicatriz, a marca de seu destino. Como é que ela poderia voltar a beijá-lo? Patrice não aceitava ser abordada, desafiada ou acusada, não aceitava ser amada — ao menos por ele.

Sim, sim, ele fora um adúltero mentiroso, merecia o que aconteceu, mas o que lhe restava fazer agora além de aceitar a punição? A que divindade deveria oferecer suas desculpas? Não, já sofrera demais. Após se agarrar melancolicamente a tolas es¬peranças, começou a buscar nas cartas e e-mails o convite que o levaria para longe de Belsize Park e lhe daria um sopro de vida independente. Ao longo do ano, chegavam uns seis por semana, mas ultimamente nada o havia interessado em meio aos convites para dar palestras nas margens de um lago plutocrático no norte da Itália ou num insípido Schloss alemão, e ele se sentia fraco e castigado demais para discutir a Conflação numa conferência em Nova Délhi ou em Los Angeles diante de mais uma platéia de físicos. Não tinha idéia do que queria, mas achava que saberia quando visse.

Enquanto isso, era quase sempre reconfortante tomar uma vez por semana o imundo trem matinal de Paddington para Reading a fim de ser apanhado na gare vitoriana, sufocada pelos atar¬racados blocos de edifícios, e levado no indefectível Prius, ao longo de alguns quilômetros, até o Centro por um dos indistin¬guíveis rabos de cavalo. Ao sair de casa, Beard era uma corda tensa vibrando numa só nota, cujas oscilações diminuíam à medida que ele se afastava de Londres e se aproximava da caríssima cerca. As vibrações cessavam quando respondia com o indicador erguido às continências amigáveis dos guardas de segurança — como eles amavam um chefão! — e entrava ao ser erguida a barreira vermelha e branca. Braby costumava sair para recebê-lo e, com um toque sutil de ironia burocrática, até abrir a porta do carro, pois aquela pessoa que chegava não era um corno, e sim um visitante eminente, o Chefe, a quem cabia falar sobre o Centro à imprensa, encorajar as indústrias de energia a se interessarem e arrancar mais um quarto de milhão de libras do Ministro fan¬farrão.

Os dois homens tomavam café juntos no começo do dia. Os avanços e atrasos eram relatados e Beard anotava o que se exigia dele, visitando depois as instalações. No início, havia proposto de maneira despretensiosa que lhe seria mais fácil obter verbas adicionais caso pudesse identificar o Centro com um único pro¬jeto impactante, capaz de ser compreendido pelo cidadão co¬mum e pela imprensa. E assim fora lançada a TEUD (Turbina Eó¬lica para Uso Doméstico), um dispositivo que o morador poderia instalar em seu telhado a fim de gerar eletricidade suficiente para reduzir substancialmente a conta de energia. Nos telhados das cidades, o vento não sopra de forma regular numa só dire¬ção, como acontece nas altas torres em áreas abertas, razão pela qual os físicos e engenheiros foram concitados a pesquisar o de¬senho de pás para turbinas eólicas em condições de turbulência. Beard se prevalecera da ajuda de um velho amigo da Fábrica Real de Motores de Avião, em Farnborough, a fim de ter acesso ao túnel de vento, mas antes havia certos aspectos matemáticos e aerodinâmicos bastante interessantes a investigar, alguns ramos menores da Teoria do Caos com os quais ele não tinha nenhu¬ma paciência. Seu interesse pela tecnologia era ainda menor do que pela ciência do clima. Ele imaginara que bastaria desenvolver a base matemática para o desenho das pás, construir três ou quatro protótipos e testá-los no túnel. Entretanto, mais gente teve de ser contratada à medida que assuntos ancilares se infiltraram na agenda: vibração, ruído, custo, altura, cisalhamento do vento, precessão giroscópica, tensão cíclica, resistência do telhado, ma¬teriais, engrenagens, eficiência, integração com a rede elétrica, licenças de planejamento. O que havia parecido um passeio se

transformou num monstro que vinha devorando toda a atenção e todos os recursos do Centro ainda inacabado. E era tarde de¬mais para voltar atrás.

Beard preferia fazer a inspeção sozinho a fim de verificar, com a consciência pesada, as consequências da proposta que fize¬ra de modo tão descuidado. No início do verão de 2.000, cada qual dos pós-doutorandos tinha um pequeno escritório. Separá-los havia ajudado, assim como os nomes nas portas, porém Beard atribuía principalmente à sua própria percepção o fato de que, após sete ou oito meses, os jovens estavam entrando em foco. Ele já fizera meia dúzia de viagens no Prius entre Reading e o Cen¬tro quando, levantando os olhos do discurso que pronunciaria naquela noite em Oxford, se deu conta de que, naturalmente, o mesmo motorista o apanhara todas as vezes. Era um dos dois que de fato usava rabo de cavalo, um rapaz alto, de rosto estreito e um sem-número de dentes enormes, com um sorriso alvar. Naquela primeira conversa individualizada, Beard ficou sabendo que ele nascera nas cercanias de Swaffham, em Norfolk, tendo estudado no Imperial College de Londres, em Cambridge e por dois anos na Caltech em Pasadena, embora nenhum desses lugares fabulo¬sos houvesse diluído as inflexões puras de sua pronúncia rural, as inocentes guinadas e mergulhos, a persistente linha ascendente, que faziam Beard se lembrar de sebes e montes de feno. Chama¬va-se Tom Aldous. Disse ao Chefe, naquela primeira conversa, que se candidatara a trabalhar no Centro porque achava que o planeta estava em perigo e sua formação na física de partículas podia ter alguma utilidade; ao saber que o próprio Beard lide¬raria a equipe — o Beard da Conflação Beard-Einstein —, pre¬sumiu, muito animado, que o principal foco da instituição seria a energia solar, em especial a fotossíntese artificial e o que ele chamava de nanossolar, pois estava convencido…

“Energia solar?”, Beard perguntou sem grande elã. Sabia perfeitamente o que isso queria dizer, mas o significado da expressão tinha um halo duvidoso, uma invocação de druidas da Nova Era vestindo túnicas e dançando em torno de Stonehenge no solsticio de verão. Ele também desconfiava de qualquer pes¬soa que se referisse rotineiramente ao “planeta” como prova de que era um pensador sério.

“Claro!” Aldous sorriu com seus muitos dentes, visíveis no retrovisor. Nem lhe passava pela cabeça que o Chefe não fos¬se um grande conhecedor da matéria. “Está ali, esperando que a gente aprenda a usá-la; e, quando aprendermos, vamos ficar muito surpresos de haver um dia queimado carvão, petróleo e coisas do

gênero.”

Beard ficou intrigado com o modo como Aldous pronuncia¬va certas palavras, parecendo zombar do que desejava transmitir. Seguiam por um anel rodoviário de quatro pistas com pilriteiros em flor na faixa central aspergindo inutilmente seu aroma nos carros que passavam. Na noite anterior, sem nenhuma esperança de dormir, ficara lendo na cama, de robe, e ela não havia voltado pa¬ra casa. Tinha lido um apanhado de cartas inéditas enviadas para vários colegas por Paul Dirac, um homem inteiramente de¬votado à ciência, incapaz de manter conversas fiadas ou praticar outras aptidões humanas. Às seis e quarenta e cinco, Beard puse¬ra de lado as folhas datilografadas e fora se barbear. A luz do sol já escorregava por entre os galhos da bétula do jardim da frente e vinha criar desenhos no chão de mármore do banheiro. Que desperdício, que falta de boa governança, ter o sol alto assim tão cedo pela manhã. Raspando os pelos que haviam começado a crescer entre as sobrancelhas a fim de ficar com uma aparên¬cia mais jovem, pensou no imenso número de horas de luz que perdera ao longo de todos os verões. Mas o que ele teria podido fazer, o que poderia fazer qualquer jovem às sete da manhã em qualquer época do ano, senão dormir ou ir para o trabalho? Seu déficit de sono, agora, já se estendia por muitas semanas.

“Você acha que algum dia poderemos dispensar o carvão, o petróleo e o gás?”, ele perguntou, abafando um bocejo.

Aldous contornava em boa velocidade um gigantesco ba¬lão, tão grande e tão movimentado quanto um circuito de corri¬da, que os arremessou centrifugamente numa rampa que levava à auto-estrada; lá, o rugido do tráfico redobrou, caminhões do tamanho de cinco casas geminadas ganiam em fila indiana, a cento e quarenta por hora, rumo a Bristol, enquanto os carros de passageiros lutavam para ultrapassá-los. Quanto tempo isso po¬deria durar? Beard, enfraquecido e com o corpo dolorido pela falta de sono, se sentiu humilhado. A M4 demonstrava uma pai¬xão pela vida que ele não conseguia mais igualar. Preferia as estradas secundárias, os caminhos de terra batida, as trilhas para caminhantes. Encolhendo-se dentro do casaco de tweed, ficou ouvindo Aldous falar com o tom cadenciado e confiante de um pupilo brilhante que fornece as respostas que sabe serem as de¬sejadas pelo professor.

“O carvão e o petróleo nos fizeram chegar onde estamos, mas agora sabemos que, continuando a queimar essas coisas, vamos nos arruinar. Ou encontramos

um combustível diferente ou fracassamos, vamos a pique. É necessária uma nova revolução industrial. E não há como escapar, o futuro está na eletricidade e no hidrogênio, os únicos dois que sabemos serem limpos no local do uso;”

“Se é assim, podemos ter mais energia nuclear.”

O rapaz tirou os olhos da estrada para vê-lo no retrovisor — mas por tempo demasiado, e Beard, ficando tenso no banco tra¬seiro, desviou o olhar a fim de encorajá-lo a se concentrar de novo na confusão do lado de fora.

“Suja, perigosa, cara. Mas, o senhor sabe, já temos uma usi¬na nuclear funcionando com um excelente retrospecto de segurança e produzindo energia limpa ao converter hidrogênio em hélio sem nenhum custo adicional, belamente situada a cerca de cento e cinquenta milhões de quilômetros de distância. Profes¬sor Beard, sabe no que penso o tempo todo? Se um extraterrestre chegasse à Terra e visse toda essa luz do sol, ele ficaria pasmo ao saber que temos um problema de energia. O efeito fotovoltaico! Li o que Einstein escreveu sobre isso, li também o que o senhor escreveu. A Conflação é brilhante. E a maior dádiva de Deus para nós é certamente o fato de que um fóton, ao atingir um semicondutor, libera um elétron. As leis da física são tão benignas, tão generosas! Pense bem. Há um sujeito numa floresta debaixo da chuva e ele está morrendo de sede. Como tem um machado, começa a cortar as árvores para beber a seiva. Um bom gole por árvore. Tudo em volta é um deserto, sem nenhuma vida animal, e ele sabe que, por causa de suas ações, a floresta está desapare¬cendo bem depressa. Então, por que simplesmente não abre a boca e bebe a água da chuva? Porque é um perito em derrubar árvores, sempre funcionou assim e acha que as pessoas que ad¬vogam que se beba água da chuva são estranhas. A chuva é a luz do sol, professor Beard. Ela inunda nosso planeta, regula o clima e tudo que vive. Uma doce chuva de fótons — e só precisamos deixar que ela encha nossos copos! O senhor sabe, li em algum lugar que a luz solar que incide sobre a Terra em uma hora se¬ria suficiente para satisfazer todas as necessidades de energia do mundo por um ano!”

Sem se impressionar, Beard perguntou: “E qual foi a medi¬da de irradiância solar usada nesse cálculo?”.

“Um quarto da constante solar.”

“Otimista demais. Tem que dividir por dois.”

“Isso não muda o essencial, professor Beard. Painéis solares numa fração mínima dos desertos dariam toda a energia de que necessitamos.”

O tom bucólico do rapaz de Norfolk, que tanto contrastava com o que dizia, começou a agravar o mal-estar de Beard, que retrucou rabugentamente: “Isso se você conseguisse distribuir essa energia”.

“Claro. Novas linhas de corrente contínua! É só uma ques¬tão de dinheiro e esforço. Mais do que válido para salvar o planeta! Pelo nosso futuro, professor Beard!”

Beard juntou as páginas do discurso de modo ostensivo para indicar que a conversa havia terminado. A essência de alguém biruta é, primeiro, acreditar que todos os problemas do mundo podem ser resumidos a um só, passível de solução. E, em segun¬do lugar, falar sobre o assunto sem parar.

Mas Tom Aldous ainda não se dera por satisfeito. Chega¬dos ao Centro e erguida a barreira, ele disse, como se a conver¬sa jamais houvesse sido interrompida: “E por isso, com todo o respeito, que eu acho que estamos perdendo nosso tempo com esse negocinho da energia eólica. A tecnologia já é satisfatória. O governo só precisa torná-la atraente para o público — basta dar um empurrão burocrático, o mercado se encarrega do resto. Dá para ganhar um dinheirão! Mas, no caso da energia solar, da fotossíntese artificial mais avançada, há muita pesquisa básica a ser feita no campo da nanotecnologia. Professor, isso podia ser feito por nós!”.

Aldous segurou a porta do carro e Beard lhe disse, enquanto descia com dificuldade por causa do cansaço: “Muito obrigado por me dar conhecimento de suas ideias. Mas, para ser franco, você deve aprender a prestar mais atenção na estrada”. Depois disso se virou para apertar a mão de Braby.

Desde então, em suas visitas semanais, evitava encontrar-se a sós com Aldous porque o rapaz sempre tentava convencê-lo das vantagens da energia fotovoltaica ou de sua explicação quântica do assunto, além de oprimi-lo com demonstrações de simpatia e entusiasmo, ignorando o mau humor de Beard quando insistia na necessidade de abandonarem a TEUD. E claro que cumpria abandoná-la, já que o projeto devorava quase todas as verbas e sua complexidade aumentava à medida que caía o interesse pelo conceito. Porém, como tudo nascera de uma idéia de Beard, voltar atrás seria um desastre pessoal.

Por isso, ele estava ficando enfarado do rapaz, com sua cara ossuda e ridícula, as narinas muito abertas, o rabo de cavalo, o bracelete nojento de fios ver¬des e vermelhos entrelaçados, a presunçosa dieta de salada e io¬gurte na cantina, o hábito de trazer sua bandeja e sentar-se sem ser convidado tão perto quanto possível do Chefe — que obviamente só podia ficar deprimido ao saber que Aldous defendera as cores de Norfolk no torneio de boxe dos condados, remara por sua universidade em Cambridge e chegara em sétimo lugar na maratona de San Francisco. Havia romances que Aldous queria que Beard lesse — romances! — e avanços na música contem¬porânea a que deveria estar atento, assim como documentários sobre as mudanças climáticas que o rapaz já vira pelo menos duas vezes, mas que ficaria feliz em ver de novo se houvesse uma chance de ter o professor a seu lado. A mente de Aldous, utili¬zando o sotaque de Norfolk, havia sido planejada para oferecer conselhos, fazer recomendações, advogar mudanças e expressar entusiasmo por alguma viagem, local de férias, livro ou vitami¬na, o que não deixava de ser uma forma de exortação. Nada erodia mais a boa vontade de Beard do que ouvir que ele precisava passar um mês no vale de Swat.

No prédio em que anos atrás se faziam testes para avaliar a nocividade do pó de tijolo e do isolamento feito com fibra de vidro, Beard vagava de escritório em escritório e ouvia os rela¬tórios de engenheiros, desenhistas e consultores em matéria de energia, com seus títulos misteriosos, que haviam produzido um longo documento chamado “Descobrindo o microvento 4.2”, do qual ele não conseguira ler nem o primeiro parágrafo. Durante o verão, tanta gente foi contratada pelo Departamento de Recur¬sos Humanos, ele próprio inchado por novas contratações, que a cada semana Beard se via obrigado a explicar a meia dúzia de estranhos quem era. Poucos deles não estavam ocupados com a TEUD e, quanto mais se informava, mais desalentado ficava. Malgrado todo o trabalho, nada estava em condições de ser testado em Farnborough, o problema da turbulência não fora resolvido de fato e ninguém estava pensando muito acerca do que poderia acontecer quando o vento não estivesse soprando porque nin¬guém também tinha a menor ideia de como armazenar a ener¬gia de modo eficiente e econômico. Esse sim seria um projeto radical, o desenho de uma nova bateria para abastecimento do¬méstico, porém era muito tarde para sugerir isso agora, com todo mundo engajado na TEUD, além de que a pesquisa sobre baterias era exatamente o que Aldous advogava sem descanso. Bem me-lhor construir uma pequena usina nuclear na costa jurássica de Dorset do que destruir um milhão de telhados com a vibração e o cisalhamento, as forças de tração, torção e torque de algum dispositivo inútil que, em condições normais de vento,

só muito raramente produziria uma corrente significativa.

Saindo com ar lúgubre de um escritório para entrar em outro, Beard se perguntou, com um quê de autocomiseração, como era possível que uma observação casual houvesse lançado tanta gen¬te numa missão sem sentido. A resposta era simples. Sua suges¬tão havia gerado memorandos, propostas detalhadas de cento e noventa e sete páginas, esboços de orçamentos e planilhas, tudo aprovado por ele com uma rubrica sem que ao menos lesse os documentos. E por que isso? Porque Patrice estava começando o caso com Tarpin e ele não era capaz de pensar em outra coisa.

Beard voltava pelo corredor para falar com um especialista em materiais quando Braby fez sinal, excitado, para que o Chefe entrasse em seu escritório. Às costas dele, um dos rabos de cava¬lo, chamado Mike, pregava um desenho num quadro branco.

“Acho que temos alguma coisa aqui”, disse ele, fechando a porta atrás de Beard. “Mike acabou de me trazer.”

“Quero que fique bem claro, professor Beard”, disse Mike. “Não fui eu que desenhei isso. Simplesmente achei.”

Braby pegou Beard pela manga do casaco e o puxou para o quadro.

“Olhe só. Preciso de sua opinião.”

Numa grande folha havia um desenho executado com ri¬gor, cercado de meia dúzia de esboços — rabiscos traçados com uma linha sólida, mas hesitante do tipo que se pode ver nos ca¬dernos de notas de Da Vinci. Observado com atenção pelos ou¬tros dois, Beard examinou a peça central, uma grossa coluna que continha um emaranhado de linhas e aberturas em certas partes para revelar o interior daquilo que finalmente se percebia ser uma hélice quádrupla fazendo uma volta completa, tendo na base, em menor detalhe, a representação de um gerador. Um dos es-boços mostrava a silhueta de um telhado, com uma antena de TV e a hélice, sustentada por uma estaca, presas à chaminé, num arranjo pouco recomendável. Ele ficou olhando, em silêncio, por dois minutos.

“E então?”, Braby perguntou.

“Bem”, Beard murmurou, “é realmente alguma coisa.”

Braby riu. “Achei que era. Não sei como funciona, mas simplesmente sabia que era alguma coisa.”

“É uma variante da máquina de Darrieus, a velha batedeira de ovos.” No passado distante, quando era mais feliz (ou menos obsessivo) no casamento, Beard passara uma tarde lendo sobre a história das turbinas movidas a vento. Naquela época, achou que os fundamentos científicos eram relativamente simples. “O diferente aqui é que as pás são moldadas para formar uma hélice com uma torção de sessenta graus. E há quatro delas para distri¬buir o torque e talvez facilitar o reinício da operação. É provável que funcione bem num fluxo de ar ascendente e inconstante. Pode ser bom num telhado, nunca se sabe. E então, quem bolou isso?”

Mas ele já sabia a resposta, e seu cansaço aumentou. Ouvir o sultão de Swaffham celebrar um avanço radical, o despertar de uma nova era no desenho de turbinas, era mais do que ele podia suportar naquele dia. Teria de ficar para o mês seguinte, pois tudo que ele desejava no momento era sentar em algum lugar tranquilo e pensar em Patrice, excitando-se a troco de nada. A coisa estava mesmo muito ruim.

Mike coçou a base de seu rabo de cavalo, que, como uma costura de cobertor, mostrava sinais de cabelos grisalhos rebel¬des. “Estava em cima da escrivaninha do Tom. Achamos que ele tinha deixado lá para todo mundo ver. Aí ficamos entusiasma¬dos, não pudemos encontrá-lo em lugar nenhum. Fizemos uma cópia para os engenheiros e eles gostaram imediatamente.”

Jock Braby, agitado, deu alguns passos no escritório e, voltando para a escrivaninha, arrancou o paletó das costas da cadei¬ra. Com uma ponta de esnobismo, Beard teve vontade de chamar de lado o funcionário público e lhe dizer que, desde os tempos da Segunda Guerra Mundial ou pelo menos de seus primeiros anos de universidade, não caía bem ter uma fileira de esfero¬gráficas no bolso de cima do paletó. No entanto, ele costumava formular conselhos mentalmente, sem nunca os transmitir.

Num estado de muda efervescência, Braby assumiu um ar controlado, curvando-se para reduzir a diferença de altura e di¬zendo em voz pausada e baixa, como se, após o toque da espada no ombro, ele houvesse acabado de levantar o joelho da almofa¬da real. “Vou falar com Aldous e depois o levo ao Departamen¬to de Desenho. Precisamos de desenhos benfeitos. Eles podem sentar com ele e

começar a trabalhar. Enquanto isso, Mike, você e os outros rapazes podem estudar os aspectos matemáticos, você sabe, a Lei de Brecht e tudo mais.”

“Lei de Betz.”

“Isso mesmo”, disse ele, indo embora.

Terminado seu giro, Beard instalou-se com alguns biscoitos de chocolate num prato e uma caneca de café requentado na sala de estar deserta, atrás da cantina, durante muito tempo o único lugar confortável no Centro. Lá, deixou que os pensamen¬tos retornassem ao objeto de sua obsessão e, com uma sensação quase agradável de peso nos braços e pernas, repassou certos pormenores que ultimamente negligenciara. Não sem antes ter de se levantar e atravessar a sala a fim de desligar a televisão sussur-rante, eternamente sintonizada num canal de notícias. Bush ver¬sus Gore, absorvendo a preciosa atenção da maioria não votante da população mundial. Acomodou-se de novo e pegou o prato.

Patrice era de longe a mais bonita de suas esposas, ou, gra¬ças àqueles traços angulares e cabelos louros, assim lhe parecia agora, a única mulher realmente bonita que tivera. As outras quatro haviam deixado de ser bonitas por uma questão de milí¬metros — um nariz fino demais, uma boca demasiado larga, um queixo ou uma testa recuada ou minimamente imperfeita — e elas o tinham atraído, essas mulheres menores, apenas de deter¬minada perspectiva, por um esforço da vontade ou da imagina¬ção, quando não por conta de um desejo que o fazia se enganar a si próprio. Certos detalhes de Patrice eram inigualáveis. Por exemplo, a estreiteza das nádegas. Uma única mão grande era capaz de cobri-las. A tensão cremosa da pele entre os pontos protuberantes da pélvis. O surpreendente polimorfismo que havia dado cor de palha a seus finos pelos púbicos. Será que ele volta¬ria a ver tais tesouros? E agora, embora nada tivesse de sensual, tinha de considerar o machucado debaixo do olho. Como ela não lhe falava, talvez jamais soubesse a verdade. Só podia lidar com probabilidades. Caso o plano houvesse dado certo, caso a mulher em seu quarto (cujos passos Beard marcara com as pal¬mas das mãos na escada) em lugar de enraivecer Patrice a tivesse trazido de volta para ele, fazendo-a se sentir ansiosa pelo que es¬tava prestes a perder, ela haveria dito a Tarpin que o caso estava terminado e que voltava para o marido. Isso teria provocado um acesso de fúria no trabalhador braçal e, nesse caso, o rosto arro¬xeado significava que, outra vez, ela era quase dele. A hipótese era otimista demais. Então, o quê?

Transferiu mecanicamente os biscoitos do prato para a boca. Talvez todo o imbróglio tivesse um final improvável. A maior parte das coisas era improvável. Há mulheres machucadas e mal¬tratadas que não podem ficar longe de seus homens violentos. Os responsáveis por abrigos femininos frequentemente se quei¬xam dessa peculiaridade da natureza humana. Se ela se mostras¬se afeita àquele destino, haveria muitas outras pancadas na cara. Sua linda Patrice! Insuportável. Impensável. E então o quê? Ela podia estar tão farta da compaixão de Michael quanto da vio¬lência de Rodney, querendo se livrar de ambos. Ou, entrando no quarto certa noite, Beard a descobriria à espera, nua no leito matrimonial, de costas como sempre, as pernas abertas, e ele se aproximaria pronunciando seu nome, agora também nu. Ia ser fácil, ao chegar a seu lado envolveria com a mão o seio esquer¬do… Mas ele já não estava sozinho, e não precisou erguer os olhos para saber a quem pertencia aquela silhueta na porta.

Sem sé servir de café — ele não se permitia nenhum estimulante e recomendava a Beard fazer o mesmo —, Aldous sen¬tou-se ao lado do Chefe e, dispensando preliminares, disse: “Eu lhe peço encarecidamente que leia o artigo sobre a membrana solar no exemplar da Nature da próxima semana”.

Beard deveria ter tido suficiente presença de espírito para mandar Aldous embora, porém parte do suprimento de sangue que devia abastecer seu cérebro ainda se encontrava no pênis, conquanto estivesse sendo drenado rapidamente.

Em vez disso, anunciou: “Braby está procurando por você”.

“Já me disseram. Todos viram meu desenho da turbina.”

“Ele provavelmente está em seu escritório.”

Numa demonstração de cansaço profissional, Aldous tirou o boné de beisebol, se recostou na poltrona e fechou os olhos. “Eu devia ter destruído aquilo.”

“Tem potencial”, disse Beard a contragosto. Por alguma ra¬zão desconhecida, desconfiava de qualquer pessoa que usasse um boné de beisebol fora do campo, não importando a direção da pala.

“Esse é que é o ponto. Na verdade, é revolucionário. Está em outra categoria quando se pensa em torque suave. Otimiza o ângulo de ataque em qualquer direção que o vento sopre. Resol¬ve o problema da turbulência! Não me entenda mal, professor, é brilhante. Mas, se o Centro o adotar, serão três anos perdidos de

desenvolvimento, fazendo coisas que uma empresa comer¬cial poderia fazer para ganhar dinheiro. E não é suficientemente importante, a energia microeólica não vai resolver o problema, professor. O vento não sopra com força bastante na maioria das cidades. Precisamos de uma nova fonte de energia para toda a humanidade. Não sobra muito tempo. Nós devíamos estar fa¬zendo as pesquisas básicas em energia solar antes que os alemães e japoneses disparem na frente, antes que os americanos acor¬dem. Eu tenho algumas idéias. Mesmo com nosso clima nojento, contamos com o infravermelho. Mas por que preciso dizer isso a quem é mestre no assunto? Precisamos dar uma nova olhada na fotossíntese, examinar o que podemos aprender ali. Também tenho umas ótimas ideias sobre isso. Estou preparando um dos-siê para o senhor. E lá vai o Braby levando na mão meu projeto idiota para o Departamento de Desenho. Ah, meu Deus!"

Ele tapou os olhos fechados com a mão, demonstrando ago¬ra o sofrimento imerecido que era obrigado a suportar estoicamente.

"Eu sou uma pessoa simples, professor Beard. Só quero fa¬zer o que é bom para o planeta."

"Compreendo", Beard disse, de repente incapaz de enfren¬tar o último biscoito que apareceu em sua mão. Devolveu-o ao prato e, com certo esforço, se levantou da cadeira. "Preciso vol¬tar agora. Você vai ter de me levar à estação."

"Vai ser inútil", disse Aldous, pondo-se de pé e cruzando a sala com três passadas até chegar ao aparelho de TV. Depois de ligá-lo, mudou de canal e esperou que uma notícia desse lugar a outra, aumentando então o volume. Era como se houvesse invo¬cado a história num passe de mágica para servir a seus propósi¬tos, levando um casal de velhos à miséria desesperadora e os per¬suadindo a se jogar de mãos dadas na frente do trem que ligava Oxford a Londres. A televisão local não mostrava nenhuma cena sangrenta, concentrando-se na multidão de passageiros frustra¬dos que voltavam ao chegar à estação de Reading ou desistiam de esperar pelas composições retidas por causa do incidente.

O rapaz guiou Beard em direção à porta como se ele fosse um doente mental necessitado de tomar banho. "Moro perto de Belsize Park e estou indo para casa agora. Meu carro não é um Prius, mas vou deixá-lo na porta."

Beard não sabia como Aldous conhecia seu endereço, mas nem adiantava

perguntar. E, como agora tencionava voltar para casa, para o quartel-general de sua infelicidade, não lhe interes¬sava que o rapaz fosse se encontrar com Jock Braby.

Poucos minutos depois, o Chefe estava sentado no banco da frente de um enferrujado Ford Escort, fingindo acompanhar uma prévia do que deveria sair no Relatório do Painel Intergo¬vernamental sobre Mudanças Climáticas do ano seguinte. O olhar do motorista agora precisava se desviar noventa graus da estrada para fitar o passageiro, às vezes por intermináveis segun¬dos, tempo suficiente, segundo os cálculos de Beard, para per¬correrem várias centenas de metros. Não precisa olhar para mim enquanto fala, ele tinha vontade de dizer ao observar os carros à frente deles e tentar prever em que momento precisaria tomar o volante das mãos de Aldous. Mas até Beard sentia dificuldade em criticar alguém que estava lhe dando uma carona, na verda¬de seu anfitrião. Antes morrer ou passar o resto da vida como um tetraplégico do que ser descortês.

Após descrever o que esperava ler no próximo relatório do PIMC, Aldous disse a Beard — sendo a quinqüagésima pessoa a fazê-lo nos últimos doze meses — que os dez anos finais do sé¬culo xx haviam sido os dez, ou quem sabe nove, mais quentes desde que passaram a ser mantidos registros de temperatura. Se¬guiram-se elucubrações sobre a sensibilidade climática, o au¬mento de temperatura associado à duplicação do nível de C02 desde o início da revolução industrial. Ao entrarem em Londres propriamente dita, o assunto era a força radioativa, vindo depois a indefectível ladainha sobre o recuo das geleiras, o avanço dos desertos, a destruição dos recifes de corais, a disrupção das correntes marítimas, a elevação do nível do mar, o desaparecimento disso ou daquilo, patati, patatá, até que Beard mergulhou num estado de melancólica desatenção, não porque o planeta estives¬se em perigo — lá vinha a palavra idiota outra vez —, mas por¬que alguém estava lhe falando aquilo com tamanho entusiasmo. Era por isso que ele não gostava das pessoas que se envolviam em política: a injustiça e a calamidade as animavam, eram uma fonte de nutrição, a seiva vital, lhes davam prazer.

Sem dúvida, a mudança climática estava consumindo Tom Aldous. Será que ele conversava sobre outros assuntos? Sim, conversava. Preocupavam-no as emissões de seu carro e encontrara um mecânico em Dagenham que o ajudaria a convertê-lo para usar eletricidade. O sistema de transmissão funcionaria, o proble¬ma era a bateria — que ele teria de recarregar a cada cinquenta

quilômetros. Daria justo para chegar no trabalho se não dirigis¬se acima de trinta quilômetros por hora. Por fim, Beard forçou Aldous a entrar na seara privada ao perguntar onde ele morava. Num pequeno apartamento nos fundos do jardim do tio, em Hampstead. Todo fim de semana dirigia até Swaffham para visi¬tar o pai, que sofria de uma infecção pulmonar. A mãe morrera havia muito.

A história da mãe estava para começar quando o carro pa¬rou diante da casa. Beard o interrompeu a fim de agradecer, ansioso para terminar o encontro, porém Aldous já havia descido do carro e corria a fim de abrir a porta, ajudando-o a sair.

“Pode deixar, pode deixar”, Beard disse, algo irritado, mas, com o peso adquirido recentemente, quase não conseguiu sair do diabo do carro de tão baixo que ele era. Aldous o acompanhou pelo caminho como um enfermeiro de hospital psiquiátrico e, quando Beard procurava pela chave diante da porta da frente, perguntou se podia usar o banheiro. Como recusar? Ao entra¬rem, Beard se lembrou de que era a tarde de folga de Patrice. E lá estava ela, no topo da escada, com um ousado tapa-olho azul, jeans apertados, suéter de caxemira verde e chinelas turcas, des¬cendo para recebê-los com sorrisos afáveis e a oferta de um café tão logo seu marido terminou as apresentações.

Ficaram sentados durante vinte minutos em volta da mesa da cozinha, e ela foi muito bondosa, inclinando docemente a cabeça para o lado ao ouvir a história da mãe de Tom Aldous, fazendo perguntas simpáticas, contando a história de sua própria mãe, que também morrera jovem. Depois que a conversa se tornou mais leve, seus olhos passaram a se encontrar com os de Beard quando ela ria. Patrice o incluiu, sorrindo de leve quan¬do ele falava, parecendo se divertir com uma piada que Beard contou, até tocando uma vez em sua mão para interrompê-lo. De repente, Tom Aldous foi abençoado com uma boa dose de expressividade e humor, fazendo-os rir com a descrição de seu pai, um incrível professor de história, agora um inválido rabu¬gento que servia seu almoço de hospital a um faminto gavião vermelho. Demonstrando timidez, Aldous repetidamente afasta¬va o rosto risonho e passava a mão pelo pescoço até tocar no rabo de cavalo. Em nenhum momento se recordou de que o planeta estava em perigo.

E assim o alegre rapaz foi recebido pelo casal em total harmonia. Quando se levantou para ir embora, ficou claro que algo maravilhoso acontecera, que havia ocorrido uma alteração radi¬cal na atitude de Patrice para com o marido. Após levar Aldous até o carro, Beard, não ousando acreditar que de fato funcionara

seu plano de inventar, com as mãos nuas, uma mulher na esca¬da, correu de volta para se certificar. Mas encontrou a cozinha deserta, as xícaras com os restos do café ainda em seus lugares sobre a mesa, a casa mais uma vez silenciosa. Patrice se escafedera para o quarto e, quando ele subiu e bateu na porta, lhe foi dito com toda a clareza que desse o fora. Ela só quisera atormentá-lo com uma visão de relance da vida que haviam tido. O que Patri¬ce desejava era que ele sentisse o gosto de sua ausência.

Só voltou a vê-la na noite seguinte, quando ela saiu de casa deixando atrás de si o rastro de um perfume que ele não conhecia.

Semanas se passaram e pouco mudou. Na escola primária de Patrice teve início o período de aulas do outono. A noitinha, ela corrigia os trabalhos de casa e preparava as aulas, saindo três ou quatro vezes por semana entre sete e oito para ir à casa de Tarpin. Depois que a hora foi reajustada no final de outubro, já esta¬va bastante escuro quando ela saía, e sua ausência era ainda mais absoluta. Nunca se concretizou aquela idéia de trazer o amante para jantar, pelo menos quando ele estava em casa. Eventos oca¬sionais o obrigavam a dormir fora uma ou outra noite, porém ao voltar não via nenhum sinal da presença de Tarpin, a não ser que se interpretasse como tal o polimento mais caprichado da mesa de jantar de carvalho ou a limpeza da cozinha, com todas as panelas excepcionalmente guardadas em seus lugares.

Entretanto, no início de novembro ele entrou em busca de uma lâmpada na despensa que havia nos fundos da casa, per¬to da porta de trás. Era um aposento frio e sem janelas, com estantes de pedras e tijolos onde o espaço para os mantimentos fora parcialmente ocupado por aparelhos domésticos estraga¬dos e presentes indesejados. Na parede mais distante da porta havia uma única fresta de ventilação, exibindo alguns pontinhos de luz do sol, e no chão, diretamente debaixo dela, um saco de lona suja. Ele se aproximou para olhá-lo, deixando que a raiva crescesse, e, ao reparar que o laço não tinha sido dado, abriu o saco com o pé. Viu ferramentas — martelos de tamanhos varia¬dos, almofadas para apoio, chaves de parafuso para trabalhos pe¬sados e, por cima de tudo, uma embalagem de chocolate, o resto escurecido de uma maçã, um pente e, lhe causando nojo, um lenço de papel amassado. O saco não podia ter sido deixado para trás quando Tarpin trabalhou no banheiro, porque isso ocorrera muitos meses antes e Beard já o teria visto. Era bastante óbvio.

Enquanto ele estava em Paris ou Edimburgo, o operário viera direto do trabalho para se encontrar com ela, esquecera as ferra¬mentas na manhã seguinte, ou não precisara delas, e Patrice as havia guardado ali. Teve vontade de jogá-las fora imediatamen¬te, mas, como as alças eram negras e gordurosas, sentiu repug¬nância em tocar nas coisas que pertenciam a Tarpin. Encontrou a lâmpada e foi para a cozinha se servir de uma dose de uísque. Eram três da tarde.

Bem cedo no dia seguinte, um domingo frio, achou o endereço de Rodney Tarpin numa fatura e, após decidir que não faria a barba e tomar três xícaras de café forte, calçou um par de ve¬lhas botas de couro que o faziam dois centímetros mais alto, ves¬tiu uma camisa de lã grossa que dava mais volume aos bíceps e seguiu de carro para Cricklewood. No rádio, só notícias sobre os Estados Unidos. Os comentaristas dissecavam ainda o bombar¬deio, ocorrido no mês anterior, do navio de guerra uss Cole por um grupo chamado Al-Qaeda, mas o item principal vinha sendo repisado ao longo do verão e do outono, esgotando a paciência de Beard. A disputa entre Bush e Gore. Não era cidadão ameri¬cano e não havia votado naquela eleição, porém, mesmo assim, o serviço de notícias para o qual tinha de contribuir o obrigava a seguir cada detalhe do caso. Ele odiava tudo que se relacionava com a política — até a ponta dos cabelos, gostava de dizer. Não tolerava as discussões vazias e exaltadas, os esforços que cada lado fazia para não compreender e desvirtuar o que dizia o oponente, a amnésia que envolvia o surgimento de cada nova questão. Para Beard, os Estados Unidos eram a entidade fascinante que con¬trolava três quartos da ciência mundial. O resto era espuma e, no caso em tela, uma luta no seio da elite — o filho privilegiado de um ex-presidente duelando com o filho aristocrata de um sena¬dor. Com as urnas havia muito fechadas, ao que parece Gore telefonara para Bush a fim de voltar atrás em sua admissão da derrota, mas era impossível prever o resultado na Flórida e have¬ria uma recontagem automática. “As circunstâncias se alteraram desde que lhe telefonei pela primeira vez”, foi a forma oblíqua usada por Al Gore.

Na Casa Branca, ambos enfrentariam as mesmas limitações, seriam imobilizados pelos mesmos fatos, por assessores oriundos das mesmas universidades, impregnados das mesmas ortodoxias — Beard pouco se interessava pelos pormenores. Enquanto atra¬vessava Swiss Cottage, disse a si próprio com absoluta convicção que não faria nenhuma diferença substancial para o mundo se Bush, e não Gore, fosse o presidente durante os primeiros quatro ou oito anos do século XXI.

Na tarde e na noite da véspera, o uísque lhe proporciona¬ra uma clareza temerária assim como uma agradável sensação de invencibilidade. Compreendeu então que vinha reagindo a tudo com uma seriedade exagerada. Mulher infiel? Arranje ou¬tra! Cricklewood exibia um ar pacífico, de ressaca, com poucos pedestres nas ruas, e a tranquilidade da manhã de domingo fez com que se lembrasse de que só fora até ali para matar sua curio¬sidade. Tinha direito de saber onde Patrice passava metade da semana e como vivia seu adversário. Mais de um quilômetro e meio adiante, depois de uma série de voltas, a rua onde Tarpin morava provou ser uma via urbana de quatro pistas e mais de um quilômetro e meio de extensão que interligava duas artérias de grande movimento. O lugar parecia algo provisório, aciden¬tal, e as casas geminadas, construídas antes da guerra, tinham um ar desolado, como se empenhadas numa luta permanente pela sobrevivência. Estacionou no acostamento junto à entrada da garagem de Tarpin e ficou observando a casa que só vira em fo¬tografias: as tábuas de pinho enegrecido pregadas na fachada a fim de criar uma impressão de construção do século XVI, a lancha inconfortavelmente acomodada no reboque (a qual bem podia ser apenas um bote a remo escondido sob a capa de plástico que o vento já começara a rasgar), a lanterna de carruagem sustentada por um poste preto junto à porta da frente (esta em estilo georgiano), assim como um novo e audacioso acréscimo, uma cabine telefônica vermelha que ainda jazia de lado sobre uma base de concreto circundada de canteiros bem cuidados. Nos espaços entre as tábuas quase negras, a parede havia sido pintada com uma tinta branca lustrosa; através dos vidros das janelas, viam-se, entreabertas, as cortinas estampadas de flores com babados nas bordas.

Beard não tinha opiniões formadas em matéria de decora¬ção, nenhum preconceito contra o uso de lanternas de carrua¬gem nos jardins e coisas do gênero, parecendo-lhe que a tentati¬va de dar um aspecto elisabetano a uma casa suburbana dos anos 30 era algo inocentemente patriótico. Se não odiasse Rodney Tarpin, acharia que a casa sugeria decência, trabalho duro, um otimismo simplório. Das conversas mantidas no passado, sabia que a sra. Tarpin o havia deixado no ano anterior levando os três filhos e agora vivia na Costa Brava com um avaliador de imóveis natural do País de Gales, havendo assim um quê emocional na forma como Rodney mantinha tudo nos trinques. No entanto, era lá que Patrice ia sistematicamente para ser fodida, e todos os detalhes lhe pareceram hostis, incluindo o pequeno poço para fazer pedidos com os anõezinhos amontoados em volta da ma¬nivela. Em retaliação, ele também os detestava. Será que Tarpin instalaria a cabine telefônica em homenagem a Patrice? Beard era capaz de vê-la fingindo que gostava daquilo. Querido, é tão

original, tão criativo… Basta! Saiu do carro.

Como sua mulher caminhara por ali muitas vezes e ele já fora o empregador de Tarpin, Beard se sentiu inteiramente à vontade e no direito de avançar pelo caminho que levava à casa. De um dos reluzentes canos pintados de preto vinha o barulho de água correndo, enquanto do ralo subia uma nuvenzinha de vapor no ar de novembro. O dono da casa estava fazendo suas abluções, retirando do corpo o DNA da sra. Beard. A porta da fren-te, com seu pórtico de estilo palladiano, não parecia ser muito usada, e por isso ele seguiu por um estreito caminho de cimento que separava a casa de uma cerca de madeira e, ultrapassado um portão aberto, levava ao jardim dos fundos. Lembrou-se de que Tarpin se gabara de uma banheira quente ao ar livre, que ele queria ver. Talvez Patrice se encontrasse lá, porém Beard estava decidido a saber de tudo.

Uma área sem árvores e coberta de grama alta era separa¬da dos terrenos vizinhos por uma cerca de arame; mais adian¬te, apertada entre os quintais, se erguia uma torre de fios de alta-tensão com seu crepitar inconfundível. Elétrons, tão resistentes, tão fundamentais! Passara a maior parte da juventude pensando neles. Com vinte e um anos, maravilhado, conhecera a versão integral da equação de Dirac de 1928, que previa o spin do elétron. A equação era uma beleza, um dos maiores feitos intelectuais de todos os tempos, exigindo corretamente da natu¬reza a existência de antipartículas e abrindo para o jovem leitor os amplos horizontes do “mar de Dirac”. Isso aconteceu quando ele era um cientista, pois agora não passava de um burocrata e nunca pensava nos elétrons. Em meados da década de 90, Beard estava entre as pessoas que, na abadia de Westminster, ouviram Stephen Hawking fazer um discurso diante do memorial que trazia gravada na pedra a forma lindamente sucinta da equação — $iy.\delta\Psi = m\Psi$. Naquele dia sentiu, pela última vez, um eco da velha excitação. Tudo acabado agora.

Próximo à casa havia uma área cimentada onde se amontoavam um secador de roupas enferrujado, partes de uma geladeira, cadeiras de plástico branco empilhadas e uma grande caixa de madeira de lei, de dois metros por dois, com um rolo de man¬gueira preta sobre a tampa fechada a cadeado. Ficou aliviado ao ver que a tal banheira não correspondia ao sonho californiano que ele inconscientemente tomara como verdade — nenhuma sequóia, nenhuma cigarra, nenhuma Sierra Nevada. No entan¬to, ao voltar à porta lateral, Beard continuou infeliz, porque ago¬ra tinha sido confirmado que tudo girava em torno do sexo. O que mais a poderia trazer àquele lugar esquálido? Mas afinal, no estado em

que se encontrava, não era a infelicidade o que ele buscava?

Ao pensar nisso, ouviu um som acima de sua cabeça e, erguendo os olhos, viu que se abria no primeiro andar uma janela embaçada com moldura de aço, aparecendo logo depois o rosto rosado e molhado de Rodney Tarpin.

“Ei!”

O rosto desapareceu subitamente, enquanto da janela ain¬da aberta escapava o vapor do chuveiro e de dentro da casa vinha

o som surdo de pés descalços descendo às pressas os degraus atapetados. Enquanto aguardava diante da porta, com os braços cruzados sobre o peito, Beard não tinha nenhum plano, nenhu¬ma ideia do que desejava dizer. Gastara muito tempo ruminando, esperando, e agora queria que alguma coisa acontecesse. Não im¬portava o quê.

Dois fechos foram destrancados, a maçaneta de alumínio desceu velozmente, a porta se abriu de golpe e o amante de sua mulher surgiu diante dele na soleira.

Beard achou importante ser o primeiro a falar. “Bom dia, sr. Tarpin.

“Que merda que você quer aqui?” A ênfase na pergunta caiu sobre a palavra merda. Sua considerável cintura estava enrolada numa toalha vermelha não muito grande. Gotículas de água es¬corriam da cabeça para os ombros, descendo pelo peito cabelu¬do em zigue-zagues semelhantes aos de uma bola de fliperama.

“Quis vir aqui dar uma olhada.”

“Ah, é? E vai entrando assim sem mais nem menos.”

“Como minha mulher entra.”

Tarpin pareceu desconcertado com a referência direta, co¬mo se a considerasse injusta ou de mau gosto. Ainda fumegando ligeiramente, avançou para o caminho de cimento, aparentemen¬te sem se importar com o frio — dois graus centígrados de acor¬do com o mostrador digital do carro. Beard estava a cerca de dois metros e meio de distância, os braços ainda cruzados, um me-tro e sessenta e sete de altura (calçando as botas), e não recuou quando Tarpin se

plantou bem na sua frente. Mesmo descalço, era um sujeito grandalhão, sem dúvida bastante forte no torso e nos braços, mas com pernas finas — corpo típico de quem fazia seu tipo de trabalho braçal. Espalhada sobre os músculos, uma camada de gordura recente tornava o peito flácido, enquanto a pança adquirida por conta de muita cerveja e junk food exibia extensões laterais que excediam de longe as do próprio Beard. A toalha se sustentava por muito pouco. O que é que Patrice estava fazendo com um homem daqueles, se não buscando a perfeição, a forma ideal de seu marido? O rosto de Tarpin era uma curiosidade. Tinha um quê perscrutador, semelhante ao focinho de um rato, não inteiramente sem charme, porém era pequeno demais para a cabeça. As feições inquisitivas e hirsutas de um homen¬zinho haviam sido cravadas ou projetadas num espaço que não podiam preencher. Tarpin espreitava de dentro de seu crânio como se estivesse usando um xador grande demais para ele. Des¬de que o vira pela última vez, ele havia perdido um dente, um incisivo superior. Beard ficou desapontado por não ver nenhuma tatuagem — uma cobra, uma motocicleta, um louvor à mãe —, porém, como rapidamente admitiu a si próprio, aquele tipo de pensamento estereotipado era coisa de um burguês avançado em anos. Tarpin era velho demais para ter pegado a moda do body piercing, mas bem no topo de seu ombro, formando uma protu¬berância de mais de um centímetro, havia algo parecido com a miniatura de uma orelha humana ou de um papagaio de pirata. Com alguns nós apertados de fio dental, aquilo desapareceria nu¬ma semana, porém talvez as mulheres ficassem sensibilizadas com tal defeito, com a vulnerabilidade de um homenzarrão que tocava seu próprio negócio e mantinha três empregados. A lín-gua de Patrice teria explorado suas diminutas dobras.

“O que eu faço com sua mulher não é da sua conta”, disse Tarpin, rindo da piada que acabara de fazer. “E eu não quero que você se meta nessa merda.”

Beard empacou por alguns segundos, pois tinha sido mesmo uma boa tirada. Nesse meio-tempo, lhe ocorreu que o que ele queria — não, o que tencionava fazer dali a alguns segundos — era chutar a canela nua de Tarpin com toda a força, com força suficiente para quebrar um osso. A idéia o entusiasmou e acele¬rou seu coração. Não conseguiu se lembrar se eram aquelas bo¬tas, ou outras jogadas fora havia muito tempo, que tinham as ponteiras de aço. Não importava. Era estranho que o homem que ele havia contratado e desprezado irracionalmente por per¬turbar a paz doméstica com furadeiras, assovios desafinados e a constante geração de poeira, além do palrear pueril de um radinho de pilha durante toda a tarde, fosse agora seu oponente num combate de iguais. Só Beard o consideraria de iguais. Ao longo de muitos anos, seus colegas

haviam verificado, muitas ve¬zes para desespero deles, que numa confrontação — de que não era isenta a física teórica — Beard possuía o dom, ou a maldição, da impetuosidade.

“Você bateu na minha mulher”, ele disse, a voz embargada pelo pulso acelerado.

Já havia olhado para baixo e observado o ângulo feito pela canela branca de Tarpin, salpicada de esparsos pelos negros como um peru mal depenado. E agora Beard, que praticara esportes na juventude apesar de sua pouca altura, estava transferindo o peso para o pé esquerdo. Ele se lembraria de abrir os braços para garantir o equilíbrio e, havendo tempo, poderia dar meia-volta e esmigalhar um dedão sob o salto da bota.

Não lhe ocorreu quão óbvio era o fato de que se preparava para atacar. O peito arredondado estava claramente cheio de ar, os braços finos erguidos e retesados, o rosto tenso, absorto no solipsismo de um plano excitante. Tarpin provavelmente havia participado de muitas brigas como adulto. Antes que Beard pu¬desse se esquivar, trouxe o braço para trás e atingiu a bochecha e a orelha direitas do homem mais velho com um tapa de mão aberta. A consciência de Beard explodiu atrás de seus olhos e, por alguns segundos, o mundo se transformou numa superfície branca dotada de um zumbido constante. Quando retomou os sentidos, Tarpin ainda estava lá, agarrando a toalha que se solta¬ra com o movimento.

“A próxima vai doer”, ele disse.

Aquele era o tipo de tratamento que os antigos galãs cinematográficos aplicavam nas mulheres que amavam quando que¬riam acalmá-las. Tarpin havia considerado que Beard não era me¬recedor de um soco para valer. Mas, claramente, não ia ficar nisso. Por sorte, naquela hora veio da porta ao lado o som das vozes de crianças que se aproximavam pelo caminho, seguido de exclamações e risadas abafadas ao verem o gorducho vizinho quase nu. Três rostos tímidos em alturas diferentes e três pares de grandes olhos castanhos surgiram acima da cerca. Tarpin correu para dentro de casa. Como talvez houvesse ido buscar uma toalha maior ou um casaco, pareceu a Beard que aquele era o momen¬to propício para se pôr a caminho. Todavia, o orgulho o fez to-mar cuidado para não dar a impressão de estar saindo às pressas. Ao passar pelo barco alojado em seu berço e pela cabine telefô¬nica deitada de lado, sentiu o rosto arder com o frio — aquele tapa realmente tinha doído — e um ruído

contínuo no ouvido, um zumbido eletrônico. Chegando ao carro, estava tonto e meio surdo. Enquanto ligava o motor, olhou para a casa e, como era de esperar, vestindo um conjunto de training e calçando um par de tênis com os cordões desamarrados, Tarpin vinha com passos fortes em sua direção. Beard não viu nenhuma boa razão para se demorar em Cricklewood.

Nas três semanas restantes do ano, tudo começou a mudar. Chegou um convite do pólo norte — pelo menos assim ele o descreveu para si próprio e para todo mundo. Na verdade, o des¬tino ficava bem abaixo do paralelo 80 e, segundo prometia um folheto turístico, ele ficaria hospedado num "navio confortável e bem quentinho, com corredores forrados de lambris de carva¬lho, ricamente atapetados e iluminados por lâmpadas de parede ornadas com borlas". A embarcação estaria placidamente conge¬lada num fiorde semirremoto, ao norte de Longyearbyen, na ilha de Spitsbergen, e os convidados embarcariam após uma longa viagem de skidoo. Os três inconvenientes seriam o tamanho da cabine, o acesso limitado à internet e a lista de vinhos, restrita a um vin de pays do Norte da África. O grupo seria composto de vinte artistas e cientistas preocupados com a mudança climática. Convenientemente, a dezesseis quilômetros de distância uma geleira estava recuando de forma dramática, com blocos de gelo do tamanho de uma mansão se desprendendo com frequência de suas escarpas azuis para tombar aos pés do fiorde. Um chef italiano "de renome internacional" estaria presente, e ursos-polares com más intenções seriam executados, se necessário, por um guia munido de um rifle de grosso calibre. Não havia nenhuma obrigação de proferir palestras — bastava o seu comparecimen¬to — e a fundação arcaria com todas as despesas, enquanto a condenável descarga de dióxido de carbono causada por vinte voos de ida e volta, viagens de skidoo e sessenta refeições quentes servidas diariamente em condições polares seriam compensadas pelo plantio de três mil árvores na Venezuela tão logo se definis¬se o lugar e fossem subornadas as autoridades locais.

Todos no Centro ficaram logo sabendo que ele ia ao pólo norte para "ver o aquecimento global com seus próprios olhos", alguns dizendo que o trenó seria puxado por cães enquanto ou¬tros afirmavam que ele mesmo o puxaria. Até Beard ficou sem jeito, explicando que "provavelmente" não chegaria ao pólo e que boa parte do tempo seria passada num "acampamento". Pas-mo com a dedicação de Beard à causa, Jock Braby se ofereceu para organizar uma festa de

despedida na sala de estar do Centro.

Na mesma semana em que chegou o convite para o pólo norte, Beard começou um caso com uma contadora não muito jovem que havia convidado para jantar após se conhecerem no trem. Ela era agradavelmente obtusa, trabalhava para uma em¬presa de fertilizantes, e tudo acabou em três semanas. No entanto, o importante era que a obsessão por sua mulher se esbatera — minimamente e não o tempo inteiro —, e ele tinha consciência de haver cruzado uma linha. Entristecia-o saber que em breve deixaria de desejá-la de todo, mas a verdade evidente era que tu¬do já acabara e as posses de ambos, incluindo a casa confortável, teriam de ser divididas. Dali a um ano ou dois, quem sabe nunca mais a veria. A visita a Tarpin também ajudou a selar a perda de afeto por ela. Como era possível continuar a amar uma mulher que se entregava a um homem daqueles? Por que Patrice se pu¬nia tanto só para insultar o marido?

O que mais ele desconhecia sobre ela? Uma resposta veio pouco antes do Natal, na conversa havia muito postergada que se transformou numa briga sem gritos, porém definitiva em sua frieza. Durante meio ano ela havia sabido que Suzanne Reuben, a matemática da Universidade Humboldt, era apenas um déci¬mo da história. Patrice conhecia quase todo o resto da verdade e, destruindo o assoalho da sala de visitas com seus saltos pontia¬gudos ao andar de um lado para outro, enumerou com precisão os nomes, lugares e datas aproximadas, um dossiê memorizado com uma obsessividade que se igualava à dele. A jovialidade que demonstrara na casa, ela disse, servia apenas para ocultar sua infelicidade, o caso com Tarpin supostamente a salvaria da hu¬milhação. Queria saber como ele podia explicar onze casos em cinco anos. Beard estava prestes a falar sobre a mãe dele, que registrara uma contagem bem mais impressionante, quando Pa¬trice saiu da sala. Ela viera falar, não ouvir. Aqui estava afinal a confrontação que ele desejara todos aqueles meses. Agora nem sabia por quê. Continuou recostado no sofá, com as pernas pou¬sadas na mesa de centro feita de vidro, os olhos fechados, come-çando a antegozar o ar frio e puro do deserto ártico.

Em fins de fevereiro, como havia arranjado para ir direto do Centro para Heathrow, a festa na sala de estar aconteceu enquanto o táxi esperava do lado de fora e a mala entupida com suas velhas roupas de esqui aguardava junto à porta. Havia agora sessenta e um empregados em tempo integral, e quase todos se api¬nharam na sala para ouvir o discurso de Jock Braby, uma vez que essa não era apenas uma despedida, mas também a celebração do objeto reluzente de aço apoiado em dois caixotes no meio do aposento, um protótipo desenhado e

montado em tempo recor¬de, pronto para ser testado nos túneis de vento de Famborough, a turbina de hélice quádrupla de Tom Aldous. Muitos repararam que, embora mais intrincada, ela se assemelhava ao modelo do DNA de Crick e Watson sem os pares de base, alguns dos presentes tentando se recordar da famosa observação de Rosalind Franklin de que aquilo era bonito demais para não ser verdadeiro — ou, no caso atual, para não funcionar. No discurso, Braby lembrou à equipe que era demasiado cedo para as congratulações, ha¬via mais trabalho a ser feito, porém queria que todos vissem o quanto o projeto avançara e quão revolucionário seria. Com um lirismo pouco comum, invocou a imagem de uma cidadezinha vista de uma colina próxima, com cinco mil tetos rebrilhando na luz do sol poente enquanto as turbinas prateadas giravam, bem mais bonitas, segundo ele, do que as antenas de TV que haviam transformado as paisagens urbanas na década de 50.

Tom Aldous se manteve atrás o tempo todo e deu a impres¬são de estar evitando Beard, o que lhe pareceu correto porque ambos sabiam que o projeto estava fadado ao insucesso, c o re¬conhecimento mútuo desse fato seria de mau gosto no momento em que todos os demais estavam tão felizes. Braby se voltou então para Beard e lhe desejou felicidades na viagem de oito semanas que, ele bem sabia, comportava riscos e dificuldades. Lembrou que os modelos climáticos haviam previsto que os primeiros e mais radicais sinais do aquecimento planetário seriam observados no Ártico, expressando seu orgulho de que o próprio Chefe do Cen¬tro — muitos risinhos carinhosos acompanhando tal manifesta¬ção — fosse enfrentar as mais duras condições a fim de ver com seus próprios olhos.

Beard deu então um passo adiante para pronunciar algumas palavras. Não podia imaginar onde Braby fora buscar a idéia de que ficaria oito semanas fora. A viagem ia durar seis noites, po¬rém não era de bom-tom contradizer um colega em público. Tam¬bém não mencionou o navio bem aquecido e as lâmpadas com borlas, confessando-se em vez disso orgulhoso e entusiasmado com o fato de pertencer a uma instituição destinada a realizar “gran¬des conquistas” (não se permitiria ser mais específico), predi¬zendo que algum dia o Centro seria mais famoso que seu rival americano na cidade de Golden, no Colorado. Um brinde, uma salva de palmas, uma rápida sucessão de apertos de mão e pal¬madinhas nas costas, e lá foi Beard rumo ao táxi, com o próprio Jock Braby levando a mala. Quando o carro arrancou, os rabos de cavalo soltaram gritos e bateram no teto do veículo, mas Aldous não estava entre eles.

Malgrado todas as horas que passava viajando, Beard nun¬ca se adaptara bem àquilo, não porque fosse desorganizado ou tivesse medo, mas porque os longos deslocamentos sempre lhe causavam certa deficiência mental, um vazio, um tédio inquie¬to que, ao apertar o cinto no avião, ele imaginava ser o retrato fiel de seu estado de espírito, habitualmente obscurecido pelos afazeres cotidianos ou pelo sono. Era incapaz de ler coisas sé¬rias num avião. Mesmo em terra firme, não lia nenhum livro de cabo a rabo. Contava-se entre aqueles viajantes que ficam olhan¬do pela janela, haja ou não algo a ver, que contemplam o assento em frente ou passam os olhos de trás para diante na revista de bordo. Na melhor das hipóteses, lia uma revista de populariza¬ção científica, tal como o Scientific American que tinha agora em mãos, a fim de se manter a par, em linguagem leiga, dos avanços recentes, sobretudo na área da física. Mas não se concentrava suficientemente devido ao velho e inconveniente hábito de estar alerta para encontrar seu nome. Ele o via em negrito. O nome pulava diante de seus olhos de uma página dupla e em letrinhas pequenas que ainda não lera, e às vezes o sentia vindo antes mes¬mo de virar a página. Outra distração era a percepção demasiado precisa de onde se encontrava o carrinho de bebidas no corredor do avião, com aquele tilintar abafado e sua aproximação assimptótica. E, com ou sem um drinque, ele era chegado, em grandes altitudes, a se entregar a sinuosas fantasias ou memórias sexuais, quando não a uma mistura de ambas.

No entanto, enquanto o avião tomava o rumo norte e ainda ecoavam em seus ouvidos os aplausos dos colegas, Beard fez o possível para ler com seriedade um artigo vívidamente ilustrado sobre fótons e antimatéria. Como era de esperar, cinco minutos depois sentiu o pequeno salto do coração ao ver entre parênteses a referência à Conflação Beard-Einstein. Não o Condensado de Bose-Einstein, não o Paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen, não Einstein puro, mas a joia preciosa que, num impulso de genuína alegria, o fez desejar ainda mais a chegada do carrinho, distante dois metros e meio de seu assento. Ele tinha perfeita consciên¬cia da singularidade pela qual o diminuto veículo de seu talento, um triciclo de criança, se aproveitara do vácuo criado pelo imenso caminhão de um gênio histórico. Einstein moldou a compreensão da humanidade com respeito à luz, à gravidade, ao espaço, ao tempo, à matéria e à energia, fundou a cosmologia moderna, se pronunciou acerca da democracia, de Deus ou de sua ausência, advogou em prol da bomba atômica e depois contra ela, tocou violino, velejou, deu o dinheiro de seu Prêmio Nobel à primeira mulher, inventou uma geladeira. Beard nada tinha além da Conflação, ou de sua metade dela. Tal qual

um náufra¬go, agarrara-se a uma única tábua e se considerava um privile¬giado. Como havia acontecido aquilo? Talvez fosse verdade que o Comitê, dividido raivosamente entre três candidatos mais for¬tes, optara pelo quarto. Seja como for que ocorrera a escolha do nome de Beard, havia um sentimento generalizado de que era a vez de um físico britânico, embora em certos círculos se ouvis¬sem resmungos no sentido de que o Comitê, ao buscar uma so¬lução conciliatória, havia confundido Michael Beard com sir Michael Bird, o prendado pianista amador que trabalhava na área da espectroscopia do neutrón.

Ignorando esses rumores maldosos, ele se recordava com prazer do breve estado de graça, daqueles meses abençoados de cál-culos e revisões frenéticas numa antiga casa paroquial nas South Downs, apanhado na armadilha de som formada pelas reclama¬ções de sua primeira mulher, Maisie, e o berreiro incessante dos bebês gêmeos de seus inquilinos. Que feito de concentração! Tan¬to tempo se passara, difícil relembrar o tipo de pessoa compul¬siva que ele era ou a verdadeira textura daqueles dias. Às vezes lhe parecia haver pegado carona a vida inteira no trabalho de um jovem, um físico teórico mais competente e mais devotado do que ele jamais poderia ser. Cumpria reconhecer que o físico de vinte e um anos era um gênio. Mas onde estava ele agora? Seria ele realmente o mesmo Michael Beard cuja apresentação levara Richard Feynman a explodir de empolgação e interrom¬per os procedimentos da Conferência de Solvay de 1972? Será que alguém ainda se lembrava do “momento mágico” de Solvay ou com ele se importava? Quanto aos gêmeos chorões, Beard os vira no ano anterior quando um deles se casou: dois sujeitos gorduchos na faixa dos trinta anos, um dentista e um gerente de hedge fund, identicamente pomposos. Tão velhos quanto a Conflação.

Depois dos drinques, do almoço e de mais drinques, ele permitiu que a revista escorregasse do colo e, olhando fixamente para o botão que prendia o protetor de cabeça do assento da frente (não conseguira ficar junto à janela), Beard se entregou às fan¬tasias de costume, tomando como um belo sinal de recuperação da saúde mental o fato de que Patrice não era seu único objeto de contemplação. Havia recebido notas biográficas e fotografias dos outros membros do grupo que o acompanharia no fiorde con¬gelado e se impressionara com o sorriso de uma artista conceitual, Stella Polkinghorne, cujo nome não era estranho nem para ele. Sua aparição mais recente na mídia se devia a uma acusação de violação de direitos autorais que não chegara aos tribunais. Ela havia instalado para a Tate Modem um gigantesco jogo de Monopólio num campo de futebol em Catford. Cada lado do tabuleiro media cem metros, permitindo que as pessoas

visitas¬sem as casas de tamanho quase normal na Park Lane e na Old Kent Road, vendo assim como a distribuição desigual de renda se refletia nas diferentes acomodações. Nas casas desertas dos ri¬cos do bairro de Mayfair, tapeçarias, gravuras de Dürer e garrafas de champanhe vazias, enquanto na Old Kent Road, em meio aos pobres do lado leste, embalagens de junk food, seringas des¬cartadas, uma televisão exibindo novelas. Os dados tinham dois metros de altura, as cartas eram baixadas por um guindaste, o papel-moeda feito de madeira compensada e com as pontas amassadas se acumulava no gramado em pilhas instáveis de vin¬te e cinco metros de altura. No todo, a condenação, assim se supunha, de uma cultura obcecada pelo dinheiro. A mostra foi aclamada, vilipendiada, fotografada do ar pelos passageiros dos aviões que desciam no aeroporto de Heathrow. As crianças gos¬tavam de correr pelo tabuleiro em manadas e entrar no marca¬dor com formato de cartola. Os fabricantes do jogo iniciaram uma ação judicial, abandonada devido ao escárnio público e ao aumento das vendas. Uma associação de comerciantes da Old Kent Road também entrou com uma ação, ou disse que entraria, mas nada mais se ouviu sobre o assunto.

O sorriso sem corpo de Polkinghorne presidiu as reflexões melancólicas de Beard sobre o fim de seu casamento. Ele sentiu uma suave mescla de tristeza, raiva, nostalgia (os primeiros meses haviam sido paradisíacos) e um sentimento cálido de fracasso, em que se perdoava pelo que fizera. Havia também que conside¬rar a repetição. Cinco era o bastante. Nunca se casaria de novo — e ao pensar nisso veio o reconhecimento, que já sentira no passado, da liberdade reconquistada. Quando tudo ficasse acerta¬do, compraria um pequeno apartamento em Londres, seria res¬ponsável apenas por si próprio, defenderia com unhas e dentes sua independência e se curaria do estranho vício do matrimônio que o havia acompanhado pela vida inteira. Precisava de aman¬tes, não de esposas.

Deixou-se processar passivamente em Oslo e depois em Trondheim. O vôo para Longyearbyen atrasou duas horas e meia, durante as quais ficou sentado numa cadeira de plástico que ten¬tava reproduzir o molde de seu traseiro, lendo o Herald Tribune com absoluta concentração e sem lembrar uma só linha do que lera. Eram três da madrugada quando seu táxi parou diante dos imensos montes de neve em frente ao hotel. Fazia muitas horas que não comia nada. Vestindo suéter, anoraque e ceroulas, se deitou na cama, cercada em três lados por robustas vigas de ma¬deira, após comer todos os salgadinhos que encontrou no frigobar e também todas as coisas doces. Foi acordado pela recepção às oito da

manhã e informado de que todo mundo esperava por ele no andar térreo, dando-se conta então de que ainda segurava o invólucro da barra de chocolate.

Sua necessidade imediata consistia em matar a sede, po¬rém a água da torneira era tão gélida, queimava tanto os lábios, que, depois de bebê-la com avidez, ele passou a sentir pontadas de dor nas bochechas e nas têmporas. As pontadas não haviam amainado quando, ainda aturdido pela falta de sono, desceu le¬vando a bagagem para encontrar seus companheiros — que já tinham tomado o café da manhã e, fazendo a maior algazarra, vestiam as roupas especiais para a viagem de skidoo. No vestíbu¬lo, a luz fraca gerada por baterias solares e o amontoado de cor-pos com indumentárias pesadas não lhe permitiram ver Stella Polkinghorne. Sim, agora se recordava da barulheira histérica que fazem os ingleses ao se reunirem em grandes grupos. De cada canto do aposento apinhado de gente vinham lufadas repentinas de riso individual e rajadas de gargalhadas coletivas. E não passa¬va das oito e vinte da manhã. Com um sorriso forçado, fingindo corajosamente que não se sentia oprimido, apertou muitas mãos e ouviu muitos nomes sem guardar nenhum porque seus pen¬samentos estavam concentrados no café que já não tinha tempo de beber. Como é que poderia começar o dia sem ele? A cafetei¬ra estava vazia. A mesa do café da manhã estava sendo desfeita por uma moça que não falava inglês e não conhecia a palavra café, de uso planetário, nem mesmo quando pronunciada em voz bem alta. Naquele momento, um dos organizadores, um ho¬mem enorme com cara de alce chamado Jan, lhe disse que era tarde demais para tomar café e o levou até sua pilha de roupas para uso do lado de fora, explicando que tinha de andar depressa porque se esperava uma nevasca para dali a duas horas e o grupo precisava iniciar a viagem.

O lugar estava ficando vazio e ele ainda não se aprontara. Um homem muito idoso, com neve na barba e um cigarro úmi¬do e apagado pendurado no lábio inferior, entrou resmungando, mal-humorado, pegou num arranco a mala de Beard e a levou para um trenó rebocado por um skidoo, partindo logo a seguir. Tanto a garçonete como Jan haviam sumido, deixando Beard so¬zinho no vestíbulo. Essa era uma experiência havia muito esque¬cida de seus tempos de estudante, quando não apenas se atrasava, mas se sentia ignorante, incompetente e infeliz, enquanto todo mundo misteriosamente sabia de tudo e parecia estar em con¬luio contra ele. O gordo Beard, sempre o último, inútil nos jogos e brincadeiras. Essa memória fez aumentar sua indecisão e falta de jeito. Embora estivesse vestindo várias camadas de roupas de inverno, era obrigado a entrar naquela pele adicional, usando até mesmo suas botas dentro de outro par. Havia

luvas internas e gigantescas luvas externas, uma pesada balaclava feita de forro de tapete para usar por cima do gorro, além de grandes óculos de proteção e um capacete de motociclista.

Envergou a roupa — que devia pesar uns dez quilos —, pôs a poeirenta balaclava, enfiou a cabeça no capacete, calçou as luvas internas e as externas, para só então se dar conta de que não seria capaz de colocar os óculos de proteção usando as luvas. Ti-rou as luvas, ajeitou os óculos, calçou de novo as luvas internas e as externas, lembrando-se no final de que teria de guardar seus próprios óculos e luvas de esqui, o cantil para bebidas e o creme labial que estavam na cadeira ao lado. Tirou mais uma vez as lu¬vas internas e as externas, guardou as coisas num bolso de dentro da jaqueta após lutar com o zíper da roupa de fora e, depois de voltar a calçar as luvas internas e as externas, descobriu que o ar quente e úmido do vestíbulo, somado à perspiração causada por sua impaciência, estava embaçando os óculos de proteção. Aca¬lorado e exausto — uma péssima combinação —, levantou-se bruscamente e, ao se voltar exasperado, colidiu com uma coluna ou viga de madeira (não saberia dizer, pois não deu para ver o que era). Pelo barulhão que se ouviu, foi uma sorte que o ganhador do Prêmio Nobel estivesse usando um capacete. O crânio nada sofreu, mas agora havia uma rachadura diagonal no lado esquer¬do dos óculos de proteção, uma linha quase reta que refratava e deformava a fraca luz amarelada do vestíbulo. Para remover a condensação nos óculos, precisou tirar as quatro luvas, o capace¬te e a balaclava, o que se tornara agora mais difícil porque suas mãos estavam suadas. Removidos os óculos, foi fácil levá-los para a mesa de café da manhã quase vazia e pegar um guardanapo de papel amassado, embora não muito usado, a fim de limpar as lentes. Talvez fosse manteiga, conquanto também pudesse ser mingau ou geleia, aquilo que borrou o plástico já rachado, porém ao menos a condensação foi eliminada. Após recolocar a balacla¬va, também foi relativamente fácil prender os óculos em volta do capacete, enfiá-lo na cabeça, calçar as quatro luvas e se pôr de pé, por fim pronto a arrostar as forças da natureza.

Como sua visão havia ficado bastante limitada pelo novo revestimento alimentício, só então viu sob a cadeira as botas dei¬tadas de lado. Tirou mais uma vez as luvas — estava decidido a não se aborrecer — e, depois de batalhar por algum tempo com os cadarços, resolveu que veria bem melhor sem os óculos de proteção. A visão clara confirmou que as botas eram pequenas demais, pelo menos uns três números, trazendo-lhe certo alívio verificar que a incompetência não era só dele. Mas, como não lhe faltava coragem, achou que devia fazer mais

uma tentativa — e foi assim que, ao entrar no vestíbulo seguido de uma rajada de ar glacial, Jan o encontrou tentando enfiar o pé calçado com a bota num sapato de neve forrado de pele. “Meu Deus, você está louco?”

O gigantesco homem-alce se ajoelhou na frente dele e, com uns puxões impacientes, removeu as botas, uniu com um laço os cadarços e as pendurou em volta do pescoço de Beard.

“Tente agora”.

Seus pés escorregaram para dentro dos sapatos, Jan apertou os cadarços com gestos rápidos e se levantou. “Depressa, vamos embora!”

Talvez tenha sido seu embaraço que fez com que os ócu¬los voltassem a ficar embaçados, porém ele tinha uma boa idéia de onde ficava a porta e a vaga silhueta do ombro de Jan para guiá-lo.

“Você já dirigiu um skidoo?”

“Claro”, mentiu.

“Muito bem. Quero alcançar os outros.”

“A que distância fica o navio?”

“Cento e quinze quilômetros.”

Ao saírem, o vento o esbofeteou com tanta força quanto Tarpin o fizera, provocando a mesma ardência posterior. O vapor condensado dentro dos óculos congelou imediatamente, deixan¬do apenas uma fresta pela qual ele seguia a silhueta de Jan, tor¬nada ainda mais indistinta pelo revestimento de geléia. Depois de trilharem por dez minutos um caminho aberto na neve alta entre as casas, chegaram aos limites da cidadezinha e descorti¬naram uma vasta planície branca que se perdia ao longe no ne¬voeiro. Talvez fosse uma pista de pouso, pois ali perto, tangida pelo vento, havia uma biruta cor de laranja quase na horizontal. Junto a uma vala, dois skidoos emitiam ruidosamente suas pró¬prias névoas azul-escuras.

“Eu vou atrás”, disse Jan. “No mínimo cinquenta quilôme¬tros por hora se quisermos chegar antes da tempestade. Certo?”

“Certo.”

Mas não estava nada certo. O vento soprava forte e batia de frente. No fundo do capacete, os lobos das orelhas já estavam dormentes, assim como a ponta do nariz e os dedos do pé. Para ver, era obrigado a inclinar a cabeça e fixar a vista através de uma área de semi-claridade cada vez menor, evitando ao mesmo tem¬po a rachadura reluzente sobre o olho esquerdo. Mas tudo isso era o de menos, ele podia suportar bem a cegueira e a dor. Um problema mais urgente o oprimia ao se aproximar do skidoo. Na pressa e confusão daquela manhã, deixara de executar suas ro¬tinas matinais. Não se barbeara ou lavara, e só havia pisado no banheiro para tomar meio litro de água super-gelada. Logo de¬pois, saíra correndo do quarto com a mala. Agora, com vinte e seis graus abaixo de zero e vento de força cinco, tendo de correr porque uma tempestade se avizinhava, Jan já havia montado no skidoo e acelerava o motor, enquanto Beard, aprisionado dentro de muitas camadas de roupas rebeldes, precisava urinar.

Tanto quanto podia, olhou à sua volta. As casas mais próxi¬mas, a quatrocentos metros de distância, exibiam grandes pare¬des brancas e uma ou duas janelas minúsculas — sem dúvida de banheiros. Ah, estar lá num aposento aquecido e revestido de azu¬lejos, descalço e de pijama, dando uma mijada sem pressa antes de se enfiar debaixo do edredom por mais uma hora. Mas podia ir ali mesmo, na vala, virar de costas para o vento, remover as lu¬vas, lutar com os dedos expostos contra o grosso zíper congelado da roupa de fora, explorar sob a jaqueta até encontrar as fivelas de ombro do macacão de esqui e de algum modo baixá-lo, es¬cavar por baixo do suéter, da camisa, da camiseta comprida de seda, da ceroula e da cueca até, por fim, alcançar o momento de alívio sobre o qual não ousava pensar. Não, era difícil demais, teria de esperar — sem dizer que se sentiu melhor uma vez acomodado no selim do skidoo.

Era uma motocicleta pouco potente, montada sobre esquis, e bem fácil de dirigir. Bastou uma torção do acelerador no guidom direito para que o troço pulasse para a frente com o guin¬cho agudo de um motor sobrecarregado e uma baforada negra e malcheirosa do cano de descarga. Em segundos já ia aos saltos pela planície, seguindo, através das frestas dos óculos de prote¬ção, as marcas deixadas pelo resto do grupo, felizmente ilumina¬das lateralmente pelo sol em ascensão. O vento, de repente um vendaval com rajadas de cem quilômetros por hora, varava suas camadas de roupa, enquanto os pelos do nariz se transformavam em pinos de aço, todos os dentes doíam e a pele do rosto parecia

estar em carne viva. Por um milagre de osmose, todo o ar que exalava conseguia penetrar por baixo dos óculos e congelar, fa¬zendo com que, dez minutos depois, ele só visse cristais difusos e tivesse de parar. Jan parou a seu lado. Surpreendentemente, se mostrou compreensivo.

“É isso que a gente faz.”

Levantou uma fina aba de alumínio e encaixou os óculos em cima do motor. Encontravam-se numa faixa de terra com uns trezentos metros de largura que corria entre dois lagos, ou talvez fosse uma baía e o mar estivesse perto, porém Beard sentia frio demais para perguntar. O sol da manhã tingia a neve sem fim de uma coloração alaranjada, e as marcas de skidoo apontavam di¬retamente para uma distante cadeia de montanhas baixas, acima ou atrás da qual pairava um longo tubo de nuvens escuras. Ele poderia dar alguns passos para o lado e se aliviar enquanto espe¬ravam, porém o vento agora estava ainda mais intenso e talvez a necessidade não fosse de fato tão premente. Era incrível, pensou, não, era criminoso que os cidadãos de Spitsbergen consideras¬sem razoável, num clima daqueles, andar numa espécie de mo¬tocicleta quando algum veículo misericordiosamente fechado, provido de um aquecedor, um limpador de pára-brisa decente e um assento com encosto — um carro! —, poderia salvar uma ou duas vidas. Sua indignação o distraiu por alguns momentos, e só quando estava sentado de volta no selim, usando os óculos descongelados e sendo chicoteado pelo ar cortante é que se deu conta de haver chegado a um ponto em que cumpria fazer uma opção imediata: parar e urinar já; permitir que sua bexiga estou¬rasse e uma infecção interna o matasse; ou se molhar todo e mor-rer congelado. No entanto, foi em frente. Imaginou que deviam faltar uns cem quilômetros e estava fazendo uns quarenta por hora. Duas horas e meia. Claramente impossível.

Mas nem assim parou. Distraiu-se com a tentativa de lem¬brar a última vez que urinara. Sem dúvida no aeroporto de Longyearbyen, enquanto esperava pela bagagem tarde da noite, na antevéspera. Trinta e cinco horas sem mijar. Teria simplesmente se esquecido? Havia estado assim tão ocupado?

Parou no instante em que compreendeu que o frio é que o havia confundido e feito acrescentar um dia. Em sua ânsia, quase caiu do skidoo. Ouviu o veículo de Jan se chocar com a traseira do seu, porém não olhou para trás enquanto se afastava às pres¬sas. Estavam agora num terreno diferente. As marcas desenha¬vam um S estreito numa ravina ladeada por paredões de rocha e gelo com dez metros de altura. Um senso vestigial de decência o levou para a base de

um dos paredões, como se ali houvesse um mictório, onde se dobrou para a frente, dando as costas ao vento e usando os dentes para puxar a luva externa da mão direi¬ta. Ouviu Jan chamá-lo, mas não tinha condições de ouvir nada naquela hora. Mordendo a ponta de um dedo a cada vez, tirou as duas luvas. Imediatamente sua mão ficou lenta e insensível. Levou mais de dois minutos para abrir o zíper da roupa de fora e, ao descobrir que necessitava das duas mãos para afastar a jaqueta e atingir as fivelas nos ombros do macacão, removeu as luvas da mão esquerda com a entorpecida mão direita. Mais uma vez os óculos estavam ficando embaçados e congelados. No entan¬to, tinha de admirar a calma com que ia vencendo as camadas de roupa enquanto seu precioso calor corporal se esvaía no frio cruel, e o vento, contornando suas costas, ricocheteava no pe¬nhasco e lhe fustigava o rosto. Só nos momentos finais, quando chegou à cueca a mão rosada e dormente, tão fria quanto a de um estranho, ele pensou que poderia perder o controle. Mas por fim, com um grito de júbilo que se perdeu na ventania, dirigiu o jato para o muro de gelo.

Seu erro consistiu em esperar alguns segundos no final, co¬mo tendem a fazer os homens de sua idade, conscientes de que pode vir mais. Devia ter virado a cabeça para ouvir o que Jan havia gritado. Ou talvez só teria evitado o inevitável se houves¬se aceitado um dos outros convites, para as Seychelles, Joanes¬burgo ou San Diego. Ou ainda, como pensou depois com certo amargor, se a mudança climática e o aquecimento radical no Círculo Ártico estivessem ocorrendo de fato e não fossem apenas uma fantasia criada pela imaginação dos ativistas. Isso porque, terminada a função, ele descobriu que seu pênis se colara ao zíper da roupa externa, congelando-se ao longo da extensão do fecho ecler como a carne sói fazer em contato com um metal em tem¬peraturas inferiores a zero. Desperdiçou preciosos segundos contemplando, em choque, a situação. Quando por fim deu uma puxadinha tentativa, sentiu uma dor terrível. E vale notar que já sentia bastante dor por causa do frio.

Continuou parado, com as pernas afastadas, encarando a parede rochosa. Não ousava, como faria no caso de um esparadra¬po, se livrar com um único repelão. Lera a história de um aven¬tureiro americano que, explorando sozinho uma região inóspita, ficou com o braço preso sob uma pedra e o serrou na altura do cotovelo com o canivete. Beard não tinha esse tipo de intre¬pidez, embora um cotovelo, um antebraço, uma mão fizessem parte de um par e fossem até certo ponto dispensáveis. Enquan¬to o vento polar golpeava com fúria a superfície do penhasco e ricocheteava em seu corpo trêmulo, ele viu com horror que o pênis encolhera ainda mais e se grudara por completo ao zíper. Não apenas encolhia a

olhos vistos, mas também estava ficando branco. Não o branco de uma página virgem, mas o prateado brilhante de uma bola de árvore de Natal.

Estava à beira do pânico, porém não se sentia capaz de pe¬dir socorro. Era mais difícil evitar o pânico com a cabeça envolta por um forro de tapete e um grosso capacete, além de óculos que permitiam uma visão cada vez mais restrita. Sem saber o que fazer, cobriu o pênis com a mão em concha, conquanto ela pa¬recesse um bloco de gelo. Estava começando a se sentir mole, quase sonolento, como costuma acontecer às pessoas submetidas a um frio extremo. Seus pensamentos também se processavam em câmera lenta. Viu Jock Braby desfiar seu obituário na televi¬são com um sorriso magnânimo. Ele foi conhecer o aquecimento global com seus próprios olhos. Bobagem, sem dúvida iria sobre¬viver. Mas a verdade era que seria uma vida sem pênis. Como suas ex-esposas, em especial Patrice, se divertiriam! Embora ele não fosse contar para ninguém. Levaria uma vida tranquila com seu segredo. Viveria num monastério, faria caridade, visitaria os pobres. Ainda indeciso, imaginou pela primeira vez em sua vida adulta se havia algum propósito na existência humana e em en¬tidades como os deuses gregos, impondo ironias, se vingando, ditando sua dura justiça.

Mas o racionalista que habitava em Michael Beard não se entregava assim à toa. Havia um problema, e ele devia tentar re¬solvê-lo. Com sombria determinação, procurou algo no bolso in¬terno da jaqueta. Após obter o doutorado, havia trabalhado por algum tempo na área da física de baixas temperaturas, porém mesmo quando era um colegial, o Gordo Beard, ruim nos es¬portes, estudante aplicado de ciência, ele conhecia as noções fun¬damentais. O etanol puro congelava a menos cento e catorze graus centígrados, e todo mundo sabia que o conhaque continha quarenta por cento de etanol, tendo, assim, um ponto de con¬gelamento de… menos quarenta e cinco vírgula seis graus cen-tígrados. Por fim alcançou o cantil, retirou a tampa após breve refrega e derramou uma porção generosa do líquido: em poucos segundos estava livre.

Ao guardá-lo, seu sofrido pau estava tão duro quanto gelo, mas já não mais branco. Também doía tremendamente, como se picado por uma agulha quente, o que tornou mais lentos os esforços para se vestir. Depois de dez minutos, por fim inteiro, deu meia-volta e caminhou aos tropeços até o skidoo, onde o guia o esperava.

“Desculpe, uma necessidade biológica.”

Jan o pegou pelo cotovelo. “Você não está bem, meu ami¬go. Olhe, deixou cair as botas do pescoço. Vamos juntos no meu skidoo. Pegamos o seu mais tarde.”

Deixou-se levar até o skidoo de Jan e foi lá que ocorreu a calamidade. Ao erguer a perna para se aboletar no lugar atrás do guia, sentiu uma terrível dor dilacerante no ventre, e até mesmo pensou ter ouvido algo se quebrando, como um parto, como uma geleira parindo icebergs. Deu um berro e Jan se voltou para ampará-lo, ajudando-o a acomodar-se.

“Agora é só uma hora. Você vai ficar bem.”

Alguma coisa fria e dura tinha caído do ventre de Beard e se enfiado pela perna do macacão, estando agora alojada um pouco acima da patela. Pôs as mãos entre as pernas e não encon¬trou nada. Levou a mão ao joelho e o abominável objeto, com uns cinco centímetros de comprimento, era tão duro quanto um osso. Não dava a impressão de ser ou de ter sido parte de seu cor¬po. Jan deu a partida e saíram a toda, saltando sobre quinas de gelo tão duras quanto se feitas de concreto, desviando bruscamente de montes de neve quase verticais qual corredores impruden¬tes num velódromo. Por que ele não estava em casa, deitado na cama? Beard tentou escapar dos ventos se encolhendo atrás das largas costas de Jan. A sensação de queimadura no ventre estava se espalhando, seu pênis resvalara para trás do joelho, enquanto eles seguiam velozes na direção errada, rumo ao polo norte e a uma região ainda mais inóspita, rumo às trevas glaciais quando deviam estar indo para uma bem iluminada sala de primeiros socorros em Longyearbyen. Sem dúvida o frio intenso poderia lhe ser benéfico, mantendo o órgão vivo. Mas quem executaria a microcirurgia? Em Longyearbyen, com mil e quinhentos habi-tantes? Beard achou que ia vomitar, mas, em vez disso, enfiou as mãos pelo cinto nas costas da jaqueta de Jan e deixou a ca¬beça tombar na coluna vertebral de seu protetor. Adormeceu e só acordou com o súbito silêncio do motor do skidoo, vendo então se erguer da neve o casco escuro do navio onde passaria a semana.

Na verdade, Beard era o único cientista em meio a um ban¬do de devotados artistas. O mundo inteiro e suas loucuras, uma das quais era o aquecimento do planeta, ficava ao sul de onde se encontravam, o que parecia ser em todas as direções. Antes do jantar daquela noite no refeitório, o organizador, Barry Pickett, um sujeito de rosto bondoso e muito enrugado que havia atraves¬sado o

Atlântico sozinho num barco a remo antes de se dedicar a gravar a música da natureza (o farfalhar das folhas, o quebrar das ondas), abriu o Seminário dos Oitenta Graus Norte de La¬titude.

“Somos uma espécie social”, ele começou com o tipo de floreio biológico que costumava deixar Beard de pé atrás, “e não podemos sobreviver sem algumas regras básicas. Aqui nestas pa¬ragens e nas condições que enfrentamos, elas são ainda mais importantes. A primeira tem a ver com a sala das botas.”

Era bastante simples. Embaixo da casa do leme havia um vestiário acanhado e mal iluminado. Ao subir a bordo, todos ti¬nham de parar lá a fim de remover e pendurar as roupas de fora. Sob nenhuma hipótese era permitido levar trajes molhados, com neve ou gelo para outras áreas do navio. Os itens proibidos in¬cluíam capacetes, óculos de proteção, balaclavas, luvas, meias e roupas de skidoo. Úmidos, cobertos de neve, congelados ou secos, tudo devia ficar na sala das botas. Quem descumprisse a regra seria sumariamente executado. A afirmação foi recebi¬da com risadas condescendentes dos joviais artistas, gente sen¬sata, de bochechas rosadas, vestindo suéteres folgados e camisas de trabalho. Imprensado num canto com seu quinto copo de vin de pays, entupido de analgésicos, por temperamento hostil a grupos, Beard ensaiou um sorriso fingido. Não gostava de fazer parte de nenhum agrupamento, mas preferia que seus compa¬nheiros não soubessem disso. Outras regras foram apresentadas, porém ele já não conseguia prestar atenção. De trás de Pickett e da cozinha, que ficava do outro lado de uma parede de carvalho envernizado, vinha o aroma de alho e de carne sendo fritada, além do ruído de colheres se chocando contra as panelas e os rugidos intimidadores do chef internacional admoestando um ajudante. Difícil ignorar tudo aquilo quando já eram oito e vinte e não havia sido servida nenhuma comida durante horas. A ca¬pacidade de comer quando queria era uma das liberdades que Beard deixara para trás no tresloucado sul.

Ao longo do dia o sol se mantivera, se tanto, cinco graus acima do horizonte, e às duas e meia da tarde, como se abandonan¬do um mau emprego, desaparecera de vista. Beard testemunhou aquele momento através de uma escotilha junto à estreita cama onde jazia em meio a dores pavorosas. Viu a imensa planície co¬berta de neve do fiorde se tornar azul e depois negra. Como po¬deria ter imaginado que passar dezoito horas por dia confinado com vinte outras pessoas constituía um portal para a liberdade? Na chegada, ao atravessar o refeitório a caminho da cabine, a primeira coisa que havia visto, encostado num canto, tinha sido um violão, certamente à espera de quem o dedilhasse e de uma tirânica

cantoria coletiva. Boa parte de uma estante era tomada por jogos de tabuleiro e vetustos baralhos. Igual sorte o esperaria caso houvesse se internado num asilo de velhos. O Monopó¬lio sem dúvida era um dos jogos, o que significava uma causa adicional de pesar. Depois de ajudá-lo a descer do skidoo, Jan praticamente o carregou pela prancha de embarque e o levou à sala das botas. Movendo-se devagar, com grunhidos e gemidos, Beard começou a remover as camadas externas, abrindo o zíper do traje de skidoo, apavorado com o que em breve descobriria. Na obscuridade do aposento, levou algum tempo até achar um lugar vazio para pendurar suas coisas. Ao ocupar o gancho nú¬mero 28, ouviu uma voz grave e doce de mulher dizer às suas costas em tom amigável:

“Isto aqui acaba de cair de suas calças.”

Ele se voltou. Era Stella Polkinghorne lhe oferecendo algu¬ma coisa fina e cinzenta que segurava entre o indicador e o polegar.

“Acho que é seu creme labial.”

Ela declinou seu nome, ele fez o mesmo, apertaram-se as mãos. Ela disse que estava profundamente honrada em conhe¬cer um grande cientista, ele disse que era desde muito um admi¬rador de seu trabalho. Só então as mãos se afastaram. Não se tratava exatamente de um rosto bonito, e sim largo e amistoso, com fios de cabelo louro escapando por baixo de um gorro de lã. Ele gostou do jeito como o olhar curioso de Stella encontrou o seu. Um dente da frente quebrado lhe dava um ar audacioso, en-graçado. Disse que sempre desejara conhecê-lo e Beard afirmou sentir o mesmo com relação a ela — que, embora aparentemen¬te sem querer ir embora, não conseguiu pensar em nada mais para dizer. As voltas com a dor, ele também não.

Stella então se despediu com um “nos vemos depois”, perdendo-se no interior do navio.

Durante toda a tarde, ele ficou na cama em meio a um nevoeiro de elucubrações e arrependimentos, examinando e reexa¬minando a pele ferida, planejando o retorno imediato, repassan¬do o encontro com Stella. Podia enviar um e-mail exigindo sua volta urgente à Inglaterra. Mas não conseguia conceber a viagem de volta ao aeroporto no skidoo. Um helicóptero teria de vir de Longyearbyen. Quanto custaria? Talvez mil libras por hora. Umas três horas ao todo, valendo cada centavo para evitar ter de cantar em coro “Dez garrafas verdes”. Sempre

quisera conhecê-lo. Isso podia significar qualquer coisa. Não, só podia significar uma coi¬sa. E, por sorte, como tinha visto num quadro de anúncios, ele era o único passageiro que não dividia a cabine com ninguém. No entanto, estava fora de ação, quem sabe por várias semanas. Deu outra olhada. O ferimento parecia uma queimadura, o mem¬bro estava inchado e vermelho, ele precisava ficar sozinho, que-ria voltar para casa, devia tentar sentar-se ao lado dela no jantar. Porém Beard não estaria lá. O helicóptero estava vindo. Mas não ia voar à noite. Eles poderiam ter outras formas de sexo, ou ela poderia. De que isso serviria? Quem sabe já estava ficando melhor. Deu mais uma olhadela.

Finalmente, foram a fome e a necessidade de um drinque que o enxotaram da cabine. Depois da fala de Pickett, Beard não conseguiu sair do seu canto a tempo de sentar ao lado de Stella Polkinghorne e, em vez disso, ficou espremido entre uma parede de madeira e um famoso escultor de gelo que morava na ilha de Maiorca e se chamava Jesus, um senhor idoso com uma cara tris-tonha e um bigode branco amarelado e curvado que cheirava fortemente a charutos. Sua voz rouca e esganiçada soava como o rosnado de um urso de pelúcia. Depois de se apresentarem, Beard sugeriu que não deveria ser fácil exercer sua profissão nas Baleares. Jesus explicou que, no passado, gigantescos blocos de gelo retirados das montanhas eram fornecidos no verão aos comerciantes de peixe de Palma e fora assim que seu avô aprende¬ra o ofício, depois passado de pai para filho. Jesus ganhara muitas competições de escultura de gelo pelo mundo afora (com um triunfo recente em Riade), especializando-se em pinguins. Era importador de uísque quando não estava esculpindo, tinha qua¬tro filhos e cinco filhas, vinte anos antes havia fundado uma es¬cola para crianças cegas no porto de Andratx. Sua mulher e dois dos filhos tocavam a propriedade onde cultivava oliveiras e vinhedos na Tramuntana, no topo dos penhascos marítimos situa¬dos quinze quilômetros ao sul de Pollensa e não muito longe da famosa Cova de ses Bruixes. A dor de Beard estava diminuindo, os analgésicos exerciam um forte efeito euforizante. Nunca co¬mera nada melhor do que o bife com fritas, acompanhado da sala¬da e do vinho, que tinha em sua frente. Mesmo sabendo que mui¬tos homens se chamavam Jesus na Espanha, jamais conhecera alguém com esse nome e considerou seu companheiro uma das pessoas mais interessantes que havia encontrado em vários anos.

Respondendo a uma pergunta idêntica à que fizera, Beard disse que era um físico teórico. Isso sempre soava como uma mentira. O escultor fez uma pausa, talvez para recapitular men¬talmente algumas palavras em inglês, e então se saiu com uma pergunta surpreendente. O señor Beard teria de desculpar a in¬genuidade e

ignorância de um homem pouco instruído, porém será que a estranha realidade descrita pela mecânica quântica constituía um retrato fiel do mundo ou simplesmente um siste¬ma que por acaso funcionava? Contaminado pelo estilo cortês de Maiorca, Beard o cumprimentou pela pergunta. Ele próprio não teria sido capaz de formulá-la melhor, pois aquela era a in¬terrogação crucial que se fazia com respeito à Teoria Quântica. Era uma questão que ocupara muitos anos da vida de Einstein e o havia levado a insistir em que a teoria, apesar de correta, estava incompleta. Intuitivamente, ele rejeitava o conceito de que não havia nenhuma realidade sem um observador, ou de que essa realidade fosse definida pelo observador, como Bohr e os outros pareciam afirmar. Na memorável frase de Einstein, lá fora existia "uma situação real de fato". "Quando um camundongo observa alguma coisa", ele perguntou certa vez, "isso modifica o estado do universo?" A mecânica quântica parecia indicar que a mensuração do estado de uma partícula podia determinar instantaneamente o estado de outra partícula, ainda que situada muito longe. Mas isso era algo "espiritualista" na opinião de Einstein, uma "ação fantasmagórica à distância", pois nada po¬dia se mover a uma velocidade superior à da luz. Beard, o realista, simpatizava com a longa e fracassada batalha de Einstein contra o círculo brilhante de pioneiros da física quântica, porém cumpria reconhecer: as provas experimentais sugeriam que real¬mente era possível ocorrerem estranhas correlações à distância e que a textura da realidade nas escalas do muito pequeno e do muito grande de fato desafiava o bom senso. Einstein também estava convencido de que a matemática necessária para descre¬ver o mundo comprovaria ser, em última análise, elegante e relativamente simples. Entretanto, mesmo enquanto ele estava vivo, duas novas forças fundamentais haviam sido descobertas, e desde então o panorama se complicara com uma série confusa de novas partículas e antipartículas, além de várias dimensões imaginárias e todo tipo de acomodações esdrúxulas. Mas Beard ainda se agarrava à esperança de que, a partir de revelações adi¬cionais, surgiria um gênio capaz de propor uma teoria abrangen¬te que iria interligar tudo numa formulação surpreendentemen¬te bela. Depois de muitos anos (essa era sua piadinha, dita em tom de confidência enquanto pousava a mão no braço delicado de Jesus), ele por fim perdera a esperança de ser o escolhido para encontrar o graal.

Disse tudo isso apesar do alarido cada vez maior de vinte artistas ligados à mudança climática que se preparavam para beber mais vinho depois que os pratos foram retirados da mesa. Jesus não conseguiu ou se recusou a reconhecer o elemento de ironia nas palavras de Beard e, enquanto seu olhar triste passava em revista o aposento apinhado de gente, retrucou solenemente que era um erro

abandonar a esperança em qualquer momento da vida. Todos os seus melhores pinguins, os mais parecidos com as aves na natureza e os que melhor expressavam sua forma pura, ti¬nham sido esculpidos nos últimos dois anos, e recentemente ele começara a se dedicar aos ursos-polares, criaturas muito amea¬çadas pela temperatura em elevação e antes fora do alcance de seu poder artístico. No seu humilde entender, era importante não perder jamais a fé na possibilidade de uma profunda transformação interior. Claramente, um cientista como o señor Beard deveria lutar por sua teoria, pela beleza que ela continha, pois de que vale a vida sem as mais elevadas ambições?

Como poderia Beard confessar a Jesus que havia anos não praticava a ciência a sério e não acreditava em profundas transformações interiores? Tudo que existia era a deterioração interna e externa. Tentou trazer a conversa para o terreno mais sólido da comparação entre as esculturas de gelo de pinguins e ursos-polares, porém, ao fazê-lo, sentiu o desânimo voltar. O efeito dos anal¬gésicos se dissipava, o vinho — o mesmo vinho — agora lhe pa¬recia ralo e ácido, a alegria ao seu redor o fazia lembrar-se de que seu casamento chegara ao fim. Sentiu-se deprimido, cínico de¬mais para conviver com aquela gente. Via agora sua conversa animada como um fingimento, fruto do choque, dos remédios e da bebida.

Encerrou o diálogo, desejou boa noite a Jesus e, murmuran¬do desculpas, se esgueirou entre as cadeiras até chegar ao corredor. Por onde passou só se falava em arte e mudança climática. Na mesa mais próxima, uma coreógrafa — uma mulher que não vira antes, esbelta, bonita e transbordante de entusiasmo — descrevia com forte pronúncia francesa a dança geométrica que planejava organizar no gelo. Ele não era capaz de suportar um otimismo tão devastador. Com exceção de Beard, todos se preo¬cupavam com o aquecimento global e estavam alegres. Como única pessoa melancólica no grupo, ele só ansiava pela escuri¬dão e pelo silêncio.

Ficou deitado por muito tempo na cabine abafada, mantido acordado tanto pelo latejamento no baixo-ventre — seu coração parecia ter migrado para lá — como pelas conversas e risos, se perguntando se sua misantropia duraria toda a semana. Via ago-ra que era absurda a ideia do helicóptero. Ao abandonar a vida no remoto Belsize Park por aquele deserto sem vida, fora con-frontado com a idiotice de sua existência. Patrice, Tarpin, o Cen¬tro e os outros pseudo-trabalhos que fazia apenas mascaravam sua irrelevância. O que era a vida sem as mais elevadas ambições?

A resposta era exatamente aquilo, mais uma noite de insônia ignominiosa.

Duas horas depois, estava à beira do sono quando ouviu o som de um violão sendo afinado. Grunhiu e se voltou com raiva para o outro lado. Mas não ouviu um dedilhado forte ou gente cantando, e sim uma melodia pensativa, que soava espanhola, tocada com ternura, com uma leveza e precisão dignas de Mozart. Na manhã seguinte soube que era um estudo de Fernando Sor. Deitado em sua estreita cama, na escuridão total da cabine, não teve dúvida de que era Jesus quem tocava, como se a inter¬pretação fosse dedicada a ele. E foi essa canção melancólica que por fim o fez dormir.

A manhã já ia longe e o sol brilhava heroicamente pouco acima do reluzente fiorde enquanto Beard, movendo-se com es-forço, procurava suas coisas na sombria sala das botas. Chegou diante do gancho número 18, no qual, sem a menor dúvida, pen¬durara na véspera sua roupa de skidoo. Diretamente abaixo do gancho havia uma cesta de arame onde havia guardado os ócu-los de proteção, o capacete e itens menores; ainda mais abaixo, sob o banco feito de tábuas compridas, ficava o compartimento em que pusera as botas. Mesmo ali, sob a casa do leme, podia ouvir o rugido de muitos skidoos — aparentemente, era uma pro¬vação fazer seus motores pegarem pela manhã. Um grupo de seis, além de Jan armado com um rifle, estava prestes a subir o fiorde a fim de examinar a geleira. Cinco deles e o guia já estavam do lado de fora, batendo os pés e sacudindo os braços para se aque¬cer, à espera de Beard, como sempre o último. Alguém havia pegado seu material ou parte dele. O traje externo não estava no gancho, a cesta de arame fora empurrada para baixo do 19 e apenas suas botas — se é que eram as dele — estavam na posição correta. Os indesejáveis óculos de proteção rachados haviam sido jogados no chão.

Pegou uma roupa — provavelmente a sua mesmo — no gancho 17. Ela demonstrou ser pelo menos dois números maior, porém, depois de vestida, Beard não se sentiu inclinado a tirá-la. As botas, contudo, eram um número menor. Entre os itens guar¬dados na cesta, só faltava o forro de uma luva, problema que resolveu apanhando um forro extra no número 23 (prometendo a si próprio que o devolveria). Ao surgir no convés, foi recebido com aplausos irônicos do grupo que o esperava sobre o gelo e, entrando no espírito da brincadeira, agradeceu fazendo uma re¬verência. Mesmo apressado, teve tempo de apreciar a cena tal como vista do alto da prancha de desembarque. Havia muitas pessoas espalhadas

sobre o gelo em torno do navio. Os capacetes alteravam as proporções das cabeças e as roupas de skidoo aumentavam os traseiros, de modo que, à distância, pareciam crian¬ças no playground do jardim de infância. A coreógrafa e três ami¬gos marcavam o local onde se faria a dança geométrica; duas pessoas construíam o que poderia vir a ser um homem de neve ou uma estátua; uma figura solitária, talvez Pickett, montava um microfone entre dois cones de gelo; uma pessoa munida de motosserra ajudava outra, certamente Jesus, a pôr quatro blocos de gelo num trenó; alguém, ajoelhado, dava polimento numa lente de gelo de um metro de diâmetro. Outra pessoa andava com uma bandeira vermelha e um apito em torno de uma câmera cinematográfica montada num tripé.

Para seu próprio pasmo, ele havia se oferecido para andar de skidoo apesar do que sofrera na véspera. A claustrofobia o havia empurrado para fora, assim como a luz fulva que iluminava o fiorde vista das vigias do refeitório e o fato de não ser permitido ir a lugar nenhum sem um guia armado. Beard montou no último skidoo e o grupo saiu em fila indiana na direção leste, penetrando mais fundo no fiorde. Deveria ser algo maravilhoso deslizar ao longo de um largo corredor de gelo e neve com montanhas escarpadas se elevando de um lado e do outro. Porém, mais uma vez o vento penetrava por baixo de todas as camadas de roupa e, como os óculos rachados ficaram embaçados e congelados em poucos minutos, ele só era capaz de distinguir a massa cinzenta do veículo da frente. Além disso, recebia diretamente o produto de seis canos de descarga. Jan manteve uma velocidade alucina¬da por dez quilômetros. Onde o vento varrera a neve, a superfície do fiorde se assemelhava a uma placa de ferro corrugada, fazendo com que os skidoos vibrassem e dessem pinotes sem parar.

Vinte minutos depois, em meio a repentino silêncio, para¬ram a cem metros do final da geleira, uma acidentada muralha azul que cruzava o vale numa extensão de quinze quilômetros. A impressão era de uma cidade em ruínas, suja e dissoluta, com pilhas de entulho, torres partidas e fissuras gigantescas. Como fa¬zia vinte e oito graus centígrados abaixo de zero, Jan explicou que estava frio demais para que pudessem ver pedaços de gelo se des¬prendendo a fim de comprovar o aquecimento polar. O grupo passou uma hora tirando fotos e caminhando de um lado para outro. Alguém viu então uma pegada na neve. Todos se juntaram a seu redor e só abriram espaço para permitir que o guia, sem¬pre com o rifle sobre o ombro, demonstrasse sua perícia. Pegada de um urso-polar, sem dúvida, e bem fresca. A neve fina onde se achavam tornava difícil encontrar outros sinais. Jan usou o binó-culo para explorar o horizonte.

“Ah”, disse calmamente. “Acho que está na hora de irmos.”

Apontou e, de início, ninguém viu nada. Mas, quando o vulto se moveu, ficou bem nítido. A um quilômetro e meio de distância, um urso caminhava sem pressa na direção do grupo.

“Ele está com fome”, disse o guia, como se isso absolvesse o animal. “Hora de pegar os skidoos.”

Mesmo diante da perspectiva de serem comidos vivos, a dignidade prevaleceu e eles só aceleraram ligeiramente o passo a caminho dos veículos. Chegando ao seu, Beard sabia o que o esperava. Tudo naquela viagem havia conspirado para humi¬lhá-lo. Por que a sorte mudaria agora? Apertou o botão. Nada. Tudo bem. Que os tendões fossem arrancados de seus ossos. Tentou outra vez, e outra mais. Em volta, nuvens de fumaça azul e rugidos agudos por fim manifestavam sem disfarces um pânico que precisava se fazer ouvir. Metade da turma já partia a toda rumo ao navio. Era cada qual por si. Beard não gastou nenhuma energia em xingamentos. Puxou o afogador, embo¬ra soubesse que isso era um erro, porque o motor ainda estava quente. Tentou de novo. E, de novo, nada aconteceu. Sentiu cheiro de gasolina. Ele havia afogado o motor e merecia mor¬rer. Agora, todos os demais já tinham ido, juntamente com o guia, cujo descumprimento do dever Beard resolveu reportar a Pickett ou ao rei da Noruega. Sua agitação estava embaçando os óculos de proteção, e o vapor imediatamente congelava. Inútil, assim, olhar por cima do ombro, mas o fez de qualquer modo e viu de relance o gelo do fiorde em meio ao vapor congelado. Era razoável imaginar que o urso ainda vinha vindo, conquanto Beard houvesse claramente subestimado a velocidade do animal naquele terreno porque, nesse exato momento, seu ombro foi atingido por forte pancada.

Confrontado com a probabilidade de ter o rosto rasgado caso se voltasse para trás, curvou os ombros à espera do pior. Seu últi¬mo pensamento — o de que, no testamento irresponsavelmente inalterado, Patrice herdaria tudo para usufruto de Tarpin — te-ria sido bem triste, porém o que ele ouviu foi a voz do guia.

“Deixe que eu faço isso.”

O ganhador do Prêmio Nobel vinha apertando o botão que ligava o farol dianteiro. O motor pegou no primeiro toque.

“Vai”, disse Jan, “estou atrás de você.”

Apesar do perigo que corria, Beard olhou de novo por cima do ombro na esperança de ver por um instante o animal que estava prestes a deixar para trás, pensando sempre na história que iria contar depois. No pequeno aro de semi-claridade que circun¬dava o centro enevoado dos óculos, registrou algum movimento, mas podia ter sido a mão do guia ou um pedaço de sua própria balaclava. No relato que repetiria pelo resto da vida, aquele que se tornou sua verdadeira memória, um urso-polar de boca aberta estava a vinte metros de distância e se aproximava quando o skidoo pulou para a frente — e assim o fazia não porque, ou não ape¬nas porque, fosse um mentiroso, mas por saber instintivamente que era errado desperdiçar uma boa história.

Afastando-se velozmente sobre o gelo crepitante, soltou um grito de alegria que se perdeu no furacão gélido que o atingia de frente. Teve uma bela sensação de liberdade ao ver que, ainda nos dias de hoje, um morador da cidade, um homem que vivia em ambientes fechados diante de um teclado e de uma tela, ainda podia ser perseguido, morto e devorado, tornando-se uma fonte de nutrição para outro ser vivo.

Talvez esse tenha sido o melhor momento da semana. Voltaram à base em minutos, ou assim lhe pareceu. A uma e quarenta e cinco da tarde o ar estava ainda mais gélido e a luz alaranjada da tarde iluminava os poucos artistas que ainda não tinham re¬tornado ao navio. O ventre de Beard estava tão sensível que ele esperou que todos entrassem antes de subir a prancha, de costas. Assim doía menos. Parou na entrada da sala das botas, aguardan¬do que seus olhos se ajustassem à luz fraca — e logo ficou evi¬dente que alguém pendurara todas as suas coisas no espaço dele. Num espírito construtivo, removeu tudo, inclusive as botas, para um lugar vazio no canto. Ao tirar a balaclava de lã, ela caiu no chão com um baque seco e pareceu encará-lo boquiaberta, com ar de espanto. O que é que ele estava fazendo ali? Guardou seu material, foi para o refeitório, cumprimentou a meia dúzia de pessoas que se encontravam na sala, pegou uma bebida quente e foi se deitar na cama estreita.

Somente por um capricho cartográfico o pólo sul fica abai¬xo do pólo norte, porém ele não conseguia afastar a impressão de que estava perto do topo do mundo e que quase todos os outros, inclusive Patrice, se situavam abaixo dele. Nessas condições, po-dia ver as coisas de cima, e essas tardes no lusco-fusco ártico se tor¬naram um hábito durante aquela semana, pois, enquanto bebia o chocolate, se recordava de que sua vida em breve estaria vazia e era hora de começar de novo, tomando-se pela mão, perdendo peso, assumindo um estilo de

vida simples e organizado. E enca¬rando com seriedade seu trabalho, conquanto não soubesse que trabalho poderia fazer que não estivesse vinculado à sua fama ou não fosse facilitado por ela. Será que deveria dar para sempre a mesma série de palestras sobre uma pequena contribuição, par¬ticipar de comitês, ser uma "presença"? Ele não tinha a resposta, mas as reflexões o confortavam e com frequência caía no sono no escuro das três horas, acordando com fome e uma renovada apreciação do vin de pays.

Após escapar das mandíbulas de um urso-polar, não se me¬teu em nenhuma aventura pelo resto da semana. Pessoas mais audaciosas foram com um guia caminhar pelas montanhas, ou abrir uma caverna de gelo, ou explorar nos skidoos um vale ín¬greme que subia entre rochedos na extremidade oposta do fior¬de. Diariamente, passava duas a três horas fora do navio, fazendo alguma coisa junto com os outros. Servia como assistente, segu¬rando a ponta de um barbante, cortando blocos de gelo para Jesus, ajudando Pickett com seus microfones, participando da dança. Isso significou ser filmado andando lentamente em fila indiana atrás de uma dúzia de outras pessoas por duzentos metros, antes de executar uma volta à direita e andar a mesma distância antes da volta seguinte. Era confortador, estava feliz por não pensar em nada e receber ordens sobre o que devia fazer. Num clima mais ameno, gozando de melhor saúde, poderia ter dado em cima da coreógrafa, a esbelta Elodie, natural de Montpellier, especial¬mente se ela não estivesse acompanhada pelo marido, um fotó-grafo cuja cabeça tinha o formato de uma bala de canhão e que jogara rúgbi pela França. Stella Polkinghorne também tinha um marido — o organizador do evento, Barry Pickett.

Assim, a vida de Beard foi simplificada. Não se interessando muito por arte ou pela mudança climática, e muito menos pela arte que usava como tema a mudança climática, guardou suas opiniões para si e foi afável, surpreendendo-se de descobrir que era até ligeiramente popular. Sua mente se esvaziava quando ele executava as tarefas no gelo. Certo dia, na hora do almoço, levou para os artistas canecas de sopa de tomate que se congelaram quando chegou ao pé da prancha. A sopa foi incorporada a uma escultura. Seu ânimo melhorou, ou deixou de piorar. Voltou a pensar na forma física. Apenas dez ou doze anos antes jogara um tênis decente, compensando a baixa estatura com um voleio cur¬to e feroz de direita na rede. No passado esquiara de forma quase competente. Oito anos antes ainda conseguia tocar nos dedos dos pés. Sendo assim, seria mesmo inevitável que devesse engordar mês após mês até cair morto? Passou a fazer uma caminhada diá¬ria no fiorde, um passeio de pouco mais de três quilômetros

em volta do navio, acompanhado por Jan e seu rifle. Após a segunda excursão, deitado à tarde com as pernas doendo, fez uma lista mental das coisas que nunca mais comeria. Estava sete quilos acima do peso ideal. Era agir agora ou morrer cedo. Jurou aban¬donar as coisas de costume — laticínios, carne vermelha, fritu¬ras, bolos, nozes salgadas. E batatas fritas em fatias finas, pelas quais tinha uma fraqueza particular. Havia outros itens, porém já caíra no sono antes de completar a lista. Nos três dias restantes, se manteve fiel ao novo regime.

A partir do segundo dia, certo grau de desordem na sala das botas ficou visível até mesmo para Beard. Ele passou a suspeitar que não usava as mesmas botas em dias consecutivos. Embora no terceiro dia houvesse embrulhado na balaclava os óculos de proteção (um par em bom estado), no quarto dia eles haviam desaparecido e a balaclava se encontrava no chão, totalmente encharcada. Na manhã daquele dia, viu várias roupas de skidoo também atiradas no chão, dando a impressão de haverem sido pisoteadas. Sem olhar muito de perto, achou que nenhuma de¬las era a sua. Enquanto gravavam o som do vento no cordame do navio, Pickett admitiu que por dois dias vinha usando duas botas para o pé esquerdo. Mas ele era um tipo vigoroso, que não parecia se importar com isso. Porém Beard se importava, e muito. Ape¬sar de não ter espírito de grupo, havia limites que ele respeitava e, portanto, esperava que fossem respeitados pelos outros. Sem¬pre pendurava suas coisas no mesmo gancho, o de número 17, ficando desapontado ao verificar que os demais tinham dificul¬dade de cumprir tarefas assim tão simples. As luvas constituíam um problema especial, já que não havia como sair do navio sem elas. A guisa de precaução, enfiou as luvas nas botas, juntamente com os forros. No dia seguinte as botas haviam desaparecido.

Gostava das noites. Quando se reuniam no refeitório antes do jantar, o sol já se pusera cinco horas antes. Bebia-se durante duas horas antes de ser servido o primeiro prato. O vinho era pro¬cedente de uma região da Líbia desprezada pelos entendidos. Beard em geral iniciava com o branco, bebia o tinto até ficar en¬joado e voltava ao branco, costumando sobrar ainda algum tem¬po para retornar ao tinto antes de ir para a cama. Após o jantar, obviamente, só se falava sobre um assunto. Na maior parte do tempo, Beard ouvia. Nunca em sua vida encontrara tantos idea¬listas juntos, o que, dependendo da hora, o deixava intrigado, embaraçado ou oprimido. Quando Pickett lhe pediu na terceira noite que explicasse seu trabalho, ele se levantou para falar. Descreveu o Centro e a turbina eólica de telhado com hélice quá¬drupla, avocando plausivelmente para si a iniciativa. Tratava-se de um desenho revolucionário, disse aos circunstantes, fazendo um esboço que circulou de mão em mão. Aquilo reduziria as contas de

eletricidade das famílias em oitenta e cinco por cento, uma poupança equivalente ao custo de construir — não estando bêbado de todo, inventou um número — vinte e três usinas de eletricidade de médio porte. Fizeram-lhe perguntas respeitosas, que ele respondeu sensatamente, lucidamente. Estava cercado de analfabetos científicos e poderia ter dito qualquer coisa. Houve uma calorosíssima declaração de apoio de Stella Polkinghorne. Ela disse, e todos murmuraram sua concordância, que Beard era o único ali que fazia algo "real", quando então todos os presentes se entusiasmaram e o aplaudiram ruidosamente. Ele nunca liga¬ra muito para o que os outros pensavam, porém — que vergo¬nha! — ficou emocionado e não foi capaz de ocultar o orgulho de, por alguns minutos, ser o queridinho do navio.

De resto, ele se contentava em ouvir e beber — após dois ou três copos do branco, o tinto descia sem dor, como água, ao menos no começo. Havia vários temas. Alguns eram canónicos, perseguindo-se uns aos outros loucamente. Outros tinham o ca¬ráter de uma fuga e fluíam lado a lado, tal como o desaponta¬mento e a amargura: o século terminara e a mudança climática continuava a ser uma preocupação marginal, Bush rasgara as pro¬postas modestas de Clinton, os Estados Unidos dariam as costas a Kyoto, Blair não demonstrava ter o menor domínio sobre a ma¬téria, as velhas esperanças criadas no Rio tinham se esvaído. O desapontamento era perseguido canonicamente, e depois ultra¬passado, pela sensação de alarme. A corrente do Golfo iria sumir, os europeus morreriam congelados em suas camas, a Amazônia se transformaria num deserto, alguns continentes pegariam fogo, outros submergiriam, e lá por 2085 já não haveria gelo nos verões do Ártico, causando a extinção dos ursos-polares. Beard tinha ouvido essas predições antes e não acreditava em nenhuma de¬las. E, se acreditasse, não teria ficado alarmado. Um homem de certa idade e sem filhos, no final do quinto casamento, podia se permitir um quê de niilismo. A Terra se daria muito bem sem Patrice e Michael Beard. Caso se livrasse de todos os outros seres humanos, a biosfera marcharia em frente e, no curto espaço de dez milhões de anos, estaria fervilhando de novas e estranhas formas, talvez nenhuma delas inteligente segundo os padrões dos primatas. E então, quem lamentaria o fato de que Shakespeare, Bach, Einstein ou a Conflação Beard-Einstein haviam sido es¬quecidos?

Enquanto a escuridão e um frio ainda mais intenso envol¬viam o navio no ermo e congelado fiorde, enquanto o corajoso brilho amarelo de suas vigias era a única luz, o único sinal de vida num raio de cento e cinquenta quilômetros na crepitante vastidão de gelo, outros temas floresciam sinfônicamente: o que fazer,

que tratados deviam ser negociados pelas nações em conflito, que concessões e doações precisavam ser feitas pelas na¬ções ricas às pobres? No calor úmido do refeitório após o jantar, parecia àqueles proprietários de estômago cheio e selado com vinho que somente a razão poderia prevalecer sobre a ganância e os interesses de curto prazo, só a racionalidade seria capaz de desenhar, como um brado de alerta, a caricatura indistinta de um futuro calamitoso em que a humanidade se torraria, tremeria de frio ou se afogaria.

A conversa sobre as decisões de governo e tratados internacionais era sofisticada em comparação com outro leitmotiv que soava como um austero canto gregoriano, uma cantiga puritana que vinha dos tempos do conservacionismo, cética quanto às so¬luções tecnológicas, convencida de que se tornara imperativa a adoção por todos de um novo estilo de vida, uma menor pressão sobre a preciosa filigrana dos ecossistemas, a visão quase religio¬sa de novas regras de satisfação humana a fim de se ir mais além dos supermercados e dos aeroportos, do concreto e do tráfego, e até das usinas de energia — uma visão minoritária, porém ouvi¬da com um respeito impregnado de culpa por todos que haviam conduzido skidoos fétidos através de prístinas paragens.

Ouvindo como de costume ao lado de Jesus num canto do refeitório, Beard só uma vez interrompeu algum orador. Na última noite, aparentemente esquecido de que havia um físico a bordo, um romancista alto e desengonçado chamado Meredith disse que o Princípio da Incerteza de Heisenberg, segundo o qual quanto mais se sabe sobre a posição de uma partícula, menos se sabe sobre sua velocidade, e vice-versa, simbolizava, em nossos dias, a perda de uma “bússola moral”, a dificuldade de emitir julgamentos absolutos. A intervenção de Beard foi feita num tom irritadiço. Valia a pena ser correto, ele disse ao sujeito de cabelos cortados bem curtos e óculos sem aro. Tratava-se não da velocidade e sim do momento linear, ou seja, a massa multi-plicada pela velocidade. Ouviram-se alguns grunhidos abafados por conta da tecnicalidade da observação. Beard disse então que o Princípio não tinha nenhuma aplicação na esfera moral. Pelo contrário, a mecânica quântica era capaz de fazer soberbas pre¬dições acerca da probabilidade estatística de estados físicos. O romancista corou, mas não recuou. Será que ele não sabia com quem estava falando? Muito bem, probabilidade estatística, o escritor insistiu, porém isso não significava certeza. E Beard, ter¬minando o oitavo copo de vinho e sentindo que o nariz e o lábio superior se erguiam num gesto de desprezo por um invasor igno¬rante de seu campo, afirmou em voz alta que o Princípio não era incompatível com o conhecimento preciso do estado, digamos, de um fóton, desde que se pudesse

observá-lo repetidamente. A analogia na esfera ética corresponderia ao reexame reiterado de um problema moral antes de se chegar a alguma conclusão. Mas o ponto era claro: o Princípio de Heisenberg só se aplicaria caso a soma do certo e do errado, dividida pela raiz quadrada de 2, tivesse algum significado.

O silêncio na sala foi menos de espanto que de embara¬ço. Meredith olhou-o com ar desamparado quando Beard bateu com força na mesa. “Então me diga. Vamos. Quero ver você apli¬car o Princípio de Heisenberg à ética. Certo mais errado sobre a raiz quadrada de 2. Que droga isso significa? Nada!”

Barry Pickett interveio para dar sequência ao debate.

Foi uma nota dissonante isolada. O mais memorável e surpreendente acontecia a cada noite, em geral bem tarde, com os acordes brilhantes de uma banda marcial ou muitas vozes em uníssono, vitalizadas por um propósito comum e capazes de apa¬gar por algum tempo todo o desapontamento, toda a amargu¬ra. Beard não teria acreditado que seria possível estar numa sala bebendo na companhia de tantas pessoas movidas pela mesma premissa, a de que a arte em suas formas mais elevadas — poe¬sia, escultura, dança, música abstrata, arte conceituai — é que daria visibilidade à mudança climática, que a embelezaria, que exporia suas nuances, que revelaria todo o horror, a beleza per¬dida e a terrível ameaça, inspirando o público a pensar, a agir ou a exigir que os outros agissem. Beard ficava sentado em silên¬cio, embasbacado. O idealismo lhe era tão estranho que ele não conseguia fazer nenhuma objeção. Encontrava-se em território virgem, em meio a uma tribo amistosa de seres exóticos. Aquelas sentinelas de gelo que guardavam a entrada para a prancha, os sons gravados do vento gemendo no cordame, o disco de gelo polido que refletia o sol baixo, os pinguins (trinta deles) e os três ursos-polares de Jesus que marchavam ao longo do gelo mais além da proa do navio, o fragmento áspero e impenetrável do ro¬mance salpicado de imprecações que Meredith leu, ou berrou, certa noite no refeitório — todas essas demonstrações, como se fossem preces, como se fossem danças em torno de um totem, tinham como objetivo desviar o curso de uma catástrofe.

Essa era a música e a mágica da conversa a bordo sobre mudança climática. Enquanto isso, do outro lado da parede a sala das botas continuava a se deteriorar. No meio da semana, fal¬tavam quatro capacetes, três roupas pesadas de skidoo e nume¬rosos itens menores. Só dois terços do grupo podiam agora estar fora ao mesmo tempo. Sair significava roubar. O estado da sala das botas, a crescente entropia, se tornou um assunto presente em todos os anúncios feitos

por Barry Pickett no fim do dia. E Beard, ignorando sua própria contribuição vital, sua generosa assistência no estabelecimento das condições iniciais, não podia deixar de refletir longamente sobre aquela degeneração “após a Queda”. Quatro dias antes, a sala estava perfeitamente organi¬zada, com todo o material ou pendurado no gancho numerado ou guardado debaixo do banco. Recursos finitos igualmente repartidos numa época de ouro não tão distante assim. Agora era uma ruína. Mais difícil ainda impor alguma ordem depois que a sala ficou entupida com mochilas, sacos de viagem e sacolas de plástico de supermercado cheias pela metade de luvas extras, ca¬checóis e barras de chocolate. Ninguém, ele pensou, admirando sua própria generosidade, se comportara mal: nas circunstân¬cias em que se encontravam, todos desejavam sair para o gelo e haviam sido inteiramente racionais ao “descobrir” num lugar inesperado a balaclava ou luva faltante. Era perverso e cínico de sua parte derivar prazer do pensamento que vinha a seguir, con¬quanto não pudesse evitá-lo: como aquela gente poderia salvar a Terra — partindo da premissa de que ela necessitava ser salva, coisa de que Beard duvidava — quando o planeta era tão maior do que a sala das botas?

No último dia, tomaram o café da manhã em meio à barulheira dos motores da frota de skidoos sendo aquecidos. Ao saírem para o gelo, muitos não usavam todas as peças do equipamento. Beard estava sem o capacete. Enquanto esperava pelo sinal de partida, esquentou os óculos de proteção no motor e enrolou um cachecol em volta da cabeça. O sol alaranjado, embora baixo no horizonte, brilhava desimpedido e, como seriam favorecidos por um útil vento de popa, a viagem de retorno a Longyearbyen po¬deria até ser agradável para quem estivesse corretamente vestido. Ouviu-se um grito vindo do convés. Barry Pickett e um membro da tripulação arrastavam um imenso saco de plástico e fibra do tipo que se usa na indústria de construção para guardar areia. Objetos perdidos. Todos se reuniram em torno do tesouro, remexendo nas coisas. Beard encontrou um capacete que cabia na sua cabeça e não teve dúvida de que lhe pertencia. Ninguém se envergonhou nem sentiu o menor embaraço. Ali estavam suas coisas. Onde é que haviam se escondido aquele tempo todo?

Despediram-se da tripulação e partiram numa ruidosa e poluente fila indiana através do fiorde rumo a Longyearbyen, man¬tendo uma serena velocidade de vinte e cinco quilômetros por hora a fim de evitar o vento cortante. Curvado para a frente, tentando aproveitar o calor do motor para aquecer o rosto, Beard se sentiu bastante alegre — estado de espírito raro pela manhã. Não estava nem de ressaca. Na parte costeira do fiorde, segui¬ram muito lentamente para vencer os

sulcos profundos e valas no gelo. Não se lembrava de ter encontrado aqueles obstáculos na viagem de ida. No entanto, é claro, viera dormindo, agarrado às costas de Jan. Tomaram depois uma longa reta num terreno coberto de neve, passando por uma cabana onde, segundo os guias, um grande excêntrico vivera em absoluta solidão.

Beard pensou que7 se algum dia viajasse para outra galáxia, logo sentiria uma falta mortal daqueles irmãos e irmãs à sua frente, de todo mundo, até mesmo das ex-mulheres. Fora invadido pela doce ilusão de que gostava das pessoas. Perfeitamente desculpá¬veis, todas elas. Um pouco cooperativas, um pouco egoístas, às vezes cruéis e, acima de tudo, engraçadas. Os skidoos passavam pela ravina estreita, de altas paredes, que havia sido o cenário de sua vergonha, um momento para ser enterrado e esquecido. Preferia relembrar como escapara friamente do urso assassino. A verdade, porém, era que sentia um estranho carinho para com a humanidade. Achou até que ela poderia vir a gostar dele. Todo mundo, todos nós, como indivíduos, naturalmente tínhamos de confrontar o esquecimento sem reclamar muito. Como espécie, não éramos a melhor imaginável, mas sem dúvida a melhor, ou a mais interessante, que existia. O que dizer, contudo, daquela desgraça total que tinha sido a sala das botas? Evidentemente, uma questão ligada à natureza humana. E como, afinal, iríamos aprender sobre isso? Sem dúvida a ciência era uma coisa boa, assim como a arte, porém o autoconhecimento talvez não fosse essencial. As salas das botas precisavam de bons sistemas a fim de que as criaturas, com seus defeitos, pudessem usá-las de modo cor¬reto. Beard decidiu que não era possível deixar nada depender da ciência, da arte ou do idealismo. Somente boas leis salvariam as salas de botas. E cidadãos que respeitassem as leis.

Esses pensamentos ternamente indulgentes (e autoindulgentes) o sustentaram até chegar ao hotel para o almoço. Muito tem¬po havia transcorrido, assim lhe pareceu, desde que estivera lá. Todos devolveram a roupa de skidoo e o restante do equipamen¬to, disseram adeus a Jan e, em menos de uma hora, estavam no avião a caminho de Trondheim. Os demais teriam de esperar qua-tro horas pelo voo para Oslo, mas Beard fizera reserva em outra companhia aérea. Confinados no pequeno aeroporto, pareciam relutantes em se separar. Tomaram o bar de assalto e logo a mú¬sica começou de novo, as canções, os lamentos pela calamidade global, acompanhados de cerveja e cachorros-quentes à guisa de almoço. Foi lá que Beard os descobriu para se despedir. Gastou vinte minutos trocando endereços eletrônicos e abraços. Stella Polkinghorne beijou-o na boca, Jesus lhe deu um cartão de visi¬ta. Ouviu-se um alto hurra quando ele se afastou

do bar. Em re¬trospecto, compreendeu que, ao prestar favores simples no gelo e ao fazer de conta que se importava com as turbinas eólicas, ha¬via alcançado um grau de popularidade que jamais conhecera em toda a vida. Até mesmo o varapau que escrevia romances o apertara contra o peito magro. Beard ainda ria sozinho trinta minutos depois quando seu bimotor saiu quicando pela pista ge¬lada e fez uma curva para o sul a fim de levá-lo de volta para a confusão que ele quase havia conseguido esquecer.

Dormiu em Oslo, mudou a reserva para um voo que saía às seis da manhã e chegou três horas mais cedo em Heathrow. Quando o avião fez a aproximação sobrevoando o Windsor Park, chovia copiosamente, o céu do amanhecer era verde-escuro, to¬dos os faróis estavam acesos nas estradas secundárias. Na fila de táxis, soube que tinha ocorrido um desastre envolvendo vários carros e se formara uma retenção de mais de quinze quilôme¬tros na M4. Voltou, desceu alguns andares e tomou o trem para Paddington, lá pegando um táxi. Ao chegar em casa, a chuva já havia cessado, mas grossas gotas caíam dos galhos enegrecidos das sorveiras plantadas na calçada. Quando o táxi se afastou, fi¬cou parado com a bagagem junto ao portão e olhou a seu redor, admirado do fato de que, numa área residencial tão densamente povoada, não se visse ninguém nem se ouvisse uma voz ou um rádio às dez da manhã de um dia de semana. Belsize Park pare¬cia tão deserto quanto o Ártico. E lá estava sua casa, sua própria caixinha de infelicidades, elegante, representativa da primeira fase do estilo vitoriano, com a fachada em tijolos cinzentos típi¬cos de Londres e mainéis de pedra nas janelas do andar térreo, em meio a um jardim que, naquela altura do inverno, só mos¬trava uma bétula nua e, mais para o lado, uma velha macieira. Poucas casas da cidade tinham trinta metros de jardim na frente e um caminho de tijolos gastos, num padrão de espinha de pei¬xe, fazendo uma ligeira curva até a porta da frente. Muros de tijolos cobertos de musgo marcavam o limite da propriedade. Do ponto de vista arquitetônico, era superior a todas as outras casas que dividira com suas ex-mulheres, porém agora provavelmente precisaria ser vendida, levando à dispersão tanto do que havia dentro dela como de seus donos. E não porque eles se desgos¬tassem desde sempre, embora talvez agora ela tivesse ódio dele, mas porque Beard tivera onze casos em cinco anos e Patrice só tivera um. Escore desigual — e eles tinham de viver e sofrer com base em regras tácitas.

Ao ser aberto, o portão emitiu o rangido de sempre, um som mais apropriado

para alguma despedida. Beard se sentia triste, po¬rém não mais atormentado. Aquela mulher simpática no trem (cujo nome esquecera), a visita à casa de Tarpin e o casto interludio no paralelo 8o (agora já estava praticamente curado) consti¬tuíam novas camadas de proteção. Mesmo que a diferença fosse mínima, ele era outro homem. Tinha muito a lamentar, sentia-se frustrado por não conhecer algum truque que fizesse Patrice o amar, porém estava resignado. Era chegada a hora de desmon¬tar o cenário de seu casamento. Tencionava começar a fazer as malas naquele dia. Durante as tardes escuras no navio congela¬do, tivera tempo de refletir, havendo decidido levar apenas seus pertences pessoais. Ela podia ficar com o resto — sofás, tapetes, quadros, garfos e facas — e, se fosse capaz de persuadir o pai, que era banqueiro, podia comprar a metade dele e ficar também com a casa. Pouco lhe importava que Tarpin fosse viver com ela ou não. Não faltava espaço no verdejante gramado da frente para um bote, um lampião e uma cabine telefônica.

As rodinhas da mala fizeram um ruído queixoso ao seguir pelo caminho de tijolos. Sua última volta à casa. Sentiu-se alivia¬do por chegar cedo, pois Patrice, estando ainda fora, não teria mesmo como deixar de lhe dar as boas-vindas, como ignorar sua chegada. Era sexta-feira, dia de trabalho intenso, quando, à tar¬de, dezenas de crianças sentadas com as pernas cruzadas canta¬riam desafinadamente enquanto ela as acompanhava ao piano. Beard em breve esqueceria esses detalhes de sua vida, ou eles lhe seriam negados.

Chegando à porta da frente e se curvando com esforço de¬vido à recém-fortalecida faixa de gordura em torno da cintura, procurou pela chave na maleta de mão. Notou então uma mudança. A cestinha de arame cor de creme que continha as garra¬fas de leite (com o mostrador de números e uma seta vermelha para indicar ao leiteiro quantos litros deveria deixar naquele dia) não estava no lugar de costume. Fora colocada, ou chutada, uns trinta centímetros para a direita, deixando no degrau de pedra uma vaga marca retangular demarcada pela poeira. Não a pôs de volta. Para quê? Bem cedo estaria longe dali — vinha pensando num apartamento pequeno e despojado, com paredes brancas, seu Spitsbergen doméstico, onde inventaria um novo futuro, perderia peso, se tornaria ágil e ganharia forças com um propó¬sito cuja natureza ainda permanecia obscura.

Achou a chave, abriu a porta e, ao puxar a mala para dentro do hall, reparou em outra diferença, um leve rearranjo da atmosfera. O ar estava úmido ou quente, ou ambos, com um cheiro estranho. De forma mais óbvia, havia água no assoalho

de madeira, uma sé-rie de chocantes pegadas molhadas, ou poças do tamanho de um pé, que levavam da escada à sala de visitas. Alguém, sem dúvida Tarpin, esse ser que rondava os banheiros, tinha saído do chuvei¬ro sem maiores cuidados e tratava a casa como se fosse sua.

Destemidamente, pensando apenas em expulsar o intruso, Beard seguiu a trilha de água e entrou na sala. Não podia ser mais evidente, pois lá estava ele no sofá, os cabelos pingando, vestindo um robe — o robe de Beard, de seda preta com um pa¬drão escocês de curvas abstratas, presente de Patrice no Dia dos Namorados. Estava sentado com as costas retas, surpreso, o jor¬nal ainda aberto no colo. Mas não era Tarpin — esse foi o ajuste difícil, exigindo alguns segundos para que Beard se adaptasse. O homem no sofá era Aldous, Tom Aldous, o pós-doutorando, o sultão de Swaffham. A ponta de seu rabo de cavalo liberou uma gotícula de água, que caiu na almofada enquanto os dois se encaravam em silêncio.

O processo de adaptação de Beard foi prejudicado por perguntas e respostas irrelevantes. Será que ele gostaria de usar aque¬le robe outra vez? Achava que não. Qual a probabilidade de se encontrar pela primeira vez com os dois amantes de Patrice mo¬lhados? Muitíssimo pequena. Naturalmente, o silêncio pareceu durar muito mais do que durou na realidade, sendo por fim que¬brado por Aldous com um risinho abafado, um relincho nervoso que ele tentou ocultar com a mão. Seu maior temor se realizara. Por um breve momento, imaginou que a figura de Beard na so¬leira da porta talvez fosse uma aparição, o fruto paranóide de uma mente excessivamente fértil. Agora sabia que não. Naquele curto interlúdio antes que qualquer um dos dois falasse, ele tal¬vez houvesse visto outra aparição mais persuasiva — suas pers¬pectivas profissionais em farrapos. A física teórica era uma aldeia e, na praça central onde ficava o poço artesiano, Beard ainda tinha influência. Será que Aldous, o gênio que desabrochara no Centro, poderia usar sua lábia para escapar daquela situação? A mão que utilizara para abafar a risadinha se estendeu na direção da mesa baixa de vidro que ficava diante do sofá. Junto a uma pilha de revistas havia uma xícara de café — alta, de porcelana branca e fina, parte de um conjunto de seis comprado por Patrice na loja Henri Bendel, em Nova York. Aldous a levou à boca. Se o objetivo era demonstrar que estava à vontade ou que não se sentia culpado de nada, o gesto foi prejudicado pelo fato de que o jornal escorregou de seu colo e se esparramou no chão. Man¬tendo os olhos fixos no dono da casa, tomou um gole insolente. Beard deu um passo à frente.

“Ponha isso na mesa. E levante-se.”

Por sorte Aldous obedeceu, já que Beard, uns vinte centímetros mais baixo, trinta anos mais velho e com braços débeis, não teria a menor condição física de impor sua vontade. Ele possuía apenas a honradez, o senso de ultraje e a autoridade, se é que alguma, capaz de ser invocada por um corno. Mãos nos qua¬dris, costas retas para atingir a totalidade de seu metro e sessenta e cinco, ficou olhando enquanto Aldous lutava para se pôr de pé e apressadamente dava o laço no cinto do robe sob o qual, como se pôde ver por uma fração de segundo, estava nu.

“E então, sr. Aldous?”

“Olhe”, disse Aldous com um movimento apaziguador das palmas para baixo, “podemos conversar sobre isso. Professor Beard, posso chamá-lo de Michael?”

“Não.”

“Olhe, não devemos ser forçados a desempenhar papéis que foram escritos por outros para nós quando…”

Beard avançou mais um passo. Não acreditava nem por um momento que haveria violência, porém não se importava em dar a impressão de pensar que isso poderia ocorrer. “O que você está fazendo em minha casa?”

Pareceu-lhe então que a pronúncia rural de Norfolk era muito bem-adaptada a um tipo especial de súplica, num tom que poderia ter sido usado pelos camponeses a fim de implorar ao senhor de terras que reduzisse o aluguel num ano difícil. “Olhe, eu ia acabar o café, me vestir, arrumar tudo e sair. Ia dar duas voltas na chave pelo lado de fora como me disseram para fazer e enfiar a chave na caixa de correio. Se o senhor não tivesse volta¬do tão cedo, não teria…”

“Perguntei o que você está fazendo em minha casa.”

Usando outra vez as palmas das mãos no gesto sincero de quem nada tem a esconder, Aldous disse: “Jantei com Patrice e pas¬sei a noite aqui. Olhe, professor Beard, posso ser franco?”.

Fez uma pausa, como se realmente esperasse uma resposta. Quando não a recebeu, continuou: “Nós dois damos valor à racionalidade. Nossas carreiras se

baseiam nela. Por isso, não nos deixemos ser arrastados por reações que já não cabem nesta si¬tuação. Nós dois sabemos que seu casamento está acabado. Tec¬nicamente, o senhor e Patrice são marido e mulher, mas nem se falam há muito tempo, e aqui está o senhor, se preparando para fazer o papel da parte injuriada, do homem furioso que pega o amante da esposa em flagrante, quando provavelmente já estava pensando em se mudar. Essa é a impressão de Patrice, e sem dúvida o que ela deseja".

Beard esperou por mais.

"O que eu quero dizer, professor Beard — gostaria muito de poder chamá-lo de Michael —, é que poderíamos dispensar toda a raiva e sofrimento, poderíamos cuidar disso de um modo eficiente, poderíamos até ser amigos."

"Compreendo." A pergunta que fez então a Aldous veio sem premeditação e, ao formulá-la, achou que ela poderia gerar uma confusão útil ou ao menos lhe dar um momento para raciocinar. "E quanto ao Rodney Tarpin? O que aconteceu com ele?"

Aldous fingiu que não estava surpreso. Lentamente, voltou a dar o laço no cinto do robe de Beard. "Não tenho medo de Tarpin. Gravei duas chamadas telefônicas dele e entreguei à polícia o bilhete que me mandou. O cara é um louco, mas pelo menos não esconde isso."

"Ele bateu em Patrice", disse Beard.

"Isso foi uma vergonha", o rapaz exclamou, enxergando uma causa comum que poderia aproximá-lo do professor. "Como é possível alguém fazer isso com uma mulher tão bonita?"

"E me atacou. Deu um tapa na minha cara."

"Devia estar na prisão."

"Pelo menos agora ele vai ficar em cima de você, e não de mim. A polícia está lhe dando proteção?"

"Sabe como é, disseram que andam muito ocupados."

O impulso de punir inundou Beard de um sentimento que não era muito

diferente do amor. “Presumo que ele queira matar você. Se eu estivesse no seu lugar, andaria com uma faca, embo¬ra não me interesse o que possa lhe acontecer.”

Apesar dos esforços de Beard, Aldous não deu a impressão de se sentir intimidado por Tarpin e disse simplesmente: “Ele não me mete medo, professor Beard”.

“E eu imagino que Patrice contou a ele onde você trabalha — quer dizer, onde trabalhava.”

Num instante, a compostura do rapaz se desvaneceu. Vol¬tou a ser o suplicante, com seu emprego em risco.

“Ah, professor Beard, pense bem. O senhor está levando isso longe demais. Vamos voltar ao ponto central. A racionalidade…”

“É profundamente irracional”, Beard retrucou, “fazer amor com a mulher do chefe.”

“Honestamente, é pior do que isso. Eu fui um idiota, sei que tenho muito a aprender. Mas estou falando sobre um substrato lógico poderoso…”

Beard riu alto. Substrato! Era o equivalente a ver um joga¬dor de xadrez tentar escapar de um iminente xeque-mate. Não se lembrava de nenhuma ocasião específica, mas já estivera em situações semelhantes, provavelmente diante de uma esposa en¬furecida que havia destruído sua última desculpa e ele, brilhan¬temente, tinha executado alguma jogada genial, um movimento do cavalo na undécima dimensão, um salto audacioso para fora do mundo plano do tabuleiro convencional. Sim, ele gostava de um substrato lógico poderoso. Continuou ouvindo.

Aldous falou esbaforido. “Três semanas atrás eu ouvi o se¬nhor dizer a alguém do grupo que, excetuada a relatividade geral, a Equação de Dirac era o mais lindo dispositivo produzido por nossa civilização. Eu discordo. O senhor presta um desserviço a si mesmo. Não há nada como a Conflação, como sua elaboração do efeito fotovoltaico — nada mais elegante, nada mais verda¬deiro, professor Beard. Todo mundo a trata com reverência. Mas ninguém pensou nela sob o ângulo da ciência aplicada e da crise causada pela mudança climática. E eu fiz isso, vi o potencial de seu trabalho em relação à fotossíntese. O fato é que

ninguém entende direito como as plantas funcionam, embora finjam en¬tender. Ninguém sabe ao certo como os fótons são convertidos com tanta eficiência em energia química. A física clássica não consegue explicar. Essa conversa de transferência de elétrons é bobagem, não cola. Como uma folhinha comum transfere ener¬gia de um sistema molecular para outro é praticamente um mi¬lagre. Mas esse é o ponto — a Conflação desfaz o mistério. A coerência quântica é a chave para a eficiência, o senhor sabe, o sistema testa todos os canais de energia ao mesmo tempo. E, do jeito que a nanotecnologia vem avançando, poderíamos copiar isso usando os materiais corretos, separando depois, a um custo baixo, o hidrogênio e o oxigênio presentes na água para estocar o hidrogênio em escala doméstica ou industrial. Beleza! Mas eu não sou nada, não sou ninguém. Quero lhe mostrar minhas idéias e, quando o senhor as tiver visto, sei que vai se interessar. As pessoas o ouvirão. A coerência quântica na fotossíntese não tem nada de novo, mas agora sabemos onde procurar e o que procurar. O senhor podia dirigir essa pesquisa, arranjar financia¬mento para um protótipo. E importante demais para se deixar de lado, é nosso futuro, o futuro do mundo inteiro está em jogo, e é por isso que não podemos nos tornar inimigos."

Beard já estava cansado de ouvir aquela conversa de mundo inteiro. Nunca fora muito favorável à possibilidade de que a bio¬logia se valesse da física quântica para seus próprios fins. E tinha um preconceito irracional contra os físicos que se bandeavam para a biologia, tais como Schroedinger, Crick e outros, os quais acreditavam que seu brilhante reducionismo levaria tudo de rol¬dão. Na verdade, as coisas que tinham muito verde — jardina¬gem, passeios no campo, movimentos de protesto, fotossíntese, saladas — não eram de seu gosto.

"Há quanto tempo você vem fodendo minha mulher?"

Aldous suspirou, parecendo prestes a argumentar. Depois seus ombros caíram e ele se resignou. "Mais ou menos um mês depois que a conheci."

"Depois que eu o apresentei a ela."

"Isso mesmo, professor. O senhor foi passar a noite fora, em Birmingham ou Manchester. Telefonei a caminho de casa para saber se Patrice precisava de alguma coisa…" E precisava.

De novo as lamúrias de camponês. "Juro, professor, que não queria nada com

sua mulher. Ela está muito acima do meu padrão. Nem tenho um padrão. Disse que eu viesse aqui, e depois me convidou para jantar. Foi assim que começou. Mais tarde, ela contou que estava tudo acabado entre vocês e me convenci de que o senhor…"

"De que eu não ia me importar?"

Beard já sabia, mas ficou com raiva — ou pior, entristeci¬do — ao ouvir pela segunda vez de Patrice, pela voz de Aldous, que ela considerava o casamento terminado. Desde o final do verão passado ela vinha se encontrando com Aldous, e não com Tarpin. Ou talvez com os dois. O pateta pós-doutorando havia aparecido em sua porta numa noite de agosto e ela se agarrara a outra chance de punir o marido.

"Alguém já lhe disse o quanto você é ingênuo, Aldous?"

O jovem pulou alegremente em cima da palavra. "Sou mes¬mo muito ingênuo, professor Beard! Só entendo para valer de ciên¬cia e nada mais. Sou ingênuo porque não conheço ninguém, não saio nunca. Volto para casa e trabalho nos fundos do jardim do meu tio, quase sempre até o amanhecer. Sempre fui assim. Mas meu trabalho está à sua disposição. Estou preparando um dossiê para o senhor. Só para o senhor e mais ninguém. Diga, por favor, que vai ler tudo. É muito importante!"

Até então os dois se defrontavam a uma distância de alguns metros, Aldous de pé junto ao sofá, com os braços cruzados na frente do corpo como se quisesse se defender de um destino azia¬go ou impedir que o robe de Beard se abrisse de par em par. Beard começou a recuar. Estava cansado de ouvir Aldous, que¬ria ficar sozinho.

"Pode ir agora. Amanhã vou estar no centro e o verei no escritório do Jock Braby às onze", ele disse.

Quando Beard começou a atravessar a sala, Aldous supli¬cou, quase aos gritos. "Ninguém mais vai me contratar. O senhor sabe disso, não sabe? Isso é importante demais para se perder por causa de uma vingança pessoal."

Chegando à porta da sala, Beard se voltou e disse: "Antes de ir, trate de limpar

essa porcaria no hall”.

“Professor Beard!”

Aldous começou a correr na direção dele, os braços estendidos, balançando a cabeça num gesto de negação, os lábios re¬tesados sobre os dentes enormes, provavelmente tencionando se jogar aos pés de Beard e implorar perdão. Certamente seria per¬doado, porque Beard não tinha o menor desejo de expor sua hu¬milhação doméstica diante de Braby e, por conseguinte, diante de todo o Centro. O Chefe traído, feito de bobo por um dos rabos de cavalo. Mas Aldous nunca chegou perto de Beard, tal¬vez não tenha avançado nem dois metros. O tapete de pele de urso-polar sobre o sinteco esperava por ele. Ganhou vida. Quan¬do seu pé direito pisou nas costas do urso, o animal saltou para diante, a bocarra aberta com dentes amarelados se erguendo no ar. As pernas de Aldous voaram para a frente até que seu corpo bem comprido ficou paralelo ao chão; no instante seguinte, as pernas subiram ainda mais e, embora os braços se movessem ins¬tintivamente para baixo a fim de aparar a queda, foi a parte de trás da cabeça que primeiro fez contato, não com o chão, não com a borda da mesa de vidro, mas com sua ponta arredondada, que atingiu rudemente a nuca de Aldous.

Fez-se um silêncio profundo, asfixiante. Vários segundos se passaram.

“Não, não, por favor, não”, Beard murmurou ao atravessar a sala.

Aldous jazia estirado no assoalho, como se tivesse sido arrumado por um agente funerário, os braços quase colados ao torso, os olhos bem abertos, lábios entreabertos, o robe o cobrindo com toda a decência. Beard se ajoelhou junto ao ombro do rapaz. Nenhuma respiração, nenhum pulso. Havia um halo de sangue sob sua cabeça, com mais de vinte centímetros de diâmetro, que por algum motivo não se expandia. Beard viu então que o sangue estava se infiltrando em catadupas nos espaços entre as tábuas. A perda de sangue, por si só, teria dado cabo de Aldous.

“Puta que pariu… puta merda…”, Beard ficou sussurrando para si próprio. Algo impossível havia ocorrido e ele queria fazer com que aquilo desaparecesse, que o relógio voltasse para trás sim¬plesmente porque não podia acontecer. Era improvável demais. Mas a cada segundo a nova realidade se impunha, desprezava seus esforços, se tornava definitiva. Era verdade. Pensou também no

que devia estar fazendo, massagem cardíaca, respiração boca a boca. Como todos que trabalhavam em laboratórios, ele havia sido obrigado a aprender essas técnicas. Porém algo muito sere¬no e possuidor de grande autoridade, não tanto uma voz quanto uma presença situada bem longe de suas preocupações momentâneas, lhe sugeriu que não devia tocar no corpo.

Levantou-se e foi até o telefone. Tremia. O silêncio de Belsize Park se tornou mais intenso enquanto sua mão hesitava aci¬ma do aparelho. A mesma presença sensata propôs que pensasse bem antes de discar. Por natureza, não era uma pessoa indecisa. O que havia de errado com ele? Sua mão parecia morta. Foram necessários alguns segundos para que recuperasse o bom senso e visse a situação como outros a veriam. Um homem volta do exterior e encontra em casa o amante de sua mulher. Segue-se uma confrontação. Vinte minutos depois o amante está morto com um golpe na nuca. Ele escorregou, estou dizendo, escorregou no tapete enquanto corria na minha direção. Ah, foi? E por que ele estava correndo, sr. Beard? Para se jogar a meus pés e pedir que eu não o mandasse embora do emprego, para suplicar que eu me juntasse a ele a fim de salvar o mundo da mudança cli¬mática. Haveria quem duvidasse. Pela última vez, sr. Beard. O senhor não manchou com sangue o canto da mesa? E o que fez com a arma do crime, sr. Beard? A inocência teria um alto cus¬to. Precisaria ser obtida, conquistada, pois o interesse da mídia seria dilacerante. Sexo, traição, violência, uma bela mulher, um cientista de renome, um amante morto — perfeito! Patrice, por honestidade ou malícia, seria sua principal acusadora. Dois anos não pensando em outra coisa. Ganhador do Nobel, pesquisador calvo ocupante de cargo público, no banco dos réus, lutando para escapar à prisão.

Quando pensou nisso, os tendões atrás dos joelhos se amoleceram e as pernas ficaram bambas, porém ele não sentou. Es¬tava claro. Só aqueles que o amavam acreditariam nele. Mas nin¬guém o amava. Devia ter tido uma prole, filhas já crescidas que se sentiriam indignadas e lutariam para defendê-lo. Atravessou a sala em direção ao hall, mas depois caminhou de volta. Não sabia o que fazer. De repente, teve um estalo. Saiu para o hall, evitou cuidadosamente as pegadas molhadas e, na cozinha, abriu a ga-veta onde eram guardados os rolos de papel de alumínio, papel transparente e papel-manteiga. Na gaveta também havia uma cai¬xa de luvas descartáveis.

Calçou um par de luvas. Nada de criminoso nisso, porém, ao proteger as mãos, sentiu que a invisibilidade e a invencibilida¬de tomavam conta de todo o seu corpo. Um estado mental, sem dúvida, mas que outros estados ele poderia ter?

Não tinha um plano, simplesmente entrou em ação. Seu corpo tinha um plano. E ele o seguiu, como se de forma experimental, acreditando que a qualquer momento poderia desfazer tudo e retornar ao início, sem nada perder ou comprometer. As coisas que fazia constituíam uma mera precaução. Poderia voltar ao telefone e chamar uma ambulância. No entanto, caso não o fizesse, precisava estar pre¬parado. Apesar de ainda algo tonto, estava pensando com clare¬za. Atravessou a cozinha e entrou no depósito sem janelas onde eram guardados as lâmpadas e os objetos fora de uso. O imundo saco de lona para ferramentas estava no mesmo lugar, encostado à parede. Derrubou seu conteúdo no chão e, em meio a vários martelos, encontrou um de cabeça fina que parecia bem apropriado. Remexendo nas coisas, achou outros itens que poderia vir a usar. Um pente, um lenço de papel usado, o resto ressecado de uma maçã. Rearrumou o saco para dar a impressão de que não havia sido tocado, levou os quatro itens para a cozinha e os pôs numa sacola de compras. Pegou algumas folhas de papel de cozinha e as molhou debaixo da torneira. Estava prestes a voltar à sala de visitas quando mudou de ideia. Retornou ao depósito, apanhou o saco de ferramentas e o levou para o hall, colocando-o junto à porta de entrada.

A aparência de Tom Aldous não se modificara, porém o riso congelado do tapete pareceu sinistro a Beard quando se ajoelhou junto ao corpo. Cada um dos olhos duros e vidrados do urso cap¬turava um paralelogramo distorcido das janelas da sala de visitas e tinha um brilho assassino. Os mais perigosos eram os ursos-polares mortos. Arrumou numa fileira os quatro itens que trouxera na sacola de compras e, contemplando o resto murcho da maçã, se perguntou como aquilo poderia ajudá-lo. Não vendo nele ne¬nhuma utilidade, pôs de volta na sacola. Ao apanhar o martelo, compreendeu que aquela idéia da precaução, de poder voltar ao início, de retomar o telefone, estava inteiramente errada. O que ia fazer agora não poderia ser desfeito. Sua inocência ia ficar definitivamente para trás. Mergulhou a cabeça do martelo na poça de sangue, passou um pouco no cabo e deixou de lado para secar. A seguir, pegou o lenço de papel usado e também molhou de sangue, empurrando-o depois embaixo do sofá, bem fora da vista. Como previra, o pente foi mais complicado. Tirou vários fios de cabelo presos aos dentes do pente e conseguiu colocar alguns entre os dedos de Aldous. Outros fios ficaram grudados à luva, mas Beard não se preocupou com isso. A cabeça do mar¬telo estava agora quase seca e aceitou bem um fio de cabelo, o mesmo acontecendo com o cabo. Pôs outro fio no braço de uma cadeira. Usou então o papel de cozinha para limpar e secar cui¬dadosamente a borda e o canto da mesa de centro feita de vidro, conquanto ali não houvesse nenhum sangue visível a olho nu.

Por fim ficou de pé e fez uma pausa, refletindo se teria cometido algum erro banal. Até ali não. Pôs o martelo, o pente e o papel de cozinha na sacola e foi até a porta da frente. Ainda usando as luvas, desceu devagar o caminho do jardim e parou no portão para olhar em volta. Não havia ninguém à vista. Tirou o martelo e o jogou em meio aos arbustos próximos ao muro da frente. De volta à casa, retirou as luvas e as pôs na sacola junto com o resto da maçã, o pente e o rolo de papel de cozinha, dobrando-a depois cuidadosamente para que as alças manchadas de sangue não ficassem expostas e enfiando-a num compartimento externo da mala fechado com zíper.

Pelo que podia perceber, não havia uma só gota de sangue no seu corpo, nas roupas ou nos sapatos. Carregando a mala e o saco de ferramentas, saiu pela porta da frente e a fechou com o pé. As intermináveis obras de reforma das casas em Belsize Park permitiram que em menos de cem metros ele achasse uma ca¬çamba, onde se desfez do saco de ferramentas. Alguns minutos depois estava em Haverstock Hill pegando um táxi para Portland Place.

Presumiu que seu estado de absoluta calma fosse produto do choque, devendo em breve se dissipar. Antes que isso acontecesse, queria encontrar alguém que o reconhecesse. O táxi o deixou diante do Instituto de Física — do qual fora vice-presi¬dente — e, antes de entrar, ele jogou a sacola de plástico numa lata de lixo. Dentro do Instituto, as coisas se passaram mais ou menos como esperava. Cuidou de alguns pequenos problemas e conversou com um administrador, que sabia quem ele era. Beard contou que havia estado em Spitsbergen e, de modo casual, comentou que tinha vindo diretamente de Heathrow de táxi, ficando preso no engarrafamento de trânsito. O administrador se mostrou penalizado e concordou em tomar conta da mala en¬quanto Beard ia à Biblioteca Britânica.

No táxi para a Euston Road, suas pernas, independente¬mente do resto do corpo, começaram a tremer. Mas ele atraves¬sou o pátio de entrada da Biblioteca como qualquer outro estu¬dioso, entrou no edifício e achou um compartimento vazio. Pediu alguns documentos — material histórico relacionado a uma pa¬lestra que ia dar — e lá ficou por várias horas, esperando o mo¬mento, por volta das quatro e quinze da tarde, em que sentiria seu celular vibrar no bolso.

Curvado sobre os documentos, não leu uma linha, porém se forçou a escrever algumas notas. Estava pasmo com o que havia acontecido. Cada vez que pensava naquilo era como se fosse a primeira vez. Maravilhava-se com o que fizera e com a calma que demonstrara, mesmo sem refletir, tal qual um assas¬sino

apagando as pistas, porém nesse caso eliminando a verdade que poderia salvá-lo. Agora estava numa situação muito difícil, pois era a única testemunha de sua inocência. Na verdade, ha¬via entrado em pânico, mesmo pensando que estava totalmente lúcido. O que é que entendia de medicina legal? Era ao menos possível que as impressões digitais que havia deixado naquele dia, ainda frescas, fossem muito diferentes das que deixara uma semana antes. Sendo assim, a polícia saberia que ele havia esta¬do na casa pela manhã, tornando-se um suspeito.

Que outros erros haveria cometido, que vizinhos ocultos teriam observado de uma janela sua chegada ou partida? Ou o teriam visto jogando alguma coisa na caçamba? Teria feito bem em trazer com ele o saco de ferramentas? Quando estava ajoe¬lhado sobre Aldous, uma torrente de escamas de sua pele, além de cabelos e outros elementos microscópicos, poderia ter caído sobre o rapaz, sobre o robe. Mas, como o robe era dele mesmo, já estaria repleto de pistas orgânicas de sua existência. Sendo assim, a coisa não estava tão ruim. A casa continha um sem-nú¬mero de sinais seus, essa era uma ótima proteção. Mas só se as impressões digitais não pudessem ser datadas. Em algum lugar naquele edifício, nas estantes, haveria milhares de livros capazes de lhe dizer isso, porém não ousava pedir uma obra sobre o as¬sunto. Já não faria mesmo nenhuma diferença.

As três e cinquenta ele se pôs de pé no seu compartimento, com os joelhos estalando, e foi esperar no café da Biblioteca pela chamada que seguramente iria receber. Passou o tempo se pre¬parando, tentando fazer uma lista das coisas que ele deveria pa¬recer ignorar: que Aldous se encontrava na casa, que era amante de Patrice, que estava morto. Talvez houvesse um quarto detalhe que ele deveria parecer desconhecer, porém estava nervoso de¬mais para recordar do que se tratava. Quem sabe havia ainda um quinto. Não era fácil se concentrar, porque a venerável Bibliote¬ca e suas cercanias já não eram tão sérias e silenciosas quanto no passado. Dezenas de rapazes, estudantes universitários, ocupavam o café. Os espaços entre as mesas estavam tomados por pilhas de seus casacos e mochilas, e eles vagavam pelas áreas públicas, pelas largas escadarias, rindo e conversando num tom relaxado, sem procurar falar baixo. Talvez fosse um dia especial para estudantes. A atmosfera era de um grêmio estudantil em qualquer universidade moderna — um bar, uma máquina de fliperama, um pebolim não estariam fora de lugar. Era útil para Beard não ser notado em meio a tanta gente, mas quase perdeu a chamada quando o telefone tocou, com uma hora de atraso segundo seus cálculos, embora ele ainda não tivesse se lembrado, da quarta e da quinta coisa que deveria fingir desconhecer. Tinha de confiar em si mesmo e

presumir que elas não existiam.

“Onde você está?”, Patrice perguntou. Soava calma e, ape¬sar de tudo, Beard não pôde evitar a tola esperança de que, por fim, ela estava preocupada em saber onde ele andava.

Beard lhe disse, e depois perguntou: “Que que há?”

“A polícia está aqui. Você tem de vir para casa.”

“Patrice, o que está acontecendo?”

Ela tapara o fone com a mão. Ele ouviu o murmúrio de uma voz de homem e então a de Patrice outra vez: “Trate de vir imediatamente”.

“Algum ladrão entrou na casa?”

Ouviu mais vozes em volta dela. Dezenas de pessoas esta¬vam na casa. Patrice estava começando a repetir no mesmo tom de voz neutro o que dissera quando soltou um grito repentino, como se alguém lhe houvesse enfiado uma faca no braço, e então, num gemido lancinante: “Foi o Rodney, ele matou alguém…”. Uma voz masculina a interrompeu, dizendo: “Sra. Beard…”, e a ligação foi cortada.

Após recolher no compartimento as anotações que se dera ao trabalho de fazer, Beard atravessou às pressas o pátio da Biblioteca, passando pela estátua de Newton esculpida por Paolozzi, e só quando ergueu o braço na rua para chamar um táxi é que se lembrou de haver decidido horas antes que pareceria melhor chegar em casa com a mala. Mandou o táxi esperar em Portland Place enquanto entrava no Instituto a fim de agradecer ao admi¬nistrador. A caminho de Belsize Park, se perguntou se o desvio para apanhar a bagagem, em vez de correr direto para casa, era um daqueles itens, a quarta ou quinta coisa que deveria lembrar. Não conseguia saber ao certo.

Ele foi ouvido longamente em quatro ocasiões, e seu úl¬timo relato não diferiu do primeiro. Sob a pressão sustentada de um interrogatório policial, a honestidade é algo primoroso, inexpugnável, e Beard, como cientista, tinha um respeito auto¬mático pela consistência interna. A verdade é invencível.

Nenhu¬ma necessidade de lembrar o que havia dito na última vez já que podia retornar à fonte. Portanto, sim, graças ao voo mais cedo de Oslo havia chegado em Heathrow às oito. Seguiu direto para a fila de táxis e então — esta era sua única ficção, o resto meras omissões — ficou preso no enorme engarrafamento da M4 e só chegou a Portland Place no meio da manhã. Mas já tomara mui¬tos táxis em Heathrow e estivera em numerosos engarrafamen¬tos, por isso, como a memória é maleável, logo a história falsa se cristalizou em sua mente como qualquer lembrança genuína, ao mesmo tempo vaga e precisa. Achava verdadeiramente que havia perdido uma hora no tráfego. O que ele fez durante a lon¬ga viagem de táxi? Leu uma tese que estava sendo submetida à apreciação de um grupo de peritos. Concentração total. Não le¬vantou os olhos para ver o desastre nas faixas de velocidade nem sabia onde tinha ocorrido. O resto era a mais pura verdade — suas providências no Instituto, o dia de trabalho na Biblioteca, interrompido finalmente pela chamada de Patrice quando dera uma parada para descanso. Com dolorosa honestidade, admitiu que sabia do caso de sua mulher com o sr. Tarpin e que isso o havia contrariado muito. Mas ele próprio tivera diversos casos e, infelizmente, o casamento havia se deteriorado, estava chegando ao fim. Não se afastou da verdade ao descrever o olho roxo de Patrice e sua visita a Cricklewood numa manhã de domingo, a confrontação e o tapa na cara, e como ele, não estando ha¬bituado à violência, fugira para se proteger. Conquanto isso o deixasse sem jeito, relatou detalhadamente ao detetive a tarde em que apresentou Tom Aldous à sua mulher, e, não, não havia notado nenhum interesse mútuo, e não, nunca suspeitara que, enquanto se encontrava no Ártico, e talvez nos meses anteriores, Patrice vinha tendo relações sexuais com Aldous. E, sim, obvia¬mente conhecia o rapaz, um jovem e brilhante cientista que fre¬quentemente apanhava Beard na gare de Reading. Não, não era uma pessoa simpática à primeira vista. Muito obcecado em suas próprias idéias, uma mente estreita demais, pouca habilidade em matéria de socialização. Mas havia muita gente assim em sua área de atividade.

Apesar de tanta verdade, as entrevistas eram estressantes e a primeira o deixou aterrorizado, pois alguém poderia tê-lo visto en¬trando na casa às dez e saindo quarenta e cinco minutos depois. No entanto, o terror foi facilmente ocultado sob a capa de uma apreensão bastante compreensível. Tudo correu mais fácil nas três sessões seguintes, realizadas após a prisão de Tarpin, apesar de ainda exigirem um grau elevado de concentração. Uma semana depois, como era de prever, o assunto ainda atraía a atenção fe¬roz dos meios de comunicação, com fotógrafos plantados diante do portão durante todo o dia e boa parte da noite. Beard leu num jornal que ninguém vira Tarpin na manhã em que Aldous mor¬reu. A chuva

pesada o obrigara a ficar em casa, impedindo que se encontrasse com os companheiros de trabalho e assim tivesse um álibi. Ao menos uma coisa agradável revelada pela imprensa. Mas também foram positivos os vazamentos da polícia acerca do bilhete ameaçador de Tarpin para Aldous e os dois telefonemas que o rapaz tão sabiamente havia gravado. Como lhe foi assegu¬rado com um sorriso, suas duas últimas entrevistas constituíram meras formalidades, servindo para esclarecer pequenos pontos. Parecia claro, a polícia já tinha seu homem. Beard assinou o depoimento com um floreio da caneta.

No Centro, contudo, Jock Braby não estava tão satisfeito. Beard foi até lá conversar com ele no oitavo dia, logo depois de sua terceira entrevista. Decidiu dirigir para não ser seguido pe¬los repórteres no trem para Reading. Ele atraía um grande interesse, tendo sido posto no papel da vítima inocente, o bobalhão sonhador, desligado das preocupações do dia a dia, incapaz de controlar uma mulher leviana. Havia um batalhão de fotógrafos e repórteres diante do portão do Centro, e os guardas de segurança, todos paramentados e usando os quepes, profundamente impressionados e solidários, se alinharam para dar uma continên¬cia caprichada quando ele entrou de carro.

Os dois homens tomaram chá no escritório de Braby e Beard lhe contou toda a história, até o último pormenor, como contara à polícia.

Braby franziu o cenho, franziu ainda mais, e apontou na direção aproximada do portão. “Isso não é bom”, disse várias vezes, embarcando num longo e opaco discurso com hesitações e repe¬tições irresolutas, além de alusões a “financiamentos” e “reputa-ção”, à necessidade de “dar um tempo” e “contribuir”. Depois de dez minutos, ficou claro, ou menos obscuro, que ele parecia de¬sejar que Beard pedisse demissão, tornando-se óbvio, após duas referências ao “front doméstico”, que a sra. Braby estava sendo trazida à baila e que se encontrava em jogo não só o título de cavaleiro mas certa tranquilidade em torno da lareira. O sujeito era, em teoria, seu inferior hierárquico e estava pedindo a Beard que abrisse mão do cargo! Será que lhe cabia culpa pelo fato de que um amante de sua mulher matara outro? Porém Beard man¬teve a indignação bem oculta e se fez de desentendido.

“Jock, o que quer que estejam sussurrando no gabinete do Ministro, você seria um bobo se pedisse demissão agora. Vou dar uma palavrinha a seu favor. Mantenha o perfil baixo por um ou dois meses e as coisas voltarão a se acalmar, você vai ver.”

Nas circunstâncias, só restou a Braby mudar de assunto. Conversaram sobre Aldous e ficou claro que ambos antipatizavam com ele, embora reconhecendo a perda para o Centro. A polícia havia revistado seu cubículo sem encontrar nada de interesse para o caso. Alguns de seus pertences pessoais já tinham sido en¬viados para o pai, desesperado de dor, em Norfolk.

Braby disse: “Michael, há um dossiê com a advertência de que é para ser visto só por você. Dei uma boa olhada. Um boca¬do de química inorgânica, matemática e divagações, tudo feito provavelmente nos horários de trabalho do Centro”. Entregou uma pasta pesada a Beard, que a pegou se pondo de pé para indi¬car que a conversa havia terminado. Afinal de contas, ele ainda era o Chefe.

Braby o acompanhou ao longo de parte do corredor. “Acredito que podemos homenagear a memória dele desenvolvendo sua microturbina eólica. Estamos todos muito engajados no projeto.”

“Ah, sim, aquilo”, disse Beard. “Sem dúvida, será seu monumento.”

Apertaram as mãos e ele partiu.

E seu casamento? Depois que o cadáver foi levado e os pe¬ritos liberaram a casa, os repórteres se afastaram do portão (pelo menos até o julgamento de Tarpin) e Beard contratou alguns tra¬balhadores para remover, com areia e cera, a profunda mancha no assoalho da sala de visitas. Michael e Patrice, que tinham se hospedado em lugares diferentes, voltaram a fim de retirar seus pertences e pôr a casa à venda como parte da separação defini¬tiva. Naqueles dias ensolarados de março, o vento era tão forte que a grama alta ficava achatada contra o solo, exibindo seu lado prateado, enquanto as folhas não colhidas desde o ano anterior se empilhavam contra os muros musgosos do jardim. Ao menos para Beard, aquele tipo de tempo tinha um efeito revigorante e purificador.

De acordo com seu plano, e para satisfação de Patrice, abriu mão de tudo que havia na casa — a lista era opressivamente longa —, ficando apenas com os livros, as roupas e uns poucos pertences pessoais. Não só iria perder peso, adquirindo uma boa forma e uma boa aparência, mas tencionava levar uma vida sim¬plificada no apartamento monástico que ainda não encontrara. Um fator simplificador era, naturalmente, o esmaecimento de seu amor, ou obsessão, por Patrice. Numa das raras trocas de palavras entre os dois, ele lhe havia dito que a vida amorosa dela só causara destruição, além do pesar para um pai doente em

Swaffham e da perda para o país de um de seus mais promisso¬res cientistas. Beard se maravilhava com a forma como ele pró¬prio se convencera de que era verdadeiro o relato em que todos acreditavam, com a facilidade com que era capaz de invocar as memórias e emoções apropriadas. Não era fato que, caso não tivesse tido um caso com Patrice, Tom Aldous ainda estaria vivo? E também não era verdade que Tarpin gostaria de ver Aldous morto? Não havia nenhum fingimento da parte de Beard, ele realmente se sentia injuriado com o que Tarpin havia feito, sendo justo atribuir a Patrice toda a responsabilidade. Ela devia um pe¬dido de desculpas ao marido.

Tipicamente, não era assim que ela via as coisas. Estava de luto cerrado pelo que agora acreditava ter sido o amor de sua vida. Só devia desculpas ao homem que não mais podia ouvi-las. Sentia-se horrendamente culpada por haver trazido Tarpin para a vida de Aldous, por não haver protegido o homem mais jovem, por não levar mais a sério as ameaças. Além disso, uma vez que as queria, a ela cabia todo o esforço de empacotar e guardar as coisas, incluindo o tapete e a mesa de centro que haviam mata¬do seu amante. Ela se movia pela casa numa tristeza silenciosa, seguindo o disposto nas listas com um misto de eficiência e tor¬por. Na melhor das hipóteses, seu marido era uma irrelevância, embora ele suspeitasse de que Patrice agora o odiava por razões indefiníveis, ou por nenhuma razão. Seu silêncio, Beard decidiu, era preferível à alegria letal com a qual desejara aniquilá-lo no tempo de Tarpin.

Não estava inclinado a ajudá-la a organizar os objetos que agora eram dela, porém se fez útil de outros modos. Uma vez que não havia nenhum problema jurídico entre os dois, sugeriu que usassem o mesmo advogado. Conhecia um muito bom. Também conhecia o agente certo para vender a casa. Beard ti-nha bastante experiência nesse tipo de arranjo. Foi o primeiro a se mudar, tendo alugado um apartamento de porão em Dorset Square, no lado norte da Marylebone Road. E foi lá que, três meses depois, escarrapachado num sofá forrado com um tecido floral cheio de manchas e fedendo a cachorro, começou a ler o dossiê em cuja capa estava escrito “Para conhecimento exclusi¬vo do professor Beard”. Era um osso duro de roer, química orgâ¬nica e inorgânica, entrelaçada com alguns conceitos quânticos e certas subseções mais obscuras da Conflação. Esses elementos conduziam a uma descrição teórica da troca de energia na fo¬tossíntese. Presumivelmente, mais adiante no dossiê haveria a intenção de sugerir como esse processo poderia ser imitado ou adaptado de alguma forma, mas a atenção de Beard começou a se esvair, primeiro porque o material era impenetrável, segundo porque ele precisava procurar um

apartamento para comprar, e finalmente porque, cinco meses exatos após a morte de Tom Aldous, se iniciaria o julgamento de Rodney Tarpin.

Tarpin não tinha a menor chance, e parecia saber disso. Quase pedindo desculpas, a acusação apresentou seus argumentos: o motivo óbvio, as ameaças feitas por escrito ou pelo telefone, a violência comprovada, os cabelos na arma do crime atirada no meio dos loureiros e entre os dedos do morto, o lenço de pa¬pel contendo seu muco nasal ressequido e o sangue de Aldous, a falta de um álibi. Quando chegou sua vez de depor, Beard foi direto ao ponto. E não era ele um cidadão que respeitava a lei? Fez um relato minucioso de seus movimentos na manhã em questão, depois do olho roxo de sua esposa e do golpe que recebera no rosto. O caso contra Tarpin já era bem forte, mas foi Patrice, também chamada pela acusação, que o enterrou de vez. No banco das testemunhas, foi descrita pela imprensa como bonita e mortífera, irradiando desprezo pelo homem que mata¬ra seu amante. Na qualidade de testemunha, Beard não podia estar presente no tribunal a fim de ouvir o depoimento da es¬posa, dependendo por isso das reportagens publicadas nos jor¬nais. Não sabia que ela falava tão bem, com tamanha clareza e impacto. Patrice hipnotizou o tribunal e o país com o relato da possessividade e brutalidade de Tarpin, seus acessos violentos de ciúme. Tratava-se de um obsessivo, ela disse, um louco que a havia incitado a matar Aldous enquanto dormia caso houvesse alguma chance. Recusava-se a acabar o relacionamento, e o que ela imaginara ser um caso passageiro e sem importância havia se transformado num pesadelo que durara meses. Tinha pavor de sua violência, mas não ousava se recusar a manter relações sexuais com ele, que lhe dava tapas enquanto faziam amor.

“E a senhora não gosta disso?”, perguntou o efeminado defensor de Tarpin durante o reexame pela parte contrária.

“Não”, ela respondeu energicamente. “O senhor gosta?” Ouviram-se risos nos assentos ocupados pelo público.

Sua observação mais citada e celebrada deve ter sido trei¬nada em frente ao espelho. “Quando ele matou meu Tommy, a nação perdeu um gênio”, ela disse, “e eu perdi o único homem que amei até hoje.”

O júri deliberou por apenas três horas, e ninguém, nem mesmo Tarpin, poderia haver se surpreendido com o veredicto.

Durante os seis dias que transcorreram entre a declaração do primeiro jurado e a sentença do juiz, Beard retomou o dossiê de Aldous. Era o mínimo que podia fazer para homenagear o morto, além de estar agitado e precisar de distração. Na segunda leitura, compreendeu melhor e começou a se interessar, até mes¬mo a se sentir um pouco excitado. A tarefa que Aldous se pro¬pusera consistia em descobrir e depois copiar o comportamento das plantas, aperfeiçoado pela evolução ao longo de três bilhões de anos de erros e acertos. Valendo-se de técnicas e materiais da nanotecnologia ainda embrionários, a ideia era empregar direta¬mente a energia solar a fim de separar o hidrogênio e o oxigênio contidos na água usando, no lugar da clorofila, corantes especiais sensíveis à luz e catalisadores contendo manganês e cálcio. Os gases armazenados seriam utilizados numa célula de combus¬tível para gerar eletricidade. Outra ideia, também extraída da vida das plantas, consistia em combinar o dióxido de carbono da atmosfera com luz solar e água para produzir um combustível líquido de uso geral. Era brilhante ou insano — ele não tinha certeza. Registrando em cada página a data do ano anterior, co-meçou a fazer anotações de sua própria lavra, parando porque no dia seguinte, uma terça-feira, haveria uma sessão do tribunal em que o acusado conheceria seu destino. Tarpin ouviu o juiz com o mesmo afastamento sonhador e atencioso com que ha¬via professado sua inocência de forma muito débil e com que vinha seguindo os procedimentos legais. Segundo os relatos de imprensa, ele ficou olhando o tempo todo na direção de Patrice (Beard podia imaginar aquele olhar inquisitivo de roedor), po¬rém ela manteve o rosto afastado.

Nos degraus do lado de fora do tribunal, Patrice disse pe¬rante os repórteres e câmeras de televisão que a sentença não fora suficientemente longa à luz do mal que ele havia feito. Na semana seguinte, alguns comentaristas concordaram com ela, enquanto outros consideraram a pena severa demais em se tra¬tando daquilo que os franceses chamariam de crime passional. No entanto, ouvindo as notícias naquela noite deitado no sofá fedorento e calçando apenas as meias, em meio à imundície de seu apartamento de solteiro, com as páginas de Aldous espalha¬das no colo, Beard considerou que dezesseis anos estava de bom tamanho.

PARTE DOIS

2005

Ele estava ficando atrasado. Todos estavam, o problema era geral, mas Michael Beard, empanzinado com um almoço inde¬sejado, inquieto sob o cinto de segurança, só conseguia pensar nas horas desperdiçadas e no que poderia perder por causa disso. Eram duas e meia da tarde, e seu avião, já atrasado uma hora, fazia círculos idiotas no sentido horário acima do sul de Londres. Agitado demais para continuar a ler, tentando em vão, de um ângulo errado, arrancar com os dentes um pedacinho sensível de cutícula no canto da unha do polegar, um abscesso em po¬tencial, contemplou a parte que mais conhecia da Inglaterra girando abaixo dele. Que mais podia fazer? Não era hora para recapitulações ou resumos abrangentes, pois a essa altura devia estar correndo pelas ruas e corredores, porém muito de seu passado e muitas de suas preocupações lá estavam, três mil metros abaixo do caro assento que, como de costume, havia sido pago por outrem.

Dali via algo corriqueiro que teria assombrado Newton ou Dickens. Olhava na direção leste através de um grande aro de sujeira cor de gengibre que poderia ter sido retirado de uma ba¬nheira mal lavada e suspenso no ar. Mais além do centro finan-ceiro e do Tâmisa, que ganhava volume e largura, mais além dos tanques de armazenamento de gás e petróleo, Beard via as planí¬cies marrons de Kent e Essex, onde passara sua infância. Lá esta¬va o enorme hospital onde a mãe morrera pouco depois de lhe contar sua vida secreta, porém, ainda mais ao longe, aparecia a boca aberta do estuário invadido pelas marés e o mar do Norte, uma vasta e lisa extensão azul-clara sob o sol de dezembro. Dali, através de uma fina névoa prateada, seu olhar foi conduzido para o sul sobre o Weald de Sussex até alcançar a linha suave das South Downs, cujas dobras complacentes haviam abrigado seu primei¬ro e agitado casamento, uma sinestesia de amor mal orientado, choro e cocô dos bebês gêmeos de seus inquilinos, e os inebrian¬tes cálculos quânticos que, quinze anos e dois divórcios depois, lhe haviam garantido o Prêmio. O Prêmio que ao mesmo tempo abençoara e amaldiçoara sua vida. Mais além daquelas colinas surgia o canal da Mancha, enfeitado com babados de nuvens cor-de-rosa que obscureciam a costa da França.

Uma nova inclinação das asas do avião o pôs de frente para o sol e para uma vista do lado oeste de Londres. Bem abaixo do motor que vibrava sob a asa, Beard viu sua destinação imprová¬vel, o aeroporto microscópico, circundado pelas estradas de acesso à cidade ao longo das quais o tráfego pulsava como corpúsculos — M4, M25, M40, as designações banais de uma era devota¬da ao senso prático. Num toque benigno, o brilho vindo do oes¬te mitigava um pouco a feiura industrial. Viu depois o vale do Tâmisa, num pálido verde hibernal, entre as Berkshire Downs e as Chiltern Hills. Adiante, invisível, estava Oxford, os anos de trabalho nos laboratórios como universitário e o cerco finamente planejado a sua primeira mulher, Maisie. Depois, voltou a se apresentar, pela sexta vez, o disco colossal de Londres, girando como uma complexa astronave estacionada no espaço, numa auto-suficiência majestática. Tão espontânea quanto um gigantesco ninho de cupins, quanto uma floresta equatorial, e de fato algo belo, com uma intensa concentração de seres humanos no cen¬tro, ao longo do rio redescoberto entre Westminster e a ponte da Torre, uma área repleta de prédios arrojados, de novos brinque¬dos. Por um instante, teve a impressão de ver a sombra do avião, como um espírito livre, passar veloz sobre a igreja de St. James e telhados vizinhos, embora isso fosse impossível daquela altitude. Ele entendia de luz. Entre os milhões de telhados, quatro ha¬viam abrigado seu segundo, terceiro, quarto e quinto casamento. Essas uniões tinham definido sua vida, e todas haviam sido, por que negar?, verdadeiras calamidades.

Ultimamente, sempre que chegava pelo ar a uma grande cidade sentia o mesmo desconforto, a mesma fascinação. Aquelas enormes feridas de concreto cobertas com aço, os cateteres de tráfego incessante indo e vindo até se perder de vista — os restos do mundo natural só podiam mesmo se encolher diante deles. A pressão dos números, a abundância de invenções, as forças cegas dos desejos e necessidades pareciam impossíveis de ser contidas e vinham gerando calor, uma espécie moderna de calor que se tornara, graças a algumas mudanças espertas de rumo, seu cam¬po de trabalho, sua profissão. O bafo quente da civilização. Ele o sentia, todos o sentiam, no pescoço, no rosto. Olhando para bai¬xo de sua máquina maravilhosa, e maravilhosamente poluente, Beard acreditava, em momentos de entusiasmo, que possuía a resposta para aquele problema. Por fim, tinha uma missão que consumia todo o seu tempo — e estava atrasado.

Quando sua infância em Essex voltou a aparecer — ele es¬tava tão atrasado! —, foi capaz de seguir o caminho que tomaria nas ruas miniaturizadas, tão claramente traçadas pelo sol de in¬verno como se gravadas numa placa de circuito impresso. Pen¬sou que podia ver o próprio edifício no Strand onde

deveria estar naquela hora. Desapareceu. Mais ao noroeste vieram dois outros telhados, já se escafedendo. Um deles guardava seu apartamen¬to de Marylebone, gélido, desleixado, caótico. Mentalmente, ele podia ver num aposento escuro a refeição comida pela metade havia três meses e abandonada por conta de um afazer noturno com uma amiga já quase esquecida. Não voltara lá e não a vira desde então. O lugar era um chiqueiro. No quarto ao lado, sem aquecimento, observou a desordem sensual da cama, os traves¬seiros no chão, as luzinhas alaranjadas de stand-by do aparelho de som ainda brilhando; espalhados por todo lado, os livros e revistas que estava lendo naquela época (fez força para se lembrar deles) e os jornais do dia, uma garrafa de champanhe e, em duas taças, as marcas daquilo que, na pressa, ambos haviam deixado de beber e se evaporara. As taças, os pratos na sala de jantar, as panelas na cozinha, o lixo na lata e na bancada, e até a borra do café no filtro estariam cobertos de vigorosas colônias de fungos, com cores que variavam do branco leitoso ao verde acinzenta¬do, uma floração dos queijos, cenouras e molhos abandonados. Esporos transportados pelo ar, uma civilização paralela, muda e invisível, entidades vivas muito bem-sucedidas. Sim, havia muito eles teriam se entregado a suas festanças especializadas e, termi¬nado o combustível, ressequidos, se transformariam numa man¬cha de pó negro como carvão.

O outro telhado abrigava Melissa Browne, seu amor algo negligenciado, e era lá que tencionava passar a noite. Ela era tão boa com ele, tão doce, tão paciente, tão bonita, o único amor viá¬vel em sua vida. Como muitas outras mulheres, ela o via como um cientista brilhante, um gênio que necessitava ser salvo. Mas Beard era um amigo descuidado, infiel e desorganizado, esquivo demais, demasiadamente decidido a não se casar de novo. Não havia telefonado. Ela estava fazendo o jantar. Ele não a merecia.

A culpa e uma nova onda de impaciência, uma mistura potente, arrancaram dele um gemido. Será que realmente produzira um som mais alto que o do motor? E lá vinham as South Downs outra vez para lembrá-lo de que não devia ceder nunca, jamais mudar de ideia. Seu corpo não resistiria a um sexto casamento.

Em qualquer direção que olhasse, aquele era seu lar, seu cantinho do planeta. Os campos e sebes, cuidados por campone¬ses medievais ou trabalhadores rurais no século XVIII, ainda for¬mavam quadriláteros irregulares. Cada riacho, cerca e chiquei¬ro, se não mesmo cada árvore, todos eram conhecidos e muito provavelmente listados no inventário que, após ouvir seus con¬selheiros, Guilherme I mandou fazer em 1085 cobrindo toda a recém-conquistada

Inglaterra. E, desde então, aquelas terras fo¬ram identificadas outras vezes com crescente refinamento, possuí¬das, exploradas, avaliadas, transacionadas, hipotecadas. Maduras como um queijo Stilton de casca grossa, ricamente povoadas de uma humanidade tão multifacetada quanto Babel, tão prenhes de história quanto o delta do Nilo, tão cheias de fantasmas quanto uma capela mortuária, tão dissonantes no debate público quanto um viveiro de gralhas em plena balbúrdia. Algum dia, esse ve¬lho e atrevido reino poderá ceder à força dos múltiplos anseios e às sonhadoras tentações das metrópoles gigantescas, Cidade do México, São Paulo e Los Angeles combinadas, e ver desabrochar — de Londres a Medway, dali para Southampton e Oxford, vol¬tando a Londres — uma forma moderna de quadriláteros, sepul¬tando todas as sebes e árvores preexistentes. Quem sabe, talvez viesse a ser um triunfo de harmonia racial e prédios magníficos, uma verdadeira cosmópole, a mais admirada cidade no mundo.

Quando o avião enfim recebeu autorização para aterrissar e, fazendo uma curva apertada, iniciou a descida ao norte do Tâmisa, ele se perguntou se e quando começaríamos a aceitar al¬gumas limitações. Daquela altitude, nós nos assemelhávamos a liquens que se espalhavam sem cessar, a uma floração devasta¬dora de algas, ao bolor que envolvia uma fruta macia — éramos um sucesso fenomenal. Páreo duro com os esporos!

Meia hora depois, a porta do avião chegado de Berlim se abriu e ele foi o quarto passageiro a sair, puxando a mala e an¬dando às pressas, desengonçado, com uns pulinhos pouco más¬culos — seus joelhos, seu corpo, na verdade sua mente, não eram mais capazes de executar o simples ato de correr. Os capilares estanques, aqueles tubos de aço atapetados, o conduziram pelas entranhas do aeroporto até o salão da alfândega. Ele chegaria bem mais rápido acelerando o passo desajeitadamente ao longo da esteira rolante de cem metros do que se esgueirando entre os viajantes sonhadores e imóveis que bloqueavam a passagem com suas bagagens. No caminho, foi ultrapassado por ao menos uma dúzia de homens mais moços que tinham vindo no seu avião, gente da área de negócios, tipos esbeltos, de cabelos cortados bem curtos, as capas de chuva esvoaçando em seus braços, igno¬rando as pesadas maletas penduradas nos ombros, conversando naturalmente enquanto passavam a toda. Ao longo dos corredo¬res não ventilados e excessivamente iluminados se viam anún¬cios de serviços bancários e de escritório, debilmente humorísti¬cos, banalmente

atrativos — sem dúvida, a publicidade era um campo para medíocres —, o que aumentou sua irritação. Ele co¬nhecia bem o gênero especial de sufocação mental que resultava do contato com gente agressiva e pouco inteligente. Seu negócio agora era a idiotice planetária. E, deixando de ser pontual, ele também estava sendo idiota. Na melhor das hipóteses, chega¬ria setenta e cinco minutos depois da hora. Chegar atrasado era uma forma moderna de sofrimento, com uma mistura de tensão crescente, culpa, autocomiseração, misantropia e a vontade de fazer algo que só era possível na física teórica — reverter a flecha do tempo. E a determinação de ser estoico não contribuiria para que chegasse lá mais cedo.

Fazendo jus a uma remuneração surpreendentemente polpuda, ele devia falar numa conferência de energia para uma plateia composta de investidores institucionais, sobretudo gerentes de fundos de pensão, gente sólida que não seria facilmente per¬suadida de que o mundo, o mundo deles, corria risco e de que deviam ajustar suas estratégias de investimento em função disso. Por inércia, por seguir cegamente seus hábitos profissionais, eles se aferravam aos velhos produtos — petróleo, gás, carvão e ma¬deira. Beard precisava convencê-los de que, no futuro, suas fon¬tes atuais de lucro os destruiriam. Naturalmente, nessas ocasiões era necessário falar em termos gerais, mas, se Beard (já então de¬tentor de uma dúzia de patentes) pudesse fazê-los mover-se nem que fosse um centímetro, isso beneficiaria sua empresa. Eles o esperavam no hotel Savoy em dois salões interligados que davam para o Tâmisa e, embora tivessem recebido antecipadamente o pedido de desculpas por seu atraso, em breve se dispersariam a caminho de outros compromissos, com o que o frágil milagre de coor¬denação de agendas, após quatro meses de esforços, daria lugar a um ceticismo ainda maior, a um desinteresse fatal. Além disso, sua presença em Londres era necessária porque no dia seguinte ele assinaria na embaixada americana a opção de compra de um terreno de cento e sessenta hectares na região semiárida do Novo México, no sudoeste dos Estados Unidos, um grãozinho de areia nos vastos espaços castigados pelo sol. E, tão logo os investido¬res estivessem felizes, os fundos depositados na conta bancária e as isenções fiscais concedidas, teria início a construção de uma planta-piloto. Pensar nisso o deixou tonto de impaciência.

Após dez minutos de correria, Beard, ofegante, suando em bicas debaixo do casacão, se viu empacado diante dos balcões da al¬fândega numa fila interminável, movendo-se alguns centímetros de cada vez junto com centenas de suplicantes que desejavam apenas ser autorizados a entrar no seu próprio país.

Longos mi¬nutos se passaram, e ele sentiu que ia ficando menos e menos ra¬zoável. Veio-lhe a imagem de algum líquido precioso — sangue, leite, vinho — vazando de um tanque. Não pôde suprimir um sentimento de direito repudiado: alguém deveria estar lá para levá-lo até a frente da fila, deixando para trás a plebe, dispensan¬do as formalidades, conduzindo-o a uma limusine. Será que nin-guém ali sabia quem ele era? Afinal de contas, era ou não era um vip? Claro que era, como todos os outros. Em momentos co¬mo aquele, sua misantropia o tornava mais sensível às pessoas apinhadas ao seu redor, não mais companheiros de viagem, e sim adversários, competidores numa corrida lenta. E era mais forte do que ele: ficou de olho para ver se pegava um daqueles espertinhos que aparecem nos cantos de nosso campo de visão, deslizando quase imperceptivelmente, furando a fila com uma manobra astuciosa, um movimento sutil do ombro. Sacrificando os outros ao lhes roubar algum tempo.

Beard chegara àquele ponto em que as dez filas superpostas se reduziam a três diante dos balcões. E lá veio ele, o sujeito magro, o rosto parecendo um pergaminho, vestindo um casaco de lã verde (Beard sempre odiara aquele estilo tirolês), chegando de mansinho pela esquerda, tentando usar sua altura para avançar sorrateiramente, valendo-se da enorme maleta de mão à altura do joelho como uma cunha. De repente, movido por uma retidão audaciosa, Beard deu um passo à frente e impediu a passagem do sujeito, sentindo que a maleta dele o atingia no joelho. Nes¬se momento, virou para trás e, o encarando, disse polidamente, embora seu coração batesse mais forte: “Sinto muito”.

Uma reprimenda mal disfarçada em desculpa, fazendo-se de cortês com alguém que, naquela hora, ele estava pronto a matar. Era bom estar de volta à Inglaterra.

Entretanto, ao vê-lo de perto, Beard pôde verificar como o safado era velho. Pelo menos oitenta e cinco anos, com manchas sépia da testa pálida à garganta franzida, um ar vazio, o queixo frouxo, o lábio inferior caído, tremelicando e molhado. Obvia¬mente, os velhos tinham de passar na frente. Dispunham de me¬nos tempo. Estavam quase mortos. A pressa deles era maior que a sua, até cabia um pedido de desculpas. Porém o ancião havia desaparecido, ficara para trás, envergonhado. Tarde demais para lhe oferecer um lugar favorável na fila.

E foi assim que Beard, impiedoso flagelo dos fracos, se apresentou à funcionária da alfândega algo arrependido, se detestan¬do um pouco e, por isso, em nada surpreendido com o fato de que sua foto ou altura, sua data de nascimento ou filiação, provo¬cassem suspeita e a testa franzida de quem entendia das coisas.

Ela folheou velozmente o passaporte, olhou de relance para Beard, voltou a repassar algumas páginas e só então, após um momento de reflexão, as pôs em contato com um scanner. Tinha vinte e tantos anos, possivelmente menos da metade da idade dele. Pais vindos da Etiópia, era seu palpite. Se ela escorregasse para fora do alto tamborete, saísse do compartimento em que estava e se livrasse dos sapatos altos, ainda assim pairaria quinze centímetros acima dele.

Além de lento e gorducho, Beard estava com o rosto afogueado de calor e atrasado. Ela estava elegantemente absorta na mis¬são de guardar os portais de sua nação contra os indesejáveis. Beard a observou enquanto a moça examinava os dados projetados na tela do computador, enquanto sua mão direita, com uma leve coloração arroxeada na palma, passeava agilmente pelo teclado em busca de outras informações sobre ele, quem sabe, Beard de repente desejou, uma visão mais profunda. Dos tubos de aço que compunham o teto do salão da alfândega pareceu descer um grande silêncio, como uma pesada nevasca, um frescor delicioso, fazendo com que todo o sentimento de pressa o abandonasse. Aquela pele delicada, que absorvia a luz tanto quanto a amava, aquelas altas maçãs do rosto (ele só via uma delas) com a queda suave e uma curva bem esculpida, aqueles olhos castanhos que estudavam com seriedade seu caso, aquela união feliz, a seu ver, entre inteligência e graça. Milênios antes, sob frescos dosséis em algum baluarte secreto no deserto, os genes de uma gazela haviam penetrado no pool humano local. Essa fantasia de miscige¬nação podia ser uma forma de racismo ou simples adoração, mas de qualquer forma Beard não tinha o menor desejo de bani-la. A impressão perdurou enquanto ele contemplava a mão e o pulso esquerdo, longos e estreitos como uma colher de salada, que ja¬ziam inertes junto às capas desbotadas do passaporte aberto de borco sobre a mesa.

Ele permanecia um idiota atrevido nessas questões — há¬bitos havia muito cristalizados, nem um pouquinho mais sábio do que aos vinte e cinco anos, sem nenhuma perspectiva de melhoria (como concordariam todas as suas ex-mulheres) — e, mo¬mentos antes que ela falasse, se deliciou com a idéia familiar de perguntar à funcionária da alfândega se estava livre para jantar. Costumava convidar muitas mulheres para jantar, mulheres que nunca vira, e nem todas diziam não. Seu envolvimento com Patrice tinha começado assim, com um banquete, e conduzido a eventos tão trágicos que, até agora, dez anos depois, ele ainda se lembrava do que havia pedido. Foi uma predição de tudo que viria, uma maldição: arraia com alcaparras e manteiga queima¬da, uma salada de rúcula selvagem excessivamente salgada, um Pinot Grigio fermentado e sem dúvida contaminado pela rolha. Mas ele estava tão mortalmente fascinado que

nem foi capaz de chamar o sommelier.

Os olhos da moça e os seus se encontraram, e ela disse: “O senhor tem viajado muito no Oriente Médio”.

A afirmação soou como uma pergunta. Os linguistas conhecem bem essa tendência de terminar as frases numa entonação crescente. Ultimamente, ele se tornara um esnobe em matéria de linguagem, um esnobe ao contrário, cuja idade e conexões limitadas o impediam de compreender a correlação entre pro¬núncia e status na Inglaterra moderna. No ano anterior, inicia¬ra um caso com uma garçonete londrina que pensou ser um animal feroz e fogoso oriundo de algum desolado conjunto ha-bitacional. No entanto, ela de fato fora criada em Surrey Hills, numa casa desenhada por Lutyens e cercada de altos loureiros, sendo seu pai um matemático feito cavaleiro pela rainha e com¬panheiro dele na Royai Society. Beard havia fugido. E lá estava ele agora, mais uma vez excitado com sua própria ideia de algo demótico, algo picante.

Retrucou em tom neutro: “Sim, é verdade”.

“Líbia, Egito, Sudão. E todo o resto. Foi a negócios?”

Ele concordou com um gesto de cabeça.

“Que tipo de negócio?”

Essa pergunta havia sido feita muitas vezes em ocasiões semelhantes. “Consultor de energia”, ele respondeu. “Petróleo?”

Mais uma vez a pronúncia dela despertou algo doentio em Beard.

“Não. Solar.”

“Concentração de energia solar?”

Não exatamente, mas balançou a cabeça num gesto afirmativo. Ela sabia das coisas. Num momento inebriante de espe¬rança virtuosa e interesse carnal, sua imaginação saltou por cima do jantar para o dia em que ela teria pedido demissão da alfânde¬ga e, tão suave quanto competente, viajava a seu lado, trabalhava com ele e para ele, os dois vivendo juntos para tornar realidade sua visão de um mundo despoluído, refrescado e movido pelo efeito fotovoltaico,

pela energia concentrada do sol, acima de tu¬do por sua própria fotossíntese artificial através de sistemas cen¬tralizados ou ligados à grade mais ampla. Ele lhe ensinaria tudo que sabia sobre as películas finas, helióstatos, tarifas de forneci-mento. Em muito pouco tempo, ela seria eficiente no trabalho e, nas horas de lazer, se revelaria generosa, atlética, com gostos vulgares.

Beard já começava a elogiar em tom de conversa o interesse dela pelo assunto, quando foi interrompido.

“Muito obrigada, sr. Beard.” Ela lhe oferecia o passaporte com a mão direita, passando por cima da abandonada mão esquerda, que continuava imóvel sobre a mesa. Óbvio! Inutilizá-vel, definhada, murcha. Sua ridícula fantasia foi mais além, cres¬ceu e se transformou num sentimento de proteção e amparo diante do braço congenitamente sem serventia. Ela comeria o jantar segurando o garfo na mão direita; naturalmente, ele faria o mesmo.

O convite estava nos lábios de Beard quando o olhar dela se desviou para o primeiro da fila, o sorriso se desvanecendo enquan¬to chamava: “Próximo!”

Essa era a fraqueza com que ele tinha de conviver, seu próprio braço murcho, o teatrinho mental, totalmente infantil, que em ge¬ral não levava a lugar nenhum, às vezes lhe criava problemas e só muito raramente proporcionava alguma alegria. Mas sonhos simi¬lares de olho aberto — momentos de loucura, breves explosões neurais, episódios compactos mas nebulosos que entrelaçavam o real com o imaginário enfeitando-os com as lantejoulas vistosas do impossível, os pensamentos escandalosos e contraditórios que desafiavam a lógica — no passado distante lhe haviam permitido formular sua Conflação. O poético, o científico, o erótico — por que deveria a imaginação se importar com qual desses mestres ela servia?

Passou correndo pela seção de entrega de bagagens, deixan¬do para trás os rangentes carrosséis e as pessoas entediadas que estudavam os painéis de informação, as bancadas desertas da al¬fândega com suas sinistras mesas de aço inoxidável que lembra¬vam um necrotério. Passou depois pelas longas linhas de mo¬toristas atentos, com suas tabuletas — Aventuras de Balão no Kuwait, Bispo Dolan, Ted do sr. Kipling —, e cruzou o saguão de partidas plenamente consciente de que não estava tomando o caminho direto para as escadas que levariam aos trens, em¬bora também não estivesse rumando de forma precisa para a lojinha vagabunda onde se vendiam jornais, alças para malas e

bugigangas desse tipo. Seria fraco o suficiente para entrar lá como sempre fazia? Achou que não. Mas seus passos o levavam naquela direção. Afinal de contas, ele era um intelectual conhe¬cido publicamente, precisava estar bem informado e, embora sob pressão do tempo, nada mais natural do que comprar um jornal. Chegada a hora de tomar decisões importantes, a mente se comportava como um parlamento, um foro de debates. Fac¬ções opostas se digladiavam, interesses de curto e de longo prazo ocupavam diferentes trincheiras e se odiavam. Não apenas havia manifestações a favor e contra cada proposta, mas algumas delas tinham o propósito de ocultar segundas intenções. As discussões podiam ser repletas de trapaças e muito tempestuosas.

Ele conhecia a loja bem demais, e agora parecia estar caminhando diretamente para lá. Ia apenas dar uma olhada, testar sua força de vontade, comprar um jornal e nada mais. Ah, se es¬tivesse resistindo à pornografia, o fracasso não lhe faria nenhum mal. Mas fotografias de mulheres ou de partes de seus corpos já não o excitavam muito. O problema de Beard era até mais ba-nal do que as revistas de capas lustrosas que ficavam na estante mais alta. Agora se encontrava em frente ao balcão, separando as moedas de euro e de libra na mão, com quatro jornais sob o braço e não apenas um, como se o excesso numa determinada linha de produtos pudesse imunizá-lo contra outra. Enquanto os jornais eram passados no leitor de código de barras, ele viu, no limite do seu campo de visão e logo abaixo da caixa registradora, o brilho daquilo que desejava, a coisa que desejava não desejar, doze deles lado a lado. E, sem tomar uma decisão consciente, apanhou um — tão leve! — e o pôs em cima de sua pilha, co¬brindo em parte a foto do primeiro-ministro acenando da porta de uma igreja.

Tratava-se de um saquinho de papel de alumínio e plástico que continha batatas fritas cortadas bem finas e temperadas com sal, produtos alimentícios em pó, conservantes, aromatizantes, agentes hidrolisantes, fermentos, reguladores de acidez e coran¬tes. Ele ainda não tinha digerido o almoço, mas aquela iguaria química não podia ser encontrada em Paris, Berlim ou Tóquio, e ele não podia esperar a hora de desfrutar da ardência actínica daqueles trinta gramas — quantidade preferida pelos narcotra¬ficantes. Só mais um choque epicurista, e ele jamais tocaria na¬quela porcaria. Achou que tinha uma boa chance de resistir à tentação até pegar o trem para Paddington. Enfiou o saquinho no bolso do paletó, pegou o monte de jornais e, puxando a mala com rodinhas, atravessou o saguão. Estava pesando dezesseis qui¬los a mais do que devia. Quanto à sua futura leveza corporal, já tomara várias resoluções de caráter geral e fizera promessas vir¬tuosas, com frequência após o jantar e com um copo na mão,

sempre contando com o apoio irrestrito de todos os parlamenta¬res. O que o derrotava vez após vez era o presente, o momento de vívido confronto com o petisco tentador, o prato adicional, a refeição de que não necessitava realmente, ocasiões em que os defensores do curto prazo ganhavam a votação.

O vôo de Berlim tinha sido um fracasso típico. No início, ao depositar seu amplo traseiro no assento, pouco mais de duas horas após um pesado café da manhã germânico, ele formulou suas resoluções: só beber água, nenhum petisco de entrada, uma salada verde, uma porção de peixe, nenhum pudim de sobre¬mesa — enquanto, ao mesmo tempo, graças à aproximação de uma bandeja de prata e ao convite sussurrado por uma voz de mulher, lá estava ele impedindo que a taça de champanhe es¬capasse. Meia hora depois, abria o saco de palitinhos de milho torrado com uma fina camada de carne e grãos de sal para acom¬panhar seu gim-tônica duplo. Ao ser posta a toalha branca na mesinha diante dele, alguma pistola neuronal deu a partida para seus sucos gástricos. O gim dissolveu as últimas defesas. Pediu a entrada que havia decidido recusar: coxinhas de codorna envol¬tas em bacon sobre uma base de creme com alho. Seguiram-se cubinhos de carne de porco protegidos por uma fortaleza de ar¬roz na manteiga. A palavra pavê foi outra pistola de largada: um paralelepípedo de musse de chocolate envolvido em chocolate e coberto com uma calda de chocolate, além de queijo de cabra, queijo de vaca num ninho de uvas brancas, três pãezinhos, um chocolate de menta e três copos de borgonha. Por fim, como se isso pudesse absolvê-lo de tudo mais, ele se forçou a percorrer o menu de trás para a frente e encarar a salada encharcada de azeite que tinha vindo com a codorna. Quando a bandeja foi le¬vada, só restavam as uvas.

Comprou a passagem e se instalou diante de uma mesa no vagão cheio pela metade. Em sua frente estava um desses homens de trinta e poucos anos, de cabeça raspada, cara roliça e pescoço engrossado na academia que, aos olhos pouco percep¬tivos de Beard, não era possível distinguir de seus congêneres. Aquele indivíduo, contudo, se diferenciava pelos piercings na ore¬lha. Durante alguns incalculáveis segundos houve uma nego¬ciação sob a mesa, um balé cortês com vistas a determinar o posicionamento das pernas. Depois disso, o homem mais moço continuou a teclar uma mensagem no celular e Beard, passando os olhos pelas primeiras páginas, sentiu o estreitamento mental que era comum ao voltar do exterior. Aqueles eram sem dúvida os mesmos jornais que lera antes de partir, semanas antes. Ali es¬tavam as mesmas manchetes acima das mesmas fotos, fazendo a mesma pergunta. Quando Blair sairia? Amanhã? Logo depois da próxima eleição, supondo que a ganhasse? Dali a um ano, dois,

ou cumpriria todo o seu quarto período de governo? Não era aquele exatamente o mesmo número de cidadãos da etnia Shia assassinados pela Al-Qaeda em Bagdá na fila para comprar pão? Excetuada essa matéria (Beard estava folheando a pilha de jor¬nais), o tsunami havia matado mais de duzentas e cinquenta mil pessoas, suscitando para alguns, como já fizera no mês anterior, a questão da existência de Deus. De resto, e como sempre, a opi¬nião generalizada era que o país se encontrava à matroca, com o governo, as finanças, os serviços de saúde, o sistema judiciário e o educacional, as forças armadas, a infra-estrutura de transporte e a moralidade pública num estado de inanição terminal. Por for¬ça do hábito, procurou por artigos sobre a mudança climática. Nada. Energia solar? Nada — mas haveria em breve.

Pôs os jornais no assento a seu lado e cuidou do palmtop, lendo as quinze mensagens que havia recebido desde que deixa¬ra o aeroporto Tegel em Berlim. Catorze se relacionavam a seu projeto. O parceiro americano, Toby Hammer, confirmava que os documentos estariam na embaixada em Grosvenor Square. O dono da fazenda queria que o montante da opção de compra fos¬se transferido para uma conta em El Paso e não em Alamogordo. A Câmara de Comércio local solicitava polidamente uma estimativa “mais precisa” do número de postos de trabalho que a instalação abriria para os cidadãos de Lordsburg. Sempre que via o nome daquela cidadezinha, seu humor melhorava. Gostaria de estar lá agora, no limite norte do povoado, varrendo com os olhos a coruscante vastidão onde, na margem da estrada reta que levava a Silver City, o trabalho em breve começaria. A Holiday Inn de Lordsburg confirmava sua reserva para o mês seguinte, no mesmo quarto, porém, com a tarifa menor oferecida aos clien¬tes fiéis. Pela terceira vez naquele mês, uma nota de Jock Braby, pedindo um encontro. Ele teria ouvido os rumores sobre os bons resultados no Imperial College e agora queria uma parcela do sucesso. E isso vindo do homem que articulara a demissão de Beard do Centro. Um bilhete adicional de Hammer: ele encontrara uma fonte barata de limalhas de ferro. Uma única mensa¬gem pessoal: Não esqueça do jantar às 8. Prato principal obvia¬mente é você. Eu te amo, Melissa.

Eu te amo. Ela havia escrito e dito isso muitas vezes, porém ele nunca lhe dissera o mesmo, nem em momentos de abando¬no. E não porque achasse que não a amava. Nessa área, nunca tinha certeza de nada. Havia muito aprendera a nunca se de¬clarar apaixonado por ninguém. Com Melissa, tinha horror do que poderiam significar essas três palavras com um poder tão sobrenatural. Será que se comprometeria com ela pelo resto da vida, teria um filho com ela? Melissa

desejava a criança que as circunstâncias lhe haviam negado. Mas todo o seu retrospecto o convencia de que, se concordasse com o plano dela, certamente causaria desapontamentos àquela jovem mulher sincera e boni¬ta, que tinha dezoito anos menos do que ele. Ela estava naquela idade em que uma mulher sem filhos precisa andar depressa. Caso ele não concordasse em executar suas funções, ela deveria pedir as contas. Sem dúvida necessitaria de um período de adap¬tação, além de algum tempo para encontrar algum substituto. Mas ela não queria que Beard fosse embora, e nem ele era capaz de deixá-la. E, no entanto, ser um marido inadequado outra vez, pela sexta vez, ser pai aos sessenta anos… Uma regressão ridícula!

Era uma agonia discutir isso com ela. Na última ocasião, num restaurante em Piccadilly, os olhos de Melissa ficaram marejados quando ela disse que preferia não ter filhos a perdê-lo. Insuportável. Coisa para aquelas colunas de jornal com conselhos sentimentais. Ele não podia acreditar nela. Se realmente a amasse, deveria liberá-la e ir embora o mais cedo possível. Mas gostava dela e era fraco. Como poderia recusar aquela dádiva improvável? Quem mais, tão jovem, aceitaria com tamanha ternura um homem ligeiramente absurdo, baixo, balofo, já idoso, marcado por uma desgraça pública, corrompido por um sopro de fracasso, totalmente envolvido numa estrambótica aventura com raios do sol?

Por isso, ele havia feito a pior escolha possível. Na verdade, nem mesmo uma escolha, e sim uma espécie de covardia instin¬tiva. Sem se afastar de vez, se mantivera distante — de qualquer modo estava trabalhando no exterior. Andara com outras mu¬lheres, enquanto tinha certa esperança de receber, ao mesmo tempo em que temia com todas as forças, o telefonema em que ela lhe diria que estava prestes a entrar em sua existência, ou aca¬bara de entrar, o jovem macho, ardente e talentoso, que rondava na periferia. E então, se fosse suficientemente fraco, ele correria de volta para defender o que de repente decidiria lhe pertencer, e ela ficaria grata, o jovem garanhão seria posto para correr, a confusão continuaria — e Beard estaria um passo mais perto da decisão errada.

Pôs de lado o palmtop, recostou-se no assento e semicerrou os olhos. Bem na frente dele, sobre a mesa, reluzia através de seus cílios o saquinho de batatas fritas com sal e vinagre, estando mais além a garrafa plástica de água mineral do seu companhei¬ro. Beard pensou em rever as notas para a palestra, porém o can¬saço da viagem e os drinques no almoço o haviam deixado inerte. Além do mais, acreditava conhecer bastante bem o material, ha¬vendo também anotado algumas citações úteis num cartão que guardara no bolso de cima do paletó.

Quanto às batatinhas, a vontade era menor do que antes, porém ainda estava lá. Alguns daqueles componentes industriais talvez fossem capazes de sa¬cudir seu metabolismo, despertando-o. Era seu céu da boca, e não o estômago, que clamava pelo gosto forte e acídico do reves¬timento de cada frágil fatia. Ele tinha demonstrado um grau de controle respeitável — o trem já se pusera em marcha alguns mi¬nutos antes — e não havia nenhuma boa razão para delongas.

Endireitou o corpo no assento e se inclinou para a frente, cotovelos sobre a mesa, as mãos sustentando o queixo por alguns segundos de reflexão, o olhar fixo na embalagem vistosa: prata, vermelho e azul, com animais estilizados cabriolando debaixo da bandeira do Reino Unido. Tão infantil da parte dele aquela fixa¬ção, tão fraca, tão perniciosa, um microcosmo de todos os erros e loucuras do passado, de seu jeito impaciente de querer possuir as coisas instantaneamente. Pegou o saquinho com as duas mãos e o abriu no topo, liberando o aroma penetrante de óleo de fritura e vinagre. Tratava-se de engenhosa simulação, feita em laborató¬rio, das lojinhas de esquina que outrora vendiam peixe com fritas, uma reencenação que envolvia doces memórias, desejo e senso de nacionalidade. A bandeira era uma opção bem inteligente. Retirou uma única batata com o polegar e o indicador, repôs o saquinho na mesa e se recostou de novo. Era um homem que cuidava com seriedade de seus prazeres. O truque consistia em colocar a peça no centro da língua e, após permitir por um mo¬mento que a sensação se espalhasse, apertá-la com força contra o céu da boca. Sua teoria era que a superfície rígida e irregular causava minúsculas abrasões na mucosa delicada sobre as quais agiam o sal e as substâncias químicas, criando uma mescla de pra¬zer e dor, suave porém inconfundível.

Como um enólogo num prestigioso teste de vinhos, ele havia cerrado os olhos. Ao abri-los, o homem do lado oposto da mesa o fitava com seus olhos de um tom azulado de cinza. Sentindo-se apenas levemente envergonhado, Beard fez um gesto de impaciên¬cia e afastou o olhar. Sabia que projetara a imagem de um gor¬ducho idiota, entrado em anos, que se deleitava intensamente com junk food. Havia se comportado como se estivesse sozinho. E daí? Contanto que não prejudicasse ou ofendesse ninguém, era um direito que tinha. Não se importava mais com o que os outros pensavam dele. Envelhecer trazia poucas vantagens, mas essa era uma delas. Menos para satisfazer sua necessidade desprezí¬vel do que numa mera afirmação de individualidade, esticou a mão a fim de pegar outra batata e, ao fazê-lo, olhou de novo para o companheiro de viagem. Ele o encarava de um modo duro e ostensivo, sem piscar, expressando apenas uma curiosidade fe¬roz. Ocorreu a Beard que poderia estar diante de um psicopata.

Azar. Ele próprio podia ser também um pouquinho psicótico. O resíduo salgado do primeiro pedaço lhe deu a impressão de que suas gengivas sangravam. Recostou-se mais uma vez no assento, abriu a boca e repetiu a experiência, embora dessa feita manten¬do os olhos abertos. Como era inevitável, a segunda porção foi menos picante, menos surpreendente e aguda que a primeira, e foi justamente esse déficit, esse desapontamento sensual, que deflagrou a necessidade, bem conhecida dos viciados em drogas, de aumentar a dose. Iria comer duas batatas de uma só vez.

Nesse momento, ao erguer os olhos, viu o sujeito ajeitar o corpo para a frente e, ainda de olhos estranhamente fixos nele, plantar os cotovelos na mesa, talvez numa paródia consciente. Depois, deixando o antebraço cair, baixando-o como um guindaste na direção do saquinho, o sujeito roubou uma batata, pro¬vavelmente a maior de todas, a manteve diante do rosto por um ou dois segundos e comeu, não com a meticulosidade de Beard, mas com uma mastigação insolente, os lábios abertos permitin¬do do ver o produto se transformar em pasta na língua dele. Nem ao menos piscou, tão intenso era seu olhar. E o ato foi tão flagrante, tão inortodoxo, que até mesmo Beard, bastante capaz de pensa¬mentos não convencionais — como teria ganhado o Prêmio se não fosse assim? —, ficou paralisado, em estado de choque, ten¬tando salvar a dignidade ao manter as feições inalteradas, sem se trair dando algum sinal de emoção.

Um olhava fixamente para o outro, e agora Beard estava decidido a não desviar a vista. Não havia dúvida, o comportamento do sujeito era agressivo, ele acabara de cometer um roubo osten¬sivo, não importando que o bem fosse de pouco valor. E, se chegassem às vias de fato, Beard certamente seria posto a nocaute em segundos, com fratura do crânio ou dos braços. Mas havia também outra possibilidade, a de que, por trás daquela máscara rígida, ele estivesse gozando o prazer ridículo de um homem mais velho ao comer junk food. Ou, no estilo ultrapassado dos situacionistas, zombasse de Beard porque ele representava a fi¬gura do burguês acomodado. Ou, pior ainda, achasse que Beard fosse veado, quando então tudo aquilo significaria uma forma de cantada, uma abertura moderna utilizada apenas pelos integran¬tes de alguns subgrupos para quem, por exemplo, sua gravata de seda roxa fosse um convite aberto à sedução. O fato de alguém usar um brinco já não tinha servido como indicador de orienta¬ção sexual? Mas usado em que orelha? Aquele sujeito exibia dois brincos em cada orelha. Como físico, Beard entendia muito de luz, porém nada sabia sobre as formas públicas de expressão na cultura contemporânea. Por fim, retornando à

impressão inicial, Beard achou que seu companheiro de trem podia ser mesmo um doente mental que resolvera suspender por conta própria o uso do lítio, e nesse caso seria uma má idéia continuar a olhá-lo fixa¬mente. Assim pensando, desviou a vista e fez a única coisa que lhe ocorreu: pegou outra batata.

O que ele esperava? Tão logo a batata aterrissou na sua lín¬gua, a mão do indivíduo mergulhou de novo, e dessa vez apanhou duas, exatamente como Beard tencionara fazer, comendo-as do mesmo modo enérgico e vulgar. Sem dúvida não seria de bom alvitre remover o saquinho da mesa — muito violento, muito abrupto. Perigoso alterar as regras do jogo, abrindo espaço para uma briga. Alguém o salvaria caso isso acontecesse? Beard deu uma olhada no vagão. Os passageiros liam, fitavam o espaço sem nenhuma expressão no rosto ou observavam pela janela a paisa¬gem hibernal dos subúrbios do oeste de Londres, desconhecen-do o drama em curso na mesa dele. Afinal, que interesse havia em dois homens repartindo silenciosamente um lanchinho? Era paradoxal, porém no entender de Beard fazia mais sentido dar sequência ao que fora iniciado. Não passava por sua cabeça evi¬tar o confronto com um homem mais forte simplesmente ce¬dendo e permitindo que ele ficasse com o saquinho todo. Beard não admitia ser coagido. Podia ser baixinho e gordo demais, mas tinha um senso de justiça muito apurado e sempre lutou por seus direitos. Era realmente capaz de se comportar de forma teme¬rária. Já pagara caro por isso. Pegou outra batatinha frita. Seu oponente, ainda encarando Beard, fez o mesmo. Isso se repetiu por mais duas vezes, as mãos de um e de outro alcançando em movimentos firmes e deliberados o saquinho, sem nenhuma pres¬sa e sem nunca se tocarem. Quando só restavam duas batatas, o sujeito apanhou o saquinho e, numa paródia de cortesia, as ofe¬receu a Beard. A única reação possível a esse derradeiro insulto foi afastar o rosto.

Era um ultraje. O trem começava a reduzir a velocidade, as pessoas pegavam seus casacões, uma voz eletrônica lembrou os passageiros de que deveriam levar suas bagagens ao sair. Num gesto que assegurou seu triunfo, o sujeito fez uma bolinha com a embalagem de plástico e a jogou na cesta de lixo debaixo da mesa.

Em seguida, diligentemente, usou uma das mãos para varrer do tampo as migalhas e grãos de sal. A humilhação de Beard era total. Era isso que significava envelhecer: ser manipulado por al¬guém mais moço e mais forte sem chance de revidar. Com um cálido toque de autocomiseração, sentiu que todas as injustiças, todas as opressões históricas, as invasões injustificadas, o

despo¬tismo caótico, todas as violações tirânicas ao império da lei esta¬vam compactadas naquele momento, e que lhe cabia dar uma de¬monstração de resistência por uma questão de respeito próprio e como um dever para com os pobres-diabos de todo o mundo. Se não o fizesse, sua dignidade humana estaria comprometida para sempre. Lançou-se para a frente, pegou a garrafa de água mine¬ral de seu oponente, arrancou a tampa e bebeu sofregamente — estava mesmo com sede —, até o fundo, até a última gota de seus vinte e cinco centilitros. Atirou a garrafa sobre a mesa com o olhar desafiador de quem topa qualquer parada. A tampa azul rolou para o chão.

O indivíduo refletiu por um instante e, pondo-se de pé, no corredor revelou toda a sua altura, algo da ordem de um metro e noventa. Beard, já começando a lamentar a provocação que fi¬zera, permaneceu sentado, decidido a não se encolher de medo. O homem ergueu o braço muito musculoso e, num movimento ágil, pegou a mala de Beard e a depositou suavemente junto a seu dono. Se esse foi um ato de contrição, ele não se sensibilizou e retaliou com um olhar hostil de desprezo. Seu adversário hesi¬tou por um momento, olhando para baixo, na direção do homem mais idoso, com uma expressão de pena ou tristeza, virando en¬tão as costas e saindo do vagão com largas passadas.

Antes de se levantar, Beard deixou que ele se afastasse bem. Nunca mais queria ver aquele sujeito. Só um minuto depois pi¬sou na plataforma. Um pouco trêmulo, talvez de raiva, de cho¬que ou um pouco das duas coisas, teve dificuldade em vestir o casacão — o cinto se enroscara numa das mangas. Os cadarços de um sapato estavam desamarrados. Ajoelhando-se para amar¬rá-los com dedos ainda não de todo obedientes, lembrou-se de sua pilha de jornais e decidiu deixá-los para trás. Por fim, mais ou menos composto, caminhou pela plataforma rumo à catraca na saída. Esse foi o momento que guardou para sempre, que pas¬sou a representar todas as reavaliações que viria a fazer sobre seu passado, todas as perspectivas revistas ou melhoradas que iria ter sobre sua própria história, sua idiotice e as motivações das outras pessoas. Havia parado a seis metros da catraca. Pôs de pé a mala com rodinhas e, enfiando a mão por baixo do casacão, buscou a passagem no bolso do paletó. Havia outra coisa lá, algo feito de plástico, volumoso, leve, quebradiço. Veio-lhe a memória confusa de um truque de mágica numa festa na sua cidadezinha natal, quando um prestidigitador tirou da orelha do Michael Beard de dez anos um ovo, um coelho ou uma galinha, algo fisicamente impossível, tal como aquilo agora: o saquinho com as batatas que já havia comido. Puxou-o para fora e, estupefato, ficou olhando para ele, para a bandeira britânica, a dança dos animais estiliza¬dos,

desejando que se derretessem. E aquele outro saquinho? Que turbilhão de reconsiderações sobre cada instante e cada impul¬so, sobre a natureza do sujeito que ele nunca mais desejava ver e o fato de que ele, Beard, se havia comportado como… como um louco varrido!

Havia se comportado tão mal que, por alguns momentos, teve um sentimento de libertação, estranhamente parecido com a alegria. Não havia como se desculpar, não tinha como se defender. Também teve uma vontade desconsolada de rir. O erro era tão patente, tão imaculado, ele se revelava tão completamen¬te diante de si próprio como um perfeito idiota, que se sentiu purificado e redimido, como um penitente, como um flagelado medieval em êxtase ao se dar conta de que suas costas estavam outra vez em carne viva. Aquele pobre sujeito cuja comida e be¬bida você havia devorado, que lhe ofereceu os últimos pedaços, que pôs sua bagagem no chão, era um amigo da humanidade. Não, não, não era para fazer aquilo agora, a agonia da retrospecção precisava ser adiada.

Embora precisasse correr para o local de seu compromis¬so, Beard permaneceu por um bom tempo na plataforma, sob o distante teto de vidro e em meio aos entrechoques ecoantes da gare, enquanto os passageiros o contornavam e ele apertava o saquinho de batatas contra o peito, se sentindo, sem nenhuma boa razão, intensamente iluminado.

No táxi que o levou de Paddington para o Savoy, ele disse a si mesmo para tomar cuidado, pois estava se sentindo vulnerável e em breve falaria em público; além disso, terminada sua pales¬tra, o contrato o obrigava a se misturar com a platéia, podendo então encontrar jornalistas, homens e mulheres cuja aparência externa de simpatia e inteligência ocultava um instinto frio e pre¬datório. Com base em experiências anteriores, sabiam que ele podia ser levado a cometer indiscrições ou embarcar em hipóte¬ses audaciosas — afinal, a liberdade de pensamento era ou não um dever para Beard? —, as quais pareceriam ensandecidas ou estapafúrdias em letra de forma quando desacompanhadas de todas as qualificações, de todas as reservas, de todas as brinca¬deiras. Uma observação especulativa já lhe custara a manchete: “Prêmio Nobel diz que o fim está próximo”.

Seu próprio fim — ou assim lhe pareceu na época — havia chegado no ano anterior, e o mais curioso era que as pessoas já haviam começado a esquecer.

Isso correspondia a uma forma de perdão. Sabia-se que alguma coisa acontecera, que a impren¬sa se agitara em torno de Michael Beard, porém os detalhes se tornavam obscuros. Ele havia feito algo errado ou estivera certo o tempo todo? Havia atacado alguém ou fora a vítima? E esse alguém havia sido preso? Quando a coisa estourou, um colega dele, autoridade na modelagem de computadores, lhe disse que havia sido publicada em quatrocentos e oitenta e três jornais a imagem do ganhador do Prêmio Nobel algemado e sendo con¬duzido em meio a uma multidão que o vaiava. Ele teria de viver com o fato de que sua humilhação fora planetária, mas aparen¬temente ninguém mais ligava para isso. Novas matérias haviam toldado a memória pública, novos escândalos, resultados espor¬tivos, confissões, guerras, fofocas sobre celebridades e o tsunami ajudando a limpar sua barra. Uma correnteza de doze meses, ca¬da dia mais volumosa, o levara a terreno mais seguro.

Até mesmo sua recordação dos eventos, o tom emocional preciso que os marcou, já começara a se fragmentar. Ser o foco de atenção da imprensa significava experimentar uma forma de vertigem e espanto. Felizmente, a mancha em sua memória vi¬nha se desbotando até se transformar numa marca-d'água indis¬tinta. No entanto, certos detalhes permaneciam vívidos de tanto ser repetidos. Ele achava que as historinhas pessoais eram uma praga em matéria de conversação, porém continuava a contar as suas. Frequentemente explicava que a sensação das algemas na pele não era de aço frio, como se lê nos romances policiais. As que foram postas nele haviam sido aquecidas ao permanecer durante uma longa manhã no paletó de gabardine sem mangas da policial que o prendera. Sinistro mesmo foi o ajuste íntimo em torno de seus pulsos e a transferência de calor corporal. Era também voz corrente que, ao ler qualquer matéria na impren¬sa sobre um assunto de seu conhecimento, as pessoas costuma¬vam encontrar ao menos um fato importante reportado de for¬ma errônea. Mas essa não foi sua experiência. Surpreendeu-o o número de fatos precisos sobre ele que a imprensa conseguiu desenterrar. A distorção residia no modo como esses fatos eram justapostos, gerando implicações que escapavam por milímetros de uma ação por calúnia. E o impressionara também a pesquisa, como aqueles incansáveis jornalistas haviam, em um ou dois dias, penetrado profundamente nos bairros afastados, nas favelas superpovoadas de sua vida particular. Um deles, por exemplo, recebeu uma generosa doação de maldade do irmão mais velho de sua terceira mulher, um ermitão quase mudo que sempre odiara Beard e vivia no final de uma estradinha de terra numa península deserta no noroeste da ilha de Bruny, na costa da Tasmânia, sem acesso a nenhum telefone.

A imprensa virou a vida de Beard de cabeça para baixo co¬mo se faz com uma cesta de papéis. Umas duas sacudidelas, e lá ficou à vista todo o lixo semiesquecido. Em outras circunstâncias, podia ter sido um serviço digno de remuneração. Sem nenhum acerto entre si, todas as suas gentis ex-esposas — Maisie, Ruth, Eleanor, Karen e Patrice — se recusaram a prestar declarações. Isso o tocou de forma muito profunda. Das antigas amantes, a maioria foi leal, só o rebotalho falou: uma assistente de labo¬ratório, uma secretária administrativa. Falaram igualmente dois cientistas, ambos fracassados, zeros à esquerda. O curioso é que também surgiram algumas impostoras. Ao som da Última Trom¬beta, levantou-se dos túmulos e catacumbas esse grupelho de ex-amantes e mentirosas a fim de se apresentarem diante do seu Criador, um jornalista com um talão de cheques, denunciando Beard como alguém que odiava as mulheres, um explorador, um pulha.

Mas ficar em silêncio ou ser leal não salvou ninguém. A co¬bertura foi total. Até que a atenção da imprensa fosse atraída por um escândalo futebolístico, Beard foi a bola da vez. Um cartum de primeira página o retratou como um bode lascivo, acenando com uma pata mole e recostado na legenda que dizia: “Veja lá dentro as mulheres de Beard”. Quando abriu o jornal com o co¬ração dolorido e examinou uma galeria de rostos — que incluía colegas, velhas amigas, as esposas, Melissa —, algo vibrou nas suas entranhas e uma voz interna, cortante como aço e incapaz de ser humilhada, murmurou que ele não tinha se dado tão mal nas últimas três ou quatro décadas, que todas aquelas mulhe¬res tinham um toque de qualidade, de confiança e compostura. Quanto às impostoras, as oportunistas, havia ao todo três, nenhu¬ma delas muito bonita. Mas como podia deixar de se interessar pelas noites fictícias que elas haviam passado com ele? Sentiu-se lisonjeado.

De modo geral, no entanto, foi uma época horrível. Tudo começou de modo muito inocente, com um toque do mouse para aceitar a presidência honorária de um programa de governo que visava promover o estudo de física nos colégios e universidades, atrair um maior número de alunos graduados e professores para a área, honrar as conquistas do passado e transformar os físi¬cos em heróis intelectuais. Quando o convite chegou, ele estava mais ocupado que nunca e poderia facilmente tê-lo recusado. Li¬derava um projeto de fotossíntese artificial no Imperial College, com quinze pessoas trabalhando sob seu comando. Continuava no Centro, embora só se interessasse mesmo em recolher o pa¬gamento no final do mês. E sentia que era importante manter seu trabalho longe do alcance de Jock Braby. Beard criara sua pró¬pria empresa, vinha

obtendo patentes sobre catalisadores e ou¬tros processos, alçm de ter encontrado Toby Hammer, um ma-gro e musculoso ex-alcoólatra, perito em fazer intermediações e descascar abacaxis, que sabia transitar entre as burocracias uni¬versitárias, as câmaras legislativas estaduais e as casas dos investi¬dores em negócios de risco. Beard e Hammer tinham procurado um local rico em luz solar, primeiro na região saariana da Líbia, depois no Egito, no Arizona e em Nevada, terminando por en¬contrar uma alternativa razoável no Novo México. Beard agora vivia entusiasmado e vinha se desfazendo de muitas das velhas sinecuras, porém aquele convite havia sido feito por intermédio do Instituto de Física, sendo por isso difícil rechaçá-lo.

E assim ele se reuniu pela primeira vez com os outros membros do comitê numa sala do Imperial College: três professores universitários de física de Newcastle, Manchester e Cambridge; dois professores secundários de Edimburgo e Londres; dois dire¬tores de colégio de Belfast e Cardiff; e uma professora de estudos científicos de Oxford. Beard pediu que cada qual se apresentasse, explicando sua formação e o que fazia. Isso foi um erro. Os pro¬fessores de física se alongaram demais. Tinham grande admiração por seus próprios trabalhos e instintivamente competiam entre si. Como o primeiro contou tudo em pormenores, o segundo e o terceiro fizeram o mesmo.

Não foi só por causa de velhos hábitos que Beard ficou impaciente ao ouvir a professora de estudos científicos, uma vez que a própria matéria era novidade para ele. Ultima a falar, disse se chamar Nancy Temple. O rosto era redondo, não exatamente bonito, mas agradável e franco, com um toque rosado algo infan¬til que fazia uma curva bem definida do osso malar até o queixo. Achou que não seria mau convidá-la para jantar. Ela começou observando que era a única mulher na sala e que a composição do comitê refletia justamente um dos problemas com que seus integrantes deveriam lidar. Em volta da mesa, todos, inclusive Beard (que havia convidado cada um deles com exceção de Nancy Temple), murmuraram sua enfática concordância. A voz da professora tinha as inflexões cantantes e hipnóticas de Ulster. Confirmou que crescera num subúrbio de classe média de Bel¬fast e estudara na Universidade Queen’s, onde havia se especia¬lizado em antropologia social.

Disse que poderia explicar melhor sua área de atividade descrevendo um projeto recente, um estudo em profundidade, com a duração de quatro meses, num laboratório de genética de Glasgow onde se buscava descrever um gene de leão, o Trim-5, e sua função. O objetivo dela consistia em demonstrar que esse gene,

ou qualquer outro, era, no sentido mais estrito, construído social¬mente. Sem as várias ferramentas “contextualizadoras” que os cientistas usavam — luminômetro de um único fóton, citômetro de fluxo, imunofluorescência *etc.* —, não se podia dizer que o gene existia. Custava caro comprar essas ferramentas e aprender a usá-las, o que lhes conferia um grande significado social. O gene não constituía uma entidade objetiva, à espera apenas de ser revelada pelos cientistas. O gene era totalmente manufaturado pelas hipóteses deles, por sua criatividade e seus instrumentos, sem os quais não podia ser detectado. E, ao ser por fim expresso em termos dos assim chamados pares de bases e de sua provável função, essa descrição, esse texto, só tinha significado e só derivava sua realidade da rede limitada de geneticistas que o lessem. Fora dessas redes, o Trim-5 não existia.

Tanto Beard como os físicos das universidades e escolas ouviram a apresentação com certo embaraço. Cortesmente, evita¬ram trocar olhares. Tendiam a adotar a opinião convencional de que o mundo existia de forma independente, com todos os seus mistérios, aguardando que alguém o descrevesse e explicasse, em¬bora isso não evitasse que o observador deixasse suas impressões digitais em todo o campo de observação. Beard tinha ouvido ru¬mores de que ideias estranhas circulavam nos departamentos de artes liberais. Segundo se dizia, era rotineiramente ensinado aos estudantes de humanidades que a ciência representava apenas um sistema de crenças, não mais nem menos verdadeiro do que a religião ou a astrologia. Ele sempre achara que aquilo devia ser uma infâmia assacada contra seus colegas do lado das humanidades. Os resultados sem dúvida falavam por si sós. Quem tomaria uma vacina desenvolvida por um padre?

Quando Nancy Temple se calou, Newcastle e Cambridge falaram ao mesmo tempo, mais surpresos do que irados. “E como se explica então a doença de Huntington, por exemplo?”, disse um deles, enquanto o outro perguntava: “A senhora honestamen¬te acredita que tudo aquilo que desconhece não existe?”.

Beard, cavalheiro até não mais poder, considerou que era seu dever protegê-la e estava prestes a intervir, porém a professora Temple respondeu de forma tolerante.

“A doença de Huntington também é inscrita culturalmen¬te. No passado constituiu uma narrativa sobre a punição divina ou a possessão demoníaca. Agora é a história de um gene defec¬tivo e, no futuro, provavelmente se

transmudará em outra coisa. Quanto aos genes que desconhecemos, bem, obviamente, nada tenho a dizer. É claro que aqueles que foram descritos só che¬gam a nós graças à mediação da cultura."

Foi a calma dela que provocou a confusão, e dessa vez o presidente interveio com firmeza — ele tinha muita experiên¬cia nesse tipo de coisa —, lembrando o comitê de que o tempo era curto e os conduzindo ao segundo item da agenda. Como deviam formular suas recomendações após doze reuniões em treze meses, era hora de estabelecer um programa de trabalho provisório.

Mais tarde, os membros do comitê sentaram-se atrás de uma longa mesa numa sala da Royal Society para dar a entrevista coletiva durante a qual seria lançado o programa que um departa¬mento de relações públicas do governo denominara Física Rei¬no Unido. Sua logomarca, exibida num cavalete, consistia nas letras E, M e C ao quadrado empaladas num sinal de igualdade a fim de evocar a imagem de um arbusto assimétrico. Beard apre¬sentou os colegas, fez alguns comentários iniciais e se ofereceu para responder às perguntas dos jornalistas, os quais, debruçados sobre os gravadores e blocos de notas, pareciam deprimidos pela seriedade da missão que lhes fora dada, por sua escandalosa falta de controvérsia. Quem teria a coragem de questionar a forma¬ção de mais físicos? As perguntas foram insípidas, as respostas, solícitas. Todo o projeto era lamentavelmente digno de elogios. Por que fazer um favor ao governo descrevendo-o em detalhe?

Então, a jornalista de um tablóide para leitores de classe média fez uma pergunta, também rotineira e muito batida, que Beard achou ter respondido de forma inócua. Era verdade, as mulheres estavam sub-representadas na física e sempre haviam estado. A questão fora discutida muitas vezes e (se tornando cons¬ciente da presença da professora Temple ao completar a frase) sem dúvida o comitê voltaria a examiná-la com vistas a analisar novas formas de estimular as meninas a estudarem a matéria. Em sua opinião, não existia mais nenhuma barreira institucional ou preconceito. Em outros ramos da ciência as mulheres esta¬vam bem representadas, até ocupando posição predominante em alguns deles. A essa altura, como estava conseguindo ser enfado-nho para ele próprio, acrescentou que, inevitavelmente, em al¬gum momento se atingiria um teto. Conquanto houvesse muitas mulheres brilhantes trabalhando no campo da física, era pelo menos concebível que elas sempre constituiriam uma minoria, mesmo que substancial. A tendência era que houvesse sempre mais homens do que mulheres interessados em se dedicar à físi¬ca. Na psicologia cognitiva havia

consenso, baseado em ampla gama de experiências, de que, em termos estatísticos, os cérebros dos homens e das mulheres eram bastante diferentes. Isso de mo¬do algum indicava uma superioridade de gênero ou resultava de um condicionamento social, embora nesse caso contribuísse para reforçar as tendências naturais. Tratava-se, portanto, de diferenças inatas em matéria de capacidade cognitiva, todas muito bem conhecidas. Em diversos estudos e metaestudos, verifica¬va-se que as mulheres, em média, possuíam maiores aptidões linguísticas, maior memoria visual, julgamentos emocionais mais claros e uma capacidade superior para executar cálculos mate¬máticos. Os homens exibiam escores mais altos na solução de problemas matemáticos, no raciocínio abstrato e na percepção visual-espacial. Homens e mulheres tinham diferentes priorida¬des na vida, atitudes diferentes com respeito ao risco, ao status, às hierarquias. Acima de tudo — e essa era a diferença realmente impressionante, que correspondia a quase um desvio padrão, e a que fora objeto de mais estudos —, desde cedo as meninas tendiam a revelar maior interesse pelas pessoas, e os meninos, pelas coisas e por regras abstratas. E tal diferença se refletia nos campos de ciência que uns e outras tendiam a escolher: mais mulheres na área das ciências da vida e ciências sociais, mais ho¬mens na engenharia e na física.

Beard reparou que as pessoas estavam ficando desatentas. Expressões do tipo “desvio padrão” geralmente exerciam esse efei¬to sobre os jornalistas. Alguns no fundo da sala começaram a con¬versar. Na primeira fila, um repórter mais idoso fechara os olhos. Beard decidiu abreviar a conclusão. Havia muito a fazer a fim de atrair um maior número de mulheres para o campo da física e fazê-las se sentirem bem-vindas. Mas, no futuro, talvez fosse um esforço injustificado buscar a paridade quando havia outros ramos de estudo preferidos pelas mulheres.

A jornalista que fizera a pergunta estava balançando a ca¬beça mecanicamente. Atrás dela, alguém começara a fazer uma pergunta sobre outro assunto. A tarde teria resvalado para o es¬quecimento, como qualquer outra, caso naquele momento a professora de estudos científicos não houvesse se levantado de re¬pente, ruborizando-se profundamente. Após alinhar seus papéis com uma pancada seca sobre a mesa, declarou em alto e bom som: “Antes que eu saia para vomitar lá fora, e vomitar muito depois do que acabo de ouvir, gostaria de anunciar meu pedido de demissão do comitê presidido pelo professor Beard”.

Caminhou com passos firmes para a porta, em meio ao barulhão de vozes e cadeiras sendo puxadas em toda a sala pelos jornalistas que se punham de pé

num salto. Enfim engajados pro¬fissionalmente, encantados, desesperados, competitivos, todos cor¬reram atrás dela.

À medida que a sala se esvaziava, o professor Jack Pollard, especialista em gravidade quântica da Universidade de Newcastle que recentemente proferira as Palestras Reith e dava a im¬pressão de saber tudo, disse no ouvido de Beard: "Você agora se danou. Ela é pós-moderna, você sabe, acredita que a mente humana é totalmente maleável, uma construtivista social. Todos eles são agora… Vamos tomar um café?".

Os termos usados por Pollard pouco significavam na época para Beard, que só pensava não ser aquela a forma apropriada de pedir demissão. Seguiu-se um segundo pensamento ainda mais simples: devia sair dali o mais rápido possível embora soubesse muito bem que Pollard queria fofocar. Em outras circunstâncias, Beard ficaria feliz de passar uma hora sentado com ele num ca-fé. Havia uma comunidade, um grupo internacional bastante estável, cujos membros mantinham um relacionamento feito de ciúme, afeição e sentimento de posse, e que, excetuadas algu¬mas notáveis deserções e mortes, desde a época heróica da clás¬sica Teoria das Cordas haviam caminhado juntos na busca do graal, a unificação da gravidade com as forças fundamentais. A certa altura, o grupo tinha compreendido as limitações das cor¬das e se bandeado para as supercordas e a Teoria Heterótica das Cordas a fim de chegar ao cavernoso abrigo maternal da Teoria-M. Cada avanço revolucionário havia gerado um novo conjunto de problemas, inconsistências e implausibilidades físicas. Dez dimensões e depois, após uma olhadela para trás na direção dos defensores da supergravidade, onze dimensões! Dimensões acentuadamente recurvadas em seis círculos, a redescoberta do que Kaluza e Klein haviam escrito nos anos 20, as deliciosas complexidades das dobras de Calabi-Yau! E o drama singular do universo no seu primeiro centésimo de segundo! Beard não de¬sempenhara nenhum papel de criação e seu conhecimento de matemática não era suficiente, porém conhecia os mexericos. E as piadas — o especialista em Teoria das Cordas apanhado na cama com outra mulher que exclama para a esposa dele: "Que¬rida, eu posso explicar tudo!" Tinha sido uma estrada longa e difícil, e continuava a ser — o limite extremo da percepção in¬telectual onde não faltavam histórias muito humanas. O físico teórico que ignorou sua mulher moribunda e mesmo assim fra¬cassou ao tentar reequacionar determinado problema. O obscuro pós-doutorando que resolveu um conjunto de contradições num estalo glorioso, pagando por isso com sua saúde. A famosa con¬ferência que vergonhosamente não tratou com o devido respeito um velho figurão. O

medíocre bajulador que obteve a verba mi¬lionária. A briga entre dois cientistas de grande renome que no passado haviam compartilhado um laboratório.

Sim, Beard adoraria o bate-papo, mas sentiu um constrangimento ao seu redor, algo semelhante à escuridão que se avo¬luma ou seu equivalente emocional. Estava num aperto e devia sumir antes que complicasse ainda mais as coisas. Desculpou-se rapidamente com Pollard e com os outros membros do comitê, pegou sua maleta executiva e atravessou o vestíbulo rumo à por¬ta principal. Do lado de fora, a luz do sol e o zumbido do tráfe¬go pareceram amenizar suas preocupações. Uma cordilheira de montanhas poderia ter tido igual efeito. Talvez tudo não passas¬se de uma tempestade num copo d'água. De passagem, ouviu fragmentos da entrevista coletiva que Nancy Temple dava na calçada, emitidos com serena vivacidade: "ressurreição da euge¬nia… asserções sinistras sobre a natureza humana… ataque neo-liberal contra a coletividade…". Ótimas frases de efeito para os tablóides. Alguns dos jornalistas que a cercavam vinham usando o teto de um carro como escrivaninha, outros já enviavam suas matérias pelo telefone. Talvez ela não soubesse que a excitação era em parte devida ao governo. Um de seus comitês estava em crise. Outro fracasso de Blair.

Beard ignorou as vozes que o chamavam por seu primeiro nome ao atravessar a rua. Nunca ajude a alimentar uma matéria jornalística sobre si próprio. No dia seguinte, contudo, se per¬guntou se não deveria ter atendido aos chamados ao ler que "fu¬gia envergonhado" sob a manchete "Ganhador do Nobel não quer ver garotas nos laboratórios".

De início, parecia que aquela história não tinha gás para se manter viva. Após uma pequena erupção de manchetes matinais, fez-se silêncio por dois dias. Ele pensou que havia esca¬pado. Mas, durante esse tempo, um tablóide aprofundava as pesquisas. No sábado, a "vida amorosa" de Beard foi revelada e engenhosamente entrelaçada com a matéria sobre as garotas nos laboratórios. No domingo, os outros jornais entraram em massa na jogada e ele foi reinventado como o "cientista garanhão", o "Nobel da cama", uma espécie de sátiro intelectual. Houve re¬ferências ao assassinato de Aldous, porém a encarnação prévia de Beard como corno manso e sonhador, o inocente enganado, a vítima de uma mulher leviana, foi convenientemente esque¬cida. Agora, ele era uma figura odiosa, seduzindo as mulheres embora quisesse expulsá-las dos círculos científicos. Os jornais mais sérios o descreviam como um físico que abraçara o "deter¬minismo genético", um sociobiólogo fanático cujas idéias sobre as diferenças de gênero derivavam indiretamente do darwinismo social, que por sua

vez dera origem às teorias raciais do Terceiro Reich. E então, se utilizando audaciosamente dessas informa¬ções, um jornalista, mais por brincadeira do que por convicção genuína, sugeriu que Beard era um neonazista. Ninguém levou a sério a acusação nem por um instante, porém isso permitiu que outros jornais usassem o termo mesmo que para contestá-lo, legalizando o insulto ao reproduzi-lo entre aspas cuidadosamen¬te colocadas. Beard se tornou o professor “neonazista”.

Um artigo publicado em jornal de inclinação esquerdista argumentou que as diferenças mais importantes entre homens e mulheres eram criações culturais. Em resposta, Beard lhes enviou uma carta frouxamente sarcástica, apenas seis linhas que toma¬ram quatro horas e incontáveis rascunhos, protestando contra o fato de que até o momento os homens não podiam engravidar e isso era culpa da sociedade. A carta foi publicada, mas aparente¬mente ninguém notou.

Uma semana depois, o mesmo jornal patrocinou um debate entre Beard, Temple e outras pessoas sobre “Mulheres e a física” no Institute of Contemporary Arts. A essa altura, ele estava deci¬dido a esclarecer de vez ao mundo suas opiniões. Compartilhou a plataforma com vários acadêmicos da área de humanidades, a maior parte homens, todos hostis. Por razões que nunca foram ex-plicadas, a professora Temple não compareceu, enviando uma colega em seu lugar. E onde estavam os cientistas?, ele pergun¬tou várias vezes aos organizadores antes do evento. Ninguém pa¬recia saber.

Todos os assentos do teatro haviam sido vendidos. Numa segunda sala, muita gente acompanhava o debate através de mo¬nitores. A cobertura de imprensa havia feito seu truque de criar nas pessoas uma fome, o desejo de verem um monstro moder¬no em carne e osso e se horrorizarem. Ouviram-se até gritinhos abafados quando ele se pôs de pé. Provocando crescentes mani¬festações de escárnio da plateia, ele cobriu o mesmo terreno, os mesmos estudos cognitivos, apenas em maior detalhe. A menção aos metaestudos, segundo os quais as habilidades linguísticas das meninas eram em média superiores às dos meninos, foi recebida com um rugido de mofa. Uma das pessoas sentadas na platafor¬ma se levantou de maneira ameaçadora e o denunciou pelo “ob¬jetivismo simplório com que procurava manter e promover o domínio social pela elite de homens brancos”. No momento em que voltou a sentar, o sujeito foi premiado com o tipo de aplauso capaz de pressagiar uma revolução. Pasmo, Beard não entendeu a conexão. Estava totalmente perdido. Quando, mais tarde, per¬guntou irritadamente a todos se achavam que a gravidade era também um artefato

social, foi vaiado e uma mulher na plateia se levantou para propor, em tons severos de diretora de escola, que ele refletisse sobre a “arrogância hegemônica” da pergunta que havia feito. O que lhe dera tal direito? Na estrutura social dos dias de hoje, que poder invisível o autorizava a colocar a questão naqueles termos? Ele estava perplexo, não sabia como respon¬der. Hegemônico era usado com frequência como um palavrão, assim como reducionísta. Exasperado, Beard disse que, sem reducionismo, não haveria ciência. Houve risos prolongados quan¬do alguém gritou: “Exatamente!”.

A substituta de Nancy Temple, Susan Appelbaum, era uma professora visitante de Tel Aviv que ensinava psicologia cognitiva e, num vestido vermelho e azul, parecia tão leve quanto um pas¬sarinho. Coerentemente, sua voz se assemelhava a um trinado. Nervosa por ter de falar em público, começou hesitante, causan¬do alguma suspeita e confusão na plateia. Do ponto de vista da audiência, que parecia ter uma opinião única sobre tudo, ela acu¬mulou pontos a favor e contra. Como mulher, não preenchia as condições para ser um bom hegemon, em especial devido à sua fal¬ta de confiança (Beard achou que estava começando a entender o significado daquela palavra). Após alguns minutos, ficou claro que falava contra ele, mas o fato era que se tratava de uma judia, uma israelense, e por associação uma opressora dos palestinos. Talvez fosse uma sionista, quem sabe havia servido no exército.

Em pouco tempo, a hostilidade na sala começou a crescer. Ali estava um pessoal pós-moderno, com antenas bem treinadas para captar qualquer frase inaceitável. O coração do grupo, quando não era confortado pelas palavras certas vindas das bocas certas, se tornava frio. A senhora de Tel Aviv foi honesta em sua posição reacionária, que incluía várias premissas básicas compartilhadas com Beard. Era uma objetivista por acreditar que o mundo existia independentemente da linguagem que o descrevia, falou em favor das análises reducionistas, demonstrou ser uma empiricista e afirmou com orgulho ser uma racionalista na melhor tradição do Iluminismo — o que, Beard inferiu pelos protestos em for¬ma de gemidos, era algo regressivo, se não inquestionavelmente hegemônico. Ela insistiu em que realmente existiam diferenças biológicas de gênero em matéria de cognição, mas apenas as provas empíricas deveriam moldar nossas opiniões. A natureza humana era um fato e tinha uma história evolucionária. Os seres humanos ao nascer não eram uma tabula rasa. Ao terminar sua introdução, já lhe custava manter a plateia atenta.

Poucos ouviram a contestação aos argumentos de Beard. Appelbaum conhecia os

mesmos estudos, e muitos outros, alguns dos quais ela própria conduzira. Os resultados eram claros: não havia diferenças substanciais em cognição que dessem ao sexo masculino uma vantagem em matemática ou física. As divergên¬cias entre meninos e meninas, homens e mulheres, só surgiam nos testes complexos em que às cobaias era oferecido mais de um caminho para chegar à solução: homens e mulheres faziam es¬colhas diferentes. A distinção pessoas versus coisas era pura mi¬tologia, tendo distorcido alguns experimentos mal formulados, po¬rém muito citados. No que tange aos fatores sociais, contudo, os estudos eram eloquentes: as percepções e expectativas eram si¬nais muito mais fortes que as diferenças objetivamente medidas entre homens e mulheres. Isso deveria ter agradado à platéia, mas ninguém captou a mensagem. De fato, ninguém estava prestando atenção quando ela descreveu os experimentos em que as pessoas eram chamadas a avaliar as atividades de bebês que recebiam ao acaso nomes que os identificavam como pertencen¬do a um ou outro sexo. Ou se solicitava aos pais que predisses¬sem a capacidade de seus filhos executarem determinada tarefa. Ou professores deviam avaliar candidatos fictícios de ambos os sexos com qualificações idênticas. Segundo ela, nesses casos os resultados eram estatisticamente significativos e mostravam que a percepção do gênero constituía um determinante poderoso das atitudes. Além disso, havia causações circulares bem estudadas — as pessoas buscavam ser admitidas em departamentos onde havia gente “como elas” e onde eram maiores suas chances de obter êxito.

Quando Appelbaum iniciou suas conclusões, Beard achou que era o único que ainda a ouvia. As estatísticas certamente não constituíam uma preocupação pós-moderna, tampouco os rela¬tos históricos. Ela se referiu à vida de Fanny Mendelssohn, reco-nhecida na época como um prodígio musical do mesmo quilate de seu irmão, Felix. Como era bem sabido, o pai deles explicou a Fanny numa carta que a música seria a profissão de seu irmão, mas para ela um simples ornamento, algo a ser desfrutado aos domingos. Cem anos antes, muitas razões “científicas” haviam sido aduzidas para explicar por que as mulheres não podiam ser médicas. Hoje ainda subsistiam em amplos setores da socieda¬de diferenças inconscientes ou não intencionais na forma como meninos e meninas, homens e mulheres eram compreendidos e avaliados. Do berço à primeira busca de emprego e daí em dian¬te, num arco ininterrupto de desenvolvimento, as investigações empíricas comprovavam que esses fatores culturais eram mui¬tíssimo mais significativos que a biologia. Era evidente por que razão tão poucas mulheres se dedicavam ao campo da física.

Ninguém a aplaudiu quando ela sentou, conquanto tenha havido uma sensação de alívio geral por vê-la chegar ao fim. Dez minutos depois, a reunião terminou. Beard caminhou em linha reta para a saída, com a impressão de que sua pena fora comuta¬da. Alguns poderiam dizer que acabara de levar uma boa coça, outros diriam que tinha triunfado. Como poderia saber ao certo? Afinal de contas, ele era um físico, não um psicólogo cognitivo. No entanto, felizmente, não saía do ica mais odiado do que en¬trara. Aquela gente não se deixaria levar por uma israelense. Isso não era bom, mas não havia nada que pudesse fazer. E ele estava bem, ainda inteiro. Enquanto caminhava pelo corredor, as pes¬soas abriam passagem, sem dúvida por sentir asco dele, mas em segundos chegou à porta que dava para o Mali e foi recebido tanto pelo brilho do sol como por um grupo de trinta mani¬festantes que cantavam e carregavam cartazes onde se lia "Não à eugenia! Fora professor nazista!". Além deles, lá estava uma dúzia de jornalistas, na maioria cinegrafistas, e quatro membros da Polícia Metropolitana.

Talvez as coisas terminassem melhor se Beard não tivesse saído do evento com um espírito tão vívidamente combativo. Ha¬via meia dúzia de mulheres mais velhas entre os manifestantes. Uma delas pulou de trás de um policial, tirou um tomate de uma sacola de papel pardo e o atirou na direção de Beard. Ela estava a três metros de distância, não lhe dando tempo de se esquivar. Os tomates podres são parte das lendas urbanas. Aquele tomate, embora macio, parecia perfeitamente comestível. Ele se chocou contra sua lapela e lá ficou grudado por um instante. Quando ele caiu, Beard o pegou na palma aberta e, com um movimento rápido e impulsivo, o jogou de volta — um gesto cem por cento brincalhão, tentou explicar mais tarde, sem raiva nem maldade. Prova disso era tê-lo atirado de baixo para cima. O tomate, com a pele agora rasgada, a atingiu em pleno rosto, à direita do nariz. Emitindo um som estranho, um pio musical e choroso, a mulher, que era mais ou menos da idade de Beard e quase tão gorda quanto ele, ergueu as mãos e impediu que o tomate caísse, espalhando seu conteúdo por todo o rosto enquanto tombava de joelhos no chão.

Em cores, resultou numa fotografia dramática. Tirada de trás de Beard, o mostrava acima de uma mulher agachada no solo, vítima de um ataque sangrento. Na Alemanha, foi publicada na capa de uma revista com a manchete "Manifestante derrubada por professor neonazista". No fundo, embora não inteiramente fora de foco, aparecia o cartaz pertinente. Outra foto, tirada por cima da cabeça da mulher de joelhos e também muito divulga¬da, exibia o sorriso cruel de Beard. Ele não pudera se conter, tinha realmente achado graça em tudo: o tomate tão macio, o arremesso tão suave, a reação da mulher tão

cómicamente exa¬gerada, o policial que se curvava sobre ela com tamanha solici¬tude, enquanto outro, se sentindo importante, já pedia no rádio uma ambulância. Era o teatro das ruas. Uma policial tocou no braço de Beard e disse em voz neutra que o estava prendendo por agressão. Uma segunda policial estava ao seu lado, pressionando o ombro contra o dele para deixá-lo saber que era inútil resistir. As algemas, vivas com o calor corporal da jovem mulher, foram fechadas em volta de seus punhos com um estalido acompanha¬do das expressões de euforia dos manifestantes. Uns seis fotógra¬fos andaram de costas à sua frente enquanto ele era levado até o carro de polícia estacionado no Mali. Quando o carro arrancou, correram atrás dele, fazendo o ruído de um tropel e fotografando Beard na obscuridade acusatória do assento traseiro.

O carro de polícia passou pela National Portrait Gallery, subiu a Charing Cross Road e parou em frente à livraria Foyles. Sentada a seu lado, a policial que o prendera abriu as algemas enquanto a colega, no banco dianteiro, se virava para trás e dizia: “O senhor pode ir agora”.

“Pensei que estava sendo autuado por agressão.”

“Só queríamos removê-lo de um local onde poderia ocorrer alguma desordem. Para sua própria segurança.”

“Muito simpático me algemar na frente dos jornalistas.”

“Obrigada por sua consideração. Só estávamos cumprindo nossa função. Mas, de qualquer forma, muito obrigada.”

A porta do carro foi aberta para ele sair e, sozinho na cal¬çada, Beard se perguntou se precisava comprar algum livro. Nenhum. Foi para seu apartamento e mergulhou na água quente da banheira circundada por um anel de sujeira, observando atra¬vés das nuvens de vapor o arquipélago de seu corpo desintegrado — a pança montanhosa, a ponta do pênis, os dedos do pé fora de alinhamento — que se afastava em meio a um oceano cinzento e espumoso. Ele disse a si próprio que as coisas frequentemente não são tão más quanto a gente pensa. Isso era verdade. Porém às vezes eram piores: uma história moribunda havia sido ressus¬citada.

Na semana seguinte, as imagens do ganhador do Nobel algemado, da vítima humilhada de joelhos diante do carrasco e do sorriso malevolente estampado no rosto dele se multiplicaram digitalmente por todo o mundo como um retrovírus.

No Centro, Jock Braby aproveitou sua chance e forçou o pedido de demis¬são de Beard. Uma série de palestras foi cancelada em nome da moralidade, e em vários locais se entendeu que sua presença provavelmente prejudicaria a reputação de alguma instituição ou de um dignitário em visita, além de, quando nada, incitar os estudantes e os professores mais jovens. Um cordial funcionário público telefonou para lhe perguntar se pediria demissão da Fí¬sica Reino Unido ou se preferia ser demitido. Uma entidade de pesquisa se deu ao trabalho de informá-lo de que o nome Beard, agora enxovalhado, não mais constaria de sua lista de membros nos papéis de carta da instituição. Na sala de estar de uma universidade de Oxford, onde tinha ido em busca de consolo e de café, três professores de literatura, mantendo a cabeça bem alta, se retiraram ao vê-lo, enquanto o conteúdo de suas xícaras esfria-va ostensivamente ao lado das cadeiras vazias. O telefone quase não tocava — os amigos silenciosos ou, como suas ex-mulheres, reticentes, aturdidos. No entanto, o Imperial College, encanta¬do com o laboratório que ele instalara e as verbas que atraíra, o apoiou resolutamente. E, enviada de uma prisão austríaca, ele recebeu uma carta afável, de colega para colega, de um neona¬zista sentenciado pelo assassinato de um jornalista judeu.

Durante duas semanas, não pensou em outra coisa. Deixar de ler os jornais, como Melissa propôs carinhosamente, estava acima de suas forças. Quando nada de novo aparecia nos dois quilos de matutinos, ele sentia um desapontamento curioso e malsão diante da perspectiva do vazio imediato, por não ter al¬guma coisa que o consumisse ao longo do dia. Descobrira pos¬suir uma compulsão para ler sobre aquele estranho, o avatar que levava seu nome, o sátiro sedutor, o homem que queria negar às mulheres o direito de fazerem carreira na área científica, o eugenista. Surpreendia-o haver recebido esse último rótulo. No entanto, após alguns passeios no ventoso parque de Primrose Hill, entre os carrinhos de bebê e gente empinando pipas, che¬gou a uma conclusão provisória. O Terceiro Reich lançara sobre a genética uma sombra ameaçadora, que já durava meio sécu¬lo, naqueles pontos em que ela se relacionava com as atividades humanas — pelo menos na mente de quem não era do ramo. Sugerir a possibilidade de influências e diferenças genéticas — de um passado evolucionário que de certo modo se refletia na cognição, na natureza dos homens e das mulheres e na cultura — correspondia, para certas pessoas, a entrar num campo de concentração e se oferecer para trabalhar como assistente do dr. Mengele.

Quando testou essas ideias com seus amigos biólogos, eles acharam graça. Isso

já estava ultrapassado, brigas dos anos 70, agora havia um novo consenso, não apenas na genética, mas na vida acadêmica em geral. Ele estava amargo demais. Tome mais um drinque! Mas o que sabiam eles sobre jornalistas ou pós-modernos? Tal como Beard via as coisas, a solução era simples. Cuide apenas dos fótons — nenhuma massa restante, nenhuma carga, nenhuma controvérsia em escala humana. Seu trabalho no cam¬po da fotossíntese artificial ia bem, com um protótipo de labo¬ratório já utilizando a luz para dividir eficientemente a água em hidrogênio e oxigênio. A civilização necessitava de uma nova e segura fonte de energia, e ele poderia ser útil. Ele se redimiria! Fiat lux!

Apesar de toda essa determinação, achou que a desgraça o marcaria por muitos anos. E o que aconteceu? Nada. Seu avatar desapareceu. Da noite para o dia ele foi apagado dos jornais, to¬dos os espaços tomados pela trapaça no resultado de um jogo de futebol, iniciando-se a lenta cura pela amnésia. Durante algum tempo, ficou subempregado, porém quatro meses depois fez seis palestras breves sobre Einstein no Serviço Mundial da BBC. Um grupo de pesquisa na Alemanha o seduziu para que seu nome constasse na lista de colaboradores. Cambridge viu uma chance de roubá-lo do Imperial College, mas o Imperial College passou a perna em Cambridge lhe oferecendo mais dois pesquisadores e verbas ainda maiores. O University College of London também queria uma fatia dele, concedendo um diploma honorário para atraí-lo. Depois a Caltech entrou no páreo e alguns velhos ami¬gos do mit tentaram fazer com que ele atravessasse o Atlântico.

Como era magnânima a vida pública! Como o brilho de um ganhador do Nobel aumentava o prestígio de uma institui¬ção acadêmica e lubrificava as engrenagens da concessão de recursos!

Quando seu táxi circundou o Trafalgar Square e se juntou a um engarrafamento ao longo do Strand, Beard estava atrasado uma hora e meia. Cinco minutos depois, não avançara nem um metro. De repente, se deu conta de que, nas últimas quatro ho¬ras, seus pensamentos haviam girado apenas em torno de atrasos e da exasperação causada por eles, até que, naquele momento, sentado no táxi imóvel, o confinamento se tornou insuportável. Empurrou pela fresta da divisória uma nota de vinte libras para o motorista e saiu puxando a mala na direção do Savoy. A cami¬nhada talvez o atrasasse ainda mais, porém era um alívio agir como um homem apressado em vez de pensar no atraso. E mar¬char

rapidamente com sua carga sobre rodinhas, se esgueirando entre os pedestres para ultrapassá-los, era o tipo de exercício que se propunha fazer havia anos. Descabelado, com o nó da gravata roxa puxado para o lado, o terno caro de lã necessitando ser pas¬sado, o casacão quente demais para os atuais invernos ingleses, correndo meio torto, com uma perna dando um enérgico passo à frente enquanto a outra precisava ser puxada com algum esfor¬ço, lá foi ele bamboleando pelo Strand como um menino gordo numa patinete. Em menos de um minuto, foi incomodado por uma pontada no peito, bem no fundo de uma área negligenciada do pulmão esquerdo, em meio aos alvéolos menos frequentados, que o obrigou a seguir mais devagar. Não valia a pena morrer por causa de nenhuma reunião. O tráfego começou a andar de novo e seu próprio táxi, agora pronto a receber outro freguês, passou veloz enquanto ele se arrastava em direção ao hotel.

No vestíbulo, dois organizadores da conferência o espera¬vam. O mais jovem pegou a mala. O outro, bem idoso, com um rosto pontilhado de manchas marrons que lhe davam o aspecto de uma máscara mortuária, vestia um blazer e se apoiava pesada¬mente numa bengala. Depois de apontar para o relógio de pulso, conduziu Beard escada acima.

“Está tudo bem”, o sujeito conseguiu grasnar malgrado o esforço para fazer seu corpo vencer o luxuoso campo gravitacional. “Rearranjamos a lista de palestrantes. O senhor fala daqui a cinco minutos.”

Beard ouviu isso de bom humor, porque, em comparação com seu acompanhante, se sentiu jovem e inexpugnável, o movimento dos pés no tapete macio era prazeroso e a dor no peito desaparecera.

Um membro de origem indiana da equipe organizadora, mais moço porém hierarquicamente superior, o recebeu diante das imponentes portas duplas abertas de par em par para um salão de onde vinha o vozerio da hora do chá. Após as preliminares — grande honra, mil muito obrigados, enorme expectati¬va, quanto ao atraso, por favor, não se preocupe —, Saleel (cujo nome Beard lembrava da troca de mensagens) discorreu sobre a composição da plateia: homens e mulheres de instituições e empresas, alguns altos funcionários públicos, outros tantos aca¬dêmicos, nenhum jornalista.

Beard, porém, não estava prestando muita atenção porque seu olhar se desviara do rosto de Saleel para o salão, entrevisto por sobre o ombro do jovem em seu

indefectível terno escuro, onde circulavam os loquazes membros da audiência. Emolduradas pelas altas janelas e tendo como fundo um panorama do Tâmisa ao entardecer, as mesas cobertas com toalhas brancas exibiam pratos quadrados de porcelana com copiosas pilhas de sanduíches feitos de pão de forma sem casca. Mesmo de onde se encontrava, podia divisar as listras grossas e rosadas dos recheios de salmão. Dispostas de forma artística, viam-se nas mesas fatias de limão, sorridentes convites amarelos para os quais ninguém dava muita bola. Naquele momento, ele não estava verdadeiramente com fome, mas com o que costumava chamar de pré-fome. Quer dizer, podia apreciar como seria prazeroso, menos de uma hora depois, colocar alguns daqueles sanduíches num prato e contem¬plar o rio enquanto os comia. E, igualmente, podia antecipar o desgosto que sentiria se os sanduíches fossem recolhidos cedo demais, ao terminar o recesso para o chá, o que aconteceria quan¬do começasse sua palestra. Mais seguro comer alguns agora.

Saleel estava dizendo: “Um pessoal conservador, investido¬res institucionais, naturalmente sem formação científica, por isso seria bastante bem-vinda uma palestra não muito técnica”.

No entanto, girando o ombro para entrar no salão, Beard conseguiu fazer com que seu anfitrião, sem dúvida um homem sensível e inteligente, exclamasse ao lhe passar um envelope bran¬co: “Mas é óbvio, o senhor precisa comer alguma coisa! E, por favor, seu jetom”.

Um minuto depois, diante do prato de sanduíches de pão de forma com grossas fatias de salmão selvagem salpicadas de aneto e pimenta-do-reino moída, Beard se serviu de nove porções quadrangulares — número a que chegou por mera precaução, já que não precisava comer todas elas. Porém comeu, e rápido demais, sem derivar muita satisfação ou ao menos pensar no Tâ¬misa, porque um homem gago de fala mansa queria lhe relatar o exame de física do filho. Logo a seguir, foi abordado por um sujeito alto e encurvado, com uma barba ruiva espetada para a frente e olhos grandes e acusadores, estranhamente afastados um do outro. Chamava-se Jeremy Mellon e fazia palestras sobre estudos urbanos e folclore. Beard, no seu sexto sanduíche, se sen¬tiu obrigado a perguntar por que Mellon estava lá.

“Bem, me interesso pelas formas de narrativa que a ciência do clima tem gerado. É uma história épica, naturalmente, com milhões de autores.”

Beard ficou com uma pulga atrás da orelha. Parecia coisa de Nancy Temple. Gente fixada na narrativa costumava ter uma visão estranha da realidade, acreditando que todas as versões de¬la tinham igual valor. Mas nem precisou dizer “Que interessan¬te”, pois as pessoas já depositavam sobre as mesas os pires e as xícaras, correndo para retomar seus lugares. Como o velhinho com a bengala lhe sorria e dava umas pancadinhas com o dedo no relógio de pulso, ele só teve tempo para engolir os últimos três pedaços de salmão defumado.

Foi levado a um tablado montado para o evento e convi¬dado a sentar numa cadeira de plástico, cor de laranja com as formas de um traseiro, tendo em sua frente um pote de biliosas tulipas amarelas e vermelhas. Tentou não olhar para elas. Achou que havia algo de irreal na atmosfera. Umas duzentas pessoas es¬tavam sentadas em fileiras formando um arco bem aberto diante dele. O número de rostos rosados parecia absurdo. As conversas davam a impressão de ocorrer numa câmara de eco. O Savoy estava balançando ou ondulando levemente sob seus pés, como se houvesse deslizado para dentro do rio e oscilasse com a mu¬dança da maré. Beard sucumbiu a um ataque de bocejos, que tratou de suprimir comprimindo as narinas. Tinha de admitir que estava se sentindo nauseado — e não foi em nada ajudado pelo fato de que, para prender o microfone, se dobrou sobre ele um assistente com a respiração pesada, pele mosqueada e um tremendo mau hálito causado por dentes podres ou piorreia.

Continuou sentado, de pernas cruzadas e com o habitual esboço de sorriso, fingindo ouvir a longa e prolixa apresentação de Saleel até se levantar para receber os aplausos indiferentes e se postar atrás do púlpito, em cuja borda se agarrou com as duas mãos. Durante todo esse tempo, sentiu um enjoo oleoso provo¬cado por alguma coisa monstruosa e pútrida vinda do mar, enca-lhada no lodo da maré baixa de um estuário estagnado, apodre¬cendo e inchando nas suas tripas, contaminando seu hálito, suas palavras e — de repente — seus pensamentos.

“O planeta”, ele disse, se surpreendendo a si mesmo, “está doente.”

Ouviu-se um gemido, ao qual se seguiram sussurros de irritação da platéia. Os gerentes de fundos de pensão preferiam uma linguagem mais nuançada. Mas o uso da palavra doente trouxe um alívio instantâneo a Beard, como se houvesse realmente vo-mitado.

“A cura do paciente é uma tarefa urgente e será cara — tal¬vez algo da ordem de

dois por cento do PNB mundial, e sem dúvida muito mais se postergarmos o tratamento. Estou convenci¬do, e vim aqui para lhes dizer isso, que quem quiser auxiliar na terapia, participar do processo e investir nele vai ganhar muito dinheiro, somas astronômicas. O que está em jogo é o advento de uma nova revolução industrial. E aí está a oportunidade dos senhores. O carvão e o petróleo construíram nossa civilização, foram recursos soberbos, fazendo com que centenas de milhões de seres humanos pudessem escapar da prisão mental da subsis¬tência no campo. A libertação da rotina acachapante, somada à nossa curiosidade inata, permitiu, em apenas duzentos anos, um crescimento exponencial de nossa base de conhecimento. O processo iniciado na Europa e nos Estados Unidos se espalhou durante nossas vidas para algumas partes da Ásia, e agora para a Índia, a China e a América do Sul, faltando ainda chegar à Áfri¬ca. Todos os nossos outros problemas e conflitos escondem o fato óbvio de que mal compreendemos o quanto fomos exitosos.

“Por isso, naturalmente, devemos saudar nossa própria capacidade de invenção. Somos primatas muito inteligentes. Mas o motor de nossa revolução industrial tem sido a energia barata e acessível. Não teríamos ido a lugar nenhum sem ela. Vejam como é fantástica: um quilograma de gasolina contém aproxima¬damente treze mil watts-hora de energia. Difícil superar isso. Mas queremos substituí-la. O que virá depois? As melhores baterias elétricas que possuímos nos dias de hoje armazenam cerca de trezentos watts-hora de energia por quilo. Essa é a magnitude de nosso problema: treze mil contra trezentos. Não há termo de comparação! Mas, infelizmente, não temos o luxo de escolher. Precisamos substituir a gasolina com rapidez por três razões im¬perativas. A primeira, e mais simples, é que o petróleo vai aca¬bar. Ninguém sabe exatamente quando, mas existe consenso de que registraremos o pico de produção dentro de cinco a quinze anos. Depois disso, a produção declinará, enquanto a demanda por energia continuará crescendo à medida que a população se expande e as pessoas lutam para melhorar seu padrão de vida. Segundo, muitas áreas produtoras de petróleo são politicamente instáveis e não podemos aumentar ainda mais os riscos resultan¬tes de nosso grau de dependência. Terceiro, e o mais crucial, a queima de combustíveis fósseis, provocando o lançamento de dió¬xido de carbono e outros gases na atmosfera, está aquecendo de forma sistemática o planeta, um processo cujas consequências só agora estamos começando a compreender. Mas os fatos científi¬cos básicos são indiscutíveis. Ou continuamos mais lentamente e depois paramos ou nossos netos enfrentarão uma gigantesca catástrofe econômica e humana.

“E isso nos conduz à questão central, à questão incandes¬cente. Como podemos seguir mais devagar e parar ao mesmo tempo em que preservamos nossa civilização e continuamos a arrancar milhões de pessoas das garras da pobreza? Não porque venhamos a ser virtuosos, reciclando as garrafas, baixando o ter¬mostato e comprando um carro menor. Isso apenas posterga a catástrofe por um ano ou dois. Qualquer tempo que se ganhe é útil, mas não representa uma solução. Temos de ir além da vir¬tude. A virtude é passiva demais, estreita demais. A virtude pode motivar indivíduos, mas é uma força débil quando se trata de grupos, de sociedades, de toda uma civilização. As nações nunca são virtuosas, embora às vezes possam pensar que são. Para a hu¬manidade como um todo, a ganância triunfa sobre a virtude. Por isso, temos de acolher em nossas soluções as compulsões nor¬mais do interesse pessoal, além de premiar a novidade, o prazer da invenção, os encantos da engenhosidade e da cooperação, a satisfação do lucro. O petróleo e o carvão são transportadores de energia, assim como também é, de forma abstrata, o dinheiro. E a resposta àquela questão incandescente está sem dúvida ali onde esse dinheiro, o dinheiro dos senhores, deve ir — a energia limpa a um custo acessível.

“Imaginem que eu estivesse aqui diante dos senhores duzentos e cinquenta anos atrás — diante de uma platéia composta de proprietários de terra de ambos os sexos — predizendo o advento da primeira revolução industrial e os aconselhando a investir em carvão e ferro, em motores a vapor, em tecelagens de algodão, mais tarde em estradas de ferro. Ou se um século depois, à luz da invenção do motor de combustão interna, eu houvesse previsto a importância crescente do petróleo e os incentivasse a investir nessa área. Ou ainda, cem anos depois, em microprocessadores, em computadores pessoais, na internet e nas oportunidades que eles ofereciam. Pois hoje, senhoras e senhores, estamos vivendo um momento histórico igualmente crucial. Não se deixem levar pela ilusão de que a economia mundial e as bolsas de ações po¬dem existir sem relação com o meio ambiente do mundo. Nosso planeta é uma entidade finita. Os senhores têm os dados a seu dispor, têm a opção — o projeto humano necessita ser movido à base de combustíveis seguros e limpos, ou ele fracassa, afunda. Os senhores, que constituem o mercado, ou aceitam o desafio, ficando ricos ao fazê-lo, ou afundam com o resto. Estamos jun¬tos neste barco, não há como escapar…”

Ouviam-se murmúrios impacientes vindos de vários pontos do salão, que ele achava terem se iniciado com sua menção ao aquecimento do planeta. A náusea estava voltando, aquela carcaça in¬chada dentro de seu corpo mais uma vez se

agitava odiosamente. Enquanto ouvia a apresentação de Saleel, Beard reparara que havia uma abertura no centro da cortina de veludo às suas costas — uma rota de fuga da qual podia vir a necessitar. Parando de falar, respirou fundo, aprumou o corpo e percorreu com o olhar a platéia, tentando localizar as fontes de discordância. Anos de prática lhe haviam ensinado o valor de uma pausa sem constran¬gimento. Sabia que as sólidas instituições financeiras de Londres nutriam uma cultura vigorosa de negação irracional diante das conclusões científicas e da sólida massa de informações acumu¬ladas nos últimos anos. Em todo o mundo, aqueles que teimavam em negar desejavam que as coisas seguissem iguais. Temiam a ameaça ao valor dos investimentos feitos nas empresas, suspeita¬vam que os cientistas especializados no clima se aproveitavam daquilo como um negócio, semelhante ao deles. Beard sentia por eles o desprezo do recém-convertido.

Trazendo ar dos pulmões para retomar a fala, ele sentiu um refluxo com gosto de peixe vindo da garganta, algo como ancho¬vas salgadas com um toque de bílis. Fechou os olhos, engoliu forte e mudou de rumo.

“Li no jornal de ontem que daqui a quatro anos comemoraremos o bicentenário do nascimento de Charles Darwin e o centésimo quinquagésimo aniversário da primeira edição de seu livro A origem das espécies. As comemorações deverão ofuscar o trabalho de outro grande cientista vitoriano, o irlandês John Tyndall, que iniciou um estudo sério da atmosfera exatamente em 1859. Um de seus interesses era a luz, motivo pelo qual sinto uma afinidade especial por ele. Tyndall foi o primeiro a sugerir que a difusão da luz pela atmosfera é que fazia o céu azul, sendo também o primeiro a descrever e explicar o efeito estufa. Cons¬truiu equipamentos experimentais que mostraram como o vapor, o dióxido de carbono e outros gases impedem que o calor causado pela irradiação solar volte ao espaço, tornando com isso a vida possível na Terra. Se essa camada de vapor e de gases fosse remo¬vida, como ele disse numa frase famosa — Beard tirou um cartão do bolso de cima do paletó e leu —, ‘seriam destruídas todas as plantas que não resistem a uma temperatura próxima de zero. O calor de nossos campos e jardins escaparia inexoravelmente para o espaço, e o sol se levantaria sobre uma ilha subjugada para sempre pelo gelo’.

“No começo do século XX, alguns poucos sabiam que a civilização industrial estava lançando dióxido de carbono na atmos¬fera. Nos anos que se seguiram, se compreendeu perfeitamente como uma molécula desse gás absorve os comprimentos de onda mais longos da luz e aprisiona o calor. Quanto mais

dióxido de carbono, mais quente o planeta. Nos anos 6O, um satélite não tri¬pulado mostrou que a atmosfera de nosso planeta vizinho, Vénus, contém noventa e cinco por cento de dióxido de carbono. E a temperatura na superfície é de mais de quatrocentos e sessenta graus, suficientemente quente para derreter o zinco. Sem seu efei¬to estufa, Vênus teria mais ou menos a mesma temperatura da Terra. Cinquenta anos atrás lançávamos treze bilhões de tonela¬das de dióxido de carbono na atmosfera a cada ano. Esse núme¬ro quase dobrou. Já passaram mais de vinte e cinco anos desde que os cientistas advertiram pela primeira vez o governo dos Es¬tados Unidos da mudança climática causada pelo homem. Em quinze anos houve três relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, cada qual apontando mais urgên-cia que o anterior. No ano passado, um levantamento de quase mil estudos endossados por renomados professores universitários mostrou que havia absoluta unanimidade de opiniões. Esqueçam as manchas solares, esqueçam o Meteorito de Tunguska de 1908, esqueçam os lobbies da indústria de petróleo, assim como os institutos de pesquisa e órgãos de imprensa financiados por ela, que fingem, como o fizeram no passado os lobbies da indústria de cigarros, que existem dois lados nessa questão, que os cientistas es¬tão divididos. A base científica é relativamente simples, consen¬sual e incontroversa. Senhoras e senhores, a questão vem sen¬do discutida e investigada há cento e cinquenta anos, por tanto tempo quanto A origem das espécies de Darwin está à venda, e é tão incontestável quanto os fundamentos da seleção natural. Observamos e conhecemos os mecanismos, medimos o que ha¬via para medir e os números contam a história — a Terra está se aquecendo e sabemos o porquê. Não há nenhuma controvérsia científica, apenas um fato evidente. Isso pode entristecê-los ou amedrontá-los, mas também os deveria livrar de qualquer dúvi¬da, libertá-los para que considerem seu próximo passo.

A náusea retornou numa nova onda e ameaçou humilhá-lo. Suava frio, a coluna vertebral doía, fraquejava. Necessitava con¬tinuar a falar para se distrair. E tinha de falar rápido. Estava sen¬do perseguido, precisava correr.

“Por isso”, ele disse, emitindo as palavras através de uma massa viscosa alojada na garganta, “me permitam fazer algumas su-gestões. Coletivamente, de acordo com minhas pesquisas, suas organizações representam quatrocentos bilhões de dólares de in¬vestimentos. Estamos vivendo uma época de ouro nos mercados globais e às vezes parece que a festa nunca terminará. Mas talvez os senhores não tenham atentado para um setor que está supe¬rando todos os demais ao dobrar a cada dois anos. Se notaram, talvez o tenham deixado de lado. Quem

sabe pensaram que não era suficientemente respeitável, que não passava de uma moda passageira, que envolvia muitos daqueles antigos hippies e hoje plutócratas de Stanford. Mas também estão envolvidos BP, Gene¬ral Electric, Sharp e Mitsubishi. Energia renovável. A revolução começou. O mercado será ainda mais lucrativo que o de carvão ou petróleo porque a economia mundial é muitas vezes maior e o ritmo de crescimento mais rápido. Serão feitas fortunas colossais. O setor está fervilhando de vitalidade, invenção e, acima de tudo, crescimento. Milhares de companhias sem ações na bolsa estão se posicionando com novas tecnologias. Cientistas, enge¬nheiros e desenhistas estão correndo para o setor. Há congestio¬namentos nos escritórios de patente e nas cadeias de suprimen¬to. E um oceano de sonhos, de sonhos realistas voltados para a produção de hidrogênio a partir de algas, combustível de aviação a partir de micróbios modificados geneticamente, eletricidade a partir da luz do sol, do vento, das marés, das ondas, da celulose, do lixo doméstico, limpando a atmosfera do dióxido de carbono e o transformando num combustível, imitando os segredos da vida das plantas. Um ser extraterrestre que desembarcasse em nosso planeta e notasse como ele é banhado em energia radiante ficaria pasmo ao ver que acreditamos ter um problema de energia, que tenhamos pensado em nos envenenar queimando combustí¬veis fósseis ou gerando plutónio.

“Imaginem que encontrássemos um homem na borda de uma floresta durante um aguaceiro. Ele está morrendo de sede. Tem um machado na mão e está derrubando as árvores a fim de sugar a seiva dos troncos. Extrai alguns goles de seiva em cada árvore. A seu redor só se vê a devastação, árvores mortas, ne-nhum pássaro cantando — e ele sabe que a floresta está desapa¬recendo. Sendo assim, por que não inclina a cabeça para trás e bebe a água da chuva? Porque é um perito em matéria de cortar árvores, porque sempre fez as coisas assim, porque suspeita do tipo de gente que advoga que se beba água da chuva.

“Essa chuva é nossa luz solar. Uma fonte de energia banha nosso planeta, condiciona seu clima e sua vida. Cai sobre nós, num fluxo constante, uma doce chuva de fótons. Ao atingir um semicondutor, um único fóton libera um elétron, e assim nasce a eletricidade, tão simples assim, a partir dos raios solares. Esse é o efeito fotovoltaico. Einstein o descreveu e ganhou um Prêmio Nobel. Se eu acreditasse em Deus, diria que essa é sua maior dádiva aos homens. Como não creio, digo quão auspiciosas são as leis da física! Menos de uma hora de toda a luz solar que cai sobre a Terra seria suficiente para satisfazer as necessidades do mundo inteiro em um ano. Uma fração de nossos tórridos desertos seria capaz de fazer funcionar nossa civilização. Nin¬guém pode ser dono da luz solar,

ninguém pode privatizá-la ou nacionalizá-la. Em breve, todos a colherão, dos telhados, das velas dos barcos, das mochilas dos jovens. Falei de pobreza no início — alguns dos países mais pobres do mundo são ricos em energia solar. Poderíamos ajudá-los comprando seus megawatts. E os consumidores domésticos adorarão produzir energia a par¬tir da luz do sol e vendê-la para o sistema nacional. É algo que mexe com o mais fundo das pessoas.

“Há dezenas de maneiras comprovadas de produzir eletricidade à partir da luz solar, mas o objetivo último ainda não foi alcançado — e isso me motiva profundamente. Estou falando da fotossíntese artificial, de copiar os métodos que a natureza levou três bilhões de anos para aperfeiçoar. Vamos utilizar a luz direta¬mente para extrair de forma barata o hidrogênio e o oxigênio da água a fim de mover nossas turbinas noite e dia, ou geraremos combustíveis utilizando água, luz solar e dióxido de carbono, ou construiremos plantas de dessalinização capazes de produzir tanto eletricidade como água potável. Acreditem em mim, isso vai acontecer. O uso da energia solar vai se expandir e, com a ajuda dos senhores, com o enriquecimento dos senhores e de seus clientes, se expandirá ainda mais rapidamente. A ciência básica, o mercado e nossa grave situação vão determinar que o futuro será assim — a lógica, não o idealismo, será a força motriz da transformação.”

Achou que agora ia vomitar. Seu cérebro apagou e, com medo de parar nem que fosse por um momento, disse a primeira coisa que lhe veio à mente, embarcando numa historinha pessoal. De início em tom neutro, como alguém que testa um microfo¬ne listando o que comeu no café da manhã, contou a viagem daquela tarde ao sair do aeroporto. Logo se convenceu de que, afinal de contas, a história não era tão mal escolhida. Ainda pre¬cisava estabelecer um contato efetivo com seus ouvintes, não dissera nada engraçado e estava na Inglaterra, onde as pessoas esperam se divertir, ao menos um pouquinho, com os discursos pronunciados em eventos públicos. Agora havia deixado a náusea para trás ao descrever a compra dos jornais na loja do aeroporto. Quando confessou sua queda por certo tipo de batatas fritas, as fileiras de senhores vestindo ternos escuros reagiram com alguns risos abafados. Talvez somente uma demonstração de pena.

Estava se animando com o relato, certo de que lhe ocorre¬ria uma conclusão útil. Expôs a situação, o trem apinhado de gente, a garrafa de água sobre a mesa e, a seu lado, o atraente pacote aberto por ele e o olhar desconcertante de um

grandalhão. Ouviram-se alguns risinhos de apreciação quando descreveu o modo como os oponentes devoraram as batatas. Beard não em¬belezou a história, porém deu mais relevo ao momento em que, num gesto de vingança, agarrou a garrafa de água, a esvaziou em alguns goles e atirou de volta sobre a mesa. Demorou-se ao des¬crever o movimento do homem ao pegar sua mala no bagageiro e a recusa raivosa em lhe agradecer. Contou em detalhes aque¬les segundos na plataforma antes da descoberta, que narrou em tom vivaz, sentindo uma onda cálida de orgulho ao ver que a audiência achava graça e até ria alto quando ele, ousando re¬correr à mímica, estendeu o braço para a frente como se ainda segurasse o segundo saquinho, tal qual Hamlet com o crânio de Yorick. Sim, todos pareciam gostar um pouco mais dele.

Foi direto à conclusão, à desculpa por haver contado a história. Será que a coisa era muito forçada ou de fato tropeçara em duas verdades importantes? Não tinha tempo para pensar nisso.

“O que eu descobri em Paddington foi, primeiro, que numa situação grave, numa crise, nós compreendemos, às vezes tarde demais, que o problema não reside nas outras pessoas, no siste¬ma ou na natureza das coisas, mas em nós mesmos, em nossas próprias loucuras ou premissas não examinadas. Segundo, que há momentos em que a aquisição de uma nova informação nos força a empreender uma reinterpretação fundamental de nossa situação. A civilização industrial está atravessando agora um des¬ses momentos. Estamos passando para o outro lado do espelho, tudo se transforma, o velho paradigma dá lugar ao novo.”

Mas o floreio retórico dessas frases finais tinha um quê de¬sesperado, a voz soava esganiçada à seus próprios ouvidos, as conclusões eram claramente insubstanciais. Que fazer agora? Seu corpo sabia sem a menor dúvida. Soltou a borda do púlpito, que vinha agarrando, deu meia-volta e atravessou com passos de so¬nâmbulo a abertura na cortina. Viu-se num local sombrio, cer¬cado de colunas que pareciam ser cadeiras empilhadas. Ao som de um aplauso respeitável, se curvou para a frente enquanto a carga, bem lubrificada com óleo de peixe, escapava em absoluto silêncio de dentro dele. Permaneceu naquela posição por alguns instantes, esperando que viesse mais. Nada aconteceu. Voltou então ao salão e, secando solenemente os lábios com o lenço, ouviu de pé Saleel lhe agradecer pela palestra.

Os gerentes de fundos de pensão e todos os demais fluíram de volta para a grande área de recepção, onde os garçons serviam vinho. Segundo o contrato, Beard era obrigado a ficar à disposi¬ção de seus ouvintes por ao menos meia hora. Postou-se com um copo purificador de Chablis enquanto muitos rostos montados sobre gravatas desfilavam diante dele. As pessoas estavam simpá¬ticas e afáveis, dizendo que a palestra havia sido "interessante" e até mesmo "fascinante", conquanto obviamente ninguém tivesse se convencido a mudar sua estratégia de investimento. Ficou sa¬bendo que, antes de sua fala, um analista de petróleo convence¬ra a platéia de que, com as areias betuminosas e a exploração em águas profundas, o mundo contava com cinco décadas de reservas conhecidas.

Um homem ainda moço, com uma palidez doentia e bigo¬de castanho com formato de escova, disse: "Além de tudo, nossas ilhas são praticamente feitas de carvão. Se não existe um proble¬ma ético, por que motivo vamos arriscar o dinheiro de nossos clientes em formas de energia não testadas e não contínuas?".

Ao que uma mulher, ao lado de Beard e falando por ele, retrucou: "A Idade da Pedra não acabou porque faltaram pedras".

Beard já ouvira a piadinha do xeque Yamani um número suficiente de vezes para querer rir junto com os demais.

Outra pessoa comentou: "Simplesmente não há bastante sol e vento no Reino Unido para fazer a economia funcionar".

E alguém, às costas de Beard, reforçou o argumento: "Se comprarmos a energia solar do Norte da África, como ficamos em matéria de segurança energética?".

Discutiu esses pontos e aceitou um segundo copo de vinho, embora soubesse que era hora do uísque, quando de repente o palestrante Mellon surgiu a seu lado, aguardando, com a barba tremelicando, uma chance de entrar na conversa.

Aproveitando uma pausa, ele disse: "Adoraria saber de onde o senhor tirou aquela história".

"Que história?"

"O senhor sabe, aquela sobre o sujeito no trem." "Foi como eu disse. Aconteceu comigo hoje de tarde."

“Ora, professor Beard. Somos todos adultos aqui.”

Os gerentes de fundos, vendo que um homem estava pondo o outro em xeque, se esforçaram para ouvir apesar do vozerio.

Beard disse: “Não estou entendendo o senhor. Explique-se, por favor.

“O senhor a contou muito bem e compreendo que ela ser¬viu a seus propósitos.”

“O senhor acha que eu inventei aquilo?”

“Pelo contrário. É uma história bem conhecida, com mui¬tas variantes, bem estudada em meu campo. Tem até um nome: ‘Ladrão inocente’.”

“Muito bem”, disse Beard friamente. “Que interessante!”

“É mesmo. Algumas características estão presentes em todas as variantes. Por exemplo, a pessoa acusada erroneamente é em geral uma figura marginal, quase sempre ameaçadora — um funileiro ambulante, um imigrante, um jovem rebelde, até mesmo alguém aleijado. Seu companheiro forte e com brincos se encai¬xa perfeitamente no tipo. O acusado por engano em geral faz uma gentileza para o ladrão inocente, o que torna o momento da verdade ainda mais angustiante. No seu caso, ele apanha a mala. Uma teoria é que a história do ladrão inocente — chamada de LI entre nós — expressa a ansiedade e a culpa que sentimos devido à nossa hostilidade com as minorias. Talvez aja na cultura como um corretivo inconsciente.”

“Deve ter lhe ocorrido”, disse Beard, decidido a sorrir, “que vez por outra isso aconteça de fato, que as histórias das pessoas sejam verdadeiras. O senhor sabe, com o crescimento dos trans¬portes coletivos há um número cada vez maior de pessoas carre¬gando comida em embalagens idênticas.”

“O que nos interessa é a maneira como a história entra e sai da moda, corre de boca em boca, desaparece de vista, ressurge alguns anos mais tarde numa forma diversa mediante um processo que chamamos de recriação comunitária. O LI era bem conhecido nos Estados Unidos no começo do século passado. Só temos registros dele aqui nos anos 50, mas por volta dos 70 havia se espalhado. O escritor Douglas Adams usou uma versão num romance lançado em meados dos anos 80. Sempre insistiu em que tinha realmente acontecido com ele num trem — e essa é outra característica comum. Afirmando se tratar de uma experiên¬cia

pessoal, as pessoas apontam um local e dão autenticida¬de à história — aconteceu com eles, aconteceu com um amigo deles —, isolando-a do arquétipo. Apresentam-na como algo original, reivindicam o copyright. O LI já apareceu nos escritos de Jeffrey Archer e, se não me engano, de Roald Dahl, já foi contado como coisa verdadeira na bbc e no Guardian. Consta do roteiro de pelo menos dois filmes — The lunch date e Boeuf Bourgignon, e é também…"

"Sinto muito desapontá-lo", disse Beard, "mas minha experiência pertence a mim e não à porcaria do inconsciente cole¬tivo."

O folclorista demonstrou certa teimosia autística. "Sim, o que é novo em sua versão são as batatas. Já ouvi com biscoitos, maçãs, cigarros, almoços inteiros em quentinhas, mas nunca com batatas fritas. Se o senhor não se importa, vou enviar uma co¬municação à revista trimestral Lendas Contemporâneas. Natu¬ralmente, vou alterar seu nome."

Mas Beard se voltara de lado para tocar o braço de um garçom.

O gerente de fundos pálido, com o bigode de escovinha, dis¬se: "Quer dizer que essas histórias circulam por aí como as pia¬das indecentes?".

"Exatamente."

"O senhor ouviu aquela história sobre o zoológico de Bris¬tol e o guardador de carros? Durante vinte e quatro anos…"

Beard disse ao garçom: "Não faz diferença, desde que não seja de um único malte. Dose tripla, sem água, um cubo de gelo — e, por favor, traga imediatamente".

Eram quinze para as sete. Só restavam treze minutos de bate-papo remunerado. O fato de que em breve estaria em suas mãos o primeiro drinque sério do dia já começava a lhe dar novo ânimo. Isso e a perspectiva de uma noite com Melissa. Confian¬te em que o garçom num hotel daquela categoria cuidaria de procurá-lo, Beard se afastou de Mellon, que dissertava sobre os subtipos narrativos do roubo inocente, e cruzou o salão para con¬versar com um homem amável que trabalhava em derivativos.

Ela era bonita, ela era interessante, ela era boa (uma pessoa verdadeiramente boa). Então, o que havia de errado com Melissa Browne? Ele levou mais de um ano para descobrir. Havia uma falha em seu caráter, como uma bolha aprisionada num vi¬dro de janela, que distorcia sua visão de Michael Beard e a fazia crer que ele podia plausivelmente desempenhar o papel de bom marido e bom pai. Ele não entendia e não conseguia desculpar esse erro de avaliação. Melissa conhecia seu retrospecto, dispunha de boas provas e havia muitas outras coisas de que podia muito bem suspeitar, porém se aferrava à ilusão de que seria capaz de reabilitá-lo, transformá-lo numa pessoa boa, honesta, amorosa e, acima de tudo, leal. No entender de Beard, ela desejava não tan¬to transformá-lo ao se aproximar de sua sétima década, mas fazê-lo voltar ao estado natural, a seu verdadeiro eu, a tudo aquilo que ele próprio deixara cair em desuso. Tratava-se de uma ambição não declarada. Por exemplo, não seriam sermões ou fingimentos que o fariam perder peso, e sim refeições deliciosas e nutritivas, preparadas com carinho, as quais aos poucos voltariam a lhe dar o corpo que tinha aos trinta anos — sua forma platônica. E, caso suas receitas não dessem resultado, ela o teria assim mesmo co¬mo ele era.

Suportava suas ausências e os silêncios durante as viagens ao exterior porque estava certa de que no final Beard concordaria com ela. Além disso, Melissa levava uma vida muito ativa. Sua convicção e paciência eram tocantes, e Beard, que não che¬gava a ser de todo um canalha, as tomava como uma repreensão. Tendo-o conhecido pouco antes da fase de problemas com a imprensa, ela o vira nas piores condições e não se amedrontara. Pa¬recia amá-lo ainda mais. Com toda a paixão de uma racionalista, ela o sustentou durante a tempestade irracional. Mas nunca deixou que a razão influenciasse seu amor. Se o houvesse feito, a relação entre eles teria terminado em minutos. Preocupou-o descobrir que Melissa era uma dessas mulheres que só podem amar um homem se ele precisar ser salvo. E que preferia salvar alguém bem mais velho do que ela. Será que ele deveria se juntar à triste trupe de seus amantes anteriores e um ex-marido, um monte de velhos imbecis, depravados, perdedores, grossei¬rões — todos exploradores — que a bondade dela não fora capaz de regenerar e que a haviam deixado sem um filho? Nenhum deles participara de um banquete oferecido pelo rei da Suécia, mas eram todos farinha do mesmo saco. Permitir que Melissa o transformasse em seu único sucesso seria uma marca adequada de distinção, porém ele não se considerava à altura da tarefa. Achou que também frustraria Melissa ao não lhe dar um filho.

“Por que eu?”, perguntou certo dia, deitado na cama dela após o coito. A

pergunta estava madura, trazendo a sugestão de que ele não era merecedor.

“Porque”, respondeu Melissa, antes de montar em cima de¬le e o fazer gozar de novo, o lento e rotundo Michael, que havia muito se convencera de que dar duas em meia hora pertencia a um passado astronómicamente remoto.

Ela era dona de uma cadeia — se é que três formam uma cadeia — de lojas, espalhadas pelo norte de Londres, que vendiam roupas de dança. Entre seus clientes estavam os profissio¬nais das companhias londrinas de balé, além de todo tipo de amadores, incluindo jovens mamães cansadas das lições de ioga, e até homens tão idosos quanto Beard que faziam uma última tentativa de se sentirem moços tomando aulas de tango ou sapa¬teado. Todavia, no centro de um negócio que sobrevivia a duras penas, existia um núcleo imperecível de pequenas sonhadoras, um corpo de baile inexaurível que se regenerava a cada geração — menininhas movidas pelo desejo algo antiquado de envergar saias de tule, malhas, leggings e sapatilhas, rodopiando em fren¬te à barra e ao espelho sob o olhar severo de uma rigorosíssima ex-prima ballerina com um coração de ouro. O sonho do traba¬lho duro no assoalho gasto, da noite de estréia, do primeiro salto audacioso no palco suscitando gritos estrangulados de admiração, tudo isso havia subsistido à era eletrônica, aos conjuntos vocais de garotas e às novelas de televisão. A resiliência daquela fanta¬sia parecia ter origem numa compulsão genética. A menor saia de tule no estoque de Melissa caberia numa menininha de doze meses. As mães dessas garotas se lembravam de seus próprios so¬nhos e às vezes gastavam mais do que podiam a fim de vivê-los nas filhas.

No entanto, o negócio da dança naqueles tempos era pre¬cário. Subia e caía na consciência pública como um mercado de futuros, e as reações de Melissa tinham de ser rápidas para atingir empórios distantes. Bastava um inesperado documentário na televisão e, na semana seguinte, quatrocentos homens chega¬vam às lojas de Melissa querendo determinada camisa para usar numa dança de tango. Um filme, um musical ou um clipe na MTV podiam gerar uma necessidade passageira, porém insaciável. Um anúncio de papel de lavatório com um tema do Lago dos cisnes, e surgiam mais meninas do que nunca, porém agora exigindo meias-calças com todas as cores do arco-íris, ou leggings com furinhos em certos padrões, ou malhas de corpo inteiro com um rasgão artístico igual ao que haviam visto no filme. Depois vinham os tempos das vacas magras, quando só dançavam os bailarinos profissionais e o núcleo de menininhas sonhadoras, quando nin¬guém nem queria parecer que fazia dança, e a Melissa

só restava esperar. Inútil, segundo ela, fazer previsões.

A fim de se proteger dessas flutuações, ela buscava aumen¬tar a atratividade das lojas. As garotas de oito anos que sonhavam em ser bailarinas constituíam uma pequena fração daquele gru¬po de idade, porém dividiam com as outras meninas um gosto inexplicável pela cor rosa. Não em qualquer tonalidade, mas um rosa particularmente suave, de balinha de chupar, de roupinha de bebê. Todas as três lojas abriram espaço nas vitrines para esse doce atrativo. Numa manhã de sábado, Beard visitou Melissa no trabalho e se misturou à barulhenta clientela a fim de tes¬temunhar o estranho poder exercido por uma estreita faixa do espectro eletromagnético. Quem estava instruindo as meninas, de que forma elas sabiam como se comportar, como desejar ardentemente um lápis ou um apontador cor-de-rosa, ou roupas de ginástica, lençóis de cama, prendedores de cabelo, mochilas, blocos de anotações cor-de-rosa? Num excesso de zelo, Beard leu o trabalho de um prestigioso neurocientista de Newcastle cujas pesquisas sugeriam uma diferença de sensibilidade retiniana, com o sexo feminino tendendo a favorecer a extremidade vermelha do espectro. Mas isso dificilmente explicaria a correria de sábado na loja, ou a redução radical que Melissa conseguiu fazer em poucos meses na sua dívida bancária. Tudo azul com bolinhas cor-de-rosa por um bom tempo! E então, de repente, baixou um cansaço de cor e a magia se foi. Da noite para o dia as meninas deixaram de precisar de coisas cor-de-rosa. O estoque indesejado não se esgotou nem com uma liquidação de preços. Algo impos¬sível de explicar. Devia existir uma geração ainda mais moça ca¬rente de cor-de-rosa, mas ela não se manifestou. Não que outra cor tivesse alcançado a primazia. A cor, como tal, é que perdera sua capacidade de motivação principal. O rosa saiu de circula¬ção e, para crédito de Melissa, ela estava pronta quando a cor voltou a brilhar no mercado.

Apesar dessas dificuldades e das preocupações diárias com empregados e fornecedores, as lojas pareciam a Beard um refú¬gio de aspirações e prazeres inocentes. Certa vez, ao buscar Me¬lissa na sucursal de Primrose Hill para irem almoçar, esperou por ela sentado num tamborete nos fundos da loja e observou tudo — Lenotchka, a assistente com cabelos curtos pintados de preto formando trancinhas, ceceando por causa do piercing de uma jóia na língua e falando com uma pronúncia em que se mesclavam o russo e o cockney; Tchaikovski como fundo musical; o aro¬ma de sândalo; e uma atmosfera de devoção às crianças e aos adultos amantes da dança que não se podia ridicularizar. Sen¬tado num depósito pouco iluminado em meio às caixas abertas de papelão, ele se entregou à fantasia (aposentos sem janelas às vezes tinham esse efeito sobre Beard)

incrementalmente erótica de abandonar os males e dores do mundo e vir trabalhar ali, como parceiro de Melissa em tudo, encasulado no depósito de merca¬dorias, talvez aperfeiçoando o software de controle dos estoques ou planejando eventos, incluindo mostras e palestras. Assim, os anos transcorreriam plácidamente num remanso de sexo e mesmi¬ce, até que, certa noite, obedecendo às indiretas de Melissa — sonho mirabolante e impossível! —, ele persuadiria Lenotchka a fazer uma suruba na larga cama do apartamento meticulo¬samente limpo de Fitzroy Street, descobrindo como seria o toque mais íntimo daquela língua dotada de uma jóia na ponta. Ele se surpreendeu. Poderia passar toda a vida ali, sonhando em meio aos pacotes ainda não abertos de leggings.

Esse era um refúgio. O outro era o apartamento de Melissa, a dois minutos de caminhada da sucursal de Primrose Hill, quase defronte ao edifício onde Sylvia Plath enfiou a cabeça num for¬no depois de pôr na mesa os pães e o leite para o casal de filhos que ainda dormia. A poeta, uma criatura dos anos 50, era uma diligente dona de casa que, contrariando as idéias preconcebi¬das, mantinha um lar bem-arrumado, como o de Melissa. Beard, ao contrário, era um porcalhão em casa, preocupado com o as¬seio pessoal e vaidoso a respeito das roupas, mas espalhando inconscientemente a desordem por onde passava. Para ele, pegar uma toalha caída no chão, fechar uma gaveta ou um armário de louças, jogar no lixo uma embalagem ou um resto de maçã seria o equivalente a fazer uma faxina de primavera. A mulher que cuidava de seu apartamento em Marylebone havia ido embora sem dar explicações, porém ele sabia a razão e nunca encontrara uma substituta. Sua terceira mulher, Eleanor, certa feita achara em valiosa primeira edição uma velha tirinha de bacon usada como marcador de livro.

Como muita gente desleixada, Beard apreciava a ordem cria¬da por outras pessoas sem esforço, ou ao menos sem um esforço visível. No apartamento de Melissa, que ocupava dois andares, ele se sentia especialmente feliz. Ela vivia em casa uma vida despojada. Os poucos móveis tornavam os espaços mais amplos. As tábuas de assoalho, de trinta centímetros de largura, tinham sido recuperadas de um castelo na Gasconha e, bem enceradas, exibiam um brilho perfeito. Não havia objetos isolados, todos os livros nas estantes estavam ordenados (pelo menos até que ele a visitasse) e nas paredes só se viam algumas poucas gravuras, sobretudo de bailarinas. Havia uma única estátua, uma maquete de Henry Moore. As outras superfícies também reluziam sem um grão de pó. No quarto de dormir não havia roupas à vista, e a cama, lisa como um açude, se equiparava às maiores existentes nos hotéis americanos. O apartamento de

Melissa era o tipo de ambiente que Beard podia bagunçar em dois minutos, sentan¬do-se em qualquer lugar, jogando o casacão no chão, abrindo a maleta de mão e tirando os sapatos. Nunca se sentia em casa até tirar os sapatos. Mas se impressionava com o apartamento dela, que lhe parecia a corporificação da liberdade mental, e fazia o possível para não conspurcá-lo, conquanto obtivesse um êxito apenas parcial.

Um ladrão que lá entrasse, silenciando o alarme e se dando ao trabalho de olhar em volta antes de começar a trabalhar, jamais imaginaria a natureza ou até mesmo o sexo do proprietário. Não havia a menor ostentação, a decoração era fria e masculina devido ao uso de marrons-claros e cinzas metálicos. Muito em¬bora nas lojas, como na cama, Melissa fosse extrovertida, alegre, generosa. Ela era só dois centímetros e meio mais alta do que Michael, carnuda e macia, com quadris largos como uma banhis¬ta de Renoir, mas nem de perto tão gorducha quanto ele. Tinha cabelos negros, naturalmente encaracolados, ou artificialmente (Beard nunca perguntaria), olhos pretos e a pele de um mar¬rom profundo, com uma floração vermelha nas maçãs do rosto que se tornava mais visível quando ela se enfurecia ou ficava de repente feliz. Dizia ter, por parte da bisavó, uma mistura de san¬gue tobaguiano e venezuelano, como a bebida angostura bitters. Verdade ou não, ela se dava bem nas ondas de calor, odiava o frio (definido como qualquer temperatura abaixo de quinze graus centígrados), e acreditava pertencer a algum país mais ao sul, mal¬grado agora fosse tarde demais para mudar.

Talvez houvesse escolhido a decoração no apartamento de Fitzroy Street para realçar seu guarda-roupa. Usava estampados audaciosos (a herança de Tobago) ou sedas de cores fortes, com uma coleção de sapatos de salto alto verdes, vermelhos e pretos, bem como sapatilhas em tons pastel que nunca cabiam nos seus pés. Em casa, recostada num sofá sombrio contra uma parede neu¬tra, ela reluzia em suas cores, lembrando a Beard um recém-pintado Gauguin na fase das ilhas Marquesas.

Quando ele a visitava, ela cozinhava como uma louca no melhor estilo tropical. As refeições bem balanceadas levavam bas¬tante pimenta e lhe agradavam muito. Qualquer benefício para a saúde dele era facilmente anulado pelas enormes repetições. Ela mal se servia do que cozinhava, porém, do outro lado da mesa, o observava comer com fervorosa satisfação, dizendo que os temperos fortes queimariam sua gordura e o transformariam num amante ardoroso, ou que o estava engordando para que nun¬ca pudesse fugir. Isso estava mais próximo da

verdade. Após esses banquetes, não se sentindo mais magro e nem um pouquinho excitado, ele ficava sentado num sofá quase em silêncio, suando durante meia hora para se recuperar.

O que havia feito para merecê-la? Ela preparava a água de seu banho nas noites de inverno, acendia velas no banheiro e se apertava contra ele numa daquelas enormes banheiras antigas. Comprava-lhe camisas, gravatas de seda, água-de-colônia, vinho, uísque (ela não bebia), cuecas e meias. Quando chegava a hora de ele ir embora, reservava seus vôos. Numa pobre recompen¬sa, ele trazia presentes caros comprados na loja duty-free dos ae¬roportos, uma forma moderna de pão-durismo que combinava o conforto com uma suposta redução de impostos, mas ela não pa¬recia se importar. Amava sua condição de físico, as folhas indeci¬fráveis de cálculos sobre o efeito fotovoltaico que frequentemen¬te se espalhavam pelo chão, e o obrigava a explicar — mais uma vez — os símbolos, as notações bra e ket de Dirac, os produtos tensoriais, os diagramas de Young. Porém ela também poderia ter sido uma matemática. Ele a vira completar o sudoku no jornal matinal tão rapidamente quanto outras pessoas preenchem um formulário, apressando-se a fim de acabar antes de sair corren¬do para o trabalho. Aprovava a missão de Beard e acompanhava lealmente as histórias sobre mudança climática na imprensa. Mas lhe disse certo dia que levar o assunto a sério exigiria pensar nele sem parar. Tudo mais se apequenaria diante daquilo. Por isso, como todo mundo, não era capaz de levá-lo a sério, não inteira¬mente. A vida de cada dia não o permitia. Às vezes ele citava essa observação em suas palestras.

Falava sobre seus amantes anteriores com uma liberdade que ele não conseguia alcançar. Nunca se dera ao trabalho de criar um relacionamento sério com alguém de sua faixa etária. Os vá¬rios homens que descreveu eram quinze ou vinte anos mais ve¬lhos que ela. A única exceção ocorreu muito cedo, e a diferença de idade era ainda maior. Aos vinte, tivera um caso que durou um ano com um homem casado, um jogador profissional de gol¬fe de cinquenta e seis anos. Ele estava agora com setenta e sete, e ainda mantinham contato. Sua preferência em matéria de companheiros tinha uma longa história. Melissa havia crescido em Clapham Common, no sul de Londres, filha única de pais divorciados quando tinha onze anos. Amava o pai e vivia com a mãe, com quem brigava frequentemente. Quando sua mãe se casou com o último de uma série de “odiosos” amantes, Melissa foi viver com o pai no mesmo bairro, justamente na época em que ele sofreu um derrame cerebral. Desde os catorze anos cui¬dou dele (intimamente, porque havia ficado quase totalmente paralisado), até sua

morte quatro anos depois. Contou a Beard o que uma amiga psicóloga lhe dissera havia algum tempo. Cuidar do pai que amava num período formativo de seu desenvolvimen¬to sexual, e apesar disso o perder, havia gerado um sentimento de culpa que a obrigava a buscar nos relacionamentos posteriores um substituto, com isso tirando seu pai da sepultura, salvando-o de seu infortúnio e se redimindo, ela própria, do fracasso.

Beard estava igualmente obrigado a crer que a ciência existia para protegê-lo desse tipo de idiotice. Mas, não dizia nada. Tan-tas premissas não examinadas, tantos elementos incomprovados! Um inconsciente que escrevia suas próprias historias engenhosa¬mente ocultas e salpicadas com um simbolismo absurdo? Ne¬nhum indício neurológico. Repressão? Nunca se demonstrara sua existência empiricamente. Pelo contrário, era difícil esquecer as memórias indesejadas. Sublimação? Também uma história da carochinha impossível de ser verificada mediante qualquer investigação séria. Cuidar das necessidades fisiológicas de seu pai poderia perfeitamente fazer com que ela não quisesse jamais se re¬lacionar com homens mais velhos, e nesse caso também haveria uma confiante confabulação freudiana para explicar tal comporta¬mento. Muitas mulheres que nunca haviam cuidado de um pai moribundo ou tido uma experiência análoga preferiam homens mais velhos. Por que os amantes de Melissa (com uma única ex¬ceção) eram só quinze ou vinte anos mais velhos, quando seu pai tinha trinta e sete no dia que ela nasceu? Será que seu incons¬ciente, tão literal com respeito a outras questões, não podia fazer aquelas contas tão fáceis?

A verdade era mais simples. As mulheres a guardavam no fundo do coração. Como Beard tinha suficiente tato para não dizer isso a ela, via-se forçado a formular imparcialmente aquela verdade para seu próprio benefício. A repetição ajudava. Os ho¬mens mais velhos eram companheiros melhores, amantes expe¬rimentados, conheciam o mundo, se conheciam. Ao contrário dos homens mais moços, controlavam suas emoções. Haviam lido mais, visto mais, eram mais amigos, mais carinhosos, menos chegados às fanfarronadas, mais tolerantes, menos violentos. Eram mais interessantes, sabiam escolher os vinhos. Tinham mais dinheiro. Além disso, irritava-o imaginar que Melissa não se sen¬tisse atraída por ele, mas por algum símbolo de idade mais avan¬çada do qual fosse uma aproximação aceitável. Irritava-o ainda mais ouvir que, ao conhecer seu primeiro amor de verdade, o jogador de golfe nômade, ele tinha a mesma idade do pai dela ao morrer.

Tomou um táxi no Strand para Primrose Hill e tocou a campainha do apartamento de Fitzroy Street vinte e cinco minutos antes da hora marcada. Não tinha a chave — essa era uma li¬nha que não desejava cruzar. Quando Melissa chegou à porta, um instante antes de se abraçarem ele sentiu que algo não es¬tava direito, ou estava diferente. Ou ela estava diferente. Beard acreditou ter visto os vestígios de uma expressão que se alterou só para acolhê-lo. Mas logo a seguir se encontraram nos braços um do outro e a impressão se desfez. Ela trouxe para o frio de¬grau de pedra da entrada um sopro do calor e do cheiro de cera do apartamento, junto com um aroma de condimentos que se misturava com seu perfume. Um dos presentes que ele havia trazido de algum inferno aeroportuário com excesso de ilumina¬ção. Melissa exclamou o nome dele, ele o dela, beijaram-se e se afastaram para cada qual contemplar o rosto do outro, voltando a se abraçar.

Tendo-a nos braços, sentiu nas palmas das mãos o calor da pele de Melissa através da blusa de seda vermelha. Quão nebu¬losa e monocromática era a memória quando comparada ao mo¬mento vivo! Longe dela, só lembrava vagamente (ou estava ocu¬pado demais para lembrar) toda a vibração que Melissa emitia, o fato puro e estupendo de sua presença. Esquecia-se do toque especial de sua boca e de sua língua, do seu corpo, da forma como ela sabia dissolver a diferença de altura entre os dois ao se beijarem, como os dedos dela se entrelaçavam aos seus, o grau de resistência que ofereciam nas juntas, o frescor, a suavidade, o comprimento e a largura daqueles dedos, a protuberância de uma verruga abaixo do nó do mindinho esquerdo, e como, no abraço, seu peito se incendiava com a pressão dos seios dela. E esse era apenas o reino das sensações físicas. Como a via, ouvia, provava — tudo obviamente bem conhecido, mas só quando ela estava ao seu alcance. A memória, ou a memória de Beard, era um instrumento de segunda categoria. Quando pensava nela em Berlim ou Roma, só lhe vinham à mente a relação propriamente dita e um desejo generalizado, ela em abstrato, e seu próprio prazer, não o cheiro cálido de mel do couro cabeludo de Melis¬sa, a surpreendente força elástica dos braços, o tom grave que a voz dela assumia ao chamar seu nome.

“Michael Beard, entre em casa imediatamente!”

Essa velha piada fazia lembrar um gênero antiquado de mãe. Ele nunca pudera lhe dizer algo semelhante — seu apartamento atravancado não era o lugar

apropriado para convidar uma mu¬lher como Melissa Browne. Ela não se sentiria à vontade lá até que organizasse tudo, e essa era outra linha que Beard não dese¬java ver ultrapassada. Ela pegou a mala e Beard a seguiu. Fecha¬da a porta, ficaram parados na despojada sala de visitas e Melissa passou os braços pelo pescoço dele, que a puxou com força para si. Beijaram-se de novo. Pareceu que, pela primeira vez, dispensa¬riam a obrigatória conversinha de sintonização, adiariam o jan¬tar e iriam diretamente para o quarto de dormir. Mas então se ouviram um chiado e um forte estalido vindos da cozinha, num chamamento urgente, e ela saiu às pressas sussurrando “merda!” várias vezes enquanto ele rumava para o sofá. Já não era um jo¬vem ardente. Podia esperar pacientemente.

Quando ela retornou cinco minutos depois, trazendo seu uísque com soda, Beard estava escarrapachado de costas reven¬do o rascunho de um artigo preparado por sua equipe do Impe¬rial College para publicação na revista Nature. Pelo chão se espa¬lhavam os detritos de sempre: sapatos, casacão, paletó, gravata, maleta aberta, papéis, mala aberta, roupas sujas e uma sacola plástica. Arrancado assim tão repentinamente do denso reencon¬tro com Melissa para as complexidades da vida molecular das plantas, Beard teve uma sensação rara de alegria e enraizamento por saber que, acontecesse o que acontecesse, eles fariam amor dali a mais ou menos uma hora e ainda havia uma refeição em perspectiva.

Melissa parou diante dele, com a mão livre no quadril. “Abra espaço, professor!”

Gostava do sorriso dela, irônico, tolerante, meio de lado. Com um grunhido, lutou para sentar e, dando umas palmadi¬nhas no assento ao seu lado, pegou o copo da mão dela. Quando Melissa se aninhou contra ele, Beard afastou o rascunho e disse: “Pense bem, a mais humilde erva daninha que nasce numa ra¬chadura da calçada tem um segredo que os doze melhores labo¬ratórios do mundo só agora estão começando a entender”.

Tomou um gole do uísque enquanto a mão dela foi parar entre suas pernas. Ela o acariciava com um ar abstrato.

“Senti falta de você, Michael. Por que as ervas daninhas?”

“Já devo ter dito isso antes a você. Uma folha é um tipo de painel solar para dividir a água em seus elementos e fixar o dió¬xido de carbono. A ideia é imitar isso para produzir hidrogênio. Também senti sua falta.”

Seria verdade? Agora que a estava beijando, se deu conta de que deveria ter tido

saudade, porque estava excitado e feliz. Mas não tinha sentido a falta de ninguém desde o tenebroso ve¬rão de 2000, quando teve um desejo de cão por sua última, sua derradeira mulher. Havia pessoas que vagamente tinha vontade de ver, porém desde aquela época não voltara a ser afligido por nenhuma ausência. Ultimamente, tão logo se encontrava a sós, ele lia, bebia, comia, falava no telefone, acessava a internet, via televisão, viajava para os encontros. Era autossuíiciente, absorto em si mesmo, sua mente uma constelação de apetites e deva¬neios. Como muitos homens inteligentes que valorizam a obje¬tividade, era no fundo um solipsista e seu coração um pequeno bloco de gelo cuja existência Melissa intuía e o qual tencionava derreter.

Naturalmente, antes de fazer amor precisavam conversar sobre o que acontecera com cada um deles naquelas semanas, seus estados de espírito, como transcorrera aquele dia. Culpa dele não haver feito contato, culpa dela não reclamar. Por isso, ela contou suas novidades. Um musical sobre o filho de um operá¬rio que quer ser bailarino estava mantendo as vendas acima da média da estação. Mas poucos meninos iam à loja. As garotas é que sonhavam com esse menino. Contou também sobre a morte recente de um coreógrafo respeitado que nunca chegou a ser tão famoso quanto entendia merecer. No serviço religioso, cinco bailarinas dançaram no estreito corredor de uma igreja no Soho, fazendo chorar até os inimigos do falecido.

Michael passara o braço pelos ombros dela, que se apertava contra ele, falando com a boca próxima a seu peito. Melissa cui¬dava de suas lojas, dos fregueses, dos empregados, do amante, e queria que alguém cuidasse dela. Enquanto a ouvia, olhou a seu redor — a chaise longue marrom encostada à parede, a maquete, a gravura à ponta-seca do século XVIII que mostrava dançarinos numa rua de Utrecht, a tigela com pedras arredondadas dentro de um prato de cobre —, esperando identificar o que, a seus olhos pouco observadores, parecia haver sido sutilmente modi¬ficado. Algo estava fora de prumo. Estava certo de que não se tratava de seus pertences. O próprio ar dava a impressão de estar desordenado, como ocorre quando um fumante deixa o aposen¬to e a fumaça se desvanece.

“Eu te amo”, ela interrompeu o relato do funeral para dizer, mordendo o braço dele num gesto brincalhão.

Sentiu ternura por ela, talvez mais do que jamais sentira, porém algum dia ele poderia precisar se safar da relação e seria mais difícil para os dois caso alguma

vez tivesse dito que a amava. No entanto, não passava por sua cabeça como e quando começa¬ria a abrir mão dela, e Beard a puxou mais para perto. O que ele sussurrou soou débil, mas foi o que saiu. “Você é bonita, Melissa.”

Ela continuou a contar a história e, enquanto acariciava sua cabeça, Beard sentiu, pela primeira vez desde que vomitara atrás da cortina, que podia se imaginar com fome, talvez dali a meia hora. Começou a tentar identificar os aromas que vinham da cozinha. Tamarindo, alho, limão, gengibre, galinha? A voz dela era suave e musical, até mesmo, lhe pareceu, um pouco triste. De tempos em tempos, puxava a cabeça dele para baixo a fim de lhe dar um beijo. Falava de novo sobre as lojas, passando sem sentir para outra história, dessa vez sobre um buraco no teto ou no chão e alguma coisa que caiu através dele, sobre um dachshund temperamental deixado para trás por uma antiga prima ballerina com a doença de Alzheimer. E agora ele também começara a divagar. Achou que era um homem comum, não mais cruel, nem melhor nem pior do que a maioria das pessoas. Se às vezes se reve¬lava ganancioso, egoísta, maquiavélico e mentiroso, quando isso se fazia necessário para não ficar numa situação incômoda, todo mundo se comportava da mesma maneira. A imperfeição huma¬na era um tema muito amplo. Bastava considerar alguns poucos defeitos. Colunas vertebrais com forma de S que facilmente se entortavam; os atos de respirar e engolir dividindo perigosamen¬te uma única passagem; a proximidade infecciosa entre o sexo e a excreção; as dores do parto; a vulnerabilidade e incomodidade dos testículos; a prevalência da miopia; um sistema imunológico capaz de devorar seu dono. E isso para só falar do corpo. Entre todas as tentativas otimistas de explicar a existência divina, o ar¬gumento do “desenho inteligente” cai por terra com o Homo sapiens. Nenhum deus digno do nome seria tão descuidado na banca de trabalho. Beard compartilhava confortavelmente todos os defeitos da humanidade, e ali estava, um monstro de insince-ridade, amparando no braço com carinho uma mulher que imagi¬nava poder abandonar em breve, ouvindo-a com uma expressão sensível na expectativa de que dali a alguns minutos teria de falar também, quando tudo que queria era fazer amor com ela sem preliminares, comer a refeição que ela cozinhara, beber uma garrafa de vinho e então dormir — sem a menor culpa.

Ela pegou o copo vazio e se levantou.

“Hora de comer”, disse. “E pego outro uísque para você.”

Mas não conseguiu se afastar dele, não até se curvar e lhe dar outro beijo. Esse

beijo foi longo e profundo, depois ela o apertou contra si e Beard, ainda sentado mas já agora excitado, o rosto parcialmente envolto no escurinho perfumado de sua blusa desabotoada, a visão de todo ocupada pelo vale e pelas colinas dos seus seios, teve tempo de se perguntar por que o opri¬mia mais que de costume aquela conversa, aquela preparação da comida, antes que acontecesse alguma coisa realmente gratifi¬cante. Talvez houvesse perdido a paciência com as pequenas tro¬cas sociais por passar tempo demais em locais públicos e baru¬lhentos, entre professores tão cosmopolitas quanto ele, cada qual pavoneando seu estilo pessoal de empáfia acadêmica. Quando sozinho, vivia cercado das quase abstrações dos íons de cobalto, prótons, catalisadores. E, quando acompanhado, se envolvia em relações amorosas supérfluas sobre as quais preferia não refletir naquele momento.

Melissa o liberou do abraço e, ao endireitar o corpo, disse algo, uma única frase, que ele não entendeu porque naquele mo¬mento os braços dela roçaram em suas orelhas. As mãos pousa¬ram nos ombros de Beard, que olhou para cima esperando poder trocar um sorriso tranquilizador que fecharia de forma neutra aquele episódio físico e a despacharia para a cozinha. Ficou sur¬preso ao ver em seus olhos lágrimas que se avolumavam, prontas a transbordar. Estranhamente, Melissa sorria, mas sem humor, como se descartando seus próprios sentimentos ou zombando deles. Num impulso supersticioso, imaginou que a perturbara com aqueles pensamentos, quem sabe tinha murmurado alguma coisa ou eles se haviam projetado em seu rosto. No entanto, todo homem é uma ilha, seus pensamentos estavam a salvo. Devia ser alguma coisa séria, que nada tinha a ver com ele. Pondo-se de pé, tomou as mãos dela, que estavam úmidas, e não apenas as palmas, mas entre os dedos, pegajosos, quentes, exprimindo uma forte emoção que agora era seu dever — enquanto mirrava a expectativa de prazer — fazer vir à tona e compreender.

“Melissa”, ele disse. “O que é que há, o que você acabou de dizer?”

Beijaram-se outra vez, com igual ternura. Afinal de contas, talvez não fosse tão difícil recolocar a noite nos trilhos.

Ela o olhou, surpresa, e soltou uma risada. “Seu bobo. Eu te amo. Disse que estou grávida.”

“Ah…”

Sua mente sofreu um lento apagão, o equivalente mascu¬lino a um desmaio neurastênico que o jogasse de volta sobre o sofá às suas costas. Grávida. Lutou contra a palavra que inchava, madura — bastante familiar, mas naquele instante desprovida de um contexto coerente, como, por exemplo, o rosto do vendedor de jornais da esquina encontrado num local improvável. Um mo¬mento depois, a palavra, seu significado e consequências, a biolo¬gia e o destino, se encaixaram com um clique tal qual uma tran-ca de aço. A porta de sua cela havia permanecido aberta durante meses, anos, e ele podia haver escapado sem dificuldade. Tarde demais. Enquanto se encontrava de costas, um de seus próprios espermatozoides, tão bravo e astucioso quanto Ulisses, empreen¬dera a longa viagem, rompera os muros da cidade e enterrara sua identidade no óvulo de Melissa. Agora devia fazer o que já vinha fazendo nos últimos quarenta anos, qual seja, convencer várias mulheres, inclusive duas de suas esposas, a abortar. Era um mila¬gre que houvesse chegado tão longe sem tropeçar na paternida¬de. Mas seria duro persuadir Melissa. Ela o observava, expectante, os lábios entreabertos, esperando por ele, por suas palavras, as primeiras palavras do papai, capazes de indicar o rumo daquela nova vida.

“Aceito o uísque.”

“Vem comigo.”

Passou o braço pelos ombros dela e, juntos, evitando as coi¬sas que atirara no chão, caminharam até a impecável cozinha. Uma grande panela verde, fonte do aroma que se espalhava por toda parte, cozinhava em fogo baixo. Fora disso, com exceção de uma caixa de arroz, não havia sinal algum de que estava sendo preparada uma refeição, pois todas as superfícies haviam sido lim¬pas, todas as cascas postas no lixo, todos os utensílios lavados e guardados. Um mistério, como uma pessoa com a sensualida-de e o sangue fervente de Melissa podia ser tão assepticamente limpa. Um bebê, com suas marés diárias de entropia, a poria à prova. Mas esse bebê não podia existir, e tudo que estava em questão era quanto tempo ele levaria para convencê-la desse fato. Como era possível que ela já não tivesse visto isso, a loucura de obrigá-lo a arrostar aquela obrigação, a carga emocional de uma criança de menos de dez anos que tem um pai setentão! E o ca¬ráter inapropriado do pai, com sua própria tendência à entropia, a dedicação impiedosa ao trabalho, a renda anual que não chegava nem a cem mil libras, o passado horroroso, os riscos de erro na transcrição genética ao oferecer à posteridade sua semente já deteriorada, enquanto os óvulos dela também se ressentiam do frio de trinta e nove invernos. E que dizer de sua missão? Seria um

exagero afirmar que o planeta sofreria se ele fosse desviado de seu caminho? Talvez não.

Observou-a enquanto ela dava uma olhada dentro da pane¬la (parecendo satisfeita com o que viu), servia o drinque e pegava um cubo de gelo no freezer. Se os argumentos que vinha pre¬parando mentalmente eram exagerados, isso se devia ao fato de que temia que a decisão já não dependesse dele. Ela queria aqui¬lo, sempre quisera. Sendo assim, não se tratava de argumentos, e sim de súplicas. Caso Melissa o amasse, as ouviria, porém ela o amava e desejava ser mãe, motivo pelo qual inevitavelmente ig-noraria suas palavras. A situação era grave, de fato grávida. Pegou o drinque da mão dela e não o tragou de uma vez, como faria se estivesse sozinho enfrentando aquele problema, porém deu cabo dele em rápidos goles.

Ela lhe ofereceu um sorriso de relance e iniciou as rápidas manobras com o arroz, derramando azeite e suco de limão numa tigela, juntando folhas de rúcula de um pacote mantido no re¬frigerador. Aquele monte de verduras sem dúvida era para ela. Ácido fólico, fitonutrientes, antioxidantes, vitamina C. Comen¬do por dois. Algo tinha de ser feito.

“Sabe de uma coisa?”, ela disse. “Acho que, só para variar, vou tomar um copo de vinho branco.”

Ele não queria que os acertos sobre um aborto se transformassem na celebração de um futuro nascimento. Nem desejava que o desenvolvimento neurônico de seu filho na fase fetal fosse prejudicado pelo álcool. Sentiu-se tão desprovido de razão que não conseguiu dizer nada. Ela ergueu o copo e ele fez o mesmo sem abrir a boca. A dose de vinho não era maior que a de uísque puro em seu copo.

“Gosta dessa saia?”

Pelo tom da pergunta, o objetivo não era mudar de assunto. O tecido era uma fina caxemira cinza, com muitas pregas que tomavam algum tempo para formar uma espiral quando ela ro¬dopiava.

“É linda”, ele respondeu. “Como você. Você nunca esteve tão bem.” Não era uma boa idéia encorajá-la, porém não pôde se controlar. Para compensar, perguntou: “Quando começou a gravidez?”.

“Há sete semanas.”

“Quando você descobriu?”

“Anteontem.”

“Melissa, me diga. Foi um acidente?”

Ela se aproximou e apertou a mão contra o rosto de Beard, que mais uma vez sentiu seu calor corporal. Melissa era um for¬no, pensou estupidamente, dentro do qual havia um pão doce. O pão doce deles.

Por fim ela sussurrou: “Não”.

“Você parou com a pílula?”

“Nas três últimas vezes que fizemos amor eu não estava tomando pílula.”

“Devia ter me dito.”

“Você teria sido contra.”

“Teria mesmo. Sabe o que eu penso disso.”

“E você também sabe o que eu penso.”

O copo de Beard estava quase vazio. Contornou-a para ir até onde estava a garrafa e servir outra dose. Agora se encontravam em extremidades opostas da cozinha e foi mais fácil para ele dizer, com uma ponta de aspereza: “Então você me enganou”.

Ela se aproximava outra vez. Seria difícil fazê-la abandonar aquela atitude serena, sedutora. Não havia alternativa senão provo¬car uma briga, deixando de lado a delicadeza. Vencer distâncias maiores. Mas, em meio àquela calma doméstica, ela caminhava em sua direção e ele não podia esconder sua excitação — e, como podia ver que ela sabia disso, mais excitado ficava. Ao lado do so¬frível carrinho de bebidas — um amaretto, uma garrafa quase va¬zia de Johnnie Walker, um licor Baileys —, ele tinha um novo ângulo de visão e pôde verificar que os hormônios do primeiro trimestre tornavam ainda mais fina a textura da pele de Melissa e lhe davam novo viço. Já? Não tinha ideia, mas ela nunca pa¬recera tão bonita ou tão jovem. Quando parou diante dele, teve de fazer força para se lembrar de que acabara de acusá-la, com toda a razão, de o

haver enganado. Não podia permitir que ela o seduzisse. Melissa havia sido desonesta. Por outro lado, um alívio sexual lhe daria imunidade, propiciaria pensamentos mais claros e permitiria uma apresentação mais convincente de seu caso em favor do aborto.

“Desperdicei muitos anos”, ela disse, “achando que não de¬via ter um filho até que aparecesse o homem certo. Um monte de idiotas e filhos da puta tomaram meu tempo — culpa minha tanto quanto deles. Acho que você é o homem certo, mas, Michael, se acha que não é, isso não me importa. Vou em frente de qualquer maneira. Vai ser triste sem você, mas não tão triste quanto não ter nada. Você não precisa decidir esta noite ou no mês que vem. Pode dizer não e mudar de opinião depois. Talvez você mude de opinião ao ver o bebê. Isso pode acontecer. Mas tenho certeza de uma coisa — não vou discutir com você. Se não admite mesmo a coisa, está livre para ir embora. E livre para voltar.”

“Vou ter quase setenta anos quando essa criança tiver dez. Como é que isso pode funcionar?”

“Ótimo. Não se envolva. Mas acho que você deveria se considerar um ser abençoado se, aos setenta anos, puder amar e ser amado por uma criança de dez.”

Abençoado? Onde é que ela fora buscar uma palavra des¬sas? Nunca a ouvira usá-la antes.

“E tem outra coisa.”

Disse isso num tom mavioso, segura de sua posição. Ela ha¬via eliminado os penhascos e precipícios daquela nova paisagem pela qual ele vagava completamente perdido, porém sem correr nenhum risco — ou assim ela sugeria.

“Você não pediu para ser pai. Não estou pedindo nenhuma ajuda financeira. Tenho minhas poupanças e as lojas. Se você quiser contribuir, muito bem. Se quiser viver conosco, melhor ainda.”

Nós. Aquela entidade do tamanho da cabeça de um alfine¬te já fazia parte do esquema, já tinha uma presença social. Beard se sentiu ao mesmo tempo ofendido e tapeado. Era lento demais para articular o princípio geral, qualquer que fosse, que Melis¬sa estava desafiando com tamanha competência. E ele também não tinha seus direitos? Mas claro que não podia ordenar a elimi¬nação

prematura daquela criança. Então, o que queria? Tentou retornar aos fundamentos.

“Fique ou não fique, pague ou não pague, eu serei o pai de seu filho. Contra minha vontade. Você não me perguntou porque sabia o que eu ia dizer.”

“Se você nunca vir a criança e não contribuir em nada, não vejo como isso pode te afetar.”

“Não é você que pode avaliar isso, e, além de tudo, está errada, muito errada. Você realmente acha que não há diferença entre ter um filho que nunca viu e não ter filho algum? Está me obrigando a fazer escolhas que eu jamais quis fazer.”

Disse isso com certa veemência e acreditou no que estava dizendo, embora parecesse muito abstrato. Suas verdadeiras objeções, ainda sem expressão verbal, permaneciam envoltas num nevoeiro.

Ela deve ter antecipado sua reação. Não parecia nem um pouquinho perturbada ao lhe dar as costas e começar a servir a mesa. Quando falou, pousou impessoalmente a mão no braço de Beard e sua voz soou conciliatória, conquanto não o estivesse en¬carando.

“Tente ver as coisas do meu lado, Michael. Amando você, querendo um filho, não desejando mais ninguém, só te vendo vez por outra e sem nunca saber quando, sabendo que se encon¬tra com outras mulheres, você nunca decidindo se aproximar mais de mim ou ir embora, quatro anos se passando desse jeito. Se eu não fizesse nada agora, a menopausa me apanharia. E essa teria sido a escolha silenciosa a que você me teria forçado.”

Parecia de fato uma droga. Mas ela teria podido mandá-lo embora. Beard pôs a mão sobre a dela, ainda pousada em seu braço. Uma espécie de pedido de desculpas.

Ela passou a caçarola do fogão para um suporte de três pés sobre a mesa, dando-lhe uma garrafa de vinho para abrir. Era um Corbières, bastante decente, que ele beberia sozinho. Os cinco centímetros de vinho branco de Melissa mal haviam sido toca¬dos. Ao sentar, lembrou-se dos presentes comprados no aeropor¬to de Tegel, óleo para banho e bombons de menta com choco¬late amargo. Não havia pior momento para entregá-los. Fez-se silêncio enquanto ela servia o guisado. Melissa havia neutralizado seus protestos com uma lista de acusações. Sempre

presumira que ela sabia de seus casos, mas ficou chocado — não, excitado — ao ouvi-la dizer aquilo com tamanha calma. Levando o garfo à boca, viu com toda a vividez, como se projetado de trás para a frente, do cérebro para a retina, a cena de Melissa e uma garota que ele conhecera superficialmente em Milão, ajoelhadas lado a lado, amistosamente nuas tendo como pano de fundo uma montanha de lençóis e travesseiros, ternamente expectantes, no estilo pouco iluminado das fotografias pornográficas. Viu até os gram-pos nas páginas do meio da revista. Afastou aquele quadro com um piscar de olhos e começou a comer. Mas o sonho de olhos abertos havia criado uma tensão nas paredes de sua garganta e o primeiro bocado não foi fácil de engolir. Ela havia apresentado argumentos razoáveis, e ele estava em dificuldade, se sentia mal apesar de ter razão, parecia uma barata tonta embora suspeitasse que a questão era simples: ela havia mudado de assunto.

Deixou passar um ou dois minutos e então decidiu falar em tom sério porém não queixoso. “O importante, Melissa, é que na verdade não tenho escolha se você resolver ir em frente com isso. Como é que posso ignorar a existência de meu próprio filho? Impossível para mim. Acho que você estava contando com essa reação, e é a isso que me oponho. Uma forma de chantagem.

A palavra ficou suspensa entre os dois e ele imaginou que enfim teriam a briga libertadora. Mas ela continuou calma, a fu-tura mamãe tranquila, refletindo enquanto mastigava. Estava co¬mendo mais que de costume.

“Não contei com que você fosse incapaz de ignorar nosso filho. Se é verdade, fico feliz. Sabia que você ia ficar com raiva, e não te culpo. Pensei em dizer que tinha sido um acidente, mas não ia saber viver com isso.”

Para quem tinha continuado a viver após fazer a trapaça com o anticoncepcional… Mas ele não teve vontade de dizer isso e nem conseguiu dizer que via o futuro muito bem. Após um in¬terludio feliz, e presumindo que não sucumbisse ao casamento, ele se tornaria pouco a pouco um pseudomarido imprestável, não merecedor de confiança, e inevitavelmente um pai impres¬tável e não merecedor de confiança. Era o que ela estava esco¬lhendo, tinha o direito de escolher. As mulheres haviam mar¬chado nas ruas por isso, tanto para ter filhos como para abortar. Talvez não houvesse nada que ele pudesse fazer. Ela o estava exi¬mindo de toda responsabilidade, mas não era assim que as coisas iriam ocorrer, não era assim que ela se sentiria quando suas vidas estivessem transformadas, quando repetissem as cansativas cenas de raiva, aos berros, com

o bebê chorando desesperadamente, o carro dele saindo em arrancada com os pneus cantando. Então ela saberia que era tudo culpa dele, apesar do que dissesse agora enquanto seu cérebro, sem suspeitar de nada, estava impregna¬do de hormônios otimistas, um dos truques da evolução para conseguir que aquela criança pusesse o pé na estrada.

Reenchendo o copo, sentiu que o impulso guerreiro, seu libelo acusatório, cedia lugar a um fatalismo insensato. Ele queria deixar o problema de lado e reorientar a noite na direção certa — mediante uma conversa amigável com aquela mulher bonita e quase jovem que lhe oferecia generosamente uma refeição e um vinho tinto, rumo a um encontro sexual, aos abraços sonolentos, ao sono. Seria isso uma prova de indolência e sibaritismo da par¬te dele, ou a afirmação de um apetite decente pela vida? Beard conhecia a resposta. Esticou-se sobre a mesa e pegou a mão dela.

“Estou contente por você ter me dito a verdade. Obrigado.”

Sem afastar a mão, pediu desculpas por suas palavras duras, disse que ela não era de jeito nenhum uma chantagista, que estava profundamente feliz por estarem juntos outra vez, que tinha razão em não querer que brigassem. Melissa o encarou en¬quanto ele falava, como se Beard fosse um hipnotizador. Seus olhos voltaram a reluzir. Ela se levantou e veio se ajoelhar a seu lado. Beijaram-se longamente. Quando voltou para sua cadei¬ra, tudo parecia bem e continuaram a refeição. Ele comeu três porções de guisado de galinha com pimenta enquanto falavam sobre seu trabalho e suas viagens, a conferência em Potsdam, as últimas do Novo México, como uma equipe do MIT estudava um processo de fotossíntese artificial semelhante ao dele embora com um atraso de dezoito meses. Falou sobre a simplicidade do equipamento, a beleza de não ter partes móveis, os cálculos de um grupo de Oxford indicando que o formato ótimo do refletor solar não era a parábola que ele esperava.

Sem dúvida a estava chateando, falando para criar uma distância entre ele e o bebê, para substituí-lo nos pensamentos de Melissa por suas próprias ideias, por seu próprio bebê. Às vezes ela o estimulava com alguma pergunta, porém na maior parte do tempo se manteve silenciosa, olhando fixo para ele com uma paciência profundamente irracional. Melissa amava um homem gordo e careca que representava para ela o suprassumo da serie¬dade e da luta para atingir um objetivo histórico, que era o pai de seu filho assim como o pai que ela desejava zelar, o pai que ainda não se apaixonara por seu destino mas que, como ela sabia

com toda a segurança, acabaria por fazê-lo.

No que considerava ser uma linguagem leiga, Beard expli¬cou as razões para a excitação mais recente: não mais um elé¬tron para cada fóton, mas dois e, quem sabe algum dia, três! Ao ouvir, ela havia adotado a expressão de que ele mais gostava, um sorriso brejeiro que, se transformando num biquinho, mal con¬tinha a pressão de uma gostosa gargalhada. Mas nada do que ele estava falando era minimamente engraçado. Ela merecia coisa melhor. Por isso, Beard começou a contar sua aventura no trem e, se sentindo enfastiado e com calor, sugeriu que passassem para o sofá.

Ao relatar o evento no Savoy, ele se valera diretamente da lembrança da experiência. Agora havia três fontes: os fatos tal como deles se recordava, a memória mais fresca do primeiro re¬lato, e o desejo de contar uma historinha leve após o jantar que a fizesse rir e gostar mais dele, afastando por um momento o único assunto que era importante para ambos. Tudo que enfati¬zou, modificou ou acrescentou era bastante plausível, e algumas partes verdadeiras. Ele plagiou a si próprio, tomando empresta-do alguns jogos de palavras, pausas e ritmos usados no púlpito. Fez seu companheiro de viagem maior e mais ameaçador, se descreveu como um absoluto idiota, impulsivo, voraz, propenso a culpar as outras pessoas. Lá para o fim, quando a mala é posta no chão, exagerou a paciência, a santidade do indivíduo. Com habilidade narrativa, suprimiu qualquer detalhe capaz de ante¬cipar e diminuir o momento da revelação, quando pôs a mão no bolso e descobriu o saquinho fechado de batatas fritas.

A supressão das informações funcionou. Na hora certa, Melissa soltou um grito de surpresa. Tomou a cabeça dele entre as mãos e a balançou, dizendo: “Seu bobalhão, seu idiota! Ah, como eu queria estar lá!”. Rindo ainda, pegou seu copo de vinho, com os mesmos cinco centímetros, e os dois se beijaram, riram juntos, se abraçaram. Melissa se afastou e disse: “Você é um horror!”, e então, num tom de pasmo: “Coitado dele!”

Por fim recuperada, ela se aproximou e disse: “Mas, sabe, uma coisa parecida aconteceu com o Ivan — lembra do Ivan na loja?”.

Ele não queria ouvir nada sobre o Ivan. Levantou-se com certa dificuldade e, parodiando um gesto cavalheiresco, com a mão aberta e uma ligeira reverência, a guiou na direção do quar¬to e lá, em silêncio, tirou a roupa dela. Melissa gostava de co¬meçar assim, nua enquanto ele ainda estava totalmente vestido. Beard

nada entendia dessas coisas, porém estava certo de que, em outro século, ela teria sido considerada o ideal da beleza feminina, da perfeição numa forma macia e acolhedora. Estreita de ombros, alargando-se nos quadris, seios pesados, covinhas na base da coluna acima das nádegas generosas. Beijou as covinhas. Sentou-se na beira da cama e Melissa, girando o corpo, montou sobre as coxas dele, envolvendo com os braços seu pescoço. Es¬fregou o nariz em seu rosto e beijou sua testa. Beard lhe beijou os seios. Mas aquela beleza não era imune à lei da gravidade. Uma dor lancinante no seu joelho ruim crescia a cada instante e ele achou que, em menos de um minuto, algum ligamento se desprenderia do local de ancoragem no osso. Mas ela estava dizendo que o amava, sussurrando o quanto o amava, e ele tinha de esperar.

Por fim, com um gemido fingido de paixão, tomou Melis¬sa nos braços e a depositou de costas sobre a cama, cobrindo-a com o edredom. O quarto estava mais frio do que ele gostaria. Despiu-se com uma velocidade nascida da prática e, deitado ao lado dela, a acariciou de um modo que algumas mulheres julga¬vam ser excessivamente técnico, sem emoção. Nesses encontros, Melissa em geral desejava começar logo, mas, embora estivesse envolvendo o pau dele entre o indicador e o polegar enquanto fa¬zia movimentos suaves que lhe davam grande prazer, dessa vez parecia querer falar. Concentrado em acariciá-la e beijá-la, bem como na excitação que o toque lhe causava, Beard de início pres¬tou pouca atenção naquilo. Palavras desconectadas surgiam e deslizavam diante dele, vívidas e aleatórias, tal qual peixes num recife de coral vistos por algum mergulhador. Então caiu em si e se deu conta de que ela falava sobre o fato de estar grávida. Por que suscitar esse assunto naquela hora? No entanto, obvia¬mente, sobre que outro assunto ela falaria? Para Melissa, não se tratava de uma mudança de assunto. Sexo, bebês, seios, amor — um contínuo fio dourado ao longo das gerações. Não uma corda para amarrar seus braços e pernas, ou com a qual ele pudesse se pendurar na viga mais próxima, exatamente quando achou que sua vida, nos estágios finais de atividade, ganhava sentido e um propósito grandioso. No entanto, controlou a impaciência, abriu os olhos, fixou a vista no teto e ouviu.

“… como amar alguém que você nunca encontrou, mas também não é bem isso. Já nos encontramos, sempre nos conhe¬cemos, desde o começo. Michael, não sabia que ia ser assim, que ia começar tão cedo. Já começou, já me apaixonei por ela, por ele, por essa pessoinha que vem para nós vinda de lugar ne¬nhum, enroscada dentro de mim no escuro, crescendo a cada hora, vindo se encontrar conosco. Às vezes amo com tanta força que sinto uma dor no peito. Estou tão

apaixonada que vivo suspi¬rando alto. Sei que é uma bobagem, mas você não acha estranho e maravilhoso que uma pessoa possa sair de dentro de outra, como uma boneca russa? Tão estranho e tão comum ao mesmo tempo. Estou muito, muito feliz. Não estou fazendo sentido. Eu te amo, amo esse bebê dentro de mim e espero que você tam¬bém vá amá-lo, acho que vai, Michael, diga que vai, diga que você ama esse bebê…"

Ela o puxara para perto e começaram a fazer amor. Numa lamúria, Melissa repetia: "Diga que vai, por favor, diga que vai…" até que se tornou indecente não obedecer, e ele disse: "Eu vou". E a beijou, pensando que talvez não fosse uma mentira porque não sabia como seria o futuro e não era inteiramente inconce¬bível que, ao seu jeito, ele pudesse amar aquela criança, se ela algum dia existisse, e o que quer que dissesse agora seria embara¬lhado pelo tempo e pelos acontecimentos, e fazer amor era um mundo fechado, encantado, com sua própria linguagem e regras, sua própria verdade.

Ela sentia prazer facilmente, era barulhenta e generosa na cama, do tipo que enfia as garras nas costas do parceiro — coisa de que ele gostava, mas não naquela noite. À medida que se con¬torciam e a pele sedosa de Melissa se tornava escorregadia, seus gritos ficaram mais altos no ouvido esquerdo de Beard e ele des¬cobriu que não mais podia se abandonar completamente, tendo ficado perturbado, desatento. Queria que ela não o houvesse lembrado da gravidez. Após incontáveis minutos, aproximava-se o momento em que a etiqueta sexual lhe exigia que demonstrasse controle, adaptando-se ao ritmo da ruidosa corrida final de Melis¬sa rumo ao orgasmo, mas ele sabia que não estava pronto e talvez não fosse capaz de fazê-lo. Por isso, naqueles segundos derradei¬ros, entrou num teatro vazio que lhe era bem familiar, sentou-se nas primeiras filas e convocou para um teste algumas mulheres que conhecia, trazendo-as ao palco na velocidade impossível do pensamento. Elas surgiam em atitudes experimentais, em cenas diferentes que magicamente o envolviam. Chamou e dispensou a moça de Milão, depois uma biofísica iraniana, e então Patrice, veterana da trupe. Mas por fim se fixou na escolha certa, a fun¬cionária da alfândega com o braço atrofiado. Deixou que saísse tranquilamente do seu compartimento e lá ficaram, encostados na mesa dela, fodendo na frente de quinhentos passageiros en-tediados com os passaportes na mão. Para Beard, ter relações se¬xuais em público, diante de espectadores indiferentes, era uma fantasia inexplicavelmente poderosa — e funcionou. Em cima da hora.

Quando voltou do teatrinho para a cama de Melissa, ela estava beijando seu

rosto e dizendo: “Você é meu querido. Obri¬gada. Eu te amo. Michael, eu te amo. Meu querido, querido”.

Ele pensou que havia sido acordado por um helicóptero da polícia voando a algumas ruas de distância, porém, quando despertou totalmente, o aparelho já se distanciava rumo ao norte e agora era um cachorro da vizinhança, com um latido rouco, que fazia todo o barulho. Sua mão estava enroscada nos cabelos de Melissa, a perna direita dela sobre a sua. Desvencilhou-se e ficou à espera, enquanto ela murmurava no sono em tom de queixa. Quando voltou a se acalmar, Beard afastou os lençóis. Como nunca era de todo escuro num quarto de cidade, chegou rapidamente à porta e seguiu nu pelo corredor até o banheiro.

O chão de ardósia negra permanecia aquecido durante a noite e transmitiu uma sensação gostosa a seus pés brancos e frios. O planeta que se danasse. Lembrando-se de que lá havia vários espelhos, um dos quais cobrindo toda uma parede, regulou a luz para a intensidade mais baixa antes de seguir até a pia e beber direto da torneira. Depois urinou, baixando a seguir o assento e o tampo de madeira. Antes de sentar, vestiu o robe escarlate que ela comprara três Natais antes e deu o laço na cintura.

O orgasmo às vezes lhe causava insónia. Poderia estar mais confortável na sala de visitas, porém ir até lá representaria uma concessão à falta de sono, ao dia seguinte, ao próximo subcapítulo de sua vida. Estava de mau humor. Queria apagar, e o ba¬nheiro era um local provisório, uma antessala para o sono. Não entendia por que estava se sentindo tão fora de esquadro. Passou em revista o que bebera na véspera — dentro da média — e começou a formular a resolução de sempre, mas desistiu: sabia que não era páreo para a versão dele próprio no final daquela manhã, por exemplo, ao voltar de Berlim, reclinado numa cabi¬ne bem iluminada, com um gim-tônica na mão. E o que estava lendo no avião? Que outras preocupações um homem racional podia ter? Três relatórios em sucessão. Primeiro, um rascunho preliminar de gente de dentro da indústria de petróleo calculan¬do que o pico de produção ocorreria num prazo de cinco a oito anos. Pouco tempo para alterar os padrões de consumo. Segun¬do, também ainda em rascunho, um relatório a ser publicado no outono: um quarto dos mamíferos do planeta ameaçados, um Grande Extermínio já em curso. Terceiro, um estudo acadêmico sobre a cobertura de gelo no Ártico durante o verão, propondo 2045 como a data do seu desaparecimento.

Será que ficava infeliz ao saber dessa lambança feita pelo homem? Nem um pouco. Sentia-se satisfeito, um homem sério e de cenho franzido em pleno trabalho, nem mesmo pensando àquela altura no almoço, assinalando a lápis, com setas e ba¬lões, as passagens significativas ou suas objeções profissionais, enquanto uma janela oval emoldurava a atmosfera azul à sua esquerda e dez quilômetros abaixo a planície alemã sem árvores, achatada e aparada por séculos de batalhas sanguinolentas, vin¬do depois a Holanda, também sem árvores, mas com seus cam¬pos dispostos à la Mondrian. Igualmente à sua esquerda, o sol no sul, alto demais para ser coberto pelas nuvens, lançava sua torrente de fótons para iluminar e homenagear seus labores inte¬lectuais. Como é que ele poderia abrir mão do gim?

Mas estava infeliz às quatro da madrugada naquele pedestal de carvalho e porcelana, curvado sobre os pés como a imagem de Newton pintada por Blake, cansado demais para dormir. Essa era a contribuição do álcool para a insônia — estava ressequido, exausto, alerta. O pacote usual de ansiedades congeladas sur¬giu diante dele na semiobscuridade do banheiro excessivamen¬te aquecido. Nem todas representavam preocupações abstratas. Algumas eram claramente corporificadas: seu peso, o coração (cujo batimento lhe parecia muito irregular ultimamente), a ton¬teira ao se levantar, as dores nos joelhos, os rins, o peito, o can¬saço arrasador que estava sempre presente ou perto dele, uma mancha nas costas da mão que começara vermelha e se tornara roxa havia alguns meses, o zumbido que podia ouvir naquele momento (um ruído fino de algo veloz que nunca o abando¬nava), o formigamento na mão esquerda, também constante. Encarava esses sintomas como crimes. Precisava ver um médico e fazer uma confissão completa. Mas não queria receber uma condenação.

Vinha então o repulsivo apartamento de porão em Dorset Square, acusando-o como um amigo abandonado: quando é que você vai voltar? Um detalhe opressivo eram as pilhas e montes de correspondência não aberta. Havia cartas do pai de Tom Aldous, que queria encontrá-lo para relembrar o filho. O que Beard po¬dia fazer? Não era hora de assumir o ônus da infelicidade de um homem idoso, de um pai que ainda sofria cinco anos depois. Mais além, a precariedade do projeto. Será que os investidores do Vale do Silício, peritos no financiamento de novas empresas, enfim abririam seus corações e contas bancárias? Será que John P. Hedley o Terceiro, o fazendeiro do Novo México, mudaria de opinião antes que seu procurador e Beard assinassem os docu¬mentos na embaixada americana no dia seguinte? Será que ele produziria gases a partir da água a um custo ainda menor? E poderia impedir que se

recombinassem? O catalisador devia ser um óxido? Se deixasse que seus pensamentos corressem na dire¬ção daquele problema, jamais voltaria a dormir. Era mais fácil pensar sobre a notícia de Melissa. Teria sido possível imaginar que ela se revelaria capaz de tamanha perfídia? Com respeito àquele assunto, a gravidez, as três horas de sono lhe haviam ofe¬recido uma certeza. Ele sabia no fundo de suas entranhas que não podia acontecer, que aquela criança não podia existir, ele não permitiria, aquele homúnculo precisava regressar ao reino do pensamento puro. Não tinha dúvida de que a convenceria. Melissa dava importância a suas opiniões sobre ela. A fonte in¬discutível de seu poder residia exatamente no fato de que ela o amava mais do que ele a amava.

Era nesses momentos que pensava em Tom Aldous. Alto e magro, com ossos e dentes grandes, Aldous tinha um cérebro efervescente de idéias, nem todas tolas. Pobre Tom, havia mui¬to esquecido pelo resto do mundo. Ele, Beard, quase podia se culpar. Deveria ter fixado ao chão, com pregos de cinco centí¬metros, aquele ridículo tapete que vinha do lado da família de Patrice. Devia ter objetado à insistência dela no sinteco. Devia ter se oposto àquela horrível mesa de vidro invocando razões de segurança, não de gosto. E, embora não tivesse culpa de Aldous se encontrar na casa quando aquele não era seu lugar, a vida dele teria sido salva se Beard o expulsasse imediatamente, se o houvesse posto sem piedade na rua fria vestindo o robe, o robe de Beard, para que encontrasse o caminho de volta à casa do tio.

No entanto, Beard pensou, não deveria ser duro demais consigo mesmo. Era ele quem estava mantendo vivo o espírito de Aldous. Quatro anos antes, no apartamento de porão então alu¬gado (que depois irresponsavelmente comprara), esparramado no sofá fedorento que lá permanecia, Beard compreendeu como ninguém o verdadeiro valor do trabalho de Tom, que por sua vez se baseava no de Beard, assim como o dele se baseava no de Einstein. E, desde então, havia suado a camisa, tinha feito e continuava a fazer o trabalho pesado. Vinha obtendo as patentes, criando um consórcio, avançara as pesquisas de laboratório e atraíra algum investimento especulativo. Quando tudo isso se cristalizasse, o mundo seria um lugar melhor para se viver. Tudo que Beard desejava, além de um lucro razoável, era o reconhe¬cimento da descoberta individual. O que significaria para um morto a precedência ou a originalidade? E detalhes de sobreno¬mes não tinham a menor relevância quando a questão era tão urgente. Da única forma que interessava, a essência de Aldous perduraria.

E que tempos heróicos haviam sido aqueles, a primeira e lenta elucidação do

dossiê de Aldous, vendo à noite, ainda deita¬do no sofá, as notícias na televisão com as últimas do tribunal, e aquela que em breve seria sua ex-esposa falando do lado de fora com a voz embargada, mas com absoluta clareza, se tornando a queridinha da imprensa. Quanto a Tarpin, o Carpinteiro, Beard jamais se importou com o fato de que alguém culpado de dois crimes — foder Patrice e lhe causar um olho roxo — pudesse ser preso por outro crime de que era inocente.

Ninguém pode prever qual das irritações da vida será favorecida pela insónia. Até mesmo à luz do dia, em condições per¬feitas, as pessoas raramente têm a liberdade de escolher com que vão se preocupar. O que o enervava naquele momento, horas antes da aurora hibernal, tanto quanto as questões de saúde, di¬nheiro, trabalho, um aborto iminente e uma morte acidental, era aquele palestrante, o professor no Savoy, Lemon, não, Mellon, com a barba espetada para a frente e o olhar fixo, acusando-o absurdamente de ser um mentiroso, uma fraude, um plagiador. Mas Mellon era o verdadeiro ladrão, apropriando-se da experiência genuína de Beard a fim de reduzi-la a um item de interesse aca¬dêmico, uma matéria de estudo no campo das fantasias popu¬lares, um rumor infeccioso que se espalhava como uma piada indecente. Com o longo e fácil alcance da falta de sono, viu sua mão apertar a garganta de Mellon até que ele se ajoelhasse e pe¬disse desculpas com a respiração entrecortada. Beard sabia ser enérgico, porém nunca agredira ninguém, nem mesmo na in¬fância. Nos sonhos de olhos abertos, contudo, surpreendia seus inimigos com inesperados surtos de violência. Agora, com uma ligeira aceleração dos batimentos cardíacos, se sentiu renovado, mais acordado do que nunca. Sentiu o retorno do otimismo. Sua vida, afinal de contas, tinha possibilidades.

Havia, por exemplo, um esquema que o fascinava e que ele desejava fosse levado a sério por seu parceiro Toby Hammer. Mecanismos de comercialização de carbono seriam em breve criados na Europa e, talvez algum dia, nos Estados Unidos. A ideia era lançar muitas centenas de toneladas de limalha de fer¬ro no mar, enriquecendo as águas e estimulando o crescimento de plâncton. Ao crescerem, esses organismos absorveriam mais dióxido de carbono do ar. O volume preciso podia ser calculado a fim de obter os créditos de carbono posteriormente vendidos às indústrias pesadas. Comprando determinada quantidade des¬ses créditos, uma empresa que queimasse carvão poderia corre¬tamente afirmar que suas operações eram neutras do ponto de vista do carbono. O objetivo era avançar antes que o mercado europeu estivesse inteiramente ocupado. Seria necessário estabelecer contato com armadores e

produtores de limalha de ferro, determinar os locais para o lançamento no mar, resolver todos os problemas jurídicos. Toby Hammer precisava se engajar.

Alguns biólogos marinhos, sem dúvida dispondo de seus próprios planos secretos, tinham ouvido rumores sobre o esquema de Beard e passaram a espalhar na imprensa que era perigoso interferir na base da cadeia alimentar. Eles precisavam ser explodidos com uma bomba de ciência séria. Beard já tinha dois artigos prontos para publicação, porém era importante aguardar o momento oportuno.

Envolto no robe escarlate e plantado no trono no meio da noite, passou em revista sua vida recente com soberana isenção. O esquema das limalhas de ferro o fazia lembrar-se de tudo que era objetivo e decente, razão bastante para que não se deixasse puxar para baixo. Ele iria adquirir os cento e sessenta hectares no Novo México. Cruzavam a área antigas linhas de transmissão elétrica sustentadas por postes de madeira algo frouxos mas perfeitamente utilizáveis, havendo lá também uma fonte de água segura. Algum dia, painéis de vidro voltados na direção do sol e contendo uma profusão de tubos transparentes transformariam o terreno hoje coberto de capim numa planície reluzente, pro¬duzindo hidrogênio e oxigênio praticamente de graça a partir da luz e da água. Compressores armazenariam o hidrogênio em imensos tanques. O oxigênio se recombinaria com o hidrogênio para movimentar os geradores alimentados pelas baterias com o novo combustível. Dia e noite a usina forneceria energia para Lordsburg, iluminando os anúncios de neon em sua pequena rua principal. Mais tarde, à medida que crescesse a capacidade, as cidadezinhas das redondezas seriam incluídas — Redrock, Virden, Cotton City e, por fim, Silver City. O mundo iria ver e chegaria correndo.

Finalmente, Beard venceu a inércia, deu novo laço no robe e atravessou a sala de visitas às escuras a caminho da cozinha, evitando pisar nas coisas que espalhara pelo chão. Na semiobscuridade do aposento, parou diante da geladeira, que tinha sua altura, hesitando antes de acionar o puxador de mais de meio metro. A porta se abriu convidativamente com um ligeiro som de sucção, como um beijo. Uma luz sutil iluminava as pratelei¬ras cheias de produtos variados, tal qual as janelas de um arranha-céu com paredes de vidro durante a noite, e havia muito a considerar. Entre um radicchio e um vidro de geléia feita por Melissa, lá estava a tigela branca coberta com papel de alumínio com os restos do guisado de galinha. No freezer, meio litro de sorvete de chocolate amargo. Poderia descongelar enquanto ele entrava em ação. Pegou uma colher numa gaveta

(serviria para o prato principal e para a sobremesa) e sentou-se para saborear a refeição, sentindo-se restabelecido no instante em que retirou a proteção de papel de alumínio.

PARTE TRÊS

2009

Ninguém se surpreendia ao ser informado de que Michael Beard era filho único, e ele seria o primeiro a concordar que nunca aprendera o que era um sentimento fraternal. Sua mãe, Angela, era uma bela mulher de formas angulosas que o papari¬cava usando a comida para transmitir o amor que sentia por ele. Dava-lhe a mamadeira com paixão, bem além do volume de¬mandado. Uns quarenta anos antes de receber o Prêmio Nobel de Física, ele havia alcançado o primeiro lugar na Competição Infantil de Gold Norton no grupo de bebês de até seis meses. Naqueles duros anos que se seguiram à guerra, o ideal de beleza infantil residia sobretudo na gordura, em queixos múltiplos à la Churchill, quando todos sonhavam com o fim do racionamento e a chegada do reino da abastança. Os bebês eram exibidos e julgados como presuntos de primeira qualidade, e em 1947 o Mi¬chael de quatro meses, rechonchudo e feliz, deixou os outros na poeira.

No entanto, era incomum que, numa festa da cidadezinha, uma mulher de classe média, esposa de um corretor de valores, abandonasse a barraca de doces e chutney para inscrever o filho num evento tão vulgar. Ela devia saber que Michael estava fada¬do a vencer, como anos mais tarde dizia ter sempre sabido que seu filho ganharia uma bolsa para estudar em Oxford. Depois que passou às comidas sólidas, e pelo resto da vida, Angela cozi¬nhou para ele com a mesma dedicação com que segurara a mamadeira, forçando-se a frequentar em meados da década de 6o um curso de gastronomia “cordon bleu”, malgrado sua doença, a fim de poder tentar novos pratos durante as visitas ocasionais de Michael. Seu marido, Henry, só comia carne acompanhada de dois legumes, tendo horror a alho e ao cheiro de azeite de oliva. No início do casamento, por razões nunca divulgadas, ela deixou de amá-lo. Só vivia para o filho, e sua herança era patente: um homem gordo que buscava incansavelmente a atenção de mulheres

bonitas e competentes na cozinha.

Henry Beard era magro, com um bigode caído nas pontas e cabelos castanhos penteados para trás, e seus ternos de lã pretos e marrons pareciam ser um tamanho maior, sobretudo em volta do pescoço. Garantia bem o sustento da pequena família e, segundo os padrões da época, amava o filho com um jeito se¬vero e pouco contato físico. Embora nunca abraçasse Michael e raramente pousasse a mão com carinho em seu ombro, lhe dava todos os presentes certos — jogos de armar e materiais para expe¬riências químicas, partes para montar seu próprio rádio, enciclo¬pédias, modelos de aviões e livros sobre história militar, geologia e a vida de grandes homens. Ele lutara por muito tempo na guer¬ra, tendo servido como oficial de baixa patente em Dunquerque, no Norte da África e na Sicília; já como tenente-coronel, partici¬pou dos desembarques do Dia D, quando foi condecorado. Che¬gou ao campo de concentração de Belsen uma semana depois de sua liberação e serviu em Berlim por oito meses após o fim do conflito. Como muitos homens de sua geração, não falava sobre as experiências que vivera e desfrutava a simplicidade da vida no pós-guerra, as rotinas tranquilas, a limpeza e prosperidade cres¬cente, e acima de tudo a falta de perigo, justamente aquelas coi¬sas que pareceriam sufocantes aos nascidos nos primeiros anos da paz.

Em 1952, aos quarenta anos, quando Michael tinha cinco, Henry Beard abandonou o trabalho no banco londrino e retor¬nou a seu primeiro amor, a advocacia. Tornou-se sócio de uma velha firma na vizinha Chelmsford e lá ficou até se aposentar. A fim de celebrar a mudança radical e sua libertação dos desloca¬mentos diários até a Liverpool Street, comprou um Rolls-Royce Silver Cloud de segunda mão. Dirigiu aquele carro azul-claro durante trinta e três anos, até morrer. Já adulto e com uma culpa retrospectiva, seu filho o amava por esse gesto teatral. Mas a vida de um advogado do interior, absorvido em questões de transferência de propriedade e testamentos, incutiu em Henry Beard uma tranquilidade ainda maior. Nos fins de semana, se dedicava a cuidar das rosas e do carro ou a jogar golfe com outros rotarianos. Aceitou impassivelmente o matrimônio sem amor como o preço a pagar pelas escolhas que fizera.

Foi mais ou menos então que Angela Beard começou uma série de casos que se estendeu por onze anos. O jovem Michael não registrou nenhuma hostilidade aberta ou tensão silenciosa em casa, mas também não era observador nem sensível; perma¬necia frequentemente no quarto após a escola, brincando de cons¬truir coisas, lendo e colando, até passar a se dedicar em tempo integral à

pornografia e à masturbação antes de chegar às garo¬tas. Nem, aos dezessete anos, reparou que sua mãe, exausta, ha¬via se retirado para o santuário do casamento. Só soube de suas aventuras extraconjugais quando ela estava morrendo de câncer com pouco mais de cinquenta anos. Deu a impressão de dese¬jar que Michael a perdoasse por lhe haver arruinado a infância.

Nessa época, ele completava o segundo ano em Oxford e, como tinha a cabeça tomada pela matemática e pelas namoradas, pela física e pela bebida, de início não entendeu o que ela dizia. An¬gela estava apoiada nos travesseiros em seu quarto particular, no décimo nono andar de um imenso hospital, com vista para os pântanos de água salgada próximos à ilha Canvey, pontilhados de instalações industriais, e para a margem sul do Tâmisa. Ele tinha idade suficiente para saber que a insultaria se dissesse que não havia notado nada. Ou que ela estava pedindo desculpas à pessoa errada. Ou que não conseguia imaginar alguém com mais de trinta anos mantendo relações sexuais. Tomou a mão dela e a apertou para mostrar o calor de seus sentimentos, dizendo que não havia nada a perdoar.

Dirigiu de volta para casa, tomou três uísques de fim de noite na companhia do pai, se fechou no velho quarto, deitou na cama sem tirar a roupa e meditou sobre o que ela lhe dissera. Só então compreendeu as dimensões do seu feito. Dezessete amantes em onze anos. O tenente-coronel Beard experimentara toda a excitação e o perigo que podia suportar antes de completar trinta e três anos. Angela tinha direito a seu quinhão. Os amantes eram suas campanhas no deserto contra Rommel, seu Dia D e sua Berlim. Sem isso, como disse a Michael recostada nos tra¬vesseiros do hospital, ela teria se odiado e ficaria louca. Porém se odiava de toda forma pelo que pensava ter feito a seu filho único. Beard voltou ao hospital no dia seguinte e, enquanto ela se agar¬rava suarenta à mão dele, lhe disse que sua infância tinha sido a mais feliz e mais segura que podia imaginar, que nunca havia se sentido negligenciado ou duvidado de seu amor ou comido tão bem, e que tinha orgulho do que caracterizou como o apetite dela pela vida, o qual esperava herdar. Foi o primeiro discurso que pronunciou. Essas afirmações — meias verdades ou três quartos de verdades — foram as palavras mais nobres que havia falado até então. Seis semanas depois ela estava morta. Obviamente, sua vida amorosa era um assunto tabu entre pai e filho, mas duran¬te muitos anos Michael não podia atravessar Chelmsford ou as cidadezinhas próximas sem pensar se esse ou aquele sujeito an¬dando trôpego pela calçada, ou encurvado junto a uma parada de ônibus, não era um dos dezessete.

Segundo os padrões de então, ele era um rapaz precoce ao chegar a Oxford. Já tinha tido relações com duas garotas, pos¬suía um carro (um Morris Minor de pára-brisa dividido ao meio, guardado numa garagem na Cowley Road) e recebia uma mesa¬da do pai muito superior à dos colegas. Era inteligente, sociável, opiniático, e não se deixava impressionar pelos rapazes vindos de escolas famosas ou até os tratava com certo desprezo. Era um desses sujeitos, irritantes e indispensáveis, que estavam à frente de qualquer fila, que tinham entradas para os espetáculos mais importantes em Londres. Em poucos dias conhecia as pessoas estrategicamente relevantes e todo tipo de atalho, tanto social como topográfico. Parecendo ter muito mais de dezoito anos, se revelou trabalhador, asseado e organizado, possuindo e de fato usando uma agenda de mesa. Todos o procuravam porque era ca¬paz de consertar rádios e toca-discos, mantendo um ferro de sol¬dar no quarto. Naturalmente, nunca cobrava por esses serviços, porém tinha um jeito especial de obter favores.

Poucas semanas depois de se instalar, já tinha uma namo¬rada, uma garota “da pá virada” de Oxford High chamada Susan Doty. Os outros estudantes de matemática e física costumavam ser introvertidos, tímidos. Fora das salas de aula e dos laborató¬rios, Michael se mantinha bem distante deles, evitando também os metidos a intelectuais, que o intimidavam com referências li-terárias que ele não entendia. Em vez disso, preferia os engenhei¬ros, que lhe davam acesso às oficinas, além dos geógrafos, zoólogos e antropólogos, em especial os que já haviam feito trabalhos de campo em lugares exóticos. Beard conhecia muita gente mas não tinha nenhum amigo íntimo. Nunca foi verdadeiramente popular, porém era bem conhecido, útil para os colegas e um pouquinho malvisto.

No final do segundo ano, enquanto buscava se acostumar à ideia de que sua mãe morreria em breve, ouviu alguém num pub se referir a uma estudante da universidade Lady Margaret Hall chamada Maisie Farmer como sendo “da pesada”. A expressão foi usada de maneira apreciativa, parecendo correspon¬der a uma categoria bem conhecida de pessoas clinicamente identificadas. Naquele contexto, seu nome bucólico o intrigou. Visualizou uma moça robusta, de formas generosas, dirigindo um trator com as roupas sujas de esterco, e não mais pensou nela. As aulas terminaram, ele foi para casa, a mãe morreu e o verão se perdeu em meio à tristeza e ao enfado, marcado pelos silêncios acabrunhantes e entorpecedores de seu pai. Eles jamais haviam discutido sentimentos, e agora lhes faltava a linguagem para fazê-lo. Vendo no fundo do jardim seu pai examinar as rosas muito de perto, ficou sem jeito — não, horrorizado — ao se

dar conta pelo tremor dos ombros de que ele estava chorando. Não lhe ocorreu ir lá fora consolá-lo. O fato de ter conhecimento dos amantes de sua mãe, sem saber o quanto seu pai sabia (achava que nada), era outro obstáculo intransponível.

Voltou para Oxford em setembro e alugou um quarto de terceiro andar na Park Town, uma rua pobre em forma de cres¬cente, com construções do meio da era vitoriana dispostas em torno de um jardim. Na caminhada diária para as aulas de física, ao atravessar a passagem estreita que conduzia aos University Parks, passava diante do portão da universidade onde estudava a tal garota “da pesada”. Certa manhã, num impulso, entrou e se certificou na portaria que de fato existia uma estudante chamada Maisie Farmer. Na mesma semana, descobriu que ela estava no terceiro ano do curso de inglês, mas não deixou que isso o desestimulasse. Durante um ou dois dias pensou nela até que a pres-são do trabalho e outros compromissos o fizessem esquecê-la, e só em outubro um amigo o apresentou a Maisie e outra moça em frente ao Museu de História Natural.

Ela não era como havia imaginado, o que de início o desapontou. Era pequena, quase frágil, intensamente bonita, com olhos pretos, sobrancelhas muito finas. A voz musical tinha um sotaque surpreendente, um toque de cockney então incomum numa estudante universitária. Quando, em resposta à sua pergun¬ta, Beard disse o que estudava, o rosto de Maisie perdeu qualquer expressão e logo depois ela foi embora com a colega. Encontra¬ram-se por acaso dois dias depois e, ao convidá-la para um drinque, antes mesmo de terminada a frase ela respondeu que não. Era uma boa medida da autoconfiança de Beard que ele tenha se surpreendido. Mas o que tinha ela diante de si? Um sujeito gorducho com cara de contador e jeitão sério, usando gravata (em 1967!), cabelos curtos repartidos no lado e — detalhe abo¬minável — uma caneta espetada no bolso da frente do paletó. E estudava ciência, uma bobageira que só interessava a alguns idiotas. Maisie se despediu com bastante cortesia e seguiu cami¬nho, porém Beard foi atrás dela e perguntou se estava livre no dia seguinte, no outro ou no fim de semana. Não, não e não. Ele então disse em tom animado: “Que tal nunca?”, e ela riu gostosamente, de fato achando engraçada sua persistência, quase a ponto de mudar de idéia. Mas disse: “Sempre há o nunca. Você pode no dia de são Nunca?”, ao que ele respondeu: “Não, aí estou ocupado”. Ela voltou a rir, lhe deu um adorável soquinho na lapela com a mão de criança e foi embora, deixando-o com a impressão de que ainda tinha uma chance, que ela possuía senso de humor e ele seria capaz de vencer sua resistência.

E de fato tinha uma chance. Levantou tudo sobre ela. Al¬guém lhe disse que Maisie tinha um interesse especial por John Milton. Não demorou para saber em que século aquele homem vivera. Um terceiranista de literatura de sua universidade, que lhe devia um favor (entradas para um concerto do grupo Cream), passou uma hora falando sobre Milton, o que ler, o que pensar. Leu Comus e ficou surpreso com sua tolice. Leu Lycidas, Samson agonistes e Il penseroso, segundo ele obras artificiais e bas¬tante puritanas aqui e ali. Deu-se melhor com Paraíso perdido e, como muitos antes dele, preferiu as intervenções do Diabo às de Deus. Memorizou passagens que lhe pareceram inteligen¬tes e especialmente sonoras. Leu uma biografia e quatro ensaios considerados cruciais. A leitura lhe tomou uma longa semana. Quase foi posto para fora de uma livraria de obras antigas em Turl quando, de modo casual, pediu uma primeira edição de Paraíso perdido. Descobriu um professor simpático que enten¬dia da compra de livros antigos e lhe confidenciou que desejava impressionar uma moça com certo tipo de presente. Foi-lhe in¬dicada uma livraria em Covent Garden, onde gastou metade do dinheiro que recebia por semestre numa edição do século xvni do Areopagitica. Quando o leu às pressas no trem de volta para Oxford, uma das páginas se partiu e ele a colou com durex.

Então, naturalmente, voltou a dar de cara com Maisie, dessa vez nos portões da universidade onde já a esperava por duas horas e meia. Perguntou se pelo menos podia atravessar os parques a seu lado. Ela não fez objeção. Vestia um casacão comprado nos estoques de artigos militares por cima de um cardigã amarelo e uma saia preta pregueada, e calçava estranhos sapatos de verniz com fivelas prateadas. Era ainda mais bonita do que ele imagina¬va. Enquanto caminhavam, Beard perguntou cortesmente sobre sua tese e ela explicou, como se falasse com o idiota da aldeia, que escrevia sobre Milton, um renomado poeta inglês do século XVII. Pediu que ela fosse mais precisa acerca de seu trabalho. Ela foi. Ele deu um palpite de quem sabia das coisas. Surpresa, ela falou longamente. A fim de elucidar uma afirmação de Maisie, ele citou os versos “da manhã/Até o meio-dia ele caiu”, e ela, sôfrega, completou: “do meio-dia até a noite orvalhada”. Tomando cuidado para não se fazer de sabichão, falou sobre a infância de Milton e depois sobre a Guerra Civil. Havia coisas que ela des¬conhecia e estava interessada em aprender. Pouco sabia sobre a vida do poeta, e, surpreendentemente, não parecia fazer parte de seus estudos analisar as circunstâncias do tempo em que o autor vivera. Beard a trouxe para um terreno mais conhecido. Citaram outros de seus versos prediletos. Ele perguntou que ensaios ela havia lido, dizendo que também lera alguns e provando isso sem exibicionismo. Ele havia passado os olhos por uma bibliografia e sua lábia ia

muito além de seu conhecimento. Ela detestava Comus mais até do que ele, por isso Beard aventurou uma frágil defesa e se deixou derrotar fragorosamente.

Falou então sobre o Areopagitica e sua relevância para a política moderna. Foi então que ela parou no caminho e perguntou incisivamente por que cargas-d'água um cientista sabia tanto sobre Milton, e ele achou que havia sido desmascarado. Fingiu estar um pouco ofendido. Disse que se interessava por to¬das as áreas do conhecimento, que a demarcação entre matérias era uma mera conveniência ou o fruto de acidentes históricos, quando não se devia simplesmente à inércia da tradição. Para ilustrar seu argumento, se serviu de informações colhidas junto a seus amigos antropólogos e zoólogos. Com um primeiro to¬que de calor na voz, Maisie fez perguntas sobre ele, embora não quisesse saber nada sobre física. Onde ele tinha nascido? Essex, respondeu. Mas ela também! Em Chingford! Esse foi seu lance de sorte e Beard aproveitou a oportunidade. Convidou-a para jan¬tar. Ela aceitou.

Essa tarde enevoada e ensolarada de novembro, perto da ponte Rainbow que cruza o rio Cherwell, passou a marcar para ele o ponto em que seu primeiro casamento teve início. Três dias depois levou Maisie para jantar no hotel Randolph, e a essa al¬tura havia gastado mais um dia inteiro com Milton. Como já era patente que se especializaria no estudo da luz, foi naturalmente atraído pelo poema que tinha esse título, decorando por isso seus doze últimos versos. Na segunda garrafa de vinho, lhe falou so¬bre a força sentimental do poema, um cego lamentando o que jamais veria e depois celebrando o poder compensatório da ima¬ginação. Por sobre a toalha engomada, com a taça de vinho na mão, recitou para ela, terminando: "… vem, luz celeste,/ Com brilho interno acende os dons da mente,/ Dá-lhe a visão, a né¬voa dela expulsa,/ Para que eu possa ver e narrar coisas/ Invisíveis aos olhos dos mortais". Ao ouvir esses versos, Maisie ficou com os olhos cheios de lágrimas e ele enfiou a mão embaixo da cadeira para pegar seu presente, o Areopagitica, encadernado em couro de bezerro em 1738. Ela ficou pasma. Uma semana depois, ili¬citamente instalado no quarto dela e ouvindo Sergeant Pepper no toca-discos Dansette que consertara naquela tarde com o fer¬ro de soldar, por fim se tornaram amantes. A expressão "garota da pesada", com a sugestão de que ela fosse propriedade geral, agora o enfurecia. No entanto, Maisie foi bem mais ousada e ati¬va, mais dada a tentar coisas novas e mais generosa na cama do que qualquer das garotas que ele havia tido. Ela também sabia preparar um bom bife e torta de rim. Beard decidiu que estava apaixonado.

A conquista de Maisie foi uma perseguição implacável e muito bem organizada, que lhe deu imensa satisfação e provou ser um momento crucial no seu desenvolvimento, pois ele sabia que nenhum terceiranista de arte, por mais brilhante que fosse, seria capaz de se fazer passar por entendido, após uma semana de estudo, entre seus colegas matemáticos e físicos. Era uma rua de mão única. Sua semana miltoniana, o fez suspeitar de que exis¬tia um blefe monstruoso. A leitura foi árdua, mas ele não havia encontrado nada que pudesse remotamente ser considerado um desafio intelectual, nada na escala de dificuldade que enfrentava todos os dias em seus cursos. Na mesma semana do jantar no Randolph, havia estudado o escalar de Ricci e finalmente com¬preendera seu uso na relatividade geral. Agora acreditava poder entender aquelas equações extraordinárias. A Teoria não mais era uma abstração, e sim algo sensual, ele podia sentir como o tecido sem costuras do espaço-tempo podia ser distorcido pela matéria, e como esse tecido influenciava o movimento dos objetos, como sua curvatura condicionava a gravidade. Era capaz de passar meia hora observando o punhado de termos e subscritos no núcleo central das equações de campos e compreender por que o próprio Einstein falara de sua "beleza incomparável" e Max Born as caracterizara como "o maior feito do pensamento huma¬no sobre a natureza".

Essa compreensão foi o equivalente mental de levantar pe¬sos muito grandes — impossível na primeira tentativa. Ele e seus colegas assistiam a aulas e faziam trabalhos de laboratório das nove às cinco diariamente, tentando destrinchar algumas das coisas mais complexas que haviam sido pensadas até então. Os estudantes de humanidades caíam da cama ao meio-dia para as¬sistir às duas aulas da semana. Beard suspeitava não haver nada que eles discutissem que não pudesse ser compreendido por qualquer pessoa de inteligência modesta. Ele havia lido quatro dos melhores ensaios sobre Milton. Por isso sabia bem. E, no en¬tanto, aqueles mandriões se faziam de superiores, e Beard se dei¬xara intimidar por eles. Nunca mais. A partir do momento em que conquistou Maisie, se tornou intelectualmente livre.

Muitos anos depois, contou sua história e conclusões a um professor de inglês em Hong Kong, que disse: "Mas, Michael, você não entendeu o essencial. Caso tivesse seduzido noventa ga¬rotas com noventa poetas, um por semana ao longo de três anos acadêmicos, caso se lembrasse de todos no final — dos poetas, é claro — e sintetizasse sua leitura numa apreciação estética, então você teria se diplomado em literatura inglesa. Mas não se enga¬ne pensando que é fácil".

Mas assim lhe parecia então e, tanto quanto Maisie, ele foi muito mais feliz no último ano. Ela o persuadiu a deixar o cabelo crescer, a usar jeans em vez de calças de flanela, a parar de con¬sertar coisas. Não caía bem. E ambos ficaram mais sofisticados, embora fossem bem baixinhos. Ele se desfez do quarto em Park Town e encontrou um diminuto apartamento em Jericho, onde se instalaram. Os amigos dela, estudantes de literatura e história, passaram a ser dele também. Eram mais engraçados que seus ou¬tros amigos, e naturalmente mais indolentes, sedentos de prazer, como se tivessem direito a isso. Cultivou novas opiniões — sobre distribuição de riqueza, Vietnã, as manifestações em Paris, a re¬volução iminente e LSD, que declarou ser extremamente impor¬tante embora se recusasse a tomá-lo. Opinava sobre isso e aquilo sem estar convencido de todo, porém se surpreendia com o fato de que ninguém o achava uma fraude. Tentou fumar maconha e detestou por interferir em sua memória. Apesar das festas de praxe, com música altíssima e vinho zurrapa em copos úmidos de papel, ele e Maisie nunca deixaram de se aplicar nos estudos. Veio o verão, os exames finais e então, imbecilmente surpresos, eles viram tudo acabar e os colegas se dispersarem.

Ambos passaram com distinção. A Michael foi oferecido o lugar a que aspirava na Universidade de Sussex a fim de obter um Ph.D. Seguiram juntos para Brighton e encontraram boas acomodações para viver depois de setembro, uma velha casa paroquial numa cidadezinha situada nas Sussex Downs. Como o aluguel estava acima de suas posses, antes de voltarem a Oxford concordaram em dividir a casa com um casal que estudava teo¬logia e tinha gêmeos univitelinos recém-nascidos. O jornal de Chingford publicou uma matéria sobre a garota de uma família de operários que “atingira os píncaros acadêmicos”. E foi a partir desses píncaros, assim como para impedir a desintegração do es¬quema que os unira, que decidiram se casar — não porque fosse a coisa convencional a fazer, mas justamente porque era o oposto, era exótico, era hilário e fora de moda, inofensivamente antiqua¬do, como os uniformes militares cheios de borlas que os Beatles usavam nos anúncios do LP sensacional então lançado. Por esse motivo, o casal não convidou nem informou os pais. Casaram-se num cartório de Oxford e tomaram um porre em Port Meadow com um grupo de amigos que foram estar com eles por algumas horas. O tenente-coronel aposentado Henry Beard, portador da Distinguished Service Order, que vivia sozinho numa velha casa em Cold Norton, só soube do casamento do filho após o divórcio.

Seu filho estava pensando nisso agora, quarenta e um anos depois, sofrendo de jet lag às cinco da tarde enquanto esperava por Toby Hammer no bar circular do hotel Camino Real em El Paso, Texas. A garçonete passou de volta e Beard pediu outro uís¬que e mais uma tigelinha de amêndoas salgadas. Sob a alta cú¬pula de vitrais coloridos, vozes americanas e mexicanas ecoavam e se mesclavam, não permitindo que ele acompanhasse nenhu¬ma conversa. Pensava naqueles tempos como fazem as pessoas em longas viagens, quando o desenraizamento, o enfado, a falta de sono e a rotina invocam, sabe-se lá de onde, fragmentos alea¬tórios do passado, fazendo-os tão reais quanto uma aparição fantasmagórica. E estava quase lá agora, no restaurante do Randolph, de terno e gravata, usando a camisa branca que ele próprio passara de forma incompetente. Após o primeiro drinque, podia ainda se lembrar de alguns versos do poema de Milton — "e tre¬vas eternas/ Me cercam, das alegrias dos homens", blá-blá-blá, "e a sabedoria impedida de entrar". Ele havia usado o poema para conquistar uma garota, e ela já se fora, morta havia dois anos de um câncer no fígado. Mas ele jamais se livrara do poema. Estava pensando como nunca levara Maisie para conhecer seu pai, e nunca o convidara para passar algum tempo na simpática casa paroquial em Sussex. Na verdade, o deixara mergulhado na tristeza enquanto raiava a aurora de uma nova era e a gera¬ção arrogante, desavergonhada e mimada dava as costas aos pais que haviam lutado na guerra, desprezando-os por seus cabelos curtos, pelo comportamento certinho e pela indiferença ao rock and roll.

Era necessário mais de um drinque para despertar a culpa em Michael Beard. Já estava no terceiro ou quarto. Vinha esperando por mais de uma hora. Do lado de fora, fazia quarenta e três graus, dentro do bar parecia fazer dez abaixo de zero. Só os drinques o mantinham aquecido. Ele fizera aquela viagem e estivera naquele bar muitas vezes nos últimos anos. De Londres para Dallas, e de lá para El Paso, alugando no aeroporto um enor¬me utilitário, único tipo de veículo que podia acomodar confortavelmente seu volume corporal. Ali se recuperava ou encontra¬va seus associados antes de dirigir três horas rumo ao oeste, ao longo da fronteira com o México, até Lordsburg, no Novo Mé¬xico. Naquele dia, Hammer vinha de San Francisco. Tempes¬tades incomuns de verão atrasaram os voos sobre as Montanhas Rochosas. Beard poderia seguir adiante sem ele, porém preferiu esperar. Pensou até em pernoitar ali e ver de manhã o dr. Euge¬ne Parks para conhecer o resultado dos exames. Era uma supers¬tição, que não conseguia superar, a de que se podia confiar em que um velho e sábio médico americano como Parks era capaz de oferecer um julgamento clínico com a correta neutralidade de um estrangeiro imparcial, sem as implicações morais, a sugestão

de culpa ou a repugnância mal disfarçada que Beard passara a esperar da parte dos profissionais de seu país. O senhor pode se vestir agora, professor Beard. Sinto muito, mas creio que o senhor realmente precisa rever seu estilo de vida. Seu estilo de vida (ele, humilhado, tinha vontade de dizer enquanto lutava para vestir a roupa de baixo) consistia em ofertar ao mundo a fotossíntese artificial em escala industrial. Isso se o mundo, com seus mercados de crédito esclerosados, lhe permitisse.

O drinque chegou, cheio de cubos de gelo até acima da borda — energia desperdiçada numa forma conveniente e transparente —, além de meio quilo de amêndoas numa tigela de madeira sob um lençol de sal. Não era do estilo do dr. Parks repreender seus clientes pela maneira como viviam. E simpati¬zava com o projeto de Beard, acreditando piamente na mudan¬ça climática e tendo comprado um terreno em Newfoundland que, estava convencido, sustentaria um vinhedo dali a dez anos. Quando as temperaturas de verão no Texas chegassem a cin¬quenta graus, aí seria a hora de fazer as malas e rumar para o norte. Segundo contou a Beard, centenas, se não milhares, de americanos estavam comprando terras no Canadá.

Ao transferir todos os cubos de gelo menos um para o copo vazio, Beard viu a mancha nas costas da mão e a olhou fixamen¬te, desejando que desaparecesse num passe de mágica. Três anos antes surgira algo ali, mas ele levou muito tempo até buscar um diagnóstico. Verificou-se ser um câncer benigno da pele, facil¬mente congelável com nitrogênio líquido. Havia nove meses, a coisa voltara com uma aparência diferente, fazendo-o suspeitar que dessa vez não teria tanta sorte. Por isso, nada fez enquanto a mancha cresceu e escureceu no centro, com as bordas ficando negras. Em geral, se lembrava daquilo quando estava algo deprimido. No passado, não acreditaria que podia ser tão covarde e irracional. Em algum lugar nos arquivos do dr. Parks residia a verdade na forma de uma biópsia. O resultado podia ser apanha¬do no dia seguinte ou esperar até sua volta. O melhor para Beard seria fazer um checkup amanhã e não ser informado sobre o diagnóstico, a menos que o resultado fosse bom. Nos Estados Unidos era possível arranjar esse tipo de coisa.

Ele havia prometido telefonar para Darlene em Lordsburg, mas agora não se sentia com vontade. Numa plataforma erguida no canto do bar, dois homens se acomodavam em torno de um microfone. Um deles começou a afinar uma guitarra elétrica Gibson cujo som dissonante de microtons distorcidos acordou uma memória. Sim, o sobrenome dos estudantes de teologia com quem haviam

dividido a casa era Gibson. Contrariando a ten¬dência da época, Charlie e Amanda eram intelectuais e devotos. Frequentavam um instituto em Lewes. O deus que adoravam, num gesto misterioso de amor ou não resistindo ao impulso de puni-los, os havia presenteado com gêmeos de dimensões gigantescas que sem dúvida arrebatariam o prêmio de Beard em 1947, bebês que jamais dormiam e raramente cessavam seus urros identicamente excruciantes, qualquer um dos dois acionando o ou¬tro se por acaso não começassem ao mesmo tempo. Além disso, em conjunto, espalhavam pela elegante residência um miasma tão penetrante quanto um prato com curry no forno, um vinda-loo de camarão, mas com odor semelhante ao de um pântano de água salgada, como se por razões religiosas fossem submetidos a uma dieta de guano e mariscos.

No quarto de dormir, o jovem Beard trabalhava nos primei¬ros cálculos que conduziriam à descoberta que marcou sua vida e lhe permitiu passar o resto de seus dias na sombra daquele achado. Lá, enfiava bolinhas de papel de mata-borrão nos ouvidos e mantinha as janelas abertas, mesmo em pleno inverno. Quando descia para fazer café, encontrava o casal vivendo al-guma faceta do inferno a que haviam sido condenados, com olheiras e irritadiços pela falta de sono, se odiando mutuamente enquanto dividiam suas horríveis tarefas, que incluíam preces e meditação. O hall e os aposentos generosos da antiga residência em estilo georgiano do pároco perdiam todo o encanto por conta das centenas de pontiagudos equipamentos de metal e plástico imprescindíveis aos bebês modernos. Nenhum dos membros da família Gibson, adulto ou criança, manifestava o menor prazer na sua existência ou na de seus próximos. E por que deveriam fazê-lo? Beard jurou que jamais teria filhos.

E Maisie? Ela abandonou a idéia de escrever uma tese de Ph.D. sobre Aphra Behn, não quis trabalhar na biblioteca da universidade e pediu seguro-desemprego. Em outros tempos, seria considerada uma mulher dedicada às prendas domésticas, mas no século XX se achava “ativa”: lia sobre teoria social, fazia parte de um grupo vinculado a uma comunidade de mulheres californianas e organizou uma “oficina”, conceito novo na épo¬ca. Embora, segundo os padrões convencionais, não mais vivesse nos píncaros, sua consciência estava aguçada e logo se viu con¬frontada com o fato indisfarçável do patriarcado e do papel desempenhado por seu marido numa rede de opressão que vinha desde as instituições que sustentavam sua condição de homem, conquanto ele não o admitisse, e se estendia até as nuances da conversa cotidiana de Beard.

Como Maisie disse certo dia, foi como se houvesse passado para o outro lado do

espelho. Tudo parecia diferente e, se para ela não era mais possível ser inocentemente alegre, ele também não poderia ser. Certas questões foram resolvidas após sérias discussões. Ele era um racionalista ferrenho demais para imaginar muitas boas razões pelas quais não devesse ajudá-la nas tarefas domésticas. Achava que elas o aborreciam mais que a Maisie, porém não dizia isso. E lavar alguns pratos não era a coisa mais importante. Havia atitudes profundamente enraizadas que Beard precisava examinar e modificar, havia premissas inconscientes sobre a própria "centralidade" dele, sua alienação de seus pró¬prios sentimentos, sua incapacidade de ouvir, de realmente es¬cutar o que ela estava dizendo, de entender como o sistema que funcionava a seu favor tanto nas coisas simples quanto nas im¬portantes sempre operava contra ela. Por exemplo, ele podia ir ao pub local tomar uma boa cervejinha, enquanto ela não podia fazer o mesmo sem ser devorada com os olhos pelos fregueses e se sentir uma puta. Havia aquela crença indiscutível na impor¬tância de seu trabalho, em sua objetividade, na racionalidade como tal. Ele não havia conseguido compreender que conhecer a si próprio era uma empreitada crucial. Existiam outras formas de conhecer o mundo, formas femininas, que ele tratava com desprezo. Embora fingisse que não, Beard sentia nojo do sangue menstrual dela, o que representava um insulto à essência de sua feminilidade. O modo como faziam amor, encenando cegamente posturas de dominação e submissão, imitava um estupro e era fundamentalmente vil.

Meses se passaram com muitas discussões noturnas, duran¬te as quais Beard mais ouvia do que falava, pensando em seu trabalho durante as pausas. Naquela época, vinha refletindo muito sobre os fótons, de uma perspectiva radicalmente diferente. En¬tão, certa noite, tendo sido acordados como de costume pelos gêmeos, os dois ficaram deitados de costas no escuro, lado a la¬do, enquanto Maisie lhe comunicava que iria deixá-lo. Ela ha¬via pensado profundamente naquilo e não queria nenhuma dis¬cussão. Estava sendo criada uma comunidade nas encharcadas colinas do centro do País de Gales e ela tencionava fazer parte do grupo, acreditando que nunca mais voltaria. Sabia, de uma forma que ele nunca poderia compreender, que esse seria agora seu caminho na vida. Havia problemas de autorrealização, de seu passado e de sua identidade como mulher que lhe cumpria examinar. Era seu dever. Nesse ponto, Beard se sentiu tomado por uma emoção poderosa e estranha, que provocou um aperto na garganta e fez escapar do seu peito um soluço que ele não teve forças para conter. Foi um som sem dúvida ouvido pelos Gibson através da parede. Podia ser perfeitamente confundido com um grito. O que ele sentiu foi um misto de alegria e alívio, seguido por uma crescente sensação de leveza, de expansão, como se estivesse

prestes a se livrar dos lençóis e flutuar até bater no teto. De repente, descortinou tudo diante dele: a perspec¬tiva de liberdade, de trabalhar na hora que quisesse, de trazer para casa algumas das mulheres que vira no campus de Falmer, sentadas nas escadarias da biblioteca, de retornar a seu ego não examinado e se desembaraçar de Maisie sem nenhuma culpa. Tudo isso fez com que uma lágrima de gratidão corresse por sua bochecha. Também sentiu uma tremenda impaciência de que ela se fosse logo. Passou-lhe pela cabeça se oferecer para levá-la à estação imediatamente, porém nenhum trem saía de Lewes às três da manhã e ela não havia feito as malas. Ouvindo o soluço, Maisie acendera a luz da mesinha de cabeceira e, se inclinando para observar o rosto de Beard, notou a umidade em torno dos seus olhos. Com grande firmeza e deliberação, ela disse: “Não vou ser chantageada, Michael. Não vou, repito, não vou ser ma¬nipulada por você para ficar”.

Era uma bênção que o bar fosse tão grande. Os dois homens estavam cantando em uníssono uma canção cômica em espanhol, e se ouviam muitas gargalhadas a cada vez que voltava o refrão. Malgrado todo o tempo passado naquele canto dos Es¬tados Unidos, Beard não entendia uma só palavra. Levantou a mão para pedir outro drinque, empenhando-se logo depois em remover os escombros de gelo que o cobriam. Será que alguma vez um casamento foi dissolvido de forma tão indolor? Após uma semana ela partira para a fazenda nas colinas de Powys. Ao longo de um ano, trocaram uns dois cartões-postais. Chegou então um cartão do ashram na Índia onde ela passou três anos e de onde enviou sua prazerosa aceitação do divórcio, todos os papéis devi¬damente assinados. Não voltou a vê-la até o dia em que comple¬tou vinte e seis anos, quando Maisie apareceu de cabeça raspada e com uma joia no nariz. Muitos anos depois, falou no funeral dela. Talvez a facilidade com que se separaram na velha casa paroquial é que o houvesse tornado tão imprudente em matéria de casamentos.

Com alguma dificuldade, se levantou e atravessou o bar circular em direção ao banheiro. Pelos padrões locais, sem dúvida bastante elevados, Beard não era um homem excepcionalmente gordo. Naquele momento mesmo podia ver um casal que o dei¬xava facilmente para trás, um homem e uma mulher obrigados por sua obesidade a sentar na beirada das poltronas. Mas nem por isso deixava de ser gordo, seus joelhos doíam e se sentiu ton¬to por ter se posto de pé rápido demais. Ao cruzar o vestíbulo, um dos funcionários saiu de trás do balcão da recepção e correu para ele.

“Desculpe-me. Sr. Beard? Imaginei que fosse o senhor. Bem-vindo ao Camino Real. Alguém andou procurando pelo senhor.”

“O sr. Hammer?”

“Não, já faz uma semana. Da Inglaterra. Mas não deixou nenhum recado.”

“Como é que ele era?”

“Grandalhão. E disse que se chamava… alguma coisa pare¬cida com Turnip.”

Continuariam conversando, mas naquele instante Hammer atravessou as portas de vidro da entrada, precedido pelo carrega¬dor que empurrava o carrinho de bagagem. Quando os dois se abraçaram, o sujeito se afastou com uma mal disfarçada careta de aborrecimento e Beard lhe agradeceu com um gesto de ca¬beça.

“Toby!”

“Chefe!”

Desde que Hammer soubera que Beard havia sido chama¬do assim anteriormente, passou a usar o título de forma irônica. Outros participantes do projeto também o tinham adotado — e Beard, obviamente, ficou satisfeito. Quase compensava ter sido posto para fora do Centro.

Três anos mais velho que Beard, ele era magro e forte, com as costas retas, a claridade nos olhos e a pele de quem não to¬cava em álcool havia vinte anos. Conquanto suas pernas fossem arqueadas como as de um velho caubói, ainda jogava squash e fazia caminhadas nas montanhas sozinho. Ou dizia que fazia. Após passar algum tempo na companhia dele, Beard frequentemente entrava numa dieta que durava muitas horas. Hammer havia trabalhado na área da eletrônica até que, nos primeiros anos da década de 80, resolvera se tornar um alcoólatra, destruir o casamento e se afastar de todos os amigos, como é de praxe. Ao se recuperar do vício e retomar o contato com todo mundo, inclusive a mulher e os filhos, seu campo de atuação já não era fácil de descrever: como conhecia muita gente, estabelecia con¬tatos e arranjava negócios. Apresentou Beard a advogados e con¬tadores especializados em vantagens fiscais que se davam com os deputados estaduais e aos intermediários em Washington que patrulhavam o vasto e indefinido território entre o comércio e a política, bem

como às pessoas com acesso aos responsáveis pelas doações de grandes fundações e aos indivíduos no segmento de capital especulativo que conheciam amigos dos amigos de inves¬tidores do porte de Vinod Khosla e Shai Agassi. Hammer tratava dos pedidos de patente de Beard, negociou o arrendamento do terreno perto de Lordsburg com uma opção de compra, e apren¬deu a circular na irmandade de energia solar, travando conheci¬mento com os engenheiros e especialistas em materiais. Tinha até extraído algum dinheiro do pessoal do Bush no apagar das luzes e, recentemente, muito mais dos generosos fundos criados por Obama.

Mas Hammer não podia proteger o projeto de atrasos, da redução progressiva das metas e, às vezes, do risco iminente de colapso. Era necessário transigir a cada estágio. O terreno em Lordsburg era a quarta escolha no sudoeste americano. Havia mais insolação por ano em certas regiões do Arizona e de Ne¬vada, porém a competição entre as grandes empresas de energia havia empurrado os preços para cima. Outras localidades não tinham água, boas estradas, acesso à rede elétrica nacional ou uma Câmara de Comércio tão amigável. A empresa que ele, Beard e outros haviam criado fora forçada a se reconstituir três vezes a fim de se qualificar para obter incentivos fiscais. As au¬toridades da área de segurança suspeitavam da condição de es¬trangeiro de Beard, de pouco valendo, na era Bush, as cartas de apresentação de eminentes academias científicas americanas. Era difícil angariar dinheiro, mesmo nos bons tempos. Entre os in¬vestidores mais ousados que se interessavam pela energia solar, existia consenso de que as melhores apostas residiam nas duas rotas já testadas: a termossolar, em que o calor do sol produz o vapor que move as turbinas, e a fotovoltaica, em que a corrente é gerada diretamente a partir da luz do sol, em ambos os casos concentrando-a com o emprego de lentes amplificadoras. O en¬tendimento generalizado era que a fotossíntese artificial barata e confiável estava vinte anos no futuro.

A fim de desmentir isso, no começo de 2007 Beard organi¬zou uma demonstração para investidores potenciais no estacionamento de um laboratório em Oakland, Califórnia. A ideia era que, sob o sol, a água contida numa grande garrafa se dividiria nos gases que a constituíam, fazendo com que um gerador dota¬do de células eletroquímicas movesse uma perfuratriz; operada por um homem com um capacete verde, ela destruiria um muro em que haviam grafitado a palavra petróleo. Mas certas partes vitais não foram entregues a tempo, o evento foi adiado por um mês e, então, só metade dos investidores apareceu, com o que o projeto recebeu um terço dos recursos esperados e encolheu ainda

bem mais.

As dificuldades técnicas aumentaram à medida que o di¬nheiro escasseou. Tom Aldous estava certo em suas premissas básicas e errado em alguns detalhes, embora Beard não pudesse reclamar agora que possuía dezessete patentes. Por muito tem¬po, o pequeno modelo que dividiu a água em 2005 não pôde ser reproduzido em escala maior ou ter sua operação acelerada. Os corantes sensíveis à luz que moviam o processo precisaram ser reconsiderados. O catalisador não era à base de manganês, e sim de um composto de cobalto, enquanto outro era feito de rutênio. Deveria ser fácil escolher e testar a membrana porosa correta para separar o oxigênio do hidrogênio, mas não era. Chegou por fim a hora de desenhar e construir o protótipo que algum dia seria produzido em massa. Selecionou-se um fabricante nas redondezas de Paris. A gloriosa realização, um painel que me¬dia dois metros quadrados, custou três milhões de dólares. Foi enviado para testes no Laboratório Nacional de Energia Reno¬vável em Golden, Colorado, onde se verificou que, por culpa de falhas tanto no projeto como na fabricação, tinha um desempe¬nho trezentos por cento inferior ao esperado.

Começaram de novo com uma companhia chinesa locali¬zada a quase cem quilômetros de Beijing. Na parte de cima, sobre uma base de aço inoxidável capaz de conduzir energia, ficavam os tubos de plexiglas que continham o semicondutor para colher a luz do sol, os eletrólitos líquidos e a membrana. O painel que abrigava os tubos media três metros por dois, custando quatro milhões de dólares cada um. Quando produzidos em massa, custariam dez mil dólares — ou pelo menos assim dizia o plano de negócios. De acordo com o laboratório em Golden, o novo painel funcionava. A essa altura, o mundo entrara em recessão. Muitas promessas feitas a Hammer foram quebradas. A opção do terreno, já renovada por três vezes, se encontrava prestes a expirar. Toby a renegociou e, em vez de alugar cento e sessenta hectares, comprou dez junto à fonte de água. Agora havia dois pequenos tanques de armazenamento de gás em vez dos oito imensos reservatórios antes previstos, um único compressor para o hidrogênio, um gerador em vez de cinco e, o que era pior, já que se tratava do núcleo e símbolo do projeto, apenas vinte e três painéis inclinados em direção ao céu em vez dos cento e vinte e cinco inicialmente planejados.

Mas por fim eles haviam sido erguidos e, dali a dois dias, teria início um novo capítulo na história da civilização industrial, garantindo o futuro da Terra. O sol, brilhando numa área deserta situada no tacão da bota do sudoeste do Novo

México, atingiria os tubos de plexiglas e dividiria a água em seus compo¬nentes, os tanques se encheriam de gás, o gerador de células eletroquímicas entraria em ação e a eletricidade estaria pronta a fluir para a cidade diante dos amigos de Lordsburg, represen¬tantes dos meios de comunicação de todo o país, gente das em¬presas de energia, colegas de Golden, do MIT, da Caltech e dos laboratórios Lawrence Berkeley, bem como alguns investidores de Stanford. Um kit de imprensa, incluindo uma brochura especialmente vistosa, estaria disponível. Tudo fora preparado por Hammer e sua equipe. Sob um amplo toldo, que seu sócio ju¬rava ter sido cedido gratuitamente pela NASA, todos beberiam champanhe, dariam entrevistas e conversariam sobre contratos. Em resposta a certo sinal, o ganhador do Prêmio Nobel apertaria um interruptor e uma nova era começaria.

Agora, na vastidão reluzente do saguão do hotel, Hammer relatou sua difícil viagem de San Francisco, com um terrível vá¬cuo que fez o avião cair seiscentos metros, o ataque de pânico do vizinho e o sanduíche incomível, até que a bexiga de Beard não aguentou mais e ele pediu licença para ir ao banheiro. Ao voltar, encontrou o amigo sentado na recepção, disparando mensagens no laptop.

“A Scíentific American está vindo”, ele disse, sem interromper o que fazia. “E aquele cara do New York Times.”

“Tomara que a coisa funcione”, disse Beard. A perfuradora elétrica deixara uma grande cicatriz.

“Alguns homens de negócios locais instalaram um anúncio de neon gigantesco com o nome de Lordsburg seguido de um ponto de exclamação. Fica a uns quatrocentos metros de nossas instalações e vai ser aceso quando ligarmos a energia.”

“Desde que eles forneçam os quatrocentos metros de fios.”

Hammer pôs de lado o laptop. Parecia exausto, até um pou¬co deprimido. “Querem que fique aceso a noite toda. E a Câma¬ra de Comércio arranjou uma banda do exército que vem lá de Las Cruces.”

“Pensei que teríamos um grupo de moças cantando música country.”

“No Novo México, ou nesta parte do estado, primeiro vem o exército. Alguns aviões da base aérea também vão fazer um sobrevoo. As moças se apresentam

depois, e naturalmente vamos fornecer a energia para os amplificadores delas.” No que pare¬ceu ser um esforço para se fazer de alegre, deu um soco de men¬tira no braço de Beard. “Luz solar mais água mais dinheiro igual a eletricidade e igual a mais dinheiro! Meu amigo, tudo vai dar certo.”

Combinaram jantar cedo, pernoitar ali e sair logo depois da consulta médica de Beard.

“Mas escute, Chefe”, disse Hammer quando se acomoda¬ram no restaurante deserto. “Não deixe que ele te faça se sentir mal. Não é hora para isso.”

“Também estou preocupado com isso. Um diagnóstico é uma forma moderna de maldição. Se a gente não procurasse os médicos, não pegaria a doença que eles querem que a gente tenha.”

Após fazerem um brinde com vinho e água ao pensamento mágico, continuaram a conversa que vinham mantendo havia meses por e-mail. Se alguém ouvisse o diálogo, ele lhe pareceria a essência do tédio comercial, mas para os dois era uma ques¬tão da maior urgência. Quantas encomendas de painéis seriam necessárias a fim de trazer o custo unitário àquele ponto em que poderiam afirmar com segurança que uma planta média de fotossíntese artificial era capaz de gerar eletricidade tão barata quanto uma usina de carvão? O mercado de energia era muito conservador. Não havia nenhum prêmio para quem fosse virtuo¬so e não prejudicasse o meio ambiente. Encomendas de sete mil painéis, esse era o melhor cálculo que podiam fazer. Muito dependeria do fato de poderem ou não fornecer eletricidade de modo confiável a Lordsburg e localidades vizinhas noite e dia por um ano, independentemente das condições climáticas. De¬pendia também dos chineses, com que rapidez eles se apresta¬riam a fornecer o equipamento e se podiam ser plausivelmente ameaçados com a perspectiva de perder o negócio. Quanto a isso, a recessão ajudava, embora também reduzisse a demanda pelos painéis, se não pela energia. Repassaram esse ponto algu¬mas vezes, citando cifras, tirando outras do ar, até que Hammer se inclinou para a frente e disse em tom confidencial, como se o único garçom do outro lado do salão pudesse ouvi-lo. “Mas, Chefe, pode ser franco comigo. Me diga. É verdade que o plane¬ta está ficando mais frio?” “O quê?”

“Você vive me dizendo que a discussão técnica já acabou, mas não é verdade. Estou ouvindo isso em toda parte. Na sema¬na passada, uma professora de estudos da atmosfera ou coisa que o valha disse isso na televisão.”

“Seja o que for que ela tenha dito, está enganada.”

“E estou ouvindo a mesma coisa dos homens de negócios. Parece que está crescendo. Estão dizendo que os cientistas cometeram um erro e não ousam admitir. Muitas carreiras e repu¬tações em jogo.”

“Qual é a prova que dão?”

“Dizem que é insignificante um aumento de zero vírgula sete grau centígrado

desde os tempos pré-industriais, há duzen¬tos e cinquenta anos, algo perfeitamente explicado pelas flutuações normais de temperatura. E que os últimos dez anos ficaram abaixo da média. Tivemos alguns maus invernos por aqui — o que não ajuda nossa causa. E dizem também que, como muita gente vai ficar rica com os presentinhos do Obama e os incenti¬vos fiscais, ninguém quer contar a verdade. E aí apareceram to¬dos esses cientistas, inclusive aquela mulher que eu mencionei, que assinaram o Relatório da Minoria do Senado sobre Mudan¬ças Climáticas, que você deve ter visto."

Beard hesitou, mas então pediu mais vinho. Esse era o problema com alguns tintos da Califórnia, eram tão suaves, desciam tão bem, que era como beber limonada. Mas tinham dezesseis por cento de álcool. Não podia evitar a sensação de que aquela conversa estava abaixo de seus padrões. Ela o cansava, como fa¬lar sobre ou contra religião, círculos nas plantações ou, por que não dizer?, discos voadores. "É zero vírgula oito agora", retru¬cou, "nada insignificante em termos climáticos, e a maior parte do aumento ocorreu nos últimos trinta anos. E dez anos não são suficientes para estabelecer uma tendência. São necessários ao menos vinte e cinco. Alguns anos são mais quentes, outros mais frios que o anterior e, se você fizer um gráfico com as tempe¬raturas médias anuais, vai resultar num zigue-zague, mas um zigue-zague ascendente. Se tomar como ponto de partida um ano excepcionalmente quente, é bem fácil mostrar um declínio, pelo menos ao longo de alguns anos. Esse é um velho truque estatístico. Quanto aos cientistas que endossam posições contrá¬rias, eles constituem uma minoria de um para mil, Toby. Orni¬tólogos, epidemiologistas, oceanógrafos e glaciologistas, pesca¬dores de salmão e operadores de estações de esqui, o consenso é imbatível. Alguns jornalistas imbecis escrevem artigos contra porque acham que isso é sinal de uma postura intelectual inde¬pendente. E se dá muita atenção a qualquer professor que quiser ser do contra. Há maus cientistas como há péssimos cantores e cozinheiros horrorosos."

Hammer parecia cético. "Se a porra da Terra não estiver esquentando, estamos fodidos."

Ao reencher o copo, Beard refletiu como era estranho que, sendo parceiros havia tantos anos, raramente discutiam o tema principal. Sempre se concentravam nas questões comerciais, nas providências imediatas. Beard também notou que estava quase bêbado.

"E aqui estão as boas notícias. As Nações Unidas calculam que mais de trezentas

mil pessoas já estão morrendo a cada ano por causa das mudanças climáticas. Bangladesh está sendo inunda¬da porque os oceanos vêm se aquecendo, expandindo e subindo. Há secas na floresta amazônica. O gás metano está escapando do permafrost siberiano. Sob a camada de gelo da Groenlândia vem ocorrendo um derretimento sobre o qual ninguém quer real¬mente falar. Veleiros de amadores têm atravessado a passagem do Noroeste. Dois anos atrás perdemos quarenta por cento do gelo de verão do Ártico. Agora o Leste da Antártida começou a degelar. O futuro chegou, Toby."

"É", disse Hammer. "Parece que sim."

"Você não está convencido. Pois então veja o pior caso. Suponha o que é quase impossível: os mil estão errados e um está certo, todos os dados foram deturpados, não há aquecimento ne¬nhum. E uma fantasia coletiva dos cientistas ou um conluio. E aí ainda sobram os velhos fantasmas: segurança energética, po¬luição atmosférica, exaustão do petróleo."

"Ninguém vai comprar um painel sofisticado da gente só porque o petróleo vai acabar daqui a trinta anos."

"Qual é o problema contigo? Problemas em casa?"

"Nada disso. Só que trabalhei um bocado e agora esse pes¬soal dos laboratórios aparece na televisão para dizer que o plane¬ta não está se aquecendo. Fico apavorado."

Beard pousou a mão no braço do amigo, claro sinal de que passara muito de seu limite. "Toby, acredite em mim. É uma catástrofe. Fique tranquilo!"

Às nove e meia, os dois, exaustos pelas viagens, estavam prontos a ir para a cama e subiram juntos no elevador. Pararam primeiro no andar de Beard. Ele deu boa-noite a Hammer e saiu puxando a mala por longos corredores perpendiculares a outros longos corredores, murmurando o número do quarto para man¬tê-lo vivo na memória, parando de tempos em tempos para se curvar, cambaleante, diante de placas na parede com indicações do tipo "309 — 331", enquanto o dele, 399, não era mencionado ou ao menos sugerido em lugar nenhum. Por isso, foi em frente, voltando eventualmente por outra direção até o primeiro ele¬vador, ou outro parecido, com um resto semelhante de maçã, já

marrom, depositado num cinzeiro cheio de areia. Com um sentimento crescente de vitimização, retomou a caminhada, pas¬sando mais tarde de novo pelo elevador. Já ia bem avançado na terceira volta quando compreendeu que estava segurando o cartão do quarto de cabeça para baixo e seu destino era o 663, em outro andar. Subiu, descobriu o quarto, largou a mala logo depois de entrar e correu para o frigobar, onde pegou um conha¬que e uma enorme barra de chocolate, sentando com eles na beira da cama.

Felizmente, era tarde demais para chamar Melissa e cedo demais para chamar Darlene, que estaria no trabalho. Só teve forças para pegar o controle remoto. Antes que a imagem apare¬cesse, o aparelho de televisão emitiu um estalido amistoso e aba¬fado de aquecimento eletrônico, tão carinhoso e familiar quanto um beijo de mãe. Mas não a mãe dele. Cansado e bêbado, limi¬tou-se a surfar. Nada surpreendente: shows de jogos e conversas, tênis, desenhos animados, um comitê do Congresso, anúncios idiotas. Duas mulheres, a quem naquele momento ele confiaria sua vida, trocaram ideias sobre a doença de Alzheimer de seus esposos. Um casal jovem se olhou de modo significativo, provo¬cando uma gargalhada da plateia no estúdio. Alguém disse, em tom de protesto, que o presidente Obama ainda era um santo, ainda era amado. Naquela época Beard dizia ser “democrata des¬de criancinha”. Nos eventos sobre mudança climática, lembrava com frequência o momento fatal em 2000 quando o destino da Terra estava em jogo e Bush, arrancando a vitória das mãos de Gore, impôs oito anos de trágico desperdício. Mas havia muito perdera interesse na plenitude e estranheza dos Estados Unidos tal como representados por sua televisão. Agora havia centenas de canais na Romênia, como em qualquer outro país. Além do quê, se alguma coisa aparecia na televisão, já não era estranha. No entanto, cansado demais para levantar o polegar da tecla que mudava os canais, ficou quarenta minutos sentado num estado de estupor com um copo e uma embalagem vazios no colo, até que se ajeitou nas almofadas a suas costas e caiu no sono.

Noventa minutos depois, foi perturbado pelo tilintar do palmtop e acordou de vez com ele apertado contra a orelha ao ouvir a voz da menina cuja existência ele fizera tudo que era possível fazer decentemente para suprimir. Mas lá estava ela, Catriona Beard, tão irreprimível quanto um livro proibido.

“Papai”, ela disse solenemente. “O que é que você está fazendo?”

Eram seis da manhã de domingo na Inglaterra. Ela deveria ter sido acordada pela

primeira luz e seguido diretamente do quarto para a sala de visitas a fim de telefonar, apertando a pri¬meira tecla à esquerda.

“Minha querida, estou trabalhando”, respondeu com igual solenidade. Poderia ter dito facilmente que estava dormindo, po¬rém precisou contar uma mentira a fim de abrandar a culpa que sentiu ao ouvi-la. Muitas conversas com sua filha de três anos o faziam lembrar-se das trocas ao longo dos anos com várias mu¬lheres a quem se explicara de forma implausível, ou voltara atrás no que dissera, ou apelara para desculpas esfarrapadas — sem nunca enganar nenhuma delas.

“Sei que você está na cama porque está falando com uma voz rouca.”

“Estou lendo na cama. E você, o que está fazendo? O que é que está vendo daí?”

Beard ouviu a aspiração profunda de ar e o som de sucção da língua sobre os dentes de leite enquanto ela sopesava qual parte de sua recém-adquirida rede de linguagem seria jogada ao mar. Devia estar sentada no sofá que dava para uma grande e luminosa janela e para uma cerejeira com folhas novas, de onde também podia ver a tigela com pedras pesadas que sempre a in¬teressara, a maquete de Moore, as cores neutras das paredes iluminadas pelo sol, as longas linhas retas das tábuas de carvalho.

Por fim ela disse: “Por que você não vem na minha casa?”

“Querida, estou a milhares de quilômetros de distância.”

“Se você pode ir, pode voltar.”

A lógica da frase o obrigou a fazer uma pausa. Começava a lhe dizer que a veria em breve quando ela interrompeu com um pensamento alegre: “Agora vou para a cama da mamãe, adeus” — e a ligação foi cortada.

Beard deitou-se de costas, fechou os olhos e tentou imaginar o mundo da perspectiva de sua filha. Ela não tinha ainda uma concepção correta do tempo, das zonas horárias e da distância física, vivendo com um aparelho cujas maravilhosas proprieda¬des aceitava como algo absolutamente normal. Apertando uma tecla podia falar com seu pai sem vê-lo em carne e osso, como se, numa sessão espírita, se comunicasse com um morto, um fantas¬ma do outro lado do fio. Às vezes conseguia convocá-lo em pes¬soa, na maioria das vezes fracassava. Quando ele aparecia, sem¬pre trazia um presente, escolhido sem

maiores cuidados num aeroporto, frequentemente pouco apropriado — um pacote de doze camisetas com as cores do arco-íris num tamanho pequeno demais para ela, um brinquedinho macio que lhe pareceu mais adequado a um bebê embora ela fosse suficientemente delicada para não dizer isso, um jogo eletrônico que não entendeu, uma caixa de bombons com recheio de licor que ele próprio foi obri¬gado a comer de uma só vez. Melissa tentou convencê-lo a não trazer presentes — "É você que ela quer" —, porém Beard não foi capaz de vencer o hábito de uma vida inteira de pacificar as mulheres com surpresas embrulhadas em papel colorido. Sem um presente, ele chegava nu, exposto a exigências cruas e impre¬visíveis, incapaz de se penitenciar por sua ausência, chamado a se movimentar numa dimensão pessoal desconfortável, forçado a se envolver.

Apesar de seus três anos, Catriona era o tipo de pessoa para quem abrir um presente constituía uma responsabilidade com os sentimentos do presenteador. Como era possível que uma cons¬ciência tão tenra pudesse ser tão bem sintonizada? Não queria que seu pai ficasse desapontado com a qualidade de seu prazer. As camisetas, ela lhe assegurou, não estavam perdidas porque algum dia serviriam para o irmãozinho dela, uma doce criatura cuja chegada aguardava com estranha confiança. Era uma me¬nininha dada e afetuosa, de uma sensibilidade quase insuportá¬vel. Numa observação casual qualquer, ela podia entender uma inflexão ou um tom mais elevado como crítica ou reprimenda, o que a deixava horrorizada e chorosa, sendo frequentemente di¬fícil fazer com que parasse de soluçar. Às vezes, ela parecia sen¬tir outra mente como um campo de força tangível cujas ondas eram tão poderosas quanto os vagalhões na costa do Atlântico. Essa consciência dos outros era uma aflição e uma dádiva. Ca¬triona era inteligente e confiante, engraçada e astuta, porém sua delicadeza emocional a tornava vulnerável, e seu pai, nervoso. Certa vez, uma observação sem importância feita por ele, uma leve expressão de impaciência, lhe causara grande infelicidade e trouxera sua mãe às pressas para a sala a fim de pegar a criança no colo. Ele não gostou de ser visto como um bruto, nem lhe agradava ter de se controlar o dia inteiro.

Será que estaria melhor com um filho de cabeça dura inclinado a chutar tornozelos? Provavelmente não. O que o prendia a ela — tanto quanto ele podia se prender a qualquer pessoa — era sua insistência, seu amor franco e incondicional. Para Catriona, era simples: Beard era seu pai e ela o exigia para si. Entendia que o trabalho dele consistia em salvar o mundo e, uma vez que o mundo era sua mãe, Primrose Hill, a loja de balé e as colegui¬nhas do

playground, tinha grande orgulho disso. De que servia Melissa dizer que seu pai não precisava se envolver? Catriona não permitiria que ele fugisse da raia. Não lhe importava que, além de gordo e baixo, ele não fosse muito simpático e estivesse desenvolvendo um queixo triplo, ou nem reparava nisso: ela o amava, ela era dona dele. Conhecia seus direitos. Essa era outra razão pela qual ele se sentia culpado e lhe trazia presentes para impedir que ela se atirasse contra seu estômago quando ele pi¬sasse em casa, ou que ela trepasse no seu colo e lhe sussurrasse no ouvido alguns segredos de menina tão logo sentava após uma viagem estafante. Como seu próprio pai, Beard não achava fácil demonstrar afeto físico por uma criança. Como a mãe dela, Ca¬triona estava pronta a amar sem igual retribuição, e não notava a reticência dele.

De modo geral, era irresoluto como pai e amante, não se dedicando à família nem a abandonando de uma forma decen¬te. Por hábito, aferrava-se a uma noção juvenil de independência que era anormal num homem com quase sessenta e dois anos. Voltando a Londres, frequentemente ficava no apartamento de Dorset Square, ao menos durante as duas ou três primeiras noi¬tes, até que a sujeira e os múltiplos inconvenientes o enxotavam. Cogumelos amarelo-cinzentos floresciam na linha em que a pa¬rede encontrava o teto da cozinha. Uma calha externa, que em teoria pertencia a um vizinho, se quebrara, e a água da chuva pe¬netrava pelos tijolos. Porém Beard não queria confrontar o mo¬rador do andar de cima, beligerante e quase surdo, tanto quanto não queria provocar a barulheira de pás e picaretas, a invasão de sua privacidade que resultaria de um conserto para valer. No hall de entrada, a luz sempre falhava, por mais que as lâmpadas fossem trocadas. Tão logo ele apertava o interruptor, ouvia um estalido e lá se ia outra lâmpada. No banheiro, a água fria havia muito deixara de correr. Para se barbear, utilizava um fio de água quente, tendo aprendido a terminar antes de ser escaldado. Para tomar banho, era necessário encher a banheira e deixar a água esfriar por uma hora ou mais. Como esses e outros pequenos problemas exigiam muita atenção, ele preferia improvisar. Uma grande jarra recolhia os pingos de chuva no quarto que não era usado, um limpa-pés de ferro mantinha fechada a porta da ge¬ladeira, uma cordinha desfiada, suja e enroscada, substituía a corrente da antiquada privada.

No entanto, não havia jeitinho que resolvesse os tapetes de fios emaranhados e grudentos, que não viam um aspirador de pó desde que a última arrumadeira partira seis anos antes. Nem as pilhas de documentos, cartas, material de propaganda e jornais, com as caixas de garrafas vazias, o fedorento sofá, a camada de pó que parecia haver coberto o próprio ar assim como todas as

superfícies, os pratos e xícaras, e até a roupa de cama. Ele costu¬mava dizer a si mesmo que, embora o apartamento fosse uma ba¬gunça, era uma espécie de escritório, onde havia descodificado o dossiê de Tom Aldous e revigorado sua vida. Em Primrose Hill, Melissa e Catriona gostavam de conversar com ele, enquanto ali podia se espojar na imundície e ler sem ser perturbado. Mas isso não ocorria sempre, porque seus tornozelos coçavam. As pulgas estavam entrando em ação. Havia tanto a fazer a fim de tornar o lugar tolerável que nenhuma tarefa em particular valia a pena. Por que contratar uma faxineira, por que ao menos jogar no lixo as empoeiradas garrafas de uísque e gim, por que recolher os cadáveres das moscas e aranhas quando, afinal, ele bem podia se mudar para a casa de Melissa?

E, muitos anos antes, quando se separou de Patrice, aquela pocilga era para ser apenas uma parada a caminho do refúgio austero e bem iluminado, tão inocentemente limpo quanto o Éden, a salvo da desordem e das distrações, onde uma mente livre e aberta poderia vagar sem nenhum impedimento. Tudo que via no apartamento, tornado ainda mais sombrio pelas janelas não lavadas, refletia algum aspecto de si próprio, aquilo que tinha de pior, de mais obeso, a incapacidade de traduzir num curso de ação qualquer plano razoável. A cada momento, sempre havia algo que ele preferia fazer — ler, beber, comer, falar no telefone, navegar na internet — a entrar em contato com algum eletricista, bombeiro hidráulico ou agência de lim¬peza, ou arrumar as pilhas de papéis com um metro de altura, ou ainda responder a uma das muitas cartas enviadas pelo pai de Tom Aldous. Era a mesma inércia que havia forçado Beard a ir ficando em Dorset Square, a mesma preguiça que o induzira a comprar o apartamento.

Quando não podia mais aguentar a si mesmo, o lugar, sua própria presença no apartamento, Beard tomava o rumo noroes¬te para os braços da amante e da filha deles. Roupas limpas e pas¬sadas o esperavam em Primrose Hill, além de um chuveiro em boa ordem e uma refeição quente, bem como duas mulheres que se revezavam para contar as novidades e fazer gozações acer¬ca de sua cintura — Universo em Expansão, segundo Melissa —, obrigando-o a relatar suas aventuras no deserto americano na luta para salvar a humanidade da autodestruição. Lia para Catriona na cama e ela, excitadíssima com o fato de que a voz não era de sua mãe e sim de seu pai, ficava deitada de costas numa espécie de desmaio, segurando o edredom bem perto do queixo e quase sem prestar atenção nas palavras. Combatendo o cansa¬ço, fitava com um amor possessivo e satisfeito o vulto maciço do pai dobrado sobre o pequeno livro de Beatrix Potter que tinha nas mãos. Ele era todo dela. Nessa época, aquelas eram as únicas

histórias que ela admitia ouvir, porém, como não apreciava os horríveis mundos de Potter habitados por porcos-espinhos que passam roupas a ferro e coelhos que usam culotes, Beard tam¬bém penava para ficar acordado; às vezes, no meio de uma frase, sua cabeça tombava de golpe para a frente, quando então ele retomava a consciência e reiniciava em tom neutro as aventuras, digamos, de uma cenoura roubada.

No quarto do hotel texano, ainda deitado de costas com o palmtop na mão, Beard estava com sede, mas cansado demais para se levantar e encontrar uma garrafa de água. Todos aqueles quilômetros no ar, todos aqueles uísques e vinte e quatro horas sem dormir o mantinham preso à cama de tamanho america¬no. Sentia ondas de movimento virtual percorrendo as costas e pernas, a memória do corpo após enfrentar por um dia intei¬ro as sacudidelas da estratosfera a três quartos da velocidade do som. Nesse estado, não tinha uma gota de desejo, mas, apesar disso, pensava em Melissa. Como andariam as coisas? Em geral, depois de contar as histórias na cama, por fim ficava sozinho com ela. Por fim? Ultimamente, não sentia a mesma impaciên¬cia aguda, a urgência, e isso era bom, ele podia se concentrar na comida e em saber o que se passava nas lojas de artigos de dança. A recessão fez com que as pessoas sentissem menos vontade de dançar. Como boa mulher de negócios, ela manteve as três lojas abertas reduzindo as linhas de produtos e as horas de trabalho, sem mandar ninguém embora. As pequenas dançarinas, como se em resposta aos tempos sombrios, haviam descoberto o gos¬to pelo preto e o tango passou a atrair um número menor de homens maduros, porém suas esposas apareciam para comprar chapéus de caubói a fim de dançar quadrilha, que era ao mesmo tempo fora de moda e popular. Outro impulso inesperado veio dos concursos de dança na televisão.

Esse tipo de conversa lhe trazia alívio, sobretudo nas últi¬mas e frenéticas semanas que precediam a hora de verdade em Lordsburg. Enquanto ela falava, ele a observava e tinha certeza de que, no seu estilo sensual e voluptuoso, Melissa continuava tão bonita quanto antes e mais feliz do que nunca. A materni¬dade não lhe havia causado a menor dificuldade. Era calorosa e tranquila com Catriona, não a mimando nem se mostrando possessiva como poderia ser o caso com uma filha única nascida três meses depois de ela fazer quarenta anos. Sua felicidade era maior do que qualquer coisa que Beard sentira na vida, e ele achava que isso os havia afastado um pouco, criando em torno dela um escudo protetor que, Melissa sabia, ele nunca se daria ao trabalho de penetrar. Ela agora possuía algo magnífico, um êxtase particular que não via

motivo para comunicar porque ele jamais entenderia. Sempre sentia prazer em vê-lo, fazia amor com o mesmo entusiasmo de antes, o encorajava a se aproximar de Catriona, até achava tempo para passar suas camisas. Ele con¬tribuía para a casa com vinte e cinco mil libras por ano, o que era considerado mais do que suficiente. Mas Beard suspeitava que Melissa estaria bem sem seu dinheiro e era igualmente feliz quando ele não estava por perto.

Na verdade, ela mantinha a promessa que fizera várias ve¬zes enquanto brigavam por causa da gravidez. Ela rechaçava os argumentos dele em prol do aborto e, em troca, não exigia nada. E ele? Beard jamais imaginaria o quão fiel a suas opiniões, o quão constante, podia ser. Ficara amigo de uma mulher em Lordsburg, uma garçonete chamada Darlene, que vivia num trailer no lado sul, à beira da estrada que levava à cidade fantasma de Shakespeare. Darlene não era propriamente bonita, não se situa¬va nem remotamente na categoria de Melissa, mas Beard tam¬bém não era nenhum modelo de beleza, andando como um pato e exibindo três queixos suplementares, o mais baixo dos quais pendurado como uma papada de peru e se agitando quando ele balançava a cabeça. Ao convidar mulheres que não conhecia para jantar, elas riam antes de recusar.

O importante no caso de Darlene foi que ela aceitou, se revelou alegre e engraçada, e gostava de beber com ele. Em sua última viagem para Lordsburg, tomaram um porre no trailer e, num momento de exaltação, Beard a pediu em casamento. No entanto, isso aconteceu enquanto faziam amor, foi um recurso retórico, simples produto da excitação. Na noite seguinte, a fim de evitar a cena que sem dúvida acompanharia uma retratação, tomou outro porre com ela, dessa vez num bar ao norte da ci¬dade, e por pouco não propôs casamento de novo. Tudo isso queria dizer apenas que gostava dela. Era uma companheirona, pau para toda obra. Porém ultimamente, ao querer ir para a Inglaterra, estava contribuindo para a bagunça generalizada que era sua vida.

O surpreendente era que sua vida pouco havia mudado após o nascimento de Catriona. Os amigos lhe haviam dito que ficaria abismado, que se transformaria, que seus valores seriam outros. Porém nada mudou. Catriona era algo bom, mas continuou a confusão de sempre. E, agora que entrara nos últimos estágios ativos de sua existência, começou a compreender que, não ocor¬rendo acidentes, a vida não mudava. Ele fora iludido. Sempre presumira que chegaria um tempo na vida adulta, uma espécie de planalto, em que haveria aprendido todos os truques de ir levando as coisas, de simplesmente ser. Com todas as cartas e e-mails respondidos, todos os papéis em ordem, livros organiza¬dos alfabeticamente nas

estantes, roupas e sapatos em bom es-tado nos armários onde podia encontrá-los; com o passado, in¬cluindo as cartas e fotografias de outrora, arrumado em caixas e pastas; com a vida privada assentada e serena, assim como as acomodações e as finanças. Em todos aqueles anos, essa arru-mação, o calmo platô, nunca apareceu, e apesar disso ele havia continuado a presumir, sem pensar sobre o assunto, que estava pertinho, ali do outro lado da esquina, que em breve ele faria um esforço e o alcançaria. Naquele momento a vida se tornaria clara e a mente livre, sua existência como adulto teria então início de fato. Contudo, pouco após o nascimento de Catriona, mais ou menos na época em que conheceu Darlene, pensou ter entendido a verdade pela primeira vez: no dia de sua morte, estaria usando meias de pares diferentes, haveria e-mails não respondidos, e na pocilga que chamava de casa ainda existiriam camisas sem os botões do punho, uma lâmpada apagada no hall, contas a pagar, sótãos a limpar, moscas mortas, amigos esperando por uma resposta e amantes que ele não havia confessado ter. O esquecimento, palavra final em matéria de organização, seria seu único consolo.

Sua última noite em Londres, somente trinta horas antes, deveria ter sido uma rica oportunidade para ele se reconciliar com a felicidade proporcionada por sua pequena família. Poucos homens teriam resistido a isso, e o próprio Vasco da Gama não ficaria triste com tal despedida. No começo, Beard estava feliz. Melissa havia montado um espetáculo de gala. Até Catrio¬na compreendeu que ele ia aos Estados Unidos a fim de ligar alguma coisa e, quando o fizesse, o mundo estaria salvo. Ela e a mãe, envergando roupas de festa, prepararam um ajantarado especial cujo prato de resistência era uma bola moldada pela própria Catriona e coberta de glacê azul com manchas verdes. Representava a Terra, e no topo havia uma vela que ele apagou num só sopro, para gáudio da menininha. Melissa e Catriona cantaram uma música sobre patinhos, Beard cantou os primei¬ros versos de “Dez garrafas verdes”, a única canção da qual co¬nhecia toda a letra. Os braços da filha envolveram seu pescoço durante a maior parte da celebração. E isso não era a felicidade? Quase. Ele havia esquecido de desligar o palmtop. E Darlene chamou na hora em que Melissa cortava o bolo. Beard atendeu automaticamente e, tão logo ela começou a falar, disse de modo excessivamente brusco: “Te chamo depois”. Sabia que Melissa ouvira a voz de mulher, e a tensão na dele, mas nada mudou em seu comportamento, não houve nenhuma demonstração de raiva contida que Catriona não poderia ver e ele sim. Ela buscou seus olhos e sorriu com ternura, serviu mais vinho, continuou a paparicá-lo.

Quando Catriona se deitou e eles ficaram a sós, Beard ser¬viu uma dose tripla de uísque e se preparou para uma cena. Ti¬nha de vir, precisavam confrontar a realidade. Mas ela se desembaraçou dos sapatos, sentou juntinho dele, o beijou e disse que sentiria sua falta. Falaram de outras coisas, das providências de viagem, do retorno — enquanto sua irritação só fazia aumentar. Melissa estava brincando com ele, permitindo que se afogasse em sua própria culpa. No entanto, por que ele deveria se sentir culpado? Que alguém lhe dissesse, por favor. Não estava preso a ela com exclusividade, o arranjo entre eles era claro. E ela es¬tava errada, Beard decidiu, em mascarar seu ciúme sob um véu de gentileza e sedução. Melissa lhe serviu outro uísque, chegou ainda mais perto, esfregou o nariz no rosto dele, enfiou a língua em sua orelha, pôs a mão entre suas pernas, o acariciou, o beijou de novo. Era uma falsidade intolerável. Podia perceber que ele não estava excitado. Como podia fingir que não tinha ouvido a voz de Darlene, quando ela sabia que ele sabia que ela ouvira?

E então, enquanto ela contava uma história sem graça so¬bre algo que Catriona havia dito ou feito, lhe ocorreu uma idéia simples e brilhante como jamais tivera. Ela não sentia nenhum ciúme, estava intocada, indiferente. E só podia haver uma explicação.

Afastou-se dela e disse tão calmamente quanto pôde: “Você está se encontrando com alguém?”.

Foi uma manobra nascida de sua raiva silenciosa. Porém ou¬tra parte dele, a parte que não bebera, não suspeitava de Melissa. A pergunta era mais uma punição, e Beard tinha razões para esperar uma negativa instantânea.

De fato, ela ficou ofendida. Seus lábios formaram o biqui¬nho de que ele tanto gostava, antes que respondesse, surpresa: “E você não está, Michael? Claro que estou”.

Ah, sim, isso. O velho e surrado argumento da equivalência. O campo aplainado. A racionalidade mandada às favas, o último estertor idiota do feminismo.

Após uma pausa enquanto ordenava seus pensamentos, Beard perguntou: “Qual é o nome dele?”.

Ela olhou para o lado e respondeu: “Terry”.

“Terry?” Seu tom era de descrença. Tudo que havia de tolo nela estava contido

naquele nome imbecil. “E o que é que o Ter¬ry faz?”

Ela suspirou. Tinha de ser dito. “Ele conduz.”

“Ônibus?”

“Orquestras, sinfonias. Você sabe, música clássica.”

Mas ela odiava música clássica tanto quanto ele — nenhum ritmo, ela sempre dizia, não suficientemente quente, não suficientemente tobaguiana e venezuelana para seu gosto. Melissa estava sentada na outra ponta do sofá, com cara de quem dese¬java ter mentido.

“E Terry já se encontrou com Catriona?”, ele perguntou.

Isso a enraiveceu. Num tom de falsa doçura, respondeu: “Chega de falar de mim. Vamos falar de você. Suponho que fos¬se ela no telefone. Qual é o seu nome e o que é que ela faz?”

Beard se recusou a responder. Não estava preparado para cotejar sua garçonete com o maestro dela. “Olhe, Melissa, há uma coisa que você não está entendendo. Você é a mãe de nossa filha…”

“Ah, Michael, pelo amor de Deus! E você é o pai de nos¬sa blá-blá-blá… Não dá para acreditar nas besteiras que às vezes você diz. E olhe…”

Ela parecia prestes a dizer algo mais, porém naquele instan¬te Catriona chorou no quarto e Melissa correu para lá. Quando voltou, ele se encontrava parado na outra extremidade da sala, perto da bagagem.

“Está certo”, ela disse. “Vai se foder. Estou te mandando embora.”

“Não é preciso”, Beard retrucou, pegando a mala e saindo.

Melissa telefonou de manhã, quando ele estava no aero¬porto de Heathrow, para dizer que o amava. Ele pediu descul¬pas pelo fato de a noite haver acabado da forma como acabou, declarando-se culpado. Voltaram a se falar quando ele chegou a Dallas, consolidando as pazes. Agora, pensando naquilo, se sentia dividido. Estava com raiva e enciumado, querendo ter Melissa só para si e desejando enfiar a batuta goela abaixo do tal de Terry. Por outro lado, esse Terry

era a permissão, o passaporte para que se divertisse mais com Darlene. Quanto desse tipo de diversão ainda tinha pela frente? E talvez essa fosse a coisa importante — afinal de contas, desfrutava de uma posição perfeita. Entretanto, ao pensar naquele homem na cama de Melissa, ou lendo um li¬vro de Beatrix Potter para sua filha, entendia que precisava abrir mão de Darlene e voltar para Londres o mais cedo possível. Mas então, e Darlene? Impossível refletir sobre isso quando estava tão cansado, no dia seguinte em Lordsburg tudo se esclareceria.

Caiu no sono ainda vestido, o palmtop na mão.

A Interestadual 10 era mais rápida, porém eles preferiam a pouco movimentada estrada vicinal número 9, que distava alguns quilômetros da fronteira mexicana e, ladeada por colinas, corta¬va a vegetação baixa do deserto de Chihuahua como uma linha reta euclidiana. Era quase meio-dia e a temperatura já chegara a quarenta e quatro graus centígrados, subindo ainda. À frente, a es¬trada de duas pistas se dissolvia numa confusa massa de refrações onde a luz deformada exibia miragens de poças que evaporavam quando vistas mais de perto. Em uma hora só haviam encontrado três veículos, todos eles picapes brancas pertencentes à Patrulha de Fronteira. Quando uma passou, o patrulheiro ergueu a mão numa saudação pouco amistosa. Beard dirigia e Hammer estava curvado sobre o laptop, compondo uma mensagem e murmu¬rando para si próprio: “Bom mesmo que não façam essa merda… assim é melhor… mas eu ainda não… vê se pede desculpa, seu filho da puta…”. Às vezes, oferecia a seu companheiro alguma informação genuína. “O New York Times cancelou… Tínhamos dois jatos para fazer o sobrevôo, mas aquele herói de guerra com uma perna só, o ex-piloto que trabalha na Câmara de Comércio, conhece todo mundo e agora vão ser sete.”

Beard manteve uma velocidade de noventa quilômetros por hora, o cotovelo da mão que segurava o volante confortavelmen¬te apoiado na almofada de sua pança. Nos Estados Unidos era mais fácil manter um ritmo tranquilo sem exigir o motor, quase em silêncio. O país estava habituado a conviver em massa com o automóvel havia mais tempo que qualquer outro. As pessoas ti¬nham se cansado de ver o carro como um instrumento de corri¬da, como o substituto de um pênis ou de um foguete. Paravam nos cruzamentos dos subúrbios e, cortesmente, negociavam com os olhos quem devia ir primeiro. Até mesmo respeitavam o

limi¬te de vinte e cinco quilômetros por hora nas cercanias das es¬colas. Rodando àquela velocidade pouco exigente enquanto as apagadas linhas amarelas corriam por baixo do utilitário, seus pensamentos giravam obsessivamente, inutilmente, em torno do projeto. Ele detinha dezessete patentes com relação aos painéis. Se fossem vendidos dez mil… e a taxa de conversão da água em hidrogênio em condições ideais, como essas… um litro de água contém três vezes a energia de um litro de gasolina. Por isso, num carro menor e com o motor certo, poderiam fazer aquela viagem com dois litros de água, ou seja, três garrafas de vinho cheias… Deviam ter comprado vinho em El Paso, a escolha em Lordsburg era precária…

Seus pensamentos foram se desdobrando como os quilôme¬tros rodados, se sentia feliz e relaxado a despeito da consulta com o médico. Seu senso de liberdade estava em comunhão com o céu sem nuvens, de um azul muito escuro no zênite, e com a vastidão da paisagem. Era o coroamento de oito anos de trabalho. Viajar para Lordsburg constituía o ideal de qualquer inglês ao pensar nos Estados Unidos: a estrada deserta se estreitando no horizonte, os espaços colossais, as possibilidades. Ao longo da estrada, em especial no lado sul, projetando-se do topo das ribanceiras e das pequenas colinas arenosas, havia pilhas de pe¬dras, algumas com um metro e meio de altura, cada pedra equi¬librada sobre a de baixo sugerindo uma vaga forma humanóide. Tinham uma aparência primitiva, antiga, e Beard presumira, ao vê-las pela primeira vez, que fossem relíquias astecas, o equiva¬lente local de menires e dolmens. Mas eram manifestações de triunfo deixadas por imigrantes mexicanos que haviam cruzado a fronteira e caminhado por quilômetros e quilômetros no mato até encontrar seus contatos. À intervalos regulares se erguiam os postos de observação da Patrulha de Fronteira. As picapes dos patrulheiros ocupavam as elevações estratégicas, de onde eles observavam com binóculos a imensidão verde-cinza das terras áridas. Quem poderia culpar os imigrantes? Quem não gostaria de vir para um lugar onde um estrangeiro desejoso de lançar uma revolucionária usina de energia era acolhido com auxílio local generoso e benefícios fiscais, bandas do exército e sobrevoo de aviões da aeronáutica? Não seria tão fácil na Líbia ou no Egito.

Hammer interrompeu o agradável devaneio. “Tem aqui uma mensagem de um advogado de Albuquerque, vem tentando en¬trar em contato contigo. Diz que representa um inglês chamado Braby. Quer falar sobre alguma coisa relativa ao cliente dele.”

“Ele me escreveu na semana passada, quer um encontro”, disse Beard. “Esquece isso, não devo nenhum favor a Braby. Foi ele quem conseguiu me botar para fora do Centro na Inglaterra. Te contei a história.”

Hammer endireitou o corpo e voltou a se recostar. “Estou ficando enjoado de tanto olhar para essa tela.” Falou de olhos fechados. “O advogado se chama Barnard e está voando para cá amanhã. Precisa falar contigo. Tem certeza que não há nada de errado, alguma coisa que eu deva saber?”

“Braby é o tipo de sujeito que te chuta na cara e depois pede um favor. Esquece.”

Hammer manteve os olhos fechados e, como nada falou por um minuto, Beard pensou que ele dormira, até que disse: “Quando um advogado vem de longe para te ver sem ser convi¬dado, viajando por conta do cliente, pode ter certeza que não é coisa boa”.

Beard deixou passar. Discutir o quê? Vinha ignorando Bra¬by havia anos. Que ele tivesse a coragem de pegar o telefone e chamar diretamente. Não era difícil imaginar o assunto. Uma apresentação para o Laboratório Nacional de Golden, acesso a quem pudesse investir no Centro, talvez informações de cocheira sobre a energia solar ou incentivos fiscais. Por que se preocupar?

Passaram por Columbus e, quando surgiram as montanhas Cedar, tiveram mais uma conversa sem definição sobre o plano das limalhas de ferro. Tudo estava no lugar — investidores, o capitão, o navio, uma opção de compra das limalhas. Só faltava um mecanismo de comercialização de créditos de carbono.

“Obama está trabalhando nisso”, disse Hammer. “Podemos pensar em outras coisas, mas, quando chegar a hora, estaremos prontos.”

O painel mostrava uma temperatura externa de quarenta e quatro vírgula quatro graus centígrados, mais quente do que qualquer um dos dois havia experimentado na vida. Beard parou para que pudessem sentir a fornalha. Talvez tivesse sido um erro sair sem chapéu diretamente da cabine refrigerada para um calor tão brutal, ou quem sabe foi o exercício repentino após noventa minutos atrás do volante. Ao pisar na beira da estrada, quando ia dizer algo banal a seu companheiro, se sentiu tonto, perdeu parcialmente a consciência e os joelhos cederam. Teria caído no chão caso não houvesse agarrado a maçaneta da porta. Mesmo assim, cambaleou e quase tropeçou, conseguindo ficar de pé ao bater fortemente com o ombro no carro. O pulso estava dispara¬do quando ele brigou

com a porta de trás em busca do chapéu. Inclinou-se para aproveitar o fresquinho relativo do banco tra¬seiro, tateou até achar o chapéu-panamá e, repousando ali por alguns segundos, começou a se sentir melhor. O episódio todo durara menos de quinze segundos. Hammer, do outro lado do carro, não viu nada.

Os dois homens saíram da estrada, maravilhados. O calor criava uma forma de sinestesia. Era ostensivo, vulgar, os apeque¬nava, pesava sobre suas cabeças, saltava do solo para lhes golpear o rosto. Quem acreditaria que um fóton não tinha massa?

“Aqui está!”, exclamou Beard, imitando um gesto de triun¬fo com o punho erguido para disfarçar o estranho sobressalto e se assegurar, com o som de sua própria voz, de que ainda era o mesmo. “Essa é que é a força!”

“Toda a força para a força!”, Hammer respondeu. “Mas pa¬ra mim já chega.”

Hammer se acomodou atrás do volante, e foi um alívio para Beard sentar a seu lado. Ainda estava abalado demais para diri¬gir. Agora seguiam a quase cento e trinta quilômetros por hora e em menos de trinta minutos haviam passado por Hachita e Playas, cruzando depois o Divisor de Águas Continental abaixo das montanhas Pyramid, no condado de Hidalgo, bem no calca¬nhar da bota do estado. Faltava menos de uma hora para chegar no local da instalação, do outro lado de Lordsburg. Ao se apro¬ximarem, foram ficando agitados e barulhentos, mais parecendo rapazes do campo que vão para uma festa na roça do que sessentões com assustadoras responsabilidades. Cantaram “A rosa amarela do Texas”, a canção mais alegre que conheciam sobre o Novo México. O caminho havia sido longo e árduo, tinham viajado juntos desconfortavelmente, às vezes pavorosamente, no Oriente Médio, e cansativamente no sudoeste dos Estados Unidos. Os trabalhos de natureza diferente no laboratório e no escritório às vezes os haviam separado, mas agora, por fim, estavam prestes a divulgar o segredo que compartilhavam, o antigo segredo das plantas, deslumbrando o mundo com a versão deles da energia barata, limpa e contínua. Para comemorar os velhos tempos, e porque era o cantinho predileto dos dois, dobraram para o sul na encruzilhada de Animas e pararam no poeirento estacionamento do café Panther Tracks, bem ao lado do carro de patrulha do xerife.

Hammer dera um tratamento mitológico a Animas como sendo a mais amigável comunidade rural dos Estados Unidos. No dia em que pusessem calçadas, ele disse, não voltaria mais. O café — o melhor a oeste do Mississippi — era um

galpão de madeira pintado de branco com algumas janelas. Escapando ao calor do começo da tarde, pararam logo após entrar, para permi¬tir que seus olhos se ajustassem. O xerife e outro policial conver¬savam em voz baixa debruçados sobre as canecas de café. Eram os únicos fregueses. No Panther Tracks, a pessoa não pedia o que queria, e sim o que estivesse disponível. Naquele dia eram panquecas com bacon. O café era fraco, no estilo preferido no sul dos Estados Unidos. Enquanto esperavam, Beard examinou o palmtop. Algumas mensagens haviam chegado pela manhã no hotel, porém ainda não as havia aberto. O que lhe chamou a atenção de imediato foi o nome de P. Banner, sua quinta ex-mu¬lher, Patrice, agora casada com um dentista cosmético, Charles, que a adorava quase tanto quanto Beard nove anos antes. Ela havia sido diretora de uma escola por pouco tempo antes de pro¬duzir três bebês em quatro anos. E, enquanto foram casados, sempre lhe dissera que nunca queria ter filhos. Não dele, pelo visto. Interessante, o fato de que Charles era baixo, gordo e ti¬nha ainda menos cabelo que Beard, além de ser dois anos mais velho. Como se os casamentos fossem uma série de rascunhos corrigidos.

Um ano antes dera de cara no Regent’s Park com Patrice e seu filho, um garoto delicado, de cinco anos, com os cabelos encaracolados de uma menina. Ela se mostrou amigável e ele achou que continuava bonita. Sentaram-se num banco e conversaram por quinze minutos. Usando meios tortuosos, conseguiu fazer a única pergunta que tinha na cabeça. Ela era ainda uma esposa infiel? Sim, talvez fosse, deu a entender também tortuo¬samente, porém ele não tinha a menor chance, se era isso que estava pensando.

Caro Michael, caso você ainda não saiba, Rodney saiu da prisão há cinco semanas. Tentou entrar em contato comigo. Está cheio de ideias malucas que nem vou tentar descrever. O advogado de Charles conseguiu obter uma ordem judicial pela qual ele será preso se telefonar, escrever ou chegar a quinhentos metros de nos¬sa casa. Soube agora através de amigos dos amigos que ele foi para os Estados Unidos à sua procura. Talvez queira lhe agradecer pes¬soalmente por ter testemunhado contra ele no julgamento! Seja como for, achei que você precisava ser avisado. As férias de meio do ano começam amanhã e vamos todos para as ilhas Shetland debaixo de chuva. Tudo de bom, Patrice.

Sim, aquele Turnip no hotel Camino Real. Era uma das decências antiquadas da

lei inglesa o fato de que os assassinos bem-comportados só serviam metade de suas penas. Uma busca do nome de Beard na internet levaria facilmente a Lordsburg e ao local do teste. E daí? Malgrado o ar condicionado, ele sentiu o formigamento do suor que se acumulava sobre seu lábio superior e um aperto no peito provocando uma dor na base da gar¬ganta. Chegaram as panquecas, vinte em cada pilha, segundo a simpática senhora, e uma jarra de maple syrup para inundá-las, além de uma montanha de bacon listrado com quinze centíme¬tros de altura e um pote de café marrom-clarinho.

“Nirvana!”, exclamou Hammer batendo palmas, ainda no estado de espírito que acabara de abandonar Beard.

Sempre soubera que aquele momento chegaria, porém se havia acostumado com o mero saber, pensando que havia uma boa chance de Tarpin servir a totalidade da sentença, que o tem-po diluiria tudo, a prisão o enfraqueceria, e que, afinal de con¬tas, ele era obcecado por Patrice, ela é que o havia enterrado no julgamento. Na realidade, o verdadeiro feito de Beard, uma obra-prima de auto-convencimento, foi virtualmente acreditar que Tarpin, por ser violento, por ter sido julgado e condenado, por estar na prisão com outros culpados, havia sido conspurcado por associação e era de fato culpado; não apenas isso, mas sabia disso e estava resignado a aceitar seu destino. Afinal de contas, Beard não matara ninguém, sua história no tribunal fora inatacável, a testemunha do Instituto de Física impecável. Com o correr dos anos, os eventos da manhã em que voltara do Ártico haviam começado a parecer o fruto de um sonho, impossível de ser prova¬dos, inconsequentes. Mas abaixo dessas aparências, como uma camada de rocha impermeável, havia outras premissas — não, certezas — que, devido à sua vida agitada, ele conseguira des¬considerar. Assim como Beard temera que a polícia e Patrice presumissem que ele, o marido ciumento, havia assassinado Aldous, Tarpin inevitavelmente pensaria o mesmo. Quem mais po¬deria ter desejado incriminá-lo com as ferramentas de seu saco? Sendo assim, o que faria ao ser solto um homem violento e in-justamente aprisionado que tivesse todos os dias, durante oito anos, descarregado seu ódio amargo no ginásio da prisão? Não faltavam voos baratos para Dallas.

Enquanto o xerife e seu colega estavam ali, na mesa ao lado, Beard se sentia seguro. Mesmo assim, quando a porta do café foi aberta com um repelão, levou um susto, o aperto no pei¬to aumentou. Era um grupo barulhento de quatro jovens locais, três rapazes e uma moça, pedindo Coca-Cola. A presença dos dois policiais não os acalmou, todos se cumprimentaram como se fossem parentes.

Talvez dois policiais armados não pudessem fazer nada contra Tarpin. Ele podia estar pronto a matar Beard diante de todo mundo e passar o resto da vida numa cela, morbi¬damente contente em ter acertado as contas. Não faltavam armas de mão naquela parte do mundo, tão fáceis de comprar quanto um anzol.

“Está sem fome, Chefe?” Hammer já dera cabo de sua pi¬lha de panquecas. “Notícias ruins de casa?”

“Não, não”, Beard respondeu automaticamente, embora, ao dizer isso, tenha visto abaixo do nome de Patrice uma mensagem urgente de Melissa. “Só uma coisa que preciso acertar. Mas não estou com fome. Está quente demais. Pega as minhas.”

Empurrou o prato e Toby atacou sua vigésima primeira panqueca enquanto Beard, após hesitar por meio minuto, abriu a mensagem de Melissa. Achou que devia lê-la antes de ser morto.

“Michael, telefone para mim, por favor. Preciso conversar com você sobre a outra noite.”

A outra noite? O que é que ela queria dizer com isso? Então se lembrou de Terry, o amante sinfônico. Ela havia mandado

Terry embora, ou ia casar com ele. Beard não conseguiu decidir, naquela hora, o que seria preferível. Se fosse a segunda opção, se esconderia no trailer de Darlene. Tarpin não seria páreo para ela ou mataria os dois. Não estava com a cabeça no lugar, não tinha condições de se engajar numa troca sobre assuntos sentimentais com Melissa. Nunca teria. Verificou rapidamente os nomes sob as outras vinte e sete mensagens — com exceção de uma, todas as demais relativas ao trabalho, a maioria no terreno puro e so¬berbo da fotossíntese artificial. Abriu a de Darlene.

“Vem logo! Tenho um troço pra te dizer!!!”

Ele não merecia essas distrações. Estava sendo cercado por mulheres, um advogado de Albuquerque, um criminoso do nor¬te de Londres, pelas células inquietas de seu próprio corpo, to¬dos participando de uma conspiração para impedir que ele desse seu presente ao mundo. Nada disso era culpa de Beard. Mui¬ta gente havia dito que ele era brilhante, e com razão, era um homem brilhante tentando fazer o bem. A autocomiseração o tranquilizou um pouco. Ele

e Toby deveriam se encontrar com os engenheiros para uma última inspeção do local naquela tar¬de. Depois, Beard faria um discurso para toda a equipe reunida. Hora de retomarem a estrada. Mas seguir para Lordsburg signi¬ficava ir na direção de Tarpin. Enojou-o a visão das panquecas de Hammer ou, antes, a visão de Hammer comendo tantas delas encharcadas de maple syrup, encimadas por tiras parcialmente queimadas de carne e gordura de porco. Balbuciando uma des¬culpa, atravessou o café rumo ao banheiro masculino, acreditan¬do que seria capaz de pensar com maior clareza se conseguisse vomitar. Como um garçom solícito, ficou esperando, ligeiramente encurvado sobre a privada de porcelana. Que brilhava de tão limpa, quando um pouco de sujeira, o arabesco cor de chocolate das fezes de outro homem, poderia ajudá-lo a esvaziar o estômago. Mas nada veio. Endireitou o corpo e secou a testa com papel higiênico. Que fazer, então? Ou sua vida corria ris¬co ou ele era um covarde histérico. Considerou o fato básico: Tarpin estava em seu encalço. Que coisa boa poderia resultar disso? Naquele exato instante ele podia estar sentado na beira da cama de um quarto de motel na rua principal de Lordsburg, lu¬brificando sua arma. Sem dúvida estava bem motivado. Porque psicologicamente, logisticamente e até financeiramente não era fácil para um ex-prisioneiro voar por aí. Teria de mentir sobre seus antecedentes criminais no formulário de dispensa de visto para os Estados Unidos. Mas ninguém saberia. Assim, era idio¬tice não ficar em pânico. A coisa inteligente seria sair de cena, alegar modéstia e deixar que Toby conduzisse a cerimônia de inauguração, voar para São Paulo, por exemplo, onde uma mu¬lher que ele conhecia, Sylvia, uma boa física, ficaria mais do que feliz em recebê-lo. Puxou a descarga e lavou as mãos devagar, tentando tomar uma decisão antes de voltar à mesa. Sim, muito bem, São Paulo, porém não falava português. Não podia ficar lá para sempre. Sentiria falta de Darlene. E então?

Hammer estava de pé para pagar a conta. Num prato lambuzado, restavam quatro panquecas, uma tira de bacon dividi¬da em duas partes de tamanho desigual e um palito. A jarra de maple syrup estava vazia. Era um milagre que ele fosse magro. “Somos esperados em quarenta minutos e são mais de setenta quilômetros”, disse Hammer. “Vamos embora!”

Beard não podia pensar em nada para dizer e, por isso, se¬guiu taciturno o amigo até o estacionamento sob a luz ofuscante do sol.

Rumaram para o norte através da planície coberta de vegetação rasteira na direção da estrada interestadual, ambos em si¬lêncio, embora Hammer, ao volante, assoviasse notas aleatórias, como se executasse alguma música atonal de vanguarda. Beard em geral era capaz de evitar os pensamentos inconvenientes ou perturbadores, porém agora, como estava desanimado, começou a remoer os problemas de saúde, contemplando no pulso a man¬cha marrom avermelhada, o mapa de um território desconhe¬cido. A biópsia chegara. O dr. Eugene Parks havia confirmado pela manhã se tratar de um melanoma que se aprofundara no tecido circundante meio milímetro a mais do que ele gostaria. Indicou um especialista em Dallas que poderia removê-lo no dia seguinte, iniciando a radioterapia. Mas Beard queria estar em Lordsburg para a inauguração e disse a Parks que voltaria dali a um mês, tão logo estivesse livre. Parks, no seu jeitão simpáti¬co, mas neutro, disse que ele estava sendo irracional. Não havia tempo a perder, próximo ao ponto sem retorno, possibilidade de metástase.

“Não tente negar a realidade”, afirmara o dr. Parks, parecen¬do se referir às conversas que haviam tido anteriormente sobre as mudanças climáticas. “Isso não vai desaparecer só porque você quer que desapareça ou porque não quer pensar no assunto.”

E as más notícias não acabavam aí, conquanto o resto fosse bastante familiar. Beard havia desnudado o peito e agora, ressen¬tido, abotoava a camisa. O consultório ficava no décimo nono andar de um prédio no centro de El Paso — no mesmo andar, Beard se lembrou, em que sua mãe havia morrido. Parks, cuja família vinha de St. Kitts, tinha um hálito com cheiro de menta e o rosto de um preto prateado, como se feito de couro anti¬go, irradiando sabedoria. A cabeça se projetava para a frente dos ombros, como a de uma tartaruga, e balançava bondosamente enquanto Beard falava. Ele tinha a mesma idade de Beard, era alguns centímetros mais alto, e se mantinha em forma nadando todos os dias úteis pela manhã, entre seis e sete, antes de ver o primeiro paciente. Beard não podia se imaginar molhado, ou até mesmo desperto, àquela hora, sabendo que jamais teria condi¬ções de competir em tal terreno, que nunca pagaria o preço de tamanho desconforto e inconveniência para baixar seu índice de massa corporal.

Na verdade, o médico não fez sermão ou deu lição de mo¬ral, mas compensou isso com uma franqueza imparcial e insultuosa. A cada instância, a cada iminente catástrofe física, a sábia cabeça de tartaruga se projetava um pouco mais para a frente e ele batia levemente com um lápis na palma da mão. Ninguém, ele disse, nem mesmo Beard, gostaria de andar por aí com um corpo

como o dele. Estava carregando trinta quilos a mais, o equivalente ao equipamento de combate de um soldado de in¬fantaria. Seus joelhos e tornozelos estavam inchados por causa do peso, a artrite degenerativa era uma possibilidade crescente, o fígado estava aumentado, a pressão sanguínea outra vez em alta gerando um risco cada vez maior de infarto. O colesterol ruim estava elevado até mesmo pelos padrões ingleses. Ele claramen¬te experimentava dificuldades respiratórias, tendo boas chances de vir a sofrer de diabetes, câncer da próstata, câncer do rim e trombose. Sua única sorte — sorte, Beard notou, e não virtude — era não ser viciado em cigarros, pois de outro modo já estaria morto.

A cabeça e os ombros do médico eram emoldurados por uma larga janela que dava para o sul, um retângulo resplandecente de céu esbranquiçado e coberto por uma fina névoa, sugerindo um calor matinal opressivo. Vez por outra, um avião deslizava ao longo da janela, fazendo a volta em torno da cidade para descer no lado leste. Do outro lado do rio ficava Juarez, no momento a capital mundial em matéria de assassinatos devido à guerra entre as gangues de narcotraficantes, que também vitimava soldados, juízes, policiais e funcionários da prefeitura. Agora, os cartéis do México estavam contratando jovens texanos desempregados para cometer os assassinatos. Sem dúvida a vida seguiria sem Michael Beard. Ao ouvir Parks enumerar seus futuros possíveis, decidiu não mencionar a aquisição recente de um sintoma clássico, a sensação ocasional de aperto no peito. Só o faria parecer ainda mais idiota e condenado. Nem podia admitir sua incapacidade de comer e beber menos, assim como o fato de que o exercício era uma fantasia. Não era capaz de ordenar a seu corpo que fi¬zesse aquilo, faltava-lhe a força de vontade. Melhor morrer do que começar a fazer jogging ou rebolar ao som de música funk num hall de igreja com outros babacas trajando roupas de ginástica.

Quando Beard fez a vaga promessa de voltar dali a um mês, o dr. Parks tentou amarrá-lo a datas definitivas. Podia escolher entre terça 23 ou quinta 25. Beard hesitou e Parks insistiu, como se através de seu próprio fluxo sanguíneo é que fluiriam as cé¬lulas de câncer liberadas, buscando um novo lugar, um nódulo linfático próximo para se instalar. Beard escolheu a data mais remota, sabendo que poderia telefonar para a secretária de Park e desmarcar sem se sentir culpado.

Quando Hammer cessou o pavoroso assovio e diminuiu a velocidade para atravessar o minúsculo povoado chamado Cotton City, o santuário de uma

obscura clínica em Dallas pareceu mais atraente. Porém Beard sabia não ter forças para escapar. As providências para o dia seguinte tinham adquirido um impulso próprio que ele não seria capaz de interromper, não quando ansiava tanto por um triunfo público, por aquela hora no começo da noite em que a pequena Lordsburg, com seus bares enfeitados de neon onde se vendiam hambúrgueres e seus incansáveis aparelhos de ar-condicionado, se tornaria nominalmente neu-tra em carbono — e a civilização americana, que representava as aspirações do mundo todo, poderia continuar à sua maneira sem a inconveniência do aquecimento excessivo. A viagem de oito anos — desde a lenta decifração do dossiê de Aldous até o trabalho de laboratório, os refinamentos, os avanços notáveis, os desenhos e os testes de campo — precisava ser concluída. O reconhecimento geral era o último estágio. Tarpin podia fazer o que bem quisesse.

Beard girou o botão do rádio para ouvir as notícias da hora, e lá estava a dinâmica entrevista de uma das integrantes da equi¬pe de relações públicas de Hammer explicando que a luz do sol e a água iluminariam primeiro Lordsburg e, algum dia, todo o planeta.

Hammer soltou um grito de alegria. “Beleza! Treinei essa garota direitinho!”

Ele e Beard nunca haviam admitido, nem mesmo numa conversa a dois, que a rigor não forneceriam eletricidade para Lordsburg. Venderiam a uma empresa de energia os quilowatts-hora que correspondiam aproximadamente ao consumo mé¬dio da cidade em um ano. Os elétrons da usina revolucionária estariam misturados anonimamente aos de outras origens.

“Estaremos todos lá”, disse o locutor. “Na estrada 90, cinco quilômetros a leste da 70. Junte-se a nós às seis da tarde de ama-nhã, contagem regressiva para a hora de apertar o interruptor, quando então Lordsburg apontará o caminho para o mundo!”

Logo seguiam para leste pela interestadual, circundando a cidade e rumando para o norte, a fim de virar à direita alguns quilômetros depois na direção de Silver City. Em minutos che¬garam a uma pequena elevação que lhes oferecia uma vista ampla do local da instalação. Beard o havia visto muitas vezes nos últimos meses, com tudo nos devidos lugares e ensaios que corriam sem problemas após alguns fracassos iniciais. Mas ainda agora, naquela tarde, foi invadido por uma ondinha de orgulho. Sentindo o clima, Hammer reduziu a velocidade.

“E aí, irmão?”, ele disse, ocultando sua forte emoção atrás de uma pavorosa tentativa de usar a pronúncia da classe baixa de Londres. “Dá um friozinho na barriga, né?”

Os vinte e três grandes painéis inclinados refletiam o sol fe¬roz com um brilho embaçado. Eram alimentados por uma mas¬sa complexa de dutos e válvulas. Atrás deles, viam-se os tanques de armazenamento de oxigênio e hidrogênio comprimidos, ao lado dos galpões feitos com blocos de concreto onde ficavam o gerador de células eletroquímicas e os catalisadores. Linhas de transmissão sustentadas por novos postes conduziam à mais pró¬xima das antigas torres de madeira que ainda se mantinham de pé e marchavam pela imensidão daquele quase deserto. Do ou¬tro lado dos tanques, uma estação de bombeamento havia sido construída em cima da fonte de água profunda, levantando-se atrás dela o elegante prédio de tijolos que abrigava os computa¬dores.

O que havia de novo eram as centenas de pessoas — operários, vendedores e técnicos de som — movimentando-se com ares de quem tinha importante tarefa a cumprir, além das mui¬tas centenas de bandeiras americanas plantadas em mastros em volta dos painéis onde deveria existir uma cerca de segurança. Novos também eram os panos de feitio triangular ao longo do teto da gigantesca tenda azul-clara, descendo pelos cabos de sus¬tentação em volta do palco, ladeando a área de dois mil metros quadrados onde marcharia a banda militar e suspensos em cas¬catas artísticas sobre as arquibancadas reservadas para as autoridades locais. Outros panos com as cores da bandeira enfeitavam a avenida formada pelas barracas de fast-food e refrigerantes, a avenida ainda mais larga com os banheiros portáteis que a cruza¬vam, e o perímetro do estacionamento, onde já se encontravam ao menos cem veículos em vez dos dez ou doze usuais, mas com espaço para receber outros mil. Nem uma única bandei¬ra do Reino Unido, Beard verificou com pesar, para honrá-lo, o inventor e principal propulsor do projeto. Mas não disse nada, expulsando o pensamento da cabeça.

Para um lado, em outro espaço cuja vegetação fora retirada mas que não estava enfeitado com bandeiras, se agrupavam os caminhões e discos de satélite das estações de televisão. Algumas centenas de metros mais além, no meio do mato e sobre um morrote paralelo à estrada, se erguia o letreiro “Lordsburg!”, com as letras de neon ainda apagadas, calcado no famoso símbo¬lo de Hollywood. Todos os caracteres já haviam sido postos de pé com exceção do ponto de exclamação, e naquele justo momento o sinal de quase dez metros de altura era alçado com a ajuda de cordas manipuladas por homens de capacete.

Ao saírem da estrada para entrar num caminho de terra, passando sob um proscênio coberto com mais bandeiras americanas, um aroma de fritura, resfriado pelo ar-condicionado do carro, tomou conta da cabine e fez cócegas no nariz dos dois.

“Toby, você é um gênio!”, disse Beard.

Hammer concordou com um gesto de cabeça severo. “Gos¬to de juntar coisas e pessoas. Mas, Michael, essa é a sua invenção. O gênio é você.”

Sentindo-se sereno, Beard balançou a cabeça em retribui¬ção. Assim é que uma amizade devia ser.

Quando eles estacionaram, homens de camiseta e boné de beisebol, alguns segurando pranchetas, correram em sua direção em meio a uma nuvem de pó. Era a equipe de Hammer, ou parte dela, incluindo engenheiros, especialistas em hidráulica e técnicos em computação. Beard fizera o trabalho teórico, além de planejar e supervisionar as experiências de laboratório, mas o resto, o aumento de escala, os desenhos, o projeto de produção em massa, o layout da usina e sua construção, os dutos e válvu¬las, assim como sua representação nos programas de computador, nada disso era còm ele. Conhecia os princípios, detinha as patentes, porém não seria capaz de descrever em detalhe a instalação. Ali, na planície semidesértica, era uma figura eminen¬te, quase uma lenda, e todos o tratavam com o devido respeito, com a intimidade cortês em que os americanos são craques, mas ninguém precisava que ele fosse dar uma olhada numa vala ou resolver conflitos entre esferas de responsabilidade. O Laborató¬rio Nacional de Energia Renovável em Golden, Colorado, havia examinado o protótipo e confirmado que o processo inventado por Beard funcionava com alto grau de eficiência. O resto cabia àquele punhado de homens práticos que esperavam por Toby Hammer, ele próprio incapaz de entender as tecnicalidades e os princípios básicos, mas com o dom de atentar para os detalhes e coordenar o trabalho de muita gente.

Por isso, após descerem do carro e serem envolvidos num turbilhão de apertos de mão e tapinhas nas costas, Beard se pre¬parou para escapulir. O ar tórrido amplificava a atração do aroma de carnes grelhadas na lenha que, vindo das barracas de comida, atravessava o estacionamento. A notícia sobre Tarpin arruinara a parada no café, mas sua concentração continuaria afetada até que ele descesse aquela avenida aberta instantaneamente no de¬serto e tomasse uma

decisão bem sopesada. Toby, que mantinha uma caminhonete no local, lhe passou a chave enquanto seguia com seu grupo para onde ficavam os painéis.

Após menos de cinco minutos de reflexão, Beard estava sentado sozinho diante de uma mesa de armar sob uma sombra pro¬funda, tendo na sua frente um prato de papel cheio de costelas de boi, no estilo texano, com três gigantescos pepinos em con¬serva, uma montanha de salada de batatas e um balde de papel encerado com chope até a borda. Segundo os padrões normais de produção de energia, a Usina de Fotossíntese Artificial de Lordsburg, chamada de UFAL pelos engenheiros, era insignificante, um mero brinquedo, talvez nem mesmo uma usina-piloto. No en¬tanto, lá sentado, com a fumaça azul de frango grelhado vinda da barraca ao lado deslizando diante de seus olhos, com o country rock jorrando dos alto-falantes montados em postes e com os cozinheiros gritando alegremente uns para os outros que vinte e quatro homens famintos da equipe que montou o letreiro “Lordsburg!” se dirigiam para lá em busca de filés de alcatra, Beard se sentiu no centro do mundo. Como era delicioso, e não apenas pela comida, estar ali, confortavelmente ignorado, num canto obscuro do interior dos Estados Unidos, sabendo que a barulheira, a construção, a mídia digital e, em breve, aviões a jato e bandas marciais, a iminente revolução industrial, tudo isso devia sua existência naquele local, em meio às palmeiras e ao capim ressecado, àquilo que ele concebera oito anos antes, deitado no sofá imundo de um apartamento de porão a oito mil quilômetros de distância.

Seus dentes haviam se fechado sobre o quarto pedaço de carne suculenta quando aconteceu algo que não ocorria desde seus dias de escola e que, mesmo então, ele considerava intensamente irritante. Sentiu uma presença às suas costas e, antes de poder se voltar, um par de mãos quentes lhe tapou os olhos e prendeu a cabeça tão firmemente que ele não pôde movimentá-la, enquan¬to uma voz murmurava em seu ouvido: “Adivinha quem é”.

Como um dedo da mão esquerda apertava desagradavelmente o hemisfério norte de seu globo ocular, Beard não ousou se debater. A língua estava pesada de carne, que, com o choque da surpresa, ele não era capaz de engolir. No entanto, conseguiu dizer indistintamente: “Tarpin?”.

“Ela é a tua namorada chinesa?” Ouviu a risada alegre ao ser liberado.

Darlene, obviamente — e sua irritação evaporou enquanto lutava para se pôr de pé, mastigando depressa a fim de esvaziar a boca. Abraçou-a. Quem poderia

deixar de amar Darlene? Nasci¬da em Nebraska, era uma mulher de boa índole e peso excessivo que trabalhara como garçonete a vida toda, se casara três vezes, tinha quatro filhos adultos (que pareciam adorá-la ou precisar dela, pois telefonavam constantemente), descobrira o Novo Mé¬xico doze anos antes e mudara seu nome para Janet. Falava es¬panhol fluentemente após viver seis anos com um motorista de caminhão latino, num trailer nos confins do sul da cidade, antes de botá-lo para correr.

E agora estava apaixonada por Michael Beard. No primeiro encontro sexual, disse que ele era seu primeiro homem mais ve¬lho do que ela. Mas, logo depois, se corrigindo, seu primeiro homem muito mais velho do que ela. Beard não gostou de pen-sar que as opções de Darlene, assim como as suas, estivessem se estreitando. Afinal, ele era uma espécie de herói local, festejado pela Câmara de Comércio na rua I Leste por trazer empregos para a cidade. Não era qualquer um. E ela, naturalmente, se encaixava nas velhas fantasias de Beard sobre a associação com pessoas de nível social mais baixo. Naquela forma despreocupa¬da com que os americanos definem suas origens, ela mastigava chicletes de boca aberta, sem parar, o dia inteiro, até mesmo en¬quanto falava, só parando para beijá-lo. Nunca lia livros, jornais e nem mesmo revistas, nunca frequentara uma igreja, odiava co¬midas saudáveis tanto quanto Beard e, quando regava seu prato com ketchup, gostava de evocar a famosa afirmação de Ronald Reagan de que se tratava de um legume. Desapontava-o o fato de que ela não tivesse uma religião. Fugia ao tipo. Mas Darlene era convicta. Não era nem mesmo atéia, costumava dizer, pois não se dava ao trabalho de negar a existência de Deus. A coisa simplesmente “não se colocava”.

Conheceram-se quando Beard, com muitas horas para matar antes de uma reunião, saiu de carro de Lordsburg certa tarde e tomou uma estradinha que levava à cidade fantasma de Shakes¬peare; lá, ligeiramente enfadado, afligido no calor primaveril por vagas expectativas sexuais, caminhou sem pressa pela rua prin¬cipal, passando pelo velho saloon e pelo velho empório até che¬gar no velho hotel Stratford (onde Billy the Kid outrora lavara pratos). Ao sair, deu com Darlene no estacionamento. Ela fora até lá a hm de amparar sua amiga Nicky, que estava atrás de um emprego como guia turística e acabara de ser informada de que era muito ignorante e insegura para se qualificar para o cargo. Chorava nos braços de Darlene quando Beard, com ânimo pre¬datório, cruzou o estacionamento e perguntou polidamente se podia ajudar. Darlene explicou a cruel rejeição enquanto Nicky tentava entrar na conversa. Era uma mulher esquelética, sarden¬ta, de cabelos tosados, que acendia um cigarro no outro e

tentava tragar até mesmo enquanto chorava. Beard pensou que jamais a contrataria para fazer nada. Mas aquela era sua terceira tentativa fracassada em três dias na luta por um emprego e, por isso, foram para o trailer de Darlene tomar uísque e cerveja durante a tarde inteira a título de consolação. Nicky ofereceu cocaína e maco¬nha, recusadas por ele e Darlene. Buscando se engraçar com Darlene, Beard prometeu encontrar alguma coisa para Nicky na usina (o que fez, embora Hammer a tenha posto para fora após dois dias no trabalho). Depois que ela saiu para ver os filhos, Beard e Darlene fizeram amor no quarto forrado de compensados de carvalho.

Ele a via sempre que voltava a Lordsburg. Havia um bar na rua 4 do qual ambos gostavam e às vezes faziam a festa em seu quarto no Holiday Inn, mas quase sempre se divertiam no trailer que ela mantinha bem-arrumado. Havia um quintalzinho nos fundos com dois limoeiros de que ela cuidava como se fossem seus filhos, suficientemente grandes para lançar alguma sombra no final da tarde sobre um casal que se preparava para beber. Após uns dois uísques — gosto que compartilhavam —, ela ria muito e muito alto, e após três ou quatro gostava de entrar e aproveitar o fresco pulsar e chocalhar do ar-condicionado a fim de fazer amor. Para Beard, a relação com Darlene representou um inesperado renascimento sexual, com um agudo prazer sen¬sorial bem parecido ao quase inverso da agonia de que ele se recordava dos seus vinte anos. Toda uma vida transcorrera desde que gritara involuntariamente como um louco no momento do orgasmo. Jamais teria acreditado que poderia alcançar esses limi¬tes de sensação com uma mulher de cinquenta e um anos cujo corpo era tão flácido, cansado e inflado, tão rabiscado por veias varicosas, quanto o dele. Presumia que essa podia muito bem ser sua última chance de atingir tal êxtase, por isso gostava tanto dela. Assim como levava presentes dos aeroportos de El Paso ou Dallas para Melissa e Catriona, trazia na direção contrária pre¬sentes de Heathrow para Darlene. Em outra cidade, em outro país, ela poderia ser considerada uma alcoólatra barulhenta. Em Lordsburg era popular e útil, tendo Beard aprendido a respeitar a cidade através dela. Além de trabalhar à noite como garçonete no restaurante Lulu, servia como voluntária numa escola pri¬mária, arrumando as salas de aula e limpando joelhos esfolados. Todo ano, durante duas semanas executava as tarefas mais su¬balternas num campo de férias de verão para crianças autistas nas colinas Gila. Só raramente, no máximo duas ou três vezes por ano, era encontrada inconsciente no chão, à noite, por um vizinho ou patrulheiro e levada para o trailer.

A rigor, Beard não mentiu sobre sua vida na Inglaterra, porém não contou tudo.

Ela sabia das cinco mulheres, soltara gargalhadas por causa do pútrido apartamento de Dorset Square, que prometeu organizar e limpar se ele lhe desse uma chance. Mas ele se eximiu de falar sobre a companheira e a filha em Primrose Hill. Darlene queria ir com ele para a Inglaterra, e Beard não desejava aumentar o interesse dela pela idéia dizendo que não, ou complicar sua vida dizendo que sim. Por isso, apelava para promessas vagas. Passados dezoito meses, as coisas tomaram o curso normal. As arestas mais agudas de prazer e novidade foram aparadas, embora lentamente e só um pouco, com mui¬tos retrocessos restauradores. Ao mesmo tempo, os pensamentos de Darlene se voltaram com maior frequência para o futuro, o futuro dos dois juntos, assunto complicado porque chegaria a hora em que a usina estaria funcionando e ele não mais preci¬saria visitar Lordsburg, instalando-se em algum outro lugar do sudoeste, espalhando limalhas de ferro no oceano ao norte do arquipélago das Galápagos ou explorando suas patentes em todo o mundo. No entanto, se essa divergência de sentimentos constituía um problema, a inclinação de Beard era não fazer nada. Na doce intimidade que os unia, no calor e nas sombras bem defi¬nidas do Novo México, aquela divergência podia ser facilmente engavetada. O passado lhe mostrara muitas vezes que o futuro seria sua própria solução.

Por isso, foi uma delícia vê-la agora e ir buscar uma por¬ção tripla de costelas, salada de batatas, ketchup e um balde de chope do tamanho do seu, sentando-se ao lado dela em meio ao bruaá sentimental da música country, com os lamentos vertigi-nosos das guitarras de pedal, para ouvi-la contar as novidades e escutar as dele. Ficaram pertinho um do outro e, se mantendo bem distante de seus domínios particulares, Beard relatou as úl¬timas do velho e diminuto reino de além-mar, onde, de acordo com o mais recente escândalo, os pobres cidadãos haviam es¬vaziado os bolsos pagando impostos a fim de que a classe go¬vernante pudesse limpar os fossos dos castelos, construir quartos de empregados, comprar máquinas para passar calças, e alugar filmes pornográficos. Desde então, nas ruelas enevoadas e cal¬çadas de paralelepípedos das cidades pestilentas e nas aldeias fétidas de casebres com telhados de colmo, ouviam-se sombrios resmungos de revolta. Darlene, por sua vez, comentou a volta de Nicky ao AA, onde descobriu Jesus pela quarta vez, motivo pelo qual não tomava drogas e álcool havia vinte e dois dias (conquanto não parasse de fumar) e mantinha o emprego na farmácia (em¬bora por um fio).

Quando acabou de comer, Darlene pousou um braço pe¬sado nos ombros de Beard e lhe beijou no rosto. “Mas, querido, a notícia principal é você. Lordsburg

apareceu na NBC ontem de noite e a CNN estava hlmando ontem na Main Street, ali no posto da Exxon, e todo mundo só fala na inauguração amanhã. Estou tão orgulhosa de você!”

Ela o olhava fixamente com uma expressão que ele ainda não vira, uma manifestação de possessividade maternal, satisfei¬ta consigo própria, que o deixou algo preocupado. Mas não queria que o momento, e o momento maior que o continha, fosse comprometido de forma nenhuma. Por isso, a beijou e tomaram outra cerveja, pedindo ainda um sorvete de menta com calda quente de chocolate. Depois ficaram de pé, se beijaram de novo e se abraçaram. Beard lhe disse que a veria dali a uma hora. Ti¬nha um dever a cumprir.

Atravessou o local apinhado de gente até o posto de contro¬le, onde toda a equipe estava esperando, agrupada em torno dos equipamentos, para ouvi-lo fazer o discurso de agradecimento que compusera mentalmente no avião vindo de Londres. Hammer plantou-se solenemente a seu lado, braços cruzados como um segurança de boate. De fora, veio o som de cornetas e flau¬tim, a batida de um tambor. A banda de música, ou parte dela, havia chegado para ensaiar.

Nos tons brandos das exortações públicas, Beard começou dizendo que a equipe realizara maravilhas ao trazer o qúe era de início apenas um sonho, depois uma série de cálculos frenéticos, mais tarde um trabalho de exploração mediante testes de laboratório e conjuntos de desenhos, ao estágio atual, àque¬le feito de engenharia no meio do deserto. O que eles haviam construído não existia em nenhum lugar do mundo, exceto por algumas experiências nos poucos laboratórios que competiam com eles naquela área de pesquisa. Mas o processo de desco¬berta e desenvolvimento ia muito além daquele projeto indivi¬dual, por mais magnífico que fosse. A água fora pela primeira vez dividida em hidrogênio e oxigênio em 1789, os princípios da célula eletroquímica discutidos pela primeira vez em 1839. Inumeráveis biólogos e físicos haviam se dedicado à continuada elucidação da fotossíntese. O efeito fotovoltaico de Einstein e a mecânica quântica haviam desempenhado um papel de relevo, assim como a química, a ciência de novos materiais e a síntese da proteína, porque, de fato, quase todos os domínios da ciência tinham contribuído de algum modo para o triunfo que estavam prestes a alcançar. E havia uma consideração ainda mais im¬portante. Todos ali sabiam que, no esquema geral das coisas, ao longo de bilhões de anos a captura e conversão da luz e a divisão da água por organismos que se auto-organizam haviam gerado o oxigênio atmosférico e servido como motor da evolução. Isso tinha sido a inspiração deles, o processo que estavam

tentando reproduzir.

Beard encheu os pulmões, os esvaziou com um suspiro ruidoso e exibiu as palmas das mãos num gesto de abjeta modéstia.

“É por isso que não reivindico nada para mim. Como New¬ton, me apoiei nos ombros de gigantes, centenas deles, e copiei sem pejo a natureza. Por sorte, minha Conflação me ajudou a ver o que outros não eram capazes de ver, embora as portas já estivessem abertas de par em par. E o que vi foi que o elemento mais comum no mundo, o hidrogênio, podia ser produzido efi¬cientemente, com custo baixo e em grandes volumes, median¬te a imitação da fotossíntese de uma forma especial, e que isso poderia fornecer energia para nossa civilização assim como esse belo processo vem garantindo a vida na Terra na condição de principal insumo biológico de energia. Desse modo, teremos ago¬ra energia limpa, sempre renovada, e poderemos começar a nos afastar do precipício da autodestruição que é o aquecimento glo¬bal causado pelos próprios seres humanos. Alguns já disseram que meu papel foi vital, que nada disso teria acontecido sem mim. Muito bem, quem sabe? Tudo que digo é que tive a sorte de desenvolver certas idéias, de estar no lugar certo no momento his¬tórico certo, quando a necessidade se tornava premente. Minha contribuição foi simplesmente inevitável. O importante é que somos uma equipe e a contribuição de cada um foi crucial, cada qual de vocês representou um elo vital. E, na verdade, foi um imenso privilégio trabalhar com vocês e aprender a respeitar a perícia de cada um. E vocês devem saber que devo tudo, que nós devemos tudo, ao nosso grande amigo aqui presente, o dínamo humano Toby Hammer!”

Ao som de aplausos e vivas, Beard agarrou o pulso de Toby, arranhando a pele do americano ao dar o bote, e o ergueu no melhor estilo dos ringues de boxe.

Sem sorrir, Hammer baixou a cabeça em resposta aos redobrados vivas. Apesar dos gritos de “discurso, discurso”, se negou a falar, apertando os lábios, e as pessoas começaram a ir embora.

Quando só restavam uns poucos, aparentemente desejosos de conversar com Beard, Toby balançou a cabeça e, em silên-cio, lhes indicou a porta de saída. Após um momento de hesi¬tação, foram saindo em fila indiana e os dois amigos ficaram a sós. Beard sentou-se diante de um dos aparelhos e contemplou a tela que mostrava três grálicos com curvas descendentes. Não ti-nham nenhuma identificação, porém Beard achou que exibiam a regulação dos catalisadores.

“Que que há, Toby?”

“Não tenho certeza ainda.”

“Continua preocupado com o excesso de calor? Estão perto do recorde hoje em Orogrande.”

Hammer não sorriu. Encostado à parede perto da porta, as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos, olhava por cima da cabe¬ça de Beard. “Esse tal de Barnard telefonou”, disse por fim. “O advogado de Albuquerque, que representa Braby e o Centro na Inglaterra. Está vindo para cá agora. Falei que não o veria a me¬nos que me explicasse o que está querendo. E ele explicou.”

Toby limpou a garganta ruidosamente e, se afastando da porta, veio se postar ao lado de Beard. Pôs a mão no ombro do inglês.

“Michael, há alguma coisa neste projeto que eu deveria sa¬ber e não sei?”

“Claro que não. Por quê?”

“Eles estão entrando com uma ação para tirar as patentes de você.

“Braby?”

“Isso aí”.

Durante vários segundos Beard ficou curvado sobre o monitor, franzindo a testa enquanto regressava a seu cinzento passado na Inglaterra. Trouxe à mente os postes de concreto, o cheiro vindo da cervejaria junto à estrada, a lama entre as acomodações temporárias, as mesas precárias onde se empilhavam sonhos ab¬surdos. Era como se estivesse relembrando uma existência antes de nascer, antes que os dinossauros fossem dominantes, quando o nevoeiro cobria os pântanos primevos. E, agora que essa névoa começava a se levantar, ele podia ver. Como havia sido incapaz de predizer aquilo? Era assim que Braby iria se introduzir no cenário revitalizado da energia renovável nos Estados Unidos, não implorando por conselhos ou apresentações, mas se valendo de uma custosa disputa judicial. Era um tratamento ameaçador, uma tentativa de assalto. Ele devia ter a esperança de chegar a um acordo fora dos tribunais e ficar com uma parcela dos futu¬ros projetos. Sem nenhuma base concreta.

Beard se levantou de repente, dinamizado e aliviado. Ignorando um ataque de vertigem, deu um tapinha no peito de Hammer, como se tentasse consertar a máquina defeituosa dos pen¬samentos de seu amigo.

“Escute, Toby. Já enfrentei esse tipo de manobra em instituições e com respeito às patentes. Braby acha, ou finge que acha, que desenvolvi o trabalho sobre a fotossíntese enquanto estava no Centro, e que os direitos de exploração comercial pertencem a eles. Mas só comecei depois de me instalar no Imperial College e, nessa época, Braby conseguiu que me botassem para fora. De todo modo, segundo o contrato, eu tinha liberdade de explo¬rar minhas idéias. Quer dizer, só ia lá um dia por semana. Tenho cópia do contrato em casa. Vou te mostrar.”

“Isso pode nos obrigar a ir mais devagar”, Hammer murmu¬rou lugubremente, sem estar ainda convencido.

“Quando eles virem as datas, minha expulsão, meu contra¬to”, disse Beard, “vão dar para trás. Vamos revidar com uma ação por calúnia, difamação, sei lá. O Centro tem ainda menos dinheiro do que nós. Perderam tudo numa ridícula turbina eólica que estavam desenvolvendo. Foi um tremendo escândalo públi¬co. O troço se mantém por um fio.”

Beard notou que seu amigo começava a ficar mais calmo. A pobreza do litigante hostil era um refresco.

“Michael, me prometa que não há recifes ocultos, nenhu¬ma surpresa, nada que você esteja escondendo.”

“Prometo. Braby é um sacana oportunista. Vamos lhe dar um chute na bunda que ele vai parar do outro lado do rio Grande.”

“Barnard chega aqui em quinze minutos.”

Beard franziu a testa ostensivamente ao olhar para o reló¬gio. Queria ter um tempinho com Darlene. Só depois estaria em condições de encarar o advogado.

“Tenho um encontro na cidade. Mas ele pode ir me ver de noite no Holiday Inn. Ou no restaurante do outro lado da estrada.”

Ao chegar à porta, Hammer já se curvara sobre o laptop para redigir mensagens

e mal pareceu notar sua saída. Normalidade restaurada.

Era revigorante sair do ar gelado do posto de controle para o calor seco do fim da tarde, das lâmpadas fluorescentes para a luz dourada, do murmúrio dos monitores para a azáfama da prepara¬ção e a cacofonia de dois sistemas de som independentes tocan¬do música country em locais diferentes, no que competiam com os ensaios da banda do exército e o lamento de uma furadeira elé-trica. Não era só a perspectiva de ir para a cidade com Darlene que o animava. Estava estimulado e fortificado pelo ultraje das pretensões grosseiras e injustas de Braby. Elas só faziam aumen¬tar o valor do projeto. O falso amigo, que se voltara contra ele no pior momento de sua carreira, queria agora uma migalha da glória. Não a teria — e era uma alegria contemplar tal fato. Beard atravessou a confusão com passos mais leves e rápidos que de costume. Diminuiu a marcha ao passar por uma barraca que se preparava para vender lembranças patrióticas. Pensou em com¬prar uma pequena bandeira americana presa a um pauzinho pa¬ra agitá-la numa caçoada infantil debaixo do nariz de Braby. Mas não. Que ele apodrecesse com sua inútil turbininha helicoidal nos confins úmidos e cinzentos do sul da Inglaterra.

Como ainda tinha vinte minutos antes do encontro com Darlene, foi até o local da parada, de onde vinham os tremolos prateados e os bramidos estrondosos da banda marcial. Numa das extremidades do retângulo desmatado e nivelado, uns vinte ho¬mens em uniforme de serviço, poucos deles jovens, se agrupavam em torno do regente à sombra de um toldo. No lado sul, os trabalhadores haviam acabado de erguer uma íngreme arquibancada para os dignitários e jornalistas. Beard mais uma vez se admirou com tudo que Toby Hammer conseguira com seus e-mails. En¬quanto ele completava o circuito, os músicos, com apenas algu¬mas notas falsas ou mal colocadas, ensaiavam uma miscelânea de canções dos Beatles, fazendo Beard crer que não se tratava verdadeiramente de uma banda do exército, e sim de um grupo de reservistas e entusiastas locais. A batuta branca do maestro gerou uma associação desagradável com o amante de Melissa. Já era tarde em Londres e ele lhe devia uma chamada. Mas agora não era o momento.

Ao ritmo garboso de “Yellow submarine”, caminhou na direção da arquibancada, que se erguia em meio às palmeiras e à vegetação rasteira. Alguém estava sentado sozinho, bem no cen¬tro, e Beard imediatamente reconheceu um

compatriota. Seria o cigarro, os ombros estreitos encurvados, ou as meias-cinza e sapatos pretos de verniz e a ausência de chapéu e de óculos es¬curos? A seus pés havia um saco de viagem, e o homem estava dobrado para a frente, o queixo pousado numa das mãos, olhan¬do não para a banda, e sim na direção das colinas Gila. Rodney Tarpin, obviamente. Seu velho amigo, vindo de tão longe para acertar as contas. Após o choque inicial do reconhecimento e alguns minutos de hesitação, Beard decidiu ir a seu encontro, se¬guro de que seria melhor ter uma confrontação ali, em público e segundo suas regras, do que ser apanhado de surpresa. As mãos de Darlene sobre seus olhos tinham sido uma advertência.

A arquibancada era absurdamente íngreme, e ele parou na fileira do meio antes de caminhar de lado para chegar a seu alvo. Numa demonstração de controle, fingindo não notar a aproxi¬mação de Beard ou se importar com ela, Tarpin continuou a olhar fixamente para a frente enquanto fumava, até depois que Beard sentou junto a ele. Beard não confiou em sua capacidade de falar até retomar o fôlego, e mesmo então Tarpin não se voltou para admitir sua presença. Era assim que se apresentavam en¬contros cruciais em certos filmes, e Tarpin havia tido tempo de ver alguns. Ele não gastara muito daqueles oito anos no ginásio de esportes da prisão. O conhnamento o fizera encolher. Os bra¬ços e pernas estavam finos, a pança outrora exibida com orgu¬lho acima do cinto não passava agora de uma barriguinha. Até sua cabeça parecia menor, o rosto mais de camundongo que de rato, tendo sido apagada a impressão das narinas rígidas, o ar inquisitivo. Em seu lugar, uma cautela passiva que talvez pu¬desse ser confundida, no lusco-fusco, com serenidade. No en¬tanto, no crepúsculo dourado do Novo México, ele parecia uma ruína inofensiva, um vagabundo dando tragadas fundas demais no cigarro, nem de longe o homem capaz de estapear a cara de alguém. Beard foi tomado por uma onda de alívio. Aquele pobre ex-presidiário não seria capaz de lhe fazer nenhum mal.

O silêncio estava se tornando absurdo. Beard falou energi¬camente, como se com um empregado obtuso ou teimoso. “E então, sr. Tarpin? Eles o soltaram. O que o traz aqui tão longe?”

Ele enfim se voltou, apertando o cigarro entre o indicador e o polegar. Nos cantos do branco de seus olhos havia manchas doentias cor de gema de ovo. Também havia capilares quebrados na parte de cima do nariz e nas bochechas. Ao falar, expôs o dente que faltava, um incisivo superior, que o dentista da prisão deixara de consertar.

“Achei que, se ficasse sentado aqui em cima, o senhor tinha que me ver.”

“E então?”

“Sr. Beard, preciso falar com o senhor, lhe dizer uma coisa, pedir uma coisa.”

Ainda que só de leve, o medo de Beard retornou. Atentou para a mão de Tarpin e para o saco a seus pés. “Tudo bem. Mas não tenho muito tempo.”

Abaixo deles a banda avançou galhardamente na miscelâ¬nea. Os últimos acordes de “Yesterday” se dissolveram para dar lugar a uma interpretação jovial, em compasso de marcha, de “All you need is love”. Difícil acreditar que algum dia milhões de pessoas houvessem urrado e arrancado os cabelos por causa daquelas musiquinhas tão simples.

“Então vou direto ao assunto. Primeiro é o seguinte. Nunca matei Thomas Aldous.”

“Lembro que disse isso no tribunal.”

“Não me interessa se não acredita em mim. Ninguém acre¬dita em mim. Não ligo porque a verdade é que eu ia matar ele se tivesse a menor chance. E o negócio é o seguinte. Eu disse à Patrice para matar ele se achasse um jeito de fazer aquilo sem se dar mal. E jurei a ela que, se fizesse isso, eu ficaria com a culpa se fosse necessário. Ela não disse nada, mas deve ter apanhado um dos meus martelos quando foi lá em casa e acertou ele en¬quanto dormia no sofá.”

“Espere aí”, disse Beard, “por que cargas-d’água Patrice ia querer matar Tom Aldous?”

“Entendo que o senhor fique chateado. Sei que se divorcia¬ram e tudo, mas o senhor amou aquela mulher no passado e não é legal, não é mesmo, saber que ela é uma assassina. Mas ela tinha ódio dele. Não conseguia se livrar dele. Pediu para ele se mandar, mas não adiantou. Fiz o que pude, mas o sacana era grande…”

Beard havia quase esquecido que conhecia a verdade e que ele próprio engendrara o sofrimento de Tarpin. Mal sabia qual a primeira objeção a fazer. “Ela lhe disse que tinha ódio dele? Que queria se livrar dele?”

“Muitas e muitas vezes.”

“Mas disse ao mundo inteiro que o amava.”

Tarpin endireitou o corpo e falou com certo orgulho. “Isso foi depois, isso foi para explicar meu motivo, compreende? Ciumento! Eu estava pronto a fazer tudo por ela.”

“Não me diga! Então por que você não se declarou culpado para ter uma pena menor?”

“Um advogadinho metido disse que ia livrar minha cara, e acreditei nele.”

“Quer dizer que vocês planejaram tudo aquilo juntos?”

“Não consegui falar com ela depois que o Aldous morreu. E aí fui preso. Por isso tivemos que ir dando um jeito sem nunca conseguirmos nos falar. Mas sabíamos o que estávamos fazendo.”

A banda havia dado o que tinha de melhor aos Beatles e agora descansava. Os tocadores de instrumentos de metal decantavam o produto da condensação na areia do deserto. O regente se afastava com um charuto na boca.

“Mas, certamente”, disse Beard, “se você tivesse procurado o Aldous, poderia ter espantado ele.”

Tarpin riu amargamente. “Tentei isso, está sabendo? Logo no começo. Fui à casa dele em Hampstead, levei um pé de cabra só para fazer visagem. Ele me arrancou o ferro com o primeiro soco, me jogou para um lado e para o outro no jardim, inutilizou minhas costas, fraturou meu joelho, segurou minha cabeça den¬tro do laguinho, deslocou meu braço. E fez isso. Olha!”

Apontou para o buraco nos dentes.

Beard não pôde reprimir um intenso orgulho fraternal por Tom Aldous. Que belo representante da classe dos físicos! “Acho que ele estava indo à forra pelo olho roxo de Patrice.”

“Pedi desculpas por isso, sr. Beard”, disse Tarpin com indignação. “Mais de uma vez, se quer saber. E no fim Patrice aceitou meu pedido de desculpas.”

“Quer dizer que você foi para a prisão por causa da minha mulher. E ela foi visitá-lo, escreveu belas cartas de agradecimento?”

“Não ia cair bem, não é mesmo?, ela visitar o assassino do seu amante. Passado um ano, comecei a escrever para ela. Todo santo dia. Mas nunca tive uma resposta. Nada em oito anos. Só quando saí eu soube que ela casou outra vez.”

O pobre e iludido idiota olhou para as montanhas mais além de Lordsburg. Observando-o, Beard ficou feliz por nunca ter realmente se apaixonado. Não, se era isso que acontecia com a razão de um homem. Tinha chegado mais perto com Patrice, e como ela o fizera de imbecil. Nas circunstâncias, isso era im¬possível, porém ele gostaria de perguntar a Tarpin sobre a arma do crime, o martelo de cabeça fina. Será que ele teria de fato esquecido que havia deixado um saco de ferramentas em Belsize Park? Que paspalhão, e que bom que fosse assim!

“Não consigo parar de pensar nela, e o senhor é o único com quem eu posso me abrir. Nós dois amamos a mesma mulher, sr. Beard. Pode-se dizer que nossos destinos estão entrelaçados. Ela não me deixa chegar perto, não quer falar nem cinco minutos no telefone. Mas eu ainda a amo.”

Repetiu o que havia dito, mais alto, a ponto de dois operá¬rios que iam passando olharem para cima na direção deles.

“Eu devia estar amargurado, devia estar furioso com a maneira que ela me desprezou. Devia quebrar o pescoço dela, mas a amo, e me faz bem só de dizer isso a alguém que conhece ela. Eu a amo, e, se esse amor era para terminar algum dia, já tinha acabado há muito tempo, quando compreendi que ela não ia falar comigo. Eu a amo, eu a amo…”

“Deixe eu entender isso direito”, disse Beard. “Você veio até aqui, escondeu sua condenação das autoridades de segurança, só para me dizer que ainda ama minha ex-mulher?”

“O senhor é a única outra pessoa, me entende? O único a quem posso dizer isso, que vai compreender que Patrice matou Aldous e eu paguei com oito anos da minha vida. E eu lhe devo desculpas pelo jeito que o tratei quando foi lá em casa. Mas eu estava muito estressado, sabe?, com Patrice indo se encontrar de noite com Aldous porque não tinha coragem de aborrecer ele. Mas sinto muito, de verdade, por ter batido no senhor daquela maneira.”

“Acho que podemos esquecer isso”, disse Beard.

Mas havia um propósito por trás do pedido de desculpas de Tarpin. “Há outra razão para eu ter vindo. Pensei muito nisso. Preciso me arrumar. Não posso passar os próximos dez anos só pensando na Patrice. Sr. Beard, quero começar do zero, bem longe de onde ela vive. Vi esse seu negócio aqui na televisão. O senhor é a única pessoa que conhece a situação e eu sei que vai entender. Estou lhe pedindo para me arranjar um emprego. Tenho experiência como bombeiro hidráulico, eletricista, pe¬dreiro, qualquer coisa numa obra. Cato lixo, se é isso que estão precisando. Sei pegar no pesado.”

O pensamento de Beard estava correndo à frente. Havia arranjado alguma coisa para a Nicky da Darlene, embora ela só tivesse durado dois dias no emprego. Era possível contornar a situação ilegal de Tarpin. E o sujeito, um idiota que vivia num mundo de fantasia, possivelmente merecia uma chance. No entanto, para azar de Tarpin, alguns minutos antes o estado de espírito de Beard sofrera um abalo quando se lembrou daqueles dias sombrios, vendo da janela do andar de cima sua mulher, de vestido e sapatos novos, atravessar o caminho do jardim para entrar no Peugeot e sair rumo ao encontro noturno. Oito anos não bastavam? Sua punição não estava completa? Provavelmen¬te nunca estaria, pensou Beard ao se levantar e estender a mão, reassumindo o tom oficial do início da conversa.

“Muito obrigado por vir me ver, sr. Tarpin. Não sei se acre¬dito em sua história, mas gostei de ouvi-la. Quanto a um empre¬go, bem, você teve um caso com minha mulher e a encorajou a matar meu colega mais dileto, se é que você mesmo não o matou. Em resumo, não estou convencido de que lhe devo ne¬nhum favor…”

Tarpin também se pôs de pé, porém recusou o aperto de mão. Pareceu perplexo. “Está dizendo que não?” “Isso mesmo.”

Num segundo ele passou da posição de quem pede humildemente para a de agressor. “Porque eu comi sua mulher?” “Basicamente, sim.”

“Mas o senhor não gostava dela. Fodia com tudo que passa¬va na sua frente. Não cuidava dela. Poderia ter tido ela só para o senhor, mas a enxotou.”

Agora que estava irritado, Tarpin lembrava mais sua antiga aparência, o rosto ganhando cor e aquele velho olhar de roedor. Embora magro, devia ainda possuir

suficiente força muscular. E, conquanto houvesse encolhido e envelhecido, continuava a ser mais alto e mais moço que Beard.

“Não fui atrás de coisa nenhuma”, ele disse em voz alta. “Patrice deu em cima de mim para se vingar do senhor. Eu tinha meus próprios problemas. Minha mulher tinha se mandado com meus filhos. O senhor é que fodeu com seu casamento. Uma mulher tão bonita! O senhor fez ela muito infeliz.”

Consciente da possibilidade de ocorrer alguma violência, Beard foi se esgueirando ao longo da arquibancada. Ele não era nenhum Tom Aldous, especializado em quebrar patelas. “Lá na estrada tem uns patrulheiros”, declarou ao alcançar uma distân¬cia prudente. “Trate de ir embora ou vou pedir que eles venham aqui conversar sobre seu visto de turista. Você sabe que eles não tratam com muito carinho os imigrantes ilegais nesta parte do país, não sabe?”

“Seu filho da puta! Filho da puta covarde!”

Descendo da arquibancada tão depressa quanto pôde, Beard se afastou. Mesmo ao chegar do outro lado do terreno da para¬da e rumar para as barracas de churrasco, ainda ouvia os gritos, embora cada vez menos audíveis. “Puto! Covarde! Escroto! Vou te pegar!” Cidadãos honrados viravam a cabeça na direção de onde vinham os gritos, e Beard também recebeu alguns olhares de desaprovação. Alguns minutos depois, após tomar a direção errada, ele se viu na imponente galeria de banheiros portáteis verdes, entrando num deles para fazer uso prolongado de suas conveniências. Ao sair, viu Tarpin ao longe, na estrada, erguen¬do o polegar para os carros que passavam.

Beard estava atrasado para o encontro com Darlene, mas se sentia cansado, com calor, e havia muito a pensar, por isso remancheou. Tarpin, e não Aldous, era o amante de que Patrice não conseguia se livrar, e ela havia inventado uma história para evitar outro olho roxo. Mas o que acabara com o abuso havia sido a surra dada por Aldous. Mesmo se Beard houvesse estrangulado Aldous com suas próprias mãos, tamanha era a fantasia obsessiva de Tarpin que ele teria se oferecido para assumir a cul¬pa. O passado de Beard era de modo geral uma bela confusão, parecendo um queijo maduro e fedorento que se espalhava por cima do presente, mas a iguaria que agora lhe era oferecida tinha uma aparência bem mais firme, estando mais para um parmesão do que para um Époisses. Refletia alegremente sobre essa formu¬lação — que o fazia lembrar-se de que ainda estava faminto — e já se aproximava da barraca de churrasco texano

quando sentiu o palmtop vibrar no bolso. Melissa, segundo aparecia na tela. Chamando antes de se deitar. Mas, ao trazer o fone ao ouvido, captou o som de um motor de carro e, bem ao longe, Catriona cantando.

“Querida”, ele disse depressa, antes que Melissa pudesse falar. “Tenho tentado te chamar.” “Estávamos no avião.”

Fugindo com o regente, levando a filha dele, foi o que lhe veio de imediato à mente. “Onde é que você está?”, perguntou em tom rabugento, esperando que ela mentisse.

“Estamos saindo de El Paso.”

Beard parou para absorver a informação. “Como é que po¬de? Não compreendo.”

“Estamos indo para aí. As escolas entraram em férias, Lenotchka está tomando conta das lojas e, como você sabe, Catriona e eu temos um assunto para discutir com você.”

“Que assunto?”, perguntou Beard, sentindo uma culpa sem nome. O que havia feito agora?

“Alguém que se chama Darlene me telefonou para dizer que vocês vão se casar. Antes disso, eu e sua filha queremos ter uma conversinha.”

Isso. Na sua memória, a ocasião era tão vaga quanto um so¬nho meio esquecido, mas ele sabia o momento, algumas sema¬nas antes no quarto do trailer. Darlene não o mencionara desde então.

“Melissa, acredite em mim, não é verdade.” Como se, por dizer isso, pudesse fazê-la voltar para Londres e deixar sua tarde livre.

“Espere, tenho que pegar essa saída… Há outra coisa que quero que você saiba antes de nos encontrarmos. Terry.” “Sim.”

“Ele não existe. Eu o inventei. Foi uma maneira de me afir¬mar e uma bobagem. Piorou tudo.” “Compreendo”, disse Beard.

E era verdade. Ela havia inventado Terry e agora esperava que ele fizesse o

mesmo com Darlene. Ouviu Catriona cantan¬do ou gritando no fundo.

“Daqui a pouco nos vemos. E você pertence a nós”, disse Melissa, desligando logo depois.

Beard não se moveu, continuando apoiado num poste de onde pendia um alto-falante. Graças a Deus, silencioso. A área ia ficando vazia à medida que o sol baixava e os trabalhadores, no final do expediente, rumavam para o estacionamento. Pelo que se recordava, ele e Darlene, após beberem, faziam amor numa tarde quente enquanto o aparelho de ar-condicionado, na gradação máxima, se sacudia mais do que as grades da cela de um louco. Quando ele estava quase gozando, Darlene envolveu seu saco com a mão e pediu que se casasse com ela — e Beard disse, ou gritou, que sim. Talvez a noção daquela louca entrega o houvesse estimulado a dizer aquilo. Como poderia estar dizendo a verdade se não se casara nem com Melissa? Alguém acreditaria num homem em igual momento? O fato é que Darlene tinha descoberto a outra vida dele e, como jogadora audaciosa que era, estava forçando sua mão. Alguém ou todos ficariam desaponta¬dos. Até aí, nada de novo.

Beard pegou a chave do carro, cuja solidez tranquilizadora parecia conter todos os quilômetros que ele queria colocar entre Lordsburg e sua pessoa. Seria inteligente se safar agora, encon¬trar um hotelzinho na margem da interestadual em Deming, evitar Darlene e Melissa no dia seguinte a fim de se concentrar no evento de importância histórica e planetária, enfrentando-as depois, juntas ou em separado. Tudo, menos encará-las naquela noite. No entanto, ao caminhar para o carro, sentiu muita tristeza por perder o encontro prometido com Darlene. O velho parla¬mento dentro do seu cérebro estava ruidosamente dividido. Uma voz eloquente da experiência venceu o alarido para sugerir que se negar um alívio havia muito aguardado poderia ser ainda mais prejudicial para sua concentração. Ele ignorou essa voz e conti¬nuou andando. Às vezes um homem precisava sacrificar-se, pela ciência, pelo bem-estar das futuras gerações.

Mas então chegou a salvação. Não dera nem trinta passos quando ouviu seu nome ser chamado atrás dele. A cem metros de distância, ela saíra de sob o toldo da barraca de churrasco e agora corria em sua direção, sacudindo o corpo, os braços es-praiados, fazendo-o sentir-se aliviado. Iriam direto para o quarto dele no motel. A decisão fora tirada de suas mãos.

Por razões que só ela conhecia, não quis saber por que Beard seguia na direção

errada. Caminharam de braço dado e sem pressa pela avenida de latrinas verdes rumo ao estacionamento. Lá chegando, ela achou que seria melhor deixar seu carro e ir no de Beard, a quem não ocorreu nenhuma razão em contrário, exceto que teria de ficar na companhia de Darlene tanto naquela noite como na manhã seguinte. Certamente, era nisso que ela havia pensado. A caminho de Lordsburg, a mão esquerda de Darlene escorregou para seu ventre e o acariciou o tempo todo, enquanto ela dizia o que ia fazer quando estivessem no quarto. Ao entrar no motel e estacionar em frente ao quarto de sempre, ele estava em transe, sem um único pensamento na cabeça. Fez o check-in na recepção como um robô. Fechada a porta com duas voltas na chave, reclinaram nos lençóis fres¬cos seus maciços corpos nus e excitados. Apenas dez anos antes, quando ainda imaginava poder se salvar por meio de exercícios, ele teria se chocado com seu formato pneumático e o acordeão de queixos, assim como com os contornos adiposos da mulher que acariciava e com o cheiro suarento de grama recém-cortada que vinha das axilas, virilhas e das partes de trás dos joelhos dela, áreas densamente dobradas que só de raro em raro entravam em contato com o ar ou a luz. E, no entanto, tudo era tão excitante quanto sempre fora. Amante carinhosa e imaginativa, Darlene chupava, lambia e bolinava até recebê-lo dentro dela, já bem molhada. Mas, chegada sua hora, ele se lembrou de não propor casamento.

Mais tarde, ficaram lado a lado, bem próximos um do ou¬tro. Ela ergueu o corpo pesado num cotovelo e, fitando-o com ternura, brincou com os poucos tufos de cabelo que sobreviviam atrás das orelhas de Beard. Os olhos dele estavam fechados. “Michael?”, ela sussurrou. “Queridinho?” Hum.

“Já te disse que eu te amo?”

“Já…” Ele estava pensando, com estranha lucidez, em seu velho amigo, o fóton, e num detalhe das notas de Tom Aldous acerca do deslocamento de um elétron. Talvez houvesse uma forma barata de aperfeiçoar a segunda geração de painéis. Ao voltar para Londres, sacudiria a poeira daquele arquivo. Repetiu, contente: “Já”.

“Michael?”

“Hum.”

“Eu te amo. E sabe de uma coisa?”

“Hum.”

“Você é todo meu e nunca vou deixar você ir embora.”

Ele abriu os olhos. Depois de uma trepada, ficava irritado com o fato de que as mulheres não conseguiam se livrar imediatamente das emoções anteriores ao gozo, mantendo, pelo con¬trário, uma continuidade de sentimento opressiva. Beard, pelo contrário, estava se deleitando com a redescoberta de seu núcleo não passível de ser compartilhado, cuidando daquela pequena parte de sua personalidade que era a coisa mais próxima — se¬ria isso ridículo? — de um feto. Dez minutos antes sentira que pertencia a ela. Agora, a ideia de pertencer a qualquer pessoa, de que qualquer pessoa pudesse pertencer a outra, era sufocante.

Sentiu-se pronto a partir para a acusação. “Você telefonou para Melissa.”

“Claro que telefonei! Mais de uma vez.”

“E disse a ela que nós íamos nos casar.”

“Disse mesmo.”

Ela ainda estava totalmente nua, mas, sabe-se lá onde, ha¬via apanhado um tablete de goma de mascar — nunca mastiga¬va enquanto fazia amor — e iniciado o movimento circular da mandíbula ao mesmo tempo em que sorria gostosamente para ele, esperando seu estouro e se divertindo.

“Como é que você conseguiu o número?” Pergunta irrele¬vante, mas a jovialidade dela o desarmara.

“Michael! Você telefonou para ela da minha casa enquanto eu estava no trabalho. Acha que não aparece na conta?”

Beard estava prestes a falar, porém ela riu e agarrou seu cotovelo.

“Sabe o que aconteceu quando chamei aquele número pela primeira vez? Uma criancinha respondeu e, só para ter certeza, perguntei: ‘Querida, posso falar com seu pai?’, e sabe o que ela respondeu?”

“Não.”

“Com a voz mais séria, ela disse: Papai está salvando o mun¬do em Lordsburg’.

Não é uma gracinha?”

Tornara-se impossível continuar uma conversa como aque¬la, despido. Foi ao banheiro, pegou um robe e, ao voltar, se surpreendeu ao ver que ela se vestia. Ainda parecia alegre. Beard sentou numa cadeira junto à cama, observando-a enquanto ela puxava a saia e depois se curvava com um grunhido para calçar os sapatos.

Finalmente, disse: “Darlene, quero deixar uma coisa muito clara. Nós não vamos nos casar”.

Prendendo os cabelos diante do espelho próximo ao apare¬lho de televisão, ela disse: “Tenho de ir até em casa tomar uma chuveirada e mudar de roupa. Vou ajudar hoje na escola duran¬te uma hora. Mas não se preocupe. Nicky termina o trabalho na farmácia dentro de dez minutos e vai me dar uma carona”.

Já estava pronta para sair, mas voltou e sentou na beira da cama, bem perto dele. Com um sorriso tristonho, lhe deu uns tapinhas no joelho. Beard começava a se lamentar por ela ter de ir embora. Será que seu apetite por uma mulher tão volumosa era uma forma de amar a si próprio? Sua vida tinha sido uma curva sempre ascendente, de Maisie a Darlene.

“Escute”, ela disse. “Uma série de coisas que você precisa saber. Um, você não é uma pessoa totalmente boa, nem eu. Dois, eu te amo. Três, sempre achei que você era casado. Você não falou sobre o assunto, eu não perguntei. Somos adultos que só fa¬zem o que querem. Quatro, quando falei com Melissa, descobri que não havia nenhuma sra. Beard. Cinco, já houve vezes em que estávamos trepando e você disse que queria casar comigo. Seis, por isso decidi que vamos nos casar. Você pode bater o pé e gritar, mas já tomei a decisão. Vou ganhar no cansaço. Não há como escapar, sr. Prêmio Nobel. A carruagem está saindo e acredito que você está nela!”

Ela estava muito alegre, otimista e animada. Tão tipicamen¬te americana. Ele começou a rir, seguido por ela. Beijaram-se, e depois mais uma vez, longamente.

“Você é maravilhosa, mas não vou casar com você. Nem com ninguém.”

Ela se pôs de pé e pegou a bolsa. “Pois bem, eu vou casar com você.”

“Fica mais um pouco. Te levo em casa.”

“Não mesmo. Acabei de me vestir. Você vai fazer eu me atrasar. Te conheço.”

Soprou um beijo da porta e partiu.

Beard permaneceu sentado, refletindo se devia telefonar pa¬ra Hammer a fim de saber como transcorrera o encontro com o advogado. Decidiu que a conversa seria mais fácil do seu lado se antes tomasse um banho de chuveiro. Pensou em assistir ao noticiário local para ver se o projeto estava tendo uma boa cobertura, porém o controle remoto se encontrava sob um traves¬seiro — um entre vários — no outro lado da cama, e ele não tinha vontade de se mexer, não ainda. Estava tão letárgico que lhe passou pela cabeça como seria bom se o carregassem numa maca com rodinhas para outro quarto onde a cama estivesse fei¬ta, onde suas roupas não caíssem da cadeira e o conteúdo da mala não avançasse pelo chão. Impossível. Ele pertencia àquele lugar, àquele mundo. E iria entrar no chuveiro, já, já. Mas não se le¬vantou. Lembrou que Melissa e Catriona se aproximavam pela interestadual, dirigindo no rumo do pôr do sol, e como ele tinha sido sábio em não contar a Darlene sobre a chegada das duas. Ela ia querer que jantassem todos juntos para discutir o futuro. Perguntou-se onde Tarpin estaria hospedado, dizendo-se depois que devia estar excitado com o evento do dia seguinte, o que o fez pensar de novo em Hammer. Por isso, como sua mente vagava soporificamente em meio às complicações da noite, ao ouvir a batida ou pontapé explosivo na porta seu espanto se traduziu num salto involuntário da cadeira e numa pontada no peito. E então, mais uma vez, dois golpes potentes ressoando entre as placas de madeira compensada da porta. “Está bem”, ele gritou. “Já vou.”

Aberta a porta, o calor vespertino do asfalto seco foi sugado para dentro do quarto de motel e Hammer surgiu contra o fundo de um céu alaranjado, tendo às suas costas um sujeito alto, de terno.

“Não vou nem pedir licença”, disse Hammer friamente. “Vamos entrando.”

Beard deu de ombros, afastando-se para abrir caminho. Também não precisava pedir desculpas pelo estado do quarto.

Hammer estava pálido, o rosto rígido. Disse na mesma voz sem modulação: “Sr. Barnard, sr. Beard”. Normalmente era “pro¬fessor Beard”.

Beard apertou a mão do sujeito e fez um gesto na direção da caótica cama, único lugar onde se podia sentar, voltando pa¬ra a cadeira. Barnard, que trazia uma maleta executiva, varreu cuidadosamente com a mão o lençol, desejando com toda a ra¬zão evitar que fluidos corporais sujassem seu terno de seda cin¬za. Hammer sentou-se junto a ele e os três se curvaram para a frente, tal qual crianças reunidas num quarto tramando alguma coisa numa tarde chuvosa.

Barnard — grandalhão, queixo quadrado, óculos de aro grosso, pelo menos um metro e noventa de altura, os peitorais que¬rendo pular para fora da camisa — deu a impressão inicial, ao manter a maleta sobre os joelhos e os tornozelos juntos, de ser uma pessoa de jeito manso num corpo de valentão, mais chega¬do ao tipo do Clark Kent e quase se desculpando por sua aparên-cia. Ao lado dele, Toby parecia estar em choque. Havia um novo tremor em sua mão direita e ele não parava de engolir em seco, fazendo subir seu pomo de adão com um estalido audível. Esse devia ser o tipo de reunião em que ele buscaria os olhos de Beard para alguma troca conspiratória ou satírica. Advogados! Mas não encarava seu companheiro. Em vez disso, olhava fixamente para as mãos entrelaçadas ao dizer: “Michael, a coisa está feia”.

No silêncio que se seguiu, Barnard balançou a cabeça em concordância e, após uma pausa, falou numa voz um pouco agu¬da demais para alguém de seu porte. “Posso começar? Sr. Beard, como o senhor sabe, minha firma recebe instruções vindas da Inglaterra no tocante a várias patentes que lhe foram concedidas. Vou lhe poupar a linguagem jurídica. Nossa intenção é encon¬trar uma solução rápida e razoável. Nosso desejo imediato é que o senhor cancele o evento público de amanhã porque ele é pre¬judicial à causa de nosso cliente.”

O olho mental de Beard, como uma câmera de estúdio presa a um cabo, cruzava sem pressa o apartamento de Dorset Square à procura de uma pilha de papéis onde estavam escondidos seus velhos contratos de trabalho. Sorriu amavelmente e perguntou: “E qual é mesmo essa causa?”.

“Deus meu”, disse Hammer baixinho.

“Em 2000, meu cliente copiou pessoalmente um documen¬to de trezentas e vinte e sete páginas que sabemos estar em sua posse. Eram notas escritas pelo sr. Thomas Aldous antes de sua morte e enquanto era empregado no Centro de Energia Renová¬vel, perto de Reading, na Inglaterra. Essa cópia foi examinada por peritos de renome, físicos eminentes em seus campos de estudo, incluindo o

professor Pollard da Universidade de Newcastle, que também examinaram seus diversos pedidos de patente. Segundo as conclusões desses peritos, partes das quais foram vistas pelo sr. Hammer, temos todas as razões para crer que tais pedidos não se basearam em reflexões originais do senhor, mas sim no trabalho do sr. Aldous. O roubo de propriedade intelectual em tal escala é uma questão muito séria, sr. Beard. O titular genuíno do traba¬lho do sr. Aldous é o Centro. Essa era uma condição clara de seu emprego, como o senhor mesmo pode verificar."

Beard sustentou o sorriso amistoso e agradável, mas por dentro acusou a ameaça de derrota sob a forma de uma agitação desconfortável do coração, como um rufar sincopado de tambores, que não apenas afetou seu fluxo de consciência, como de fato o interrompeu. Talvez tivesse apagado por um ou dois segundos.

Depois disso, sua pulsação se estabilizou, ele pareceu vol¬tar ao quarto e adotou o tom de quem não quer conversa fiada. "Cancelar o evento de amanhã seria altamente prejudicial aos nossos próprios interesses e aos da comunidade vizinha, e sem dúvida está fora de questão. De qualquer modo, seria virtualmente impossível fazer isso." Curvou-se para a frente numa ati¬tude de quem vai dizer algo confidencial. "O senhor já tentou cancelar um sobrevoo da força aérea americana, sr. Barnard?" Nenhum dos dois riu.

Beard continuou. "O segundo ponto é o seguinte. Pelo que me lembro, a capa do dossiê de Tom Aldous tem uma indicação de confidencial. Para o exclusivo conhecimento do professor Beard. Creio que essa confidencialidade foi violada. Em tercei¬ro lugar, antes de sua morte, o sr. Aldous e eu trabalhamos in¬tensamente na fotossíntese artificial. Ele costumava ir à minha casa, com tanta frequência que, como todo mundo sabe, se tor¬nou amante de minha mulher. Quando estávamos trabalhando juntos, eu pensava e falava. Tom escrevia. Em nossos tempos de¬mocráticos, sr. Barnard, a ciência continua a ter uma estrutura hierárquica, não se prestando a nenhum nivelamento. E neces¬sário tempo para adquirir toda a perícia, todo o conhecimento exigido. Antes que fiquem gagás, os cientistas mais idosos cos¬tumam saber mais à luz de padrões objetivos. Aldous era um pós-doutorando de baixo nível. Pode-se dizer que era meu amanuense. E é por isso que o dossiê estava endereçado a mim, e a mais ninguém. Tenho dezenas, se não centenas, de páginas com minhas próprias anotações referentes ao mesmo material, todas corretamente anotadas e datadas, e sem dúvida pré-datando o dossiê de Aldous. Se os senhores insistirem em desperdiçar os re¬cursos do Centro indo aos tribunais, vou tornar essas

anotações disponíveis. Mas estarão pagando minhas custas e vou estudar a possibilidade de processar o sr. Braby por difamação.”

As costas encurvadas de Toby Hammer começaram a se endireitar um pouco e em seus olhos havia esperança, ou uma cen¬telha de esperança, quando fitou o amigo.

O advogado não se abalou. “Temos cartas que Aldous escreveu para o pai descrevendo suas ideias e sua intenção de subme¬tê-las ao senhor num dossiê. Ele queria que o senhor usasse sua influência para obter financiamento. Sabemos de muitas fontes que, naquela época, o senhor se interessava apenas por um novo tipo de turbina eólica.”

“Sr. Barnard”, disse Beard nos tons descendentes de quem faz uma admoestação tão cortês quanto severa. “A luz tem sido o foco do meu trabalho ao longo de toda a vida. Desde que tinha vinte anos, quando aprendi de cor o poema de John Milton que tem esse título. Uns vinte e cinco anos atrás, ganhei o Prêmio Nobel por modificar o efeito fotovoltaico de Einstein. Não tente me dizer que meus interesses estão ou estiveram limitados a tur¬binas eólicas. Quanto às cartas de Tom, ele não seria o primeiro jovem ambicioso a anunciar grandes feitos a um pai que ainda o sustentava.”

Beard se enrolou mais no robe, fazendo um aceno tranquilizador de cabeça para Hammer.

Barnard não concedeu nada. Simplesmente passou para o ponto seguinte. “Isso não é fundamental para nosso caso, apenas o corrobora. Temos transcrições da gravação de um discurso que o senhor proferiu no hotel Savoy, em fevereiro de 2005. Veri-ficamos que ele se baseia em vários parágrafos do dossiê do sr. Aldous.”

Beard deu de ombros. “E esses parágrafos se baseavam em minhas ideias.”

“Também temos”, disse Barnard, “notas feitas pelo sr. Aldous um ano antes de conhecê-lo, as quais demonstram um profundo interesse pelo aquecimento global, ecologia, desenvolvimento sus¬tentável e vários cálculos — o tipo de coisas que foram desenvol¬vidas no dossiê. E, antes que me diga, sr. Beard, que de alguma forma transmitiu a ele tais noções embora não se conhecessem, fique sabendo que nossa firma pesquisou cuidadosamente todos os seus discursos, palestras radiofônicas, entrevistas à imprensa, artigos em jornais e aulas nas

universidades, não encontrando uma única menção à fotossíntese artificial, à mudança climática ou à energia renovável nos meses e anos que antecederam a morte do sr. Aldous e a entrega ao senhor do dossiê. Não é exatamente o que se esperaria de uma figura pública como o senhor, que faz avanços históricos em seu campo, não é mesmo, sr. Beard?”

Hammer se curvara outra vez, e por fim Beard se irritou. Que estava fazendo aquele homem ridículo em seu quarto, sentado rigidamente na cama que minutos antes acolhera as formas mag¬níficas de Darlene? Beard se levantou, uma das mãos garantindo que o robe cobria suas partes pudendas, a outra sacudida diante do rosto de Barnard. “Mudança climática? É muito conveniente para o senhor esquecer que fui chefe do Centro antes mesmo de conhecer Tom Aldous. Se não ganhar a ação, sua comissão é zero, não é, sr. Barnard? Quer ficar rico? Pois bem, diga o seguin¬te a seu amigo Braby. Que eu sei reconhecer um vil oportunista sem nenhuma dificuldade. Fizemos uma coisa bonita aqui e ele acha que pode tirar uma casquinha. E também suficientemente burro para imaginar que algum tribunal vai acreditar que isso é obra de um estudante sonhando sozinho. Amanhã estaremos fornecendo eletricidade limpa e barata para Lordsburg. Diga ao sr. Braby para ver tudo na televisão, e que o encontraremos no tribunal.”

Barnard também se levantou, apertando a maleta contra o peito. Estava balançando a cabeça e, ao falar, sua voz denotava uma nova emoção, indignação ou soberba, talvez uma mistura das duas. “Há mais um fato que o senhor precisa conhecer. Já não existe o sr. Braby. No mês passado, no aniversário da rainha e para dar um toque especial à ocasião, ela o convidou para ser cavaleiro do reino. Ele é agora sir Jock Braby.”

Beard soltou um gemido de exasperação e bateu teatral¬mente com a mão na testa. Mas havia um quê de pânico no olhar de Hammer. Se Braby contava com a rainha da Inglaterra no seu lado, que chance eles teriam num tribunal inglês?

Beard disse: “Isso tudo é bobagem, Toby. Nem escute. Ele foi incluído na lista de honra do aniversário da rainha. Não é ela quem escolhe as pessoas, está cagando para isso. Mas eles fazem tudo para entrar na lista, todos os babacas e arrivistas dos meios científicos e artísticos, os funcionários públicos, todo mun¬do que quer se pavonear por aí na esperança de ser considerado um

membro da baixa aristocracia".

Fez-se silêncio após essa explosão. Depois, Barnard suspi¬rou e contornou a cama na direção da porta. "Então podemos presumir, sr. Beard, que não escolheram o senhor?"

"Não estou autorizado a dizer", respondeu Beard secamente.

Baixando a maleta e deixando que ela pendesse ao lado da perna, Barnard disse: "Muito bem, em nome de sir Jock Braby e do Centro Nacional de Energia Renovável, quero lhe apresentar nossa posição pela última vez. Se o senhor concordar em cancelar o evento de cunho midiático de amanhã e se dispuser a reexaminar a questão das patentes, verá que estamos prontos a assumir uma atitude amistosa e lhe garantir um papel no de¬senvolvimento dessa tecnologia que pertence de justiça ao Cen-tro. Em caso contrário, nossa primeira providência será ir aos tribunais para congelar toda a exploração da tecnologia até que a questão esteja resolvida".

Hammer, voltando-se na direção de Beard, parecia pronto a se pôr de joelhos. "Michael, isso pode levar cinco anos."

Beard balançava a cabeça. "Não, Toby. Minha resposta é não."

"O governo britânico", disse Barnard, "não poupará recur¬sos, pelo menos neste caso. Está muito interessado em fazer com que o Centro seja o titular das patentes e em oferecer uma com¬pensação decente aos cidadãos que pagam impostos."

Hammer agarrou as lapelas do robe de Beard. "Escute, devemos um dinheirão. Ninguém vai fechar nada conosco até que isso esteja resolvido. Não temos como pagar os advogados."

"Fizemos todo o trabalho", retrucou Beard afastando a mão de Hamraer. "Se nos pusermos de quatro agora, vamos dar mui¬ta sorte se nos empregarem para limpar as privadas."

"Senhores", disse Barnard, "estou certo de que poderemos lhes oferecer algo melhor do que isso. E o sr. Hammer tem ra¬zão. Quando se tornar público que temos uma pendência jurí¬dica, ninguém vai querer fazer negócio com os senhores. Certamente também é do interesse dos senhores não levar adiante o

espetáculo de amanhã.”

“Vou lhe dizer com a maior cortesia”, disse Beard. “Faça o favor de sair.”

Apertando ligeiramente os lábios finos, Barnard deu meia-volta e abriu a porta. Acima de seu ombro, o céu alaranjado do deserto se desbotava, passando do amarelo a um verde luminoso.

Hammer, de hábito um sujeito controlado, soltou um queixume agoniado: “Michael, temos que continuar a conversar! Sr. Barnard, espere, vou acompanhá-lo”.

O advogado inclinou a cabeça num gesto de pesar. “Sem dúvida, mas o que queremos é a assinatura do sr. Beard”, dis¬se Barnard, penetrando no lusco-fusco com Hammer em seus calcanhares. A porta se fechou e Beard ouviu as vozes dos dois homens que se afastavam na direção do estacionamento, com Toby de repente falando mais e mais alto, suplicante, imploran¬do tempo, seguido pelo murmúrio insistente de Barnard.

Ele estava escarrapachado na cadeira como antes, pensando ainda num banho de chuveiro. O episódio parecia uma pequena peça teatral encenada para seu benefício. No momento, suas implicações não o sensibilizavam. Tinha consciência de que um alto muro bloqueava o progresso de sua vida, não o deixando ver o que estava do outro lado. Seus pensamentos permaneciam si¬lentes. Preocupava-o apenas que Melissa e Catriona chegariam em menos de uma hora e ele precisava se vestir para recebê-las.

Após muitos minutos de vazio, foi para o banheiro, se pôs debai¬xo do chuveiro e lá ficou sem pensar, quase inconsciente, com a água quente tamborilando no crânio. Ouvindo um ruído, pôs a cabeça para fora do boxe e prestou atenção. Uma forte batida, depois outra. Fez-se silêncio até que seu palmtop começasse a ti¬lintar na mesinha de cabeceira enquanto as batidas se tornavam mais fortes. Hammer o chamou várias vezes. Sem dúvida deses¬perado para entrar e persuadi-lo a dar o rabo para Braby.

Beard se refugiou de novo sob o chuveiro e, quando teve certeza de que seu amigo havia ido embora, saiu do boxe e come¬çou a se enxugar. A água quente em sua pele tinha produzido o efeito desejado. Sentiu-se refrescado, sabia o que devia acon¬tecer. Era tudo uma questão de atitude. A inauguração no dia seguinte tinha de ir em frente. As recompensas podiam lhe ser roubadas, mas o

mundo veria o que ele havia conquistado. Ia morrer atirando. Ou melhor, persuadiria alguém com dinheiro a financiá-lo no processo judicial em troca de uma participação na empreitada. Os principais convidados já estavam nos hotéis de El Paso, enquanto outros vinham de Silver City. O sol se ergueria no céu, os painéis produziriam gases a partir da água, os gases seguramente moveriam as turbinas, a eletricidade jorraria, o mundo sem dúvida ficaria pasmo. Nada deveria interromper o pot-pourri dos Beatles e o troar dos jatos voando a baixa altitude.

Com uma toalha enrolada na cintura, assoviando “Yellow submarine”, voltou para o quarto, remexeu na mala e pescou uma camisa, arrancando o papel-celofane e o papelão da lavan¬deria. O som do material da embalagem o lembrou de algo mais animador, sua fome. Como recusara a comida pela manhã e a substituíra pelo almoço, vinha acumulando um déficit alimen¬tar que em breve seria objeto de atenção. Achou uma cueca e meias limpas (estranho pensar que antigamente era capaz de calçar as meias em pé) e desdobrou seu melhor terno de teci¬do que não amassava. Obviamente, estava caprichando na rou¬pa por causa de Melissa. Ao pensar nela, enquanto tomava um banho de água-de-colônia diante do espelho, voltou ao quarto e gastou alguns minutos ajeitando os lençóis. E, ao pensar em Darlene — e em como e onde todo mundo iria dormir, no que seria dito —, sua mente se empinou como um cavalo indócil e disparou em outra direção. Rumo ao álcool. O restaurante do outro lado da estrada não servia bebidas alcoólicas. Tirou de um compartimento da mala um cantil de prata e couro de bezerro cheio de genebra ou gim holandês, bom de beber à temperatura ambiente e com aparência de água. Tomou um gole e pôs o cantil no bolso. Antes de sair do quarto, parou diante da porta e bebeu um gole mais longo.

Sempre um momento delicioso a ser saboreado e impossí¬vel de reproduzir nas Ilhas Britânicas: quando, recém-banhada, perfumada e vestindo roupas limpas, a pessoa, saindo de um lu¬gar refrigerado, é envolta pelo calor suave e invencível de uma noite nos trópicos. Apesar do brilho desnaturado de neon da rua principal de Lordsburg, os grilos ou cigarras — ele não sabia quem era quem — continuavam a cantar. Ninguém ganharia um tostão os fazendo parar de cantar. E não havia nenhum meio de evitar a meia-lua perfeitamente delineada que pairava sobre o posto de gasolina ou de vender a franquia para sua distribuição no resto do mundo.

Naquela noite, contudo, seu prazer foi prejudicado. Estacionado a uns dez

metros da porta de seu quarto de motel estava um Lexus negro, com Barnard se instalando atrás do volante. Parado, no lado do passageiro, esperando para entrar, estava Tarpin, com o mesmo saco a seus pés. Ao abrir a porta do carro, ele viu Beard, sorriu enviesado e, com o indicador, fez o sinal de quem corta a garganta. O motor foi ligado, os faróis acesos, Tarpin entrou com sua bagagem, o carro deu marcha a ré e saiu do estacionamento. Surpreso, Beard os viu partir e permaneceu plantado no mesmo lugar depois que eles desapareceram. En¬tão, deu de ombros e foi pedir à recepcionista que dissesse a Me¬lissa onde poderia encontrá-lo. Atravessou a estrada e entrou no Blooberry com seu bom humor parcialmente restaurado. Não ia a pique.

Era capaz de jurar que não havia nenhum lugar melhor ou mais feliz para se comer nos Estados Unidos do que o Restauran¬te Familiar Blooberry — cuja especialidade era o café da manhã com bife na frigideira. O ateu não empedernido sem dúvida se interessaria pelos panfletos menonitas exibidos numa mesa junto à entrada, deles extraindo úteis instruções. “Um Lar Feliz”, “Um Casamento de Amor”, e, mais próximo à sua área de atuação, “Cuidando da Terra”. Perto da caixa havia uma lojinha onde, ao longo de dezoito meses, ele já comprara mais de duas dúzias de camisetas para Catriona. O restaurante era amplo, todas as gar¬çonetes pareciam ser versões fiéis ou primas joviais de Darlene. Policiais nas horas de folga comiam lá, assim como patrulheiros da fronteira, caminhoneiros, viajantes interestaduais de olhar can¬sado e sentados sozinhos, além, naturalmente, de famílias lati¬nas, asiáticas e brancas, com frequência em grande número e se espalhando por três ou quatro mesas unidas. Entretanto, mesmo quando cheio, o Blooberry preservava uma atmosfera austera e serena, como se desejasse ardentemente um drinque sem revelar isso a ninguém. O lugar era deliciosamente anônimo. Ele jamais fora reconhecido como um freguês assíduo pelos alegres funcio¬nários. A Interestadual 10 passava ali pertinho e o movimento era grande.

A comida combinava bem com ele. Enquanto esperava pela mesa, não havia necessidade de refletir sobre as opções — sempre comia a mesma coisa. Não havia nenhuma razão para mudar de rumo. Foi levado a um compartimento no canto mais afastado.

A fim de controlar sua impaciência até que chegasse a entrada, derramou uma dose generosa de gim no copo vazio e o bebeu como água, servindo outra dose. Apesar da terrível situação, não estava se sentindo tão mal. Ao menos aquele tal de Terry não existia mais. Ou será que isso era mesmo uma coisa boa? Melissa e

Darlene, uma tremenda confusão. Ele não podia confrontar a trapalhada, era incapaz de pensar naquilo. Mas teria de ser con¬frontada. Pobre Toby. Beard sabia que devia telefonar para ele a fim de explicar por que o evento tinha de ser mantido, mas no momento não suportaria mais uma discussão.

Para não pensar só no pedido — já haviam se passado quin¬ze minutos, em geral não levava nem cinco —, deu uma olha¬da em seus e-mails, encontrando dois que o fizeram soltar uma exclamação de prazer. O primeiro era a sondagem informal de um velho amigo, um ex-físico que agora trabalhava como consultor em Paris. Um consórcio de companhias de energia que¬ria que Beard emprestasse sua "vasta experiência em matéria de tecnologias verdes a fim de que as políticas públicas passassem a priorizar a energia nuclear livre de carbono". Era-lhe oferecido um salário anual de seis gordos dígitos, bem como um escritório no centro de Londres, um pesquisador e um carro. Bem, natu¬ralmente, era uma tese bem defensável. Os níveis de dióxido de carbono continuavam subindo e não havia tempo a perder. De fato, só havia um meio bem testado de produzir energia em es¬cala suficiente para satisfazer as necessidades de uma população mundial em crescimento. E fazê-lo logo, sem contribuir para agravar o problema. Muitos ambientalistas respeitados haviam terminado por aceitar o ponto de vista de que a energia nu¬clear era a única saída, o menor de dois males. James Lovelock, Stewart Brand, Tim Flannery, Jared Diamond, Paul Ehrlich. Todos eles cientistas e gente de bem. Será que, na nova escala de problemas, um acidente ou outro, um vazamento local, seria a pior coisa imaginável? Mesmo sem nenhum acidente, o car¬vão gerava um desastre a cada dia, e seus efeitos eram globais. E também não era verdade que a zona de exclusão em torno de Chernobyl, com 28 quilômetros de raio, constituía agora a região biologicamente mais rica e mais diversificada da Europa Central, com taxas de mutação de todas as espécies de flora e fauna apenas ligeiramente acima da média, se é que tanto? Além disso, não era a radiação somente outro nome para a luz do sol?

A segunda mensagem era o convite para falar numa reu¬nião ministerial durante a grande conferência sobre mudança climática a ser realizada em Copenhague no mês de dezembro. Como ninguém poderia estar mais sintonizado com o espírito da reunião, achou que era mesmo a escolha perfeita. Lá estaria. Chegou por fim a entrada: queijo cor de laranja mergulhado na massa mole, recoberto com sal e farinha de rosca, frito no óleo e acompanhado de um molho cremoso verde-claro. Perfeição — e em que quantidade! Tão logo as garçonetes se afastaram de seu compartimento, derramou o resto da genebra. Comeu rapida¬mente, e só

restavam três losangos quando começou a se pergun¬tar se alguns tinham recheio de cogumelo em vez de queijo, mas então o palmtop vibrou junto ao prato.

“Toby.”

“Escute. Já tinha uma porção de más notícias para você, mas o pior acaba de acontecer, alguns minutos atrás.”

Beard percebeu o tom artificial na voz do amigo, uma hostilidade controlada a duras penas. Diga.

“Alguém pegou uma marreta e arrebentou todos os painéis, um por um. Estraçalhados. Perdemos todos os catalisadores. Os componentes eletrônicos. Tudo.”

Não havia como encaixar isso adequadamente. Beard empurrou o prato para longe. Trabalho de operário. Quanto Barnard teria precisado lhe pagar? Duzentos dólares? Menos?

“Que mais?”

“Nós nunca mais vamos nos ver. Acho que não aguentaria te ver de novo, Michael. Mas é melhor que você saiba, estou conversando com um advogado no Oregon. Vou me proteger na justiça contra as dívidas que de fato são suas. Nós… você já deve três milhões e meio de dólares. O evento de amanhã vai custar mais meio milhão. Você pode ir lá e explicar a todo mundo. Além disso, Barnard, trabalhando para Braby, vai tomar tudo que você tem e que venha a ter no futuro. E, na Inglaterra, o pai do rapaz morto persuadiu as autoridades a te processar criminal-mente, sobretudo por roubo e fraude. Eu tenho ódio de você, Michael. Mentiu para mim e é um ladrão. Mas não quero te ver na cadeia. Por isso, fique longe da Inglaterra. Vá para qualquer lugar que não tenha um tratado de extradição.”

“Mais alguma coisa?”

“Só uma. Você merece quase tudo que está para te aconte¬cer. Por isso, vá se foder.” A ligação foi cortada.

Dessa vez ele não escondeu o cantil ao sacudi-lo em cima do copo. Caíram duas

gotas. A garçonete estava parada junto a seu ombro, segurando um prato cheio. Era uma adolescente solene, usava o cabelo preso num decoroso rabo de cavalo e um apare¬lho dentário com pedrinhas coloridas. Penou muito para dizer o que tinha de dizer.

“Meu senhor, aqui neste restaurante é proi… é proibido be¬ber álcool.”

“Não sabia. Sinto muito.”

Ela levou a tigela com os três losangos frios e pôs o prato principal diante dele. Quatro fatias de peito de galinha sem pele, entremeadas de bifes malpassados, tudo isso embrulhado em ba¬con com um molho de mel e queijo; acompanhavam batatas cozidas duas vezes com a casca e já impregnadas de manteiga e queijo cremoso.

Beard contemplou a comida por um bom tempo. Como era bem sabido, o destino predileto para evitar a extradição era o Brasil. Será que devia comprar uma passagem para São Paulo e ficar com Sylvia? Ela era uma bonita mulher, além de muito interessante. Talvez não fosse tão mau. Mas era impossível. Pa¬ra se dar algum alívio, pegou o garfo e a faca, porém foi ime¬diatamente atraído pela visão do melanoma nas costas da mão. Achou que a lesão estava maior do que na última vez que olhara para ela, exibindo uma raivosa coloração roxa amarronzada sob as luzes fluorescentes do Blooberry. Será que agora cuidaria da¬quilo para valer, juntamente com todo o resto? Pouco provável. A coisa se resolveria por si própria. Nem iria amanhã ao local da instalação para falar a uma multidão enfurecida. Como também não salvaria o mundo.

Pôs os talheres na mesa sem usá-los. O que mais queria era ir sozinho para um bar e sentar-se diante do balcão com um uísque. Era uma caminhada curta até a rua 4. Mas levaria o carro. Estava prestes a chamar a garçonete para pedir a conta quando ouviu uma agitação na outra extremidade do restaurante. Vol¬tou-se naquela direção e viu Melissa com o rosto afogueado e usando um de seus vibrantes vestidos caribenhos, com grandes flores verdes contra um fundo vermelho e preto. Ela ia passando pela tabuleta que dizia “Favor esperar até que seja indicada sua mesa”, seguida de perto, surpreendentemente, por Darlene, am¬bas com uma aparência tormentosa, coléricas e desarrumadas, como se tivessem acabado de brigar do lado de fora. Procuravam por ele. Um metro à frente das duas, Catriona trazia uma mo¬chila desenhada de modo a dar a impressão de que carregava um coala nas costas. Viu o pai antes das mulheres e

disparou na dire¬ção dele, vindo reivindicá-lo, dizendo algo indistinto, driblando as mesas cheias. Quando se levantou a fim de recebê-la, Beard sentiu algo estranho, o coração se dilatando, mas, ao abrir os bra-ços para ela, duvidou que alguém jamais acreditaria se tentasse agora chamar aquilo de amor.

Apêndice

Discurso de apresentação do professor Nils Palsternacka da Aca¬demia Real de Ciências da Suécia

(Traduzido do texto sueco)

Suas Majestades, Suas Altezas Reais, senhoras e senhores, A circunstância de que Vossas Excelências me veem consti¬tui um tributo aos fotopigmentos em seus olhos que captam a luz. O fato de que nos sentimos todos agradavelmente aqueci¬dos, malgrado o tempo frio nas ruas de Estocolmo, corresponde a uma dádiva das folhas nas florestas do Carbonífero, que captaram a luz do sol em seus pigmentos fotossintéticos e nos legaram um resíduo de carvão e petróleo. Esses são exemplos simples de como a interação entre a radiação e a matéria está na base da vida na Terra. No final da década de 40, a compreensão física dessa interação foi alcançada por Feynman e Schwinger, parecendo à maioria dos físicos, trinta anos mais tarde, que esse era um capítulo encerrado e que a exploração dos conhecimentos fundamentais em tal campo se deslocara seja para a escala cós¬mica seja para os eventos que ocorrem no interior dos átomos. No entanto, uma surpresa os aguardava.

A Conferência de Solvay é um evento de grande importân¬cia no calendário da física. No encontro de 1972, quando já ia avançada a sessão da tarde, se ouviu um grito vindo dos fundos do auditório. Todos se voltaram para ver Richard Feynman brandin¬do um maço de papéis. “Mágica!”, ele exclamou, dirigindo-se à frente do salão, onde, pedindo desculpas ao orador, tomou a palavra. Em cinco minutos, gesticulando intensamente, ele expli¬cou como um problema que havia

muito o intrigara havia sido resolvido por um jovem pesquisador chamado Michael Beard.

O “momento mágico” de Solvay naturalmente entrou para a história, e não é difícil ver por que as ideias contidas no trabalho de Beard causaram tamanho impacto em Feynman. Elas mos¬traram como certos diagramas que descreviam a interação da luz com a matéria obedeciam a um novo tipo de simetria su¬til que simplifica enormemente os cálculos. Na percepção po¬pular, a mecânica quântica descreve as coisas numa escala muito pequena. E é verdade que só sistemas muito pequenos podem manter facilmente a coerência, no sentido de que preservam seu isolamento do meio ambiente. No entanto, a teoria de Beard revelou que os eventos que ocorrem quando a radiação intera¬ge com a matéria se propagam de modo coerente numa escala grande se comparada com o tamanho dos átomos; além do mais, seu modo de propagação se assemelha ao diagrama de fluxo de um sistema complicado, aquela espécie de desenho com que um engenheiro pode representar o funcionamento de uma refinaria de petróleo, por exemplo, ou os passos lógicos num programa de computador. Isso transformou nossa compreensão do efeito fotoelétrico de tal forma que hoje falamos da Conflação Beard-Einstein, uma hifenização excitante para qualquer físico, situando o trabalho de Beard orgulhosamente numa linhagem que tem ori¬gem no estudo revolucionário publicado por Einstein em 1905.

Com sua aptidão genial para a popularização, Feynman inventou um truque simples a fim de demonstrar os princípios que sustentam a Conflação. Isso exige seis cintos ou tiras de couro entre¬laçadas de um modo atraente. Seis pessoas pegam então as duas extremidades livres e mostram a todos o nó. Qualquer um pode verificar que foi criado um nó bastante complexo, não havendo como desfazê-lo sem que os participantes larguem as pontas. Em seguida, cada participante executa uma espécie de pirueta com o vizinho, semelhante à que se faz numa quadrilha, o que pare¬ce tornar o nó ainda mais intratável. Nesse momento, contudo, todos os participantes recebem a ordem de puxar as tiras e, para pasmo da plateia, o nó se desfaz. A Trama de Feynman se tornou a demonstração preferida dos professores de física, sendo difícil encontrar um estudante da matéria que não haja participado de alguma exibição, ou até mesmo não haja conhecido seu futuro cônjuge numa dessas simpáticas brincadeiras.

Aí vemos a essência topológica da concepção de Michael Beard: a ação do grupo (o excepcional grupo de Lie E8, um dos residentes mais volumosos do reino platônico) é o que desemba¬raça e coreografa as complexas interações

entre a luz e a matéria, desdobrando-as numa sucessão de passos lógicos. O jogo entre es¬sas operações constitui a mágica essencial, o vibrar da varinha de condão, nos trazendo à mente a descrição feita por Einstein da teoria atômica de Bohr como sendo a mais elevada forma de musicalidade na esfera do pensamento. Nas palavras do filósofo Francis Bacon:

A mais doce e melhor Harmonia é quando cada Parte ou Instrumento não é ouvido em separado, mas numa Conflação de todos.

Professor Michael Beard, o senhor foi agraciado com o Prêmio Nobel de Física deste ano por sua profunda contribuição ao nosso entendimento da interação entre a matéria e a radiação ele¬tromagnética. É uma honra para mim transmitir-lhe as efusivas congratulações da Academia Real de Ciências da Suécia. E ago¬ra peço que o senhor se adiante para receber o Prêmio Nobel das mãos de Sua Majestade o Rei.

Agradecimentos

Sou grato a David Buckland e Cape Farewell por me convidarem para uma viagem a Spitsbergen em fevereiro de 2005 — este romance teve seu início num fiorde gelado. O dr. Graeme Mitchison, do Centro de Computação Quântica de Cambridge, ofereceu-me generosa orientação nos campos da matemática e da física. Quaisquer erros remanescentes são meus. Ele também teve a gentileza de desencavar o discurso de concessão do Prê¬mio Nobel a Michael Beard. Devo agradecimentos ao professor John Schellnhuber, diretor do Instituto de Pesquisas sobre o Im¬pacto do Clima, em Potsdam, e a Stefan Rahmstorf, do mesmo Instituto; ao dr. Doug Arent, a James Bosch e ao professor John A. Turner, do Laboratório Nacional de Energia Renovável de Golden, Colorado; a Malcolm McCulloch, do Departamento de Ciências da Engenharia de Oxford; ao professor Mike Duff, do Imperial College; a Philip Diamond, do Instituto de Física; a Tim Garton Ash e, como sempre, a Annalena McAfee. Sou grato a Dan Boekman por me emprestar uma casa no Novo México e a Greg Carr por sua casa em Sun Valley, Idaho. Devo muito a inumeráveis livros e estudos sobre a ciência do clima e matérias afins, bem como ao intercâmbio de ideias entre Steven Pinker e Elizabeth Spelke em Edge.com. Acima de tudo, tenho uma dí¬vida para com a excelente biografia de Einstein escrita por Wal¬ter Isaacson.